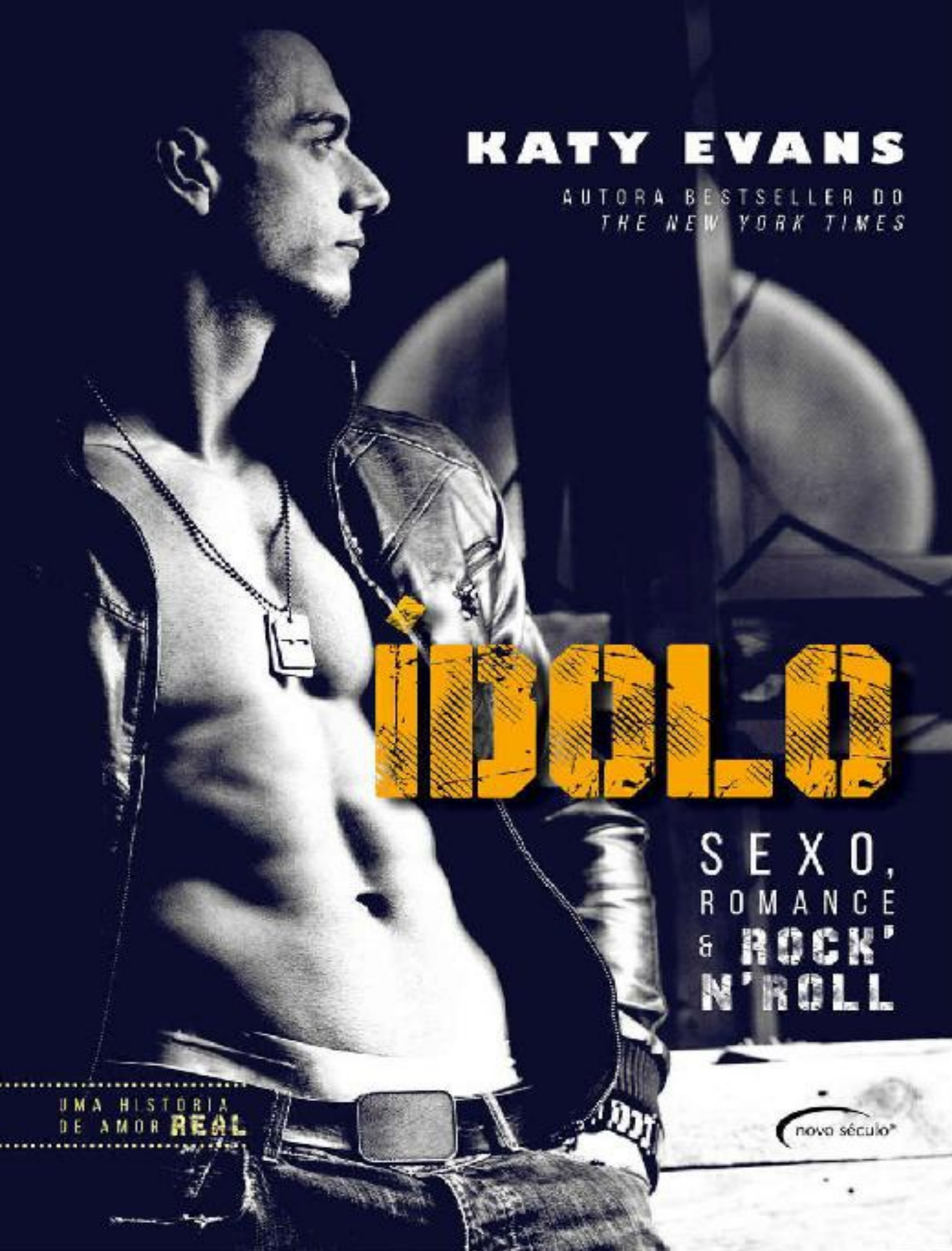

KATY EVANS
AUTORA BESTSELLER DO
THE NEW YORK TIMES
ÍDOLO
SEXO,
ROMANCE
& ROCK'
N'ROLL
UMA HISTÓRIA
DE AMOR REAL
novo século

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Katy Evans

ÍDOLO

SEXO, ROMANCE & ROCK'N'ROLL

Tradução
Alline Salles

novo século®
São Paulo, 2016

Ídolo: sexo, romance e rock'n'roll
Ripped
Copyright © 2014 by Katy Evans
Copyright © 2016 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Receba Lacerda
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Emily Reis

TRADUÇÃO
Alline Salles (AS Edições)

PREPARAÇÃO
Equipe Novo Século

PROJETO GRÁFICO
Project Nine

DIAGRAMAÇÃO
João Paulo Putini

REVISÃO
Gabriel Patez Silva

CAPA
João Paulo Putini

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Evans, Katy
Ídolo: sexo, romance e rock'n'roll
Katy Evans; [tradução Alline Salles].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

(Série Real)
Título original: Ripped

1. Ficção erótica. 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

16-00204 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0944-2

Star Books Digital

Para as segundas chances, principalmente a chance de fazer o certo.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, este livro não seria possível sem uma significativa ajuda de um número surpreendente de pessoas maravilhosas.

Tenho imensa gratidão por minha família, meu marido, meus filhos e meus pais, que sempre me apoiam. E por todos os meus editores, que acreditaram em mim desde o começo.

A todos os meus amigos autores que leem e torcem, ou compartilham o lencinho para enxugar as lágrimas (vocês sabem que estou falando de vocês!), tenho por vocês um carinho maior do que posso explicar com palavras.

E a você, que está lendo isto neste momento, obrigada. Você deixa minhas palavras o tocarem, e agora vivo para tentar e fazer exatamente isso.

KATY

A lista de músicas de *Ídolo*

“Magic”, de Coldplay
“Wild Heart”, de Bleachers
“Animal”, de Neon Trees
“Carry on a Wayward Son”, de Kansas
“Alone Together”, de Fall Out Boy
“If You Say So”, de Lea Michele
“The Last Song Ever”, de Secondhand Serenade
“Hey Brother”, de Avicii
“Spectrum”, de Zedd

Trilha sonora de Pandora e Mackenna
“Like a Virgin”, de Madonna
“Sweet Cherry Pie”, de Warrant
“Miss Independent”, de Ne-Yo
“I Believe in You”, de Kylie Minogue
“Beautiful”, de Akon
“You Found Me”, de The Fray
“Sweet Child O’mine”, de Guns N’Roses
“Take a Bow”, de Rihanna
“Your Song”, de Elton John
“Broken”, de Lifehouse
“Fuckin’Perfect”, de Pink

Você já teve um segredo?

Um que dilacera as profundezas da sua alma, que é tão doloroso, que você nem consegue falar sobre ele, com medo de se despedaçar, membro por membro, célula por célula… com medo de que se torne real, assustador e pesaroso…

Ou já teve algum segredo que fizesse seu peito inchar como se estivesse cheio de gás hélio, deixando você com vontade de gritar seu segredo para o mundo, mas gritar significaria deixar o mundo lhe tirar esse precioso segredo?

Eu já tive os dois. O segredo que você ama e aquele que odeia.

E, pelos últimos seis anos, carrego ambos comigo…

um

SEGREDOS

PANDORA

Sou a única pessoa do meu prédio que ainda tem uma assinatura de jornal. O exemplar estava na minha porta esta manhã, e adoro o cheiro que ele deixa. Amo o barulho que faz quando me sento na cadeira da mesa de jantar e começo a folheá-lo. O som, o cheiro… tudo isso me faz lembrar as manhãs preguiçosas de sábado em que lia jornal com meu pai, com o cheiro de seu perfume me envolvendo.

Quando eu tinha 17 anos, ele se foi. E levou com ele as manhãs descabeladas e seu perfume… mas não o cheiro do jornal. Faz quase uma década, e *ainda* experimento uma alegria inigualável ao sentir o cheiro do jornal recentemente impresso. Até agora…

Agora… quando a matéria principal do caderno de entretenimento está lá, escancarada, zombando de mim.

"Mackenna Jones está de volta!", diz o título, e só de ler isso já fico com a sensação de ter levado um soco no estômago.

Fecho os olhos com força e então os abro, meu estômago se contorce incontrolavelmente.

"Mackenna Jones está de volta!"

Merda, realmente preciso parar de ler isso.

"Mackenna Jones está de volta!"

Deus. Ainda leio a mesma coisa.

Mackenna.

O nome percorre minhas entranhas como uma fumaça, e o frio na barriga que eu nem sabia que ainda poderia sentir congela meu estômago. Pensei que fosse impossível ainda sentir frio na barriga depois de tudo que passei por causa de Mackenna Jones.

Ele virá à cidade, Pandora. O que vai fazer em relação a isso?

Apenas o fato de pensar que ele estará no mesmo estado que eu me fez ficar com uma careta sombria.

– Sério mesmo, seu babaca? Você tinha que vir aqui?

Começo a ler o artigo sobre o Crack Bikini e como a banda havia revolucionado a música. Como até o Obama dissera abertamente que aquela banda fora a responsável por incentivar os jovens a ouvir a música dos mestres – Mozart, Beethoven. Mas não para por aí. A bajulação estava só começando. O jornalista continua falando sobre como sua turnê havia esgotado os ingressos no Madison Square Garden mais rápido do que o primeiro show de Justin Bieber e como aquele seria o show do ano, talvez até da década.

Rapidamente, a música de estreia da banda passa pela minha cabeça. Por um tempo, ela tocou em todas as estações de rádio do país, o que me fez abominar música com todas as forças – inferno, só de pensar nisso já sinto toda a raiva de novo.

Quando deixo o jornal na mesa, minhas mãos estão trêmulas. Dobro-o e tento mudar de caderno. Moro com minha mãe e minha prima e sempre apreciei meu tempo em silêncio aos sábados, quando Magnólia tem balé e minha mãe, muitos afazeres. Mas agora, meu precioso sábado, dia em que tenho o apartamento só para mim, foi oficialmente arruinado. Não apenas meu sábado, mas meu ano todo.

Mackenna. Em Seattle.

Minhas mãos tremem enquanto volto ao caderno de entretenimento e procuro, vagarosamente, o dia do show. E me vejo abrindo o navegador pelo celular e indo direto ao Ticketmaster, site de venda de ingressos on-line. Sim, o show já está com os ingressos esgotados. Então sigo para o eBay, onde descubro os preços abusivos pelos quais os melhores ingressos estão sendo vendidos.

Não sei por que, mas, por um instante, imagino-me em um daqueles assentos caros, xingando-o de o "maior *babaca* do mundo", de tão perto que ele conseguiria ouvir, mesmo com todo o barulho que ele e a banda estariam fazendo.

Não sei o que estou fazendo. Ou talvez saiba. Um arrepio frio percorre meu corpo. O show já está lotado. Os ingressos custam uma fortuna. Mas não. Não iria perder a oportunidade. Já faz quase seis anos desde a última vez que o vi. Quase seis anos sem ver aquela bunda perfeita, durinha, naqueles jeans.

Na primeira vez que transamos, minha virgindade foi arrebatada por aquele corpo. Ele disse que me amava e me pediu que dissesse que o amava. Ainda estava dentro de mim quando perguntou se eu queria que ele ficasse comigo. Ao

invés de responder, eu chorei, porque tenho algum problema e não consegui. Não consegui responder. Mas agora *sei* que ele *sabia*.

Ele me beijou mais intensamente do que nunca quando comecei a chorar, e o nosso beijo teve o gosto das minhas lágrimas. Na época, achei o jeito que ele me beijou tão doloroso e bruto. Tão lindo. Eu tremia enquanto ele me segurava. Parecia que eu não conseguia me recompor depois de me desmanchar para ele do jeito que fiz durante os orgasmos. Podia ouvir sua respiração se misturar à minha conforme ele descia uma mão pelas minhas costas, repetindo que me amava.

E aquela não foi a única vez que transamos. Por dias, semanas e meses, fizemos amor ardente e fervorosamente. Eu tinha 17 anos, e ele era tudo para mim. Quando transou comigo, pensei que ele quisesse tudo o que eu tinha para oferecer. Então ele foi embora. Idiota.

Mackenna era um segredo, sabe. Ele foi o relacionamento mais íntimo que já tive com alguém na vida, mas era um segredo que ninguém poderia descobrir. Principalmente minha mãe. Ele sabia disso. Eu sabia disso. Mas sempre dávamos um jeito de nos ver. Mentíamos, nos escondíamos, saíamos furtivamente de casa à noite para nos encontrar nas docas e invadíamos algum iate familiar que parecesse seguro, e lá ficávamos até o nascer do sol. Não nos importávamos com quem eram nossas famílias e o que era "melhor" para nós.

Até onde eu sabia, ele era o melhor para mim, e eu, o melhor para ele.

Era meu melhor amigo também.

Meu chão se abriu quando soube que ele havia ido embora de Seattle.

Ele nem se despediu.

A última coisa que ele me disse era que me amava.

Agora. Eu. Odeio. O. Amor.

Pensei que, com a ausência dele, a ferida cicatrizaria. Mas ela ainda está aqui. Cheia de pus, com bolhas e maior.

Dei àquele filho da puta tudo o que havia em meu coração jovem e idiota, e ele acabou comigo.

Bom, foda-se ele.

Semana que vem ele estará em Seattle. Ele e seus remixadores estarão na cidade, e todo mundo vai lá assistir ao show. Eu os chamo de remixadores porque não há outra banda igual à deles. Eles misturam as próprias músicas às de outros e as transformam em novas músicas. Bach, Chopin, apenas os mestres. O resultado é uma sinfonia de rock que entra em seu corpo e contorce tudo o que há nele. E quando surge a voz dele…

Inferno, não quero nem falar sobre a voz dele.

As pessoas querem se apaixonar porque isso as faz se sentirem melhor. O amor as faz se sentir protegidas, seguras. Eu não. Eu quero odiar. Eu me sinto bem assim. Protegida e segura. Odiá-lo é o que me mantém sã. Odiá-lo significa que não me importo com o que ele fez comigo. Ainda consigo sentir alguma coisa. Ainda não estou morta, porque consigo sentir esse ódio me *corroendo*. Ele acabou com minha chance de me relacionar com outros homens. Me impediu de ser a mulher que poderia ter sido. Arruinou cada sonho que eu tinha de um futuro com ele. Foi meu primeiro amor e meu primeiro tudo, incluindo a primeira vez que tive o coração partido.

Mesmo depois que ele foi embora, tudo o que conheço é ele, o que ele deixou e o que levou de mim.

Os ingressos são caros. Gasto a maior parte do que ganho ajudando nas despesas de Magnólia. Mas só seria preciso dar três cliques rápidos no eBay. Três rápidos cliques e posso terminar de me endividar no cartão de crédito e assistir àquele babaca de novo, ao vivo.

Concluo que vale cada centavo e entro no site para comprar dois dos ingressos mais caros que o eBay tem a oferecer.

Abro meu calendário, encontro o dia e marco um X.

Prepare-se, babaca. Seu show em Seattle não será um sucesso. Não se eu puder ajudar.

***

Eu não gostava muito de preto. Preferia vermelho, azul e, de alguma forma, realmente gostava de amarelo. Rosa vibrante e roxo eram legais também. Mas, depois, as cores começaram a me zoar. Elas me deixavam com um ar muito feliz. Muito doce. Preto era seguro e neutro. Não me fazia lembrar coisas que me deixavam triste. Não tentava se passar por qualquer coisa que não fosse preto. Logo depois que papai morreu, parei de tentar ser qualquer coisa além do que realmente era. Parei de tentar me encaixar. Tentar me deixava exausta e apenas mais consciente de que eu não pertencia a lugar algum.

Eu me tornei preta, e o preto me envolveu. Hoje à noite, me misturarei com todas as coisas pecaminosas e obscuras. É um dia negro, e minha vida é negra. Até o céu está nublado porque Mackenna está na cidade. Na verdade, caiu uma tempestade. As arquibancadas estão molhadas. Os fãs estão molhados. Todos,

com exceção da banda, que ficou no camarim até a chuva passar, terão que tomar remédio para gripe logo que saírem.

Quando a chuva finalmente para, Melanie e eu ouvimos o aviso de que o SHOW ESTÁ PRESTES A COMEÇAR. E de que NÃO HAVERÁ APRESENTAÇÕES DE ABERTURA DEVIDO AO ATRASO. Em um segundo, a dose de vodca que bebi em um brinde à minha coragem sai do meu corpo, e os joelhos que pareciam ser feitos de ferro minutos atrás começam a se transformar em gelatina.

– Pare de agir como se tivesse uma arma na bolsa. Vamos acabar sendo revistadas, sua tonta.

– Shh! Eu sei o que estou fazendo, fique quieta – eu a repreendo quando começamos a ir até nossos assentos.

Nervosa, coloco a mão na região da nuca, puxo o capuz da capa e cubro a cabeça molhada, puxo Melanie para trás de mim para conseguirmos passar pela multidão e chegar aos assentos na frente do estádio. Ela parece ainda mais gorda do que eu. Acontece que a chuva foi uma benção – Melanie e eu não parecemos nem um pouco volumosas como realmente estamos, cheias de suprimentos por baixo das capas. Suprimentos para os membros da banda. Um deles, especificamente.

Até com os cabelos molhados grudados ao redor do meu rosto, acho que estou bem. Intimidadora. Unhas pretas, batom preto, capa preta, cabelos negros – bem, meu cabelo é quase inteiramente preto, exceto por uma mecha pink estúpida que Melanie me desafiou a fazer em uma noite de muito álcool, e nunca recuso um desafio. Mesmo assim, estou com meu *look* Angelina Jolie normal, e minhas botas pretas de salto alto gritando "Homens, cheguem perto de mim apenas se quiserem acabar sem as bolas!".

Melanie, por outro lado, parece tão feliz quanto a Barbie.

O namorado dela provavelmente havia fodido com seu cérebro.

Senhor, por que minhas amigas arranjam os namorados mais safados?

– Não acredito que ainda não chegamos aos nossos lugares! Vamos ficar sentadas muito lá na frente, ficaremos tipo *respirando* a banda – ela me diz com um sorriso gigante.

Hum, sim, respirar Mackenna é a última coisa que quero ou de que preciso. Mas o palco continua a se aproximar, sem parar, ficando maior conforme chegamos perto. É quase como se, a cada passo que damos, um ano da minha vida surgisse. Até eu me lembrar claramente do jeito que meu estômago se

contorceu quando ele me encarou com aqueles olhos prateados, observando-me enfiar o pau dele em mim. Filho da puta.

– Ainda não consigo decidir – Melanie diz quando finalmente nos sentamos – se quero casar com um vestido de noiva tradicional com uma flor vermelha grande aplicada ao véu ou com um vestido cor-de-rosa simples. Reservei os dois até segunda-feira. Talvez seria melhor se Greyson visse…

Ela para de falar quando um silêncio surpreendente paira sobre a plateia. Uma luz clara se fixa no centro do palco. Meu coração começa a acelerar contra minha vontade. Furiosa, inspiro pelo nariz por cinco segundos, prendo a respiração por outros cinco e solto o ar por mais cinco – alguma idiotice que aprendi na série *Anger Management*.

A luz permanece focada no centro vazio do palco e toques de violinos começam a soar ao fundo. Assim que os violinos parecem tomar o controle do ritmo da respiração do espectador, a bateria se junta a eles para agarrar o coração. Aff, *imbecis*. É como se a música me controlasse. A música vai se desenvolvendo, desenvolvendo e fica mais intensa até as luzes se apagarem.

Gritos emanam do público quando o estádio fica em completa escuridão.

Nas sombras, ele aparece.

Eu sei que é Mackenna Jones.

O jeito de andar. Os ombros se balançando, os quadris se mexendo e as pernas compridas, musculosas e grossas. Com as mãos ao lado do corpo, um microfone grudado na orelha, que se curva discretamente, acompanhando a linha firme da mandíbula, ele se aproxima do público e de nós. O peito está nu. Ele está usando calças de couro pretas. E os cabelos estão de uma cor brilhante fúcsia hoje, espetados para cima. É um choque ver aquela cor em contraste com a pele bronzeada. Os músculos lisos do peito brilham, assim como os tijolinhos queimados de seu abdômen.

Pela luz da lua, consigo ver cada centímetro de seu 1,80 metro, e ele é tão quente, que acho que minhas roupas até secaram. Tento encontrar algo nele para odiar, mas não há nada. Nem posso dizer que detesto aquele discreto brilho nos olhos, os quais gritavam "Bad boy, bad boy, sou um bad boy foda e vou foder com sua vida".

Eu gostava daquele brilho.

Costumava gostar muito.

Até ele fazer o que bad boys geralmente fazem, e acabou que suas atitudes de bad boy foram a experiência menos divertida que já tive na vida.

Uma luz tênue o ilumina. A orquestra no fundo começa a tocar. A luz se intensifica quando ele segura a peruca pink e a joga para a arquibancada, gritando:

– E aíií, Seattle!

Seattle grita em resposta, e ele dá aquela risada escandalosamente sexy quando um grupo de meninas tenta se jogar no palco, lutando como gatos enfurecidos para conseguir a peruca que ele jogou.

Eu não estava olhando para aquela briga de gatos; estava olhando para ele. Aquele cuzão filho da puta não merece nem viver, muito menos ter aquela aparência. Não pude deixar de notar o corte de cabelo sexy e moderno modelando perfeitamente a cabeça dele. Aquele corte só enfatizava seus lábios, seu nariz e seus olhos… Esse cara não é quente… é o meteoro em pessoa. Ele tem lábios carnudos lindos e um nariz elegante, cujas narinas se expandem naturalmente a cada respiração – sem contar o sorriso, que me deixa tão furiosa, que poderia enforcar alguém. Os sentimentos de mágoa e traição serpenteiam e correm pelo meu corpo inteiro enquanto ele sorri para todo mundo.

– Parece que temos um público animado esta noite. Ótimo. Ótimo – ele diz, andando de um lado para o outro do palco, verificando a plateia.

Mel e eu estamos tão perto, era só ele olhar para baixo que me veria. Mas ele é muito orgulhoso para olhar para baixo, e eu não consigo fazer nada além de olhar para cima, mesmo quando não consigo mais olhar para seu rosto, desconcentrada pela protuberância gigante de seu pau.

Juro que não faço sexo há tanto tempo que já estou virgem de novo. Não consigo nem me lembrar de como é a sensação de se sentir bem. Nem quero. Gosto de me sentir realmente *mal*. Então olho para cima e consigo vê-lo, e a lembrança daquele pênis grande e grosso aparece e me atinge.

Não gosto do formigamento de insegurança que sinto. Não gosto mesmo.

Ele analisa a multidão por um longo período.

– Todos vocês querem um pouco de música hoje, hein?! – ele pergunta em tom brando, quase tão íntimo quanto se tivesse sussurrado no ouvido de cada um.

– KENNA!! – Uma mulher está chorando de soluçar ao nosso lado.

– Então, vamos lá! – Ele levanta o braço, e a bateria começa a tocar no fundo. Ele levanta mais ainda o braço, e a bateria o segue com o som idêntico, no ritmo dele. Ele mexe os quadris e ergue a cabeça para o céu nublado, emitindo um murmúrio lento que vem do fundo da garganta, e isso faz lembrar… sexo.

Quando a orquestra recomeça a tocar, a sinfonia ganha força. De lenta e melódica, se torna algo barulhento e maluco. Minha pulsação está em algum

lugar do universo quando o ritmo atinge algo totalmente selvagem, então dois homens surgem em uma plataforma sob o palco, detonando nas guitarras e acompanhados por uma explosão de luz, que simula fogos de artifício. Eles são os outros dois membros: Jax e Lexington. Filhinhos de papai e gêmeos idênticos. Conseguiram o financiamento para seu primeiro show do próprio pai, Papai Warbucks, e agora os três artistas não precisam de nada de ninguém.

Mackenna começa a cantar em voz baixa, rouca e loucamente sexy. Eu o odeio. Como seu corpo musculoso é lindo! Como ele emana testosterona! As dançarinas se juntam aos três no palco, vestidas em ternos formais preto e branco. Detesto até o jeito como elas se despem, revelando a pele tingida de preto que as faz parecerem panteras.

Melanie está muito impressionada, boquiaberta. Juro, o jeito elétrico, primitivo e selvagem como aqueles três se movimentam no palco é algo para se prestar atenção; os três desrespeitam os próprios corpos, mas respeitam a música.

Meu corpo fica extasiado. Eu não escutava música há anos de propósito. Principalmente para evitar ter que ouvir alguma música dele por engano. Mas, naquele momento, a voz dele está em cada porcaria de um alto-falante. Reverberando pelos meus ossos, despertando alguma dor estranha dentro de mim, juntamente com uma carga de toneladas de raiva.

O show continua como uma forma de tortura extraordinária. A banda prolonga não só meu sofrimento, porém o tormento de cada espectador que espera ouvir a música mais famosa deles. E então… acontece.

Finalmente, Mackenna começa a cantar "Pandora's Kiss", a música de lançamento que atingiu o topo da lista das mais tocadas da Billboard e foi sucesso número 1 no iTunes por semanas:

Those harlot's lips
To taste and torment me
Those little tricks
That tease and torture me,
Ooooooooh, oh, oh, OH
I shouldn't have opened you up, Pandora
Ooooooooh, OH, OH OOoh
You should've remained in my closet, Pandora
A secret I will forever deny
A love that would one day die

Ooooh, OH, OH, OH

I should've never kissed… those harlot's lips… Pandora[1]

A raiva borbulha dentro de mim violentamente.

– Agora? – Melanie fica me perguntando.

Eu. Tenho. Nojo. Dele.

– Agora? – ela me pergunta de novo.

Eu tenho *nojo* dele. Ele é o único garoto que beijei. Recebeu beijos que significavam tudo para mim e os transformou em uma piada numa merda de música. Uma música que me transforma em um tipo de Eva, torturando-o e tentando-o para o pecado. *Ele* é o pecado. Ele é a penitência, o inferno e o diabo, tudo de uma só vez.

Pego discretamente minha bolsa sob a capa e agarro a primeira coisa que encontro.

– Agora – sussurro.

Antes de Mackenna perceber o que o ataca, Melanie e eu jogamos três tomates e alguns ovos nele.

A música não é suficiente para abafar o "porra" que ele murmura ao microfone.

Ele contrai a mandíbula e abaixa o microfone firmemente enquanto aperta os olhos e analisa à sua volta, à procura da fonte do ataque. Fico delirando quando vejo a raiva genuína em seu rosto.

Grito:

– O resto! – Então pego as coisas restantes destinadas ao mesmo objetivo e continuo a atacá-lo. Não apenas ele, mas qualquer um que tente se colocar no caminho, como as dançarinas idiotas que correm para protegê-lo. Uma delas emite um som de dor quando um ovo lhe acerta o rosto, e Mackenna a coloca atrás dele, protegendo-a do ataque, enquanto tenta nos encontrar na multidão com o olhar furioso.

Então ouço Melanie gritar:

– Ei! ME SOLTE, seu imbecil!

Meus braços são puxados para trás bruscamente. Sou sacudida e retirada do assento, e nos levam imediatamente para o corredor.

– Soltem a gente! – Melanie choraminga, tentando se livrar dos dois seguranças gigantes que nos arrastam. – Se não me soltar agora, meu namorado vai descobrir onde você mora e matá-lo enquanto dorme!

O segurança me puxa e me segura mais forte, e eu prendo a respiração para aguentar a dor que sobe pelo meu braço.

– Cuzão – sussurro, mas nem tento me desvencilhar. Melanie não está tendo nenhum sucesso e eu sei disso.

– Ela conhece os caras da banda! Para quem você acha que ele estava cantando agora, seu babaca? – Melanie chuta o ar. – Ela é a *Pandora*! Solta a gente, caralho.

– Você conhece o Sr. Jones? – um segurança me pergunta.

– Sr. Jones? – pergunto, irônica. – Sério! Se Mackenna é um senhor, eu sou um unicórnio!

Tenho a impressão de que eles riem enquanto nos levam através de uma passagem com mais seguranças, em volta do palco, e então para uma pequena sala nos fundos. Um cara começa a falar pelo rádio conforme destranca a porta.

Melanie se debate e tenta chutá-los, mas a preocupação com o que poderia acontecer começa a tomar conta de mim, e eu fico quieta.

Puta. Merda. O que eu fui fazer?

– É melhor você não ficar feliz, cuzão. Meu namorado também vai descobrir onde você mora e te matar! – ela ameaça outro segurança.

Eles abrem a porta e nos jogam para dentro. Tropeço quando dou um passo, tentando manter alguma dignidade conforme me contorço para me livrar da mão que aperta meu braço.

– Me solte! – digo com os dentes cerrados, e ele finalmente me solta.

O rádio preso à cintura dele emite um som. Uma voz diz algo que não consigo entender, mas me parece um xingamento.

– Tirem essas coisas – um dos seguranças exige, apontando para nossas capas.

Tiro a peça impermeável do meu corpo e Melanie faz o mesmo, então observamos, sem poder fazer nada, eles pegarem as bolsas escondidas sob as capas.

Melanie resmunga ao vê-los colocar nossas coisas na mesa ao lado. Celulares. Mais dois tomates. Chave do carro.

– Uau! Vocês não sabem levar nada na brincadeira agora, hein? – Melanie diz arrogantemente.

Fecho os olhos, tentando controlar o pânico que cresce dentro de mim.

Pooorra. O que eu estava pensando?

Não fazia algo tão imprudente havia anos.

E foi muito bom.

Também foi *errado*. Muito, muito *errado*.

Mas bom. Ótimo, na verdade.

Inferno, ainda consigo ver aquele olhar irritado e incrédulo na expressão de Mackenna. Me deu um prazer intenso. Prazer orgástico. Mas, naquele momento, a sensação intensa que estava sentindo era mais parecida com um medo petrificante.

E se os seguranças o chamarem até a sala para perguntar se realmente me conhece?

E se eu tiver que ficar nesta sala pequena e abafada e olhar para ele *desta distância?*

Estou enjoada. Depois, Melanie vai querer explicações. Explicações detalhadas; mais do que contei para ela até agora. Ela vai contar a Greyson o que aconteceu, e ele vai querer saber por que aqueles guardas imbecis mexeram com a namorada dele. Nem sei se conseguirei explicar a ela o tipo de passado que Mackenna e eu compartilhamos. Dia 22 de janeiro: o dia em que eu, infalivelmente, fiquei bêbada e não queria nem ver a luz do dia. Havia jurado para mim mesma que nunca comentaria sobre aquele dia. Mas Melanie e Greyson vão querer que eu abra minha caixa de segredos. Sobre mim e Mackenna Jones.

Quente, bocas molhadas se unindo vorazmente…

Ele, me pressionando, me puxando, me tomando, me amando…

Promessas.

Mentiras.

Perda.

Ódio.

O tipo de ódio que só nasce de um amor intenso e fora do normal, cujo fim foi lamentável.

O que direi a ele se o vir?

O que eu *faria*?

Por favor, Deus não pode me punir me fazendo encará-lo tão de perto.

Ando e rezo, ando e rezo enquanto Melanie analisa as unhas, a parede e eu, suspirando com a confiança entediante de que sairá daqui intacta. Se eu vir Mackenna, realmente tenho dúvidas de que sairei ilesa. Meu estômago já está contorcido e estou com uma vontade imensa de vomitar.

O show parece durar para sempre. Um dos seguranças entra e sai enquanto o outro opta por ficar a alguns metros de Melanie, parado em posição militar, como se esperasse por algo.

Ah, Deus, por favor, quero que esse algo não seja Mackenna.

Estou puxando uma lasca da sola das minhas botas quando, um século mais tarde, a porta se abre e um homem gorducho, de terno e gravata, entra. Meu sangue desce todo para os pés, de tanto nervosismo. Lionel Palmer, o agente da banda, também conhecido como "Leo". Vi seu rosto e sua entrevista no jornal daquela manhã, mas preciso dizer que ele parecia muito mais feliz na foto.

Ele olha para nós – Melanie olha para ele, eu estou sem ação – e cerra os punhos.

– Vocês têm ideia do que acabaram de fazer? – ele fala entredentes, e as bochechas gordinhas ficam vermelhas. – Por quanto tempo acham que podemos manter vocês duas confortáveis em uma porra de um presídio feminino? Que tipo de fãs *vocês* são?

– Não somos fãs – Melanie diz.

A porta se abre e os gêmeos, com toda aquela pompa masculina, juntam-se à discussão. Eles pareciam intimidadores o tempo todo, mas, agora – com o cabelo loiro, cor estranha de olhos e expressões completamente irritadas –, podem ser considerados assustadores.

Eu não consigo respirar.

– Quem são essas vacas? – aquele com a tatuagem de cobra pergunta.

– Estou chegando lá, Jax – Lionel diz.

Então o outro deve ser o Lexington. Ele dá um passo à frente e olha para mim, com a sobrancelha levantada e tudo, depois olha para Melanie. Aponta o dedo indicador, movimentando-o de mim para ela.

– Espero que tenham muito dinheiro, porque uma de nossas dançarinas está machucada. Se ela não puder dançar no Madison Square Garden…

– Não se preocupe, Pandora, Greyson vai cuidar disso – Melanie diz tranquilamente.

– Pandora – Lionel repete, de repente. Paralisado, ele volta os olhos para mim. – Sua amiga a chamou de Pandora. Por quê?

– Porque é o meu nome? Dã.

Estou prestes a revirar os olhos quando a porta se abre e aquela presença toma todo o espaço. Acho que meu coração não está mais batendo. Sinto como se alguém estivesse me estrangulando e me socando interiormente.

Mackenna.

A alguns metros de distância.

Na mesma sala em que estou.

Maior e mais homem do que nunca.

Ele fecha a porta com um chute. Está usando óculos aviador, então não consigo ver seus olhos e, Jesus amado, eu o detesto com paixão. Vim até aqui para machucá-lo, mas estou tão possuída pela raiva, que não consigo fazer nada a não ser ficar aqui parada com o ar preso nos pulmões, o coração se apertando no peito e o corpo tremendo como se toda minha raiva suprimida queimasse dentro de mim.

Ele é alto e moreno, e o que restou de um líquido vermelho está grudado em seu tórax.

Mas que tórax perfeito, com aquele caminho estreito de pelos que sai do umbigo e vai até o pênis… Calças de couro apertadas moldam a protuberância volumosa. Um pau grande também. As meninas pensam que ele coloca um pedaço de pão nas calças, mas posso assegurar que aquele caralho é real. Assim como seu ego gigante, e eu me lembro de que ele ficava tão duro quanto sua cabeça.

Não é todo mundo que pode raspar a cabeça ou colocar um brinco de diamante, mas ele tem a cabeça no formato perfeito, que faz você querer alisar e seguir todas as curvas com os lábios. Os diamantes brilham quase ameaçadoramente em sua orelha direita, e quando ele tira os óculos com uma expressão de raiva, vejo aqueles olhos prateados brilhantes e furiosos, e juro que é como voltar para casa.

Para uma casa que foi destruída, queimada, onde não há nada, mas ainda é uma casa.

O quanto essa porra é confusa?

Deus, por favor, não permita que ele seja real. Isso tudo poderia ser apenas um pesadelo? E ele estivesse do outro lado do mundo enquanto continuo detestando-o seguramente em Seattle.

– Ela é a porra da *Pandora*? – Lionel pergunta a Mackenna.

Mackenna não responde, e seu maxilar fica mais tenso, então Lionel se vira devagar e me analisa. Minha mente está totalmente confusa porque Mackenna me encara como se não acreditasse que estou aqui.

Mal posso sentir seu olhar frio. Pensei que aquela noite fosse dar um fim a toda a história. Que eu poderia fazê-lo sentir, na frente dos fãs, o mesmo que senti quando ele me deixou: humilhação. Ao invés disso, ele está aqui parado, parecendo um deus do rock em cada centímetro, até mesmo com molho de tomate no peito. Ele domina a sala, carregando aquele algo a mais que ninguém poderia aprender a ter, mas ele tem de sobra, que mostra a todos que é dono desta sala e de todos ali.

E esse fato só serve para me irritar mais ainda.

– Lionel – ele diz em um tom baixo e alarmante.

Somente uma palavra é suficiente para que Lionel recue. Agora nada impede Mackenna de olhar diretamente para mim.

Meu rosto queima ao me lembrar de como o amava. Profunda, intensa e completamente.

Não pense nisso. Você o odeia agora!

– Seu cabelo está bonito. – Ele prende os óculos no cós da calça.

Aquela voz, ah, meu Deus.

Seus olhos percorrem o comprimento dos meus cabelos, e Melanie se intromete:

– Sugeri que ela adicionasse um pouco mais de vida aos cabelos, assim, pelo menos, *pareceria* que está feliz.

Ele nem olha para Melanie. Continua olhando para mim do jeito mais intenso, especificamente para a mecha pink nos meus cabelos, esperando que eu diga algo. Eu detesto essa mecha, mas não tanto quanto o detesto.

– Belas coxas – respondo, apontando para as calças de couro. – Como você entrou nelas? Pulando de cima de um prédio depois de ter passado um quilo de manteiga no corpo?

Recuso-me a deixar a risada dele mexer comigo, mas sinto o corpo formigar quando ele começa a se aproximar.

– Não preciso mais de manteiga. Estas calças já fazem parte de mim. – Ele fica me encarando, como se fosse uma armadilha. – Como você fez parte de mim uma vez.

Ele está chegando mais perto, e cada passo me afeta. Minhas faces queimam. O rubor que ele causa em mim. Estou tão brava! Sinto fervilhar dentro de mim anos de mágoa. De solidão e traição.

– Vá se foder, Mackenna.

– Já fiz isso, Pandora. – Seus olhos queimam com a mesma fúria ao pegar o tomate da mesa e analisá-lo com os olhos prateados cintilantes. – Isto é para mim também?

– Isso mesmo. Todo. Seu.

Seus lábios se curvam com ironia quando ele joga o tomate para cima e o pega de volta como uma bola, sem tirar os olhos de mim.

– Seu show é tão ruim que Melanie e eu sentimos que precisávamos realmente entreter um pouco os fãs.

Ele corre os olhos pelo meu rosto, me estudando.

– É, me humilhando pra caralho.

Não aguento o jeito que ele olha para mim, seus olhos traçam o mesmo caminho. Minhas sobrancelhas, meu nariz, meus lábios, meu queixo, meus maxilares. Ele faz eu ficar me perguntando se por acaso olhei no espelho errado hoje, como se houvesse alguma coisa vagamente interessante para se ver. Juro que não me preparei para sentir os olhos dele em mim novamente. Não mesmo. Quero sair daqui tão rápido que ele nem vai ver minha bunda quando eu deixar a sala.

– Me deixe ir, Mackenna.

– Tudo bem, Dora. Mas primeiro um presentinho.

Chamando-me pelo apelido de que eu menos gosto, ele amassa o tomate e o segura acima da minha cabeça, deixando cair alguns pedaços sobre mim, me assistindo arfar enquanto o sumo se espalha por meu rosto e pescoço.

– Pronto – ele cantarola com um sorriso cruel, passando os dedos pelos meus cabelos para que o líquido entre mais profundamente. Quando tento me afastar, ele me segura pela nuca e pressiona o nariz em minha orelha, deixando-me tensa para conter um arrepio. – Você acabou de irritar toda a porra da minha banda. Sabe o tipo de processo que vamos abrir contra você?

Sim, eu sei. Minha mãe é advogada, então faço uma boa ideia.

Então por que achei que o fato de ele merecer aquilo me dava passe livre para ser irresponsável aquela noite?

Me fodi.

Ele me fodeu.

E ele está tão perto. Estou estranhamente paralisada quando seus lábios se movimentam, roçando minha orelha, causando-me um tremor indesejado entre as pernas. Sinto os mamilos doloridos de repente, e meu corpo fica de certa forma contraído.

– Você é suicida ou só está querendo sair de casa? Porque, acredite em mim, a cadeia não será uma melhoria considerável em sua vida.

– E a sua cara não teve uma melhoria considerável com o ovo que joguei em você.

Os gêmeos não conseguem segurar uma gargalhada, mas Mackenna continua sério.

Ele me analisa com uma raiva mal disfarçada e, de alguma forma, sou acometida por uma lembrança vívida da última vez que ele me olhou com aquele olhar acinzentado rígido. Seu olhar denso e o toque de sua língua na minha… Um relâmpago incandescente transpassando meu corpo inteiro. Os

movimentos, as mãos em meus quadris, me segurando sob o corpo enquanto eu me pressionava repetidamente contra ele. Dizendo-me entre gemidos o quanto gostava de estar dentro de mim.

Machuca. A visão dele machuca.

Eu não esperava que acontecesse isso.

Como se a proximidade tivesse provocado na mente dele as mesmas lembranças, Mackenna estuda meu corpo sem disfarçar, perscrutando com o olhar meus seios, minha boca – um olhar quente e palpável que me faz contorcer –, antes de voltar a contemplar meu rosto enquanto fala com os outros.

– Vou cuidar dos danos causados. – Eu o ouço dizer, com os olhos ainda fixos em mim, implacáveis e pensativos, como se estivesse se decidindo sobre algo. – E vou acertar as contas com ela diretamente.

– Rá! Você não vai acertar coisa alguma com ninguém aqui – Melanie retruca.

Ele solta uma risada fria e viril, voltando sua atenção a ela.

– Qual é o seu nome, Barbie?

– Melanie Meyers, babaca.

– Deixe-a em paz… – interfiro.

Mas ele faz um gesto, impedindo-me de continuar, e volta-se para os seguranças:

– Escoltem a Barbie até o carro dela.

– Vai sonhando, peruca rosa. Não saio daqui sem a Pandora!

– Essa *gótica* é mesmo a Pandora? – um dos gêmeos pergunta finalmente. – *Nossa* Pandora? Era para ela ser um mito, cara.

Há um silêncio tenso enquanto todos da equipe olham para Mackenna. Não posso deixar de notar, com uma pontada no peito, que ele não parece nada feliz, de um jeito que sugere seu desejo de que algum caminhão tivesse passado por cima de mim algum dia, levando seu segredo para a cova.

Ele pega uma toalha e a esfrega pelo peito definido, chacoalha a cabeça e passa os dedos pelo lindo corte de cabelo, tentando retirar toda aquela merda que estava grudada. O silêncio e os traços pensativos em seu rosto me deixam mais que nervosa e irritada.

Merda, não gosto do fato de ele estar controlando a situação.

Não gosto do efeito que ele causa em mim.

Muito menos da forma como ele consegue me torturar.

Do poder que tem sobre mim, sabendo como eu secretamente tenho medo de minha mãe – ele sabe que farei qualquer coisa para evitar que ela descubra o

ocorrido.

Ele faz menção de dizer algo, mas então Lionel se adianta:

– Kenna, uma palavrinha.

Mackenna vai até ele, e os gêmeos se unem ao círculo. Os gêmeos parecem vikings, e Mackenna, um pirata, que rouba e tira a virgindade de garotas como eu. Posso sentir que eles estão nos observando enquanto conversam. Mackenna corre os olhos pelo meu corpo conforme escuta, e nem parece perceber o quanto está dando na cara que me analisa. Olhando-me descaradamente desde o topo da mecha pink até as botas de garota má.

Enfim, ele me olha nos olhos, estreita os dele e balança a cabeça, com raiva.

– De jeito nenhum.

– Lógico que sim – Lionel o enfrenta.

Suspirando com a teimosia do líder da banda – que era algo até palpável, tão imenso quanto um elefante –, Lionel faz um gesto para os Vikings e o pirata saírem, e a porta bate depois de Mackenna sair xingando.

Melanie e eu continuamos lá pelo que parece uma eternidade, trocando olhares de "que porra está acontecendo?".

Os dois seguranças ficam na sala, nos vigiando – me vigiando, principalmente – enquanto fragmentos de tomate ainda escorregam pelo meu rosto.

Quero socar alguma coisa.

Alguma coisa com olhos acinzentados e cabeça raspada.

Mackenna volta para pegar a toalha, e o restante dos caras confusos vem atrás dele.

– Só a deixe se desculpar pelo que fez e limpar essa sujeira, então ela pode ir. – Ele levanta a toalha e faz sinal para que eu me aproxime, dobrando o dedo de um jeito irônico.

– Vá. Se. Foder. – Respiro, sentindo o sangue ferver repentinamente.

– Mackenna – um dos caras murmura, rindo de um jeito como quem diz "Você está de brincadeira comigo? Ela o controla tanto assim?".

– Vocês duas parecem legais. Bom, pelo menos uma delas. – Lionel sorri simpático para Melanie, então absorve meu estilo Angelina Jolie antes de fazer uma careta e adicionar: – Olhem, podemos colocar as duas na cadeia. Apenas um dia já seria suficiente para ficarem bem assombradas. É isso o que querem?

– Pan, não escute. Grey vai se encarregar de…

– Não, Melanie, este é um problema meu. – Sacudo a cabeça teimosamente.

O namorado dela e eu não nos damos muito bem, de qualquer forma. Inferno, não me relaciono bem com homem algum, então foda-se. Não preciso que me resgatem. Prefiro mofar na cadeia algumas noites. Pelo menos antes de minha mãe me matar oficialmente.

– Vamos direto ao assunto – o gêmeo com a tatuagem, Jax, diz. – Só passe os detalhes a ela, Leo.

– Não, obrigada – interrompo antes de eles começarem a dizer o que querem. – Prefiro ficar na cadeia a ficar com ele.

Um músculo fica tenso, denotando raiva, no maxilar de Mackenna conforme ele cruza lentamente os braços na frente do peito.

– Isso é assumir que você poderia me deixar excitado.

– Kenna, cale a boca – Lionel rosna, e então se vira para mim de novo. – Estamos produzindo um filme do Crack Bikini atualmente. Você sabia?

– O mundo inteiro sabe. Estou apenas grata por vocês não estarem filmando este momento.

– Nós estávamos filmando durante sua pequena atuação. – Ele gesticula para o peito musculoso de Mackenna. – Estamos nos preparando para o Madison Square Garden, e agora que sua existência foi revelada… – Ele olha acusadoramente para Mackenna, depois se volta para mim. – Agora que sabemos que há, realmente, uma Pandora humana na qual nosso vocalista pode ter se baseado para escrever a música, queremos você no filme.

– Ela não vai chegar nem perto daquelas câmeras – Mackenna retruca conforme anda até a porta.

– Jones, me escute. Isso é brilhante. As pessoas vão comprar essa porra de história!

Mackenna abre a porta, com raiva.

– Não estou interessado, então você pode deixá-la *fora disso*.

– Da mesma forma que você *me* deixou fora dessa música idiota, não é, imbecil? – digo, explodindo de repente. – Eu também não estou interessada!

– Vou pagar o bastante para você ficar interessada – Lionel me diz calmamente.

Mackenna para na soleira da porta, e aquele brilho de serial killer nos olhos dele me faz querer concordar só para desafiá-lo. Deus, eu o odeio. Tanto que sinto pontadas no estômago de tanta raiva. Mas não parece que a raiva dele é por mim. Tenho a impressão de que é por seu agente, que continua com a proposta.

– Olhem, não me importo se vocês dois vão brigar ou não, o que me interessa é o último show. Quando Crack Bikini se apresentar, vocês dois estarão

lá em cima e vão se beijar em homenagem ao primeiro sucesso: "Pandora's Kiss".

Mackenna ri, e o som daquele riso me dá a impressão de que alguém acabou de cavar minha cova. Todos os pelos do meu braço estão arrepiados.

– Lionel, vai dar tudo certo. Não precisamos dela. Os fãs querem *a gente*, e não ela. – Ele diz, apontando para mim, e então passa a mão na cabeça, visivelmente frustrado. Depois sai pela porta, falando com uma autoridade fatal: – Deixe-a fora disso ou juro que alguém vai pagar por isso, Leo!

Não sei por que, mas não gosto do jeito como ele dá a última palavra.

Não gosto de sentir que ele está me protegendo das câmeras.

Não gosto de nada daquilo. Involuntariamente, me manifesto, e minha voz o faz parar.

– Rá! Como se suas promessas significassem alguma coisa, seu cretino! – Conforme falo, tiro o anel que levo pendurado no colar e o jogo na direção da porta.

O tempo, de repente, para.

Lentamente, Mackenna volta à sala, e para onde o anel tinha caído.

Ele olha para o anel de ouro branco com um diamante brilhante jogado aos seus pés, e sua expressão de surpresa se transforma em raiva, depois em algo que não compreendo. Ele pega o anel do chão e observa a joia por um momento, que pareceu o mais longo da minha vida, então ergue a cabeça e me encara com uma expressão que me rasga por dentro. Ele contrai o maxilar, dá as costas para todos e sai batendo a porta.

Estou tremendo.

Lutando contra a vontade de correr atrás dele e… e o quê?

Detesto como ainda consigo sentir o calor da mão dele quando costumava segurar a minha. Detesto como a lembrança da sua boca na minha ainda me acorda no meio da noite. Sinto uma dor atroz pela perda do anel que levava escondido debaixo da blusa, e uma dor maior ainda ao ter ouvido sua voz e visto o rosto dele, e odeio não saber como parar isso.

Aperto os lábios, com os olhos fixos na minha pulseira da sorte, e tento me recompor, fazendo enorme esforço para que os outros na sala não percebam como Mackenna me envolve facilmente. Lionel dá um passo à frente e pega meu braço.

– Querida, você queria a atenção dele? – ele me pergunta, maravilhado e confuso.

– Não *quero* a atenção dele. Não quero nada dele!

– Você está tendo muito dele, quer queira, quer não.

Puxo o braço para me soltar.

– Não estou à venda. Não há nada que você possa dizer ou fazer para me convencer a participar disso.

– Que tal… – Ele se inclina e sussurra um número com muitos dígitos no meu ouvido.

1 Aqueles lábios de prostituta / Para provar e me atormentar / Aqueles pequenos truques / Que brincam comigo e me torturam / Ooooooooh, oh, oh, OH / Eu não deveria tê-la aberto, Pandora / Ooooooooh, oh, oh, OH / Você deveria ter permanecido fechada, Pandora / Um segredo que negarei para sempre / Um amor que morrerá um dia / Ooooh, OH, OH, OH / Nunca deveria ter beijado… aqueles lábios de prostituta… Pandora.

dois

A BRUXA ESQUECEU A VASSOURA, MAS NÃO A MALDITA BOLSA DE TOMATES

MACKENNA

– Ela aceitou, Kenna. Você ficará surpreso de saber que não precisou de muito. Vou te dizer, essas alunas de faculdade vão trabalhar como nunca esses dias.

Ao sair do chuveiro e vestir o roupão, dou de cara com Lionel no meu quarto, radiante com as novidades.

– Você não pode estar falando sério! – retruco, enxugando a cabeça com a toalha. Ele parece estar falando muito sério, e balanço a cabeça enquanto pego minha roupa. – Lionel! Eu inspirei uma porra de gema de ovo pelo nariz. Acho que ainda tem um pouco na minha orelha. – Seguro a toalha contra a orelha e sacudo a cabeça, tentando tirar a água.

– Seu merda. Você disse que ela não existia – ele rosna de mau humor.

Jogo na caixa minhas perucas de fios bagunçados e fecho a tampa.

– Ela não existe – falo entre os dentes.

E daí que tenho que dizer a mim mesmo que ela não existe? Durante seis anos, deu certo. Mas agora ela estava ali. Como algum demônio – tipo *poltergeist* – me lembrando do que eu queria quando era adolescente e nunca poderia ter. Lembrando-me do que perdi. Do que faria para ter de volta.

Pandora.

Meu pesadelo, meus sonhos, minha fantasia que fala e anda.

Ali.

Arremessando o anel.

Jogando a porra do anel na minha cara. O anel da minha mãe.

Que atrevimento!

E o que eram aquelas botas? Jesus, tudo de que ela precisava era um machado e um pouco de sangue escorrendo das unhas. Ou uma vassoura e um caldeirão.

Deus, aquela mulher…

Quando a ouvi foi como ter levado um soco no estômago. A voz suave, sincera, mas não muito. Aquela voz, única no mundo. É como uma música que faz a pessoa se sentir uma merda. Me faz sentir… como aquele adolescente imprestável desejando-a como se ela fosse uma droga.

Um adolescente que amava letras, músicas, bateria, piano, melodias, qualquer coisa que me fizesse sentir útil. A música tornava os amigos irrelevantes; me fazia lembrar dela, mas esquecê-la também. Eu amava música. A música salvou minha vida, e agora se tornou minha vida. Mas música alguma soou em tão perfeita sintonia quanto o som da voz dela. E nenhuma música foi tão ruim quanto vê-la ali, me insultando, me desafiando com aquele olhar infinitamente obscuro.

– Pensei que você cantasse sobre uma mulher *fictícia* – Leo continua.

Visto uma camiseta com estampa de caveira, para combinar com o astral em que aquela mulher havia me deixado, então me viro e encaro Lionel. Os olhos dele estão inquietos e sem expressão, como ficam quando assinamos um novo contrato com gravadoras, um contrato de filme…

Ou quando ele acha que encontramos ouro.

Mas Pandora é uma mina negra infinita sem diamantes para mim. Eu quero esquecer que acabei de encontrá-la, mas a imagem dela está marcada nas minhas retinas, e tudo o que vejo é ela. Aquela pequena megera raivosa, os lábios negros, a ridícula mecha pink e as botas. Consigo, perfeitamente, imaginá-la montada em um homem, envolvendo-o com aquelas botas. Sim, eu as quero em volta de *mim*.

Apertando a mão ao redor do anel de minha mãe, olho na direção da porta.

– Onde ela está? – pergunto brandamente.

– Esperando. Convoquei os advogados e já mandei uma mensagem para Trenton.

– O *produtor*? Se você colocá-la no filme, ela será alvo de milhões de fãs furiosas, não entende? Vão conhecer o rosto dela. Vão saber que ela era *minha*, e ela nunca mais estará segura na vida!

– Ahh, protetor, certo? Gosto desse seu lado, Kenna. Nunca o tinha visto antes. Que inferno! Mais um motivo para a querermos! Queremos qualquer coisa que tenha acontecido lá. – Lionel aponta para a porta que leva até o corredor. – Queremos *aquilo*. E queremos uma cena de beijo e reconciliação no show do Madison Square Garden. Para o público e para a câmera. Depois, a

queremos na premiê, em seus braços, antes de inventarmos uma história de término que o deixe livre.

– Ei, ei, ei, Lionel!

– Ei, meu cu! Eu vi como ela sacudiu sua jaula. Vi drama. Vi muito mais do que temos para essa porra de filme, que é, basicamente, os caras da banda bebendo e transando por aí. Vi uma oportunidade e, como seu agente, sou pago para não perder tais oportunidades.

– Não – digo simplesmente.

– Ouça, Kenna, eu só preciso de algumas boas cenas, uma cena de reconciliação nos minutos finais do filme, e ela em seus braços na premiê. Me dê isso, e vou lhe dar o que me pediu.

– Você vai finalmente ceder?

– Sim.

Começo a andar pelo quarto, considerando a proposta. Poderei ter o que sempre quis, o que esperei tanto tempo para conseguir. E também a terei mais perto. Falarei com ela. Talvez não possa contar a verdade, mas posso reconquistá-la se eu quiser.

E, porra, eu não apenas quero, meu orgulho exige isso.

Certa vez, a mãe dela me disse que eu não era bom o bastante para ela. Fiz um juramento de que, em alguns anos, seria bom o suficiente para a filha de qualquer mulher… principalmente a dela.

– Você é o melhor cantor e a principal atração, mas, sinceramente, Kenna, você é o pior ator dentre os três. Mas com a participação dela… será brilhante. Com ela, você nem precisará *atuar*. – Ele sorri. – Agora vá lá fora e termine a sessão de autógrafos. Vou cuidar da sua namorada.

– Minha *namorada* – repito em tom irônico – é uma pervertida, ninfomaníaca sem coração e atiradora de tomates que parece muito feliz com a oportunidade de desperdiçar seu tempo para tornar minha vida um inferno!

– Sim. Isso é ótimo.

PARECE Q UE VOU TER Q UE BEIJAR O SAPO

PANDORA

– É uma quantidade considerável de dinheiro – Melanie diz enquanto voltamos para casa.

– Melanie, acabei de extorqui-los. Eu teria aceitado pela metade. Inferno, beijaria a bunda de um hipopótamo pela metade.

O que acabou de acontecer?

Ainda estou tentando processar a ideia de que assinei um contrato estipulando o fim da minha vida. Ou, mais precisamente, três semanas, um beijo e uma aparição na premiê do filme.

Estou voltando das duas horas mais surreais que tive na vida. No período de tempo de 19 minutos, conversei com o produtor do filme, Trenton, e um monte de advogados, e recebi um cheque vultoso.

Neste momento, estamos voltando para casa em uma limusine providenciada para a Princesa Melanie por ninguém mais do que seu próprio Senhor Rei. O motorista, aparentemente, é o motorista do namorado dela. Tenho que confessar, estar com ela nos últimos tempos me causou uma porra de um complexo. Principalmente depois que meu ex olhou para mim do jeito que Mackenna fez. Como se quisesse me matar, vagarosamente, e então esquartejar meu corpo e guardá-lo numa caixa. Então o mito se transforma em "Pandora em uma caixa", e não "a caixa de Pandora".

Melanie está segurando, com os dedos de unhas feitas, uma taça de cristal que pegou no minibar do carro. As letras em cada uma das unhas dela formavam a palavra G-R-E-Y, com um coração no polegar.

Ridículo.

Minhas duas amigas estão comprometidas com homens que provaram ser verdadeiros ao fazerem o impensável: desistir da vida por elas. Eu detestava o playboy de Melanie porque achava que ele não era o homem certo para ela, mas acabou que ele é exatamente o que ela havia sonhado, até mais que isso.

Gostoso, protetor, perigoso e alfa *ao máximo*, faz qualquer coisa por Melanie. E Brooke? Brooke está casada com seu homem – não, ele não é um homem, é como um animal. Um animal alto, esguio, musculoso, moreno, de olhos azuis e sexy –, que olha para ela como se *vivesse* por ela.

Nunca falei a Melanie como me machuca quando Greyson aparece no escritório para roubá-la por um dia, ou como me magoa ver Brooke e seu marido instintivamente se acariciando quando conversam. Talvez porque me sinta desconfortável com a possibilidade de alguém saber que presto atenção nisso. Mas é o que faço. Reparo em tudo isso como se me desse conta de que está me faltando um membro, ou como se percebesse que o galho de árvore em que esbarrei por acaso enfiou-se em meu corpo.

Sim, percebo como Greyson olha para Melanie e como Remy olha para Brooke. Há alguns meses, Brooke e o marido estavam na cidade com o bebê, e vi o jeito como ele sorriu para ela do outro lado da sala. Como ambos sempre procuravam onde o outro estava. Como, quando estavam próximos, ele colocava a mão nos quadris dela, uma mão imensa, e inclinava a cabeça na direção dela, tão perto, que seus lábios se moviam contra sua orelha, seus lábios se curvavam, seus olhos cintilavam quando o olhava. Notei o sorriso de Brooke, quase tímido, e a forma como ela se virou para ficar de frente e pôs o rosto dele entre as mãos. Era possível sentir o amor no ar, e tive até a sensação de que estava me intrometendo em algo íntimo e especial. Baixei os olhos para o colo, porque não suportava assistir àquela cena.

E Melanie? Provavelmente fazendo um desejo para alguma estrela idiota, esperando que, algum dia, fosse ela. E agora, adivinha? É ela. A porra do namorado de Melanie é caidinho por ela. Ela encontrou o amor genuíno. O amor que nunca me permitirei desejar porque *nunca* vou ter isso com alguém. Nunca vou esconder meu rosto de maneira tímida ou ser o tipo de garota que inspira um homem a protegê-la do jeito que os homens das minhas amigas fazem. Nunca vou inspirar um homem a querer mudar para melhor por minha causa. Porque não sou inspiradora. Sou a mulher amarga com quem ninguém gosta de sair por muito tempo.

Tudo porque Mackenna me destruiu.

Ele fodeu com minha mente, depois com meu coração e, não contente, com o que sobrou do meu cérebro, e eu era muito jovem para superar. Naquele momento, depois de olhar aqueles olhos cujo olhar *não consigo aguentar*, preferiria morrer a recusar um desafio dele. Ele não queria me ver? Bem, então vou ficar plantada na frente dele para que seja obrigado a me olhar. Vou fazer da

vida dele um inferno, como ele fez com a minha. E o melhor de tudo? Serei paga por isso. Acho que estou tendo meu primeiro golpe de sorte desde… o dia em que nasci.

– Sim, Trillion, foi maravilhoso! – Melanie grita animada ao telefone, verificando as unhas para se certificar de que estão perfeitas. Ela chama o namorado de Trillion às vezes, com a justificativa de que é o maior número no qual ela consegue pensar. Eu não entendo, mas ela disse para não me preocupar, porque ele entendia.

Que seja. Melanie é apenas… Melanie.

Agora ela está baixando mais ainda a voz para falar com ele.

– Sim, pensei em você… preciso muito de você. Vou pedir a Ulysses que acelere. Não, não será arriscado se ele se apressar. Preciso de você. – Ela está ruborizando, provavelmente o namorado acabou de dizer algo obsceno que planeja fazer com ela. Ela morde o lábio inferior como uma adolescente e coloca a mão na frente da boca para abafar a voz e então sussurra algo, depois dá uma risadinha e desliga.

– Você parece uma virgem tonta, Melanie – digo amargamente.

Os olhos dela brilham, como se tivesse acabado de fazer amor por telefone.

– E daí? Ele me deixa envergonhada quando descreve, detalhadamente, o que vai fazer comigo.

– Cara, você tem o nome dele nas unhas e um coração no polegar. Homens como o seu homem gostam de desafios. Cuidado, ou ele vai pensar que você já é dele e pode te dar um fora.

– Eu *sou* dele, e ele é meu. Nós nos amamos, vamos nos casar, sua boba.

Merda, serei a única solteirona das três. Até o nosso melhor amigo homem, Kyle, tem namorada.

A amiga encalhada e amargurada. Aff.

Ficamos em silêncio o restante do trajeto. Melanie agora está mandando mensagem, talvez para seu homem ou talvez para Brooke. Melanie sempre a deixa atualizada.

– Você vai me contar como se conheceram? – ela pergunta, desviando os olhos do celular. Eu era relutante em falar sobre Mackenna por anos.

– Há muito tempo. No Ensino Médio, antes de eu mudar de colégio e conhecer vocês.

– Mas você não achou que deveria ter falado sobre ele antes? Ele partiu a droga do seu coração e canta sobre isso nas rádios!

Eu olho pela janela, para fora, erguendo barreiras ao meu redor.

– O que aconteceu?

– Menina tola atraída por um bad boy, virgindade entregue, coração partido, fim da história. Não estou nem aí pra ele. No momento, estou preocupada com o que vou dizer à minha mãe. Provavelmente alguma história sobre ter que trabalhar, e vou conversar com Susan para ver se poderia trabalhar a distância nas próximas semanas. Assim que tudo acabar, eu conto a verdade à minha mãe.

Vou ter que mentir, mas quem se importa? Já menti antes. Como nas vezes em que saía de casa no meio da noite, com o coração acelerado, para me encontrar com Mackenna.

– Vamos falar sobre o cara, ok?

– Não, não vamos.

– Então vamos falar sobre isso: não acredito que você vai participar de um *filme*!

Eu bufo.

– Não é um filme de verdade. É como os da Katy Perry e do Justin Bieber, o que é um pouco brega.

– É um filme, Pandora. Que passará nos cinemas. E adorei os filmes de Katy e Justin! Você não entende como Brooke pôde sair da cidade pelo cara que ama. Agora, você está saindo da cidade por um que odeia! Isso é uma lição cármica. Pare de julgar as pessoas pelo que fazem quando estão apaixonadas. Você está fazendo pior por alguém que nem ama – ela diz com um sorriso irônico.

– Pode me julgar o quanto quiser. Recebi um valor bem alto por isso, e o que você ganhou? Nem uma foto deles.

– Eu tenho o Greyson! Ele é tudo o que quero. E *finalmente* descobri o nome do seu ex-babaca. Kenna é o mais gostoso dos três, e você sabe disso. Conte o que aconteceu. Pensei que fôssemos amigas. Com quem você fala sobre essas coisas? Vai acabar ficando doente se guardar para si. Precisa desabafar.

– Acabei de desabafar, usando tomates. – Sorrio quando me lembro da cena e, por um momento, me sinto feliz ao ver Melanie rir.

– Essa parte estará no filme? Por favor, diga que sim! – ela implora, me pegando pela camiseta e me sacudindo.

Dou risada.

– Espero que sim – admito, puxando a camiseta. – Inferno, espero poder fazer isso de novo no Madison Square, logo antes de beijá-lo. Seria bem legal.

– Para ele ter que tirar a camiseta. Deus!

Dou um soco no ombro dela.

– Mel! Ele usa *perucas* e segura o pinto quando dança. Ele é *nojento*.

– Cara, metade das mulheres ali devem ter ficado grávidas só de assistir ao show, tenho certeza! – Ela ri, e eu olho para fora da janela, sentindo a raiva reaparecendo ao me lembrar de como foi encarar novamente aqueles estranhos e misteriosos olhos acinzentados.

Não me senti nem um pouco bem.

Estava desconfortável, confusa, constrangida e, definitivamente, me sentindo péssima.

Ao me lembrar da proximidade dele, esmagando o tomate sobre a minha cabeça, meu estômago entra em ebulição, borbulhando com sentimentos tóxicos.

– Pandora, vocês dois pareciam ter desejos assassinos sanguinários um em relação ao outro. Talvez você devesse conversar com sua terapeuta e pedir uma orientação, quem sabe ela possa lhe dar algumas dicas para se acalmar.

Meu orgulho foi ferido.

– Não preciso de dicas, aliás, ela me dá dicas há *seis* anos. Tenho tudo sob controle.

– Tudo bem. Só volte para cá inteira e a tempo de tirar as medidas para o vestido de madrinha. Pan, é o meu casamento, então, foda-se, sua piranha.

Eu apenas resmungo e ela ri. Quando saio do carro, ela me dá um tapa na bunda. Mel está sempre animada. Sempre otimista. Ela não é como eu. Estou feliz por ela, estou mesmo. Mas também detesto me sentir zangada pelo fato de ela estar feliz. Às vezes, simplesmente não suporto pessoas felizes.

Acho que é porque não a entendo.

Entro no apartamento, tentando não fazer barulho. No caso de você não ter adivinhado, mesmo sabendo o meu nome, minha mãe não me queria, e ela sempre me lembrava disso de alguma forma. A advertência "Não cometa o mesmo erro que eu" estava impregnada em minha mente desde que menstruei pela primeira vez, e nunca me esqueci do *erro* que sou.

Acho que era o caso de eu morar sozinha. Mas minha prima Magnólia salvou minha mãe e eu. Ela perdeu a mãe, no caso, a irmã da minha mãe, por causa de leucemia, e veio morar conosco ainda bebê, alguns anos depois da morte do meu pai. Ela tirou minha mãe e eu de uma tristeza profunda. Se não fosse aquele olhar alegre e perceptivo toda manhã, eu seria uma viciada em drogas. Ou álcool. Ou ambos. Não sei por que não me afundei nas drogas, ou no álcool, ou em ambos. Quando meu pai morreu e Mackenna foi embora, e minha mãe me batia toda vez que eu chorava, dizendo que eu deveria me controlar e ser forte… eu não

sentia que a vida tinha muito a me oferecer. Até a pequena Magnólia entrar em nossa vida. Minha mãe então se concentrou em cuidar dela, e eu também.

Entro no banheiro que compartilhamos, ligo o chuveiro e tiro as roupas. Enquanto a água escorre pela minha cabeça eu vejo os olhos prateados dele, brilhando nervosamente. Meu estômago se revira. Eu pensei que me sentiria melhor depois de machucá-lo. Até senti uma breve emoção no começo, quando o atacamos durante o show, mas então, quando o vi, voltou tudo à minha mente e fiquei péssima.

Depois do banho, não consigo dormir, então me sento no sofá da sala, ouvindo o barulho da garoa e do vento lá fora. Ando na ponta dos pés até o quarto de Magnólia e a observo encolhida na cama, toda inocente, com os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro. Ela, assim como Melanie, realmente gosta da mecha pink no meu cabelo.

– PanPan, leia para mim – ela tinha dito duas noites antes.

Ela escolheu uma história de princesa. Eu limpei a garganta e comecei a ler, e Magnólia permaneceu quieta e concentrada, até eu baixar o livro.

– Mag, olhe, não acho que estes livros dão as expectativas certas do que um homem realmente é – disse. Ela não tinha um exemplo de pai, nenhum irmão, nenhuma influência masculina na vida, e isso me preocupava. – Você vai se apaixonar por esse príncipe e nunca vai encontrá-lo.

– Eca! – Ela pulou na cama, gritando. – Não leio esses livros por causa dos príncipes! Leio pela mágica!

– Mas logo você vai ficar atraída por um príncipe…

– Sem príncipe! Quero mais é que o dragão coma o príncipe. Helena diz que os garotos com coroas nessas histórias nem gostam de meninas. Eles gostam de meninos!

Merda, não pude evitar uma gargalhada.

Mas fiquei um pouco preocupada.

A amiguinha dela tinha dois pais, e felizmente Magnólia não tinha inveja do excesso de pais da menina.

– Por que alguém iria querer dois pais? Não tenho nenhum e estou muito bem assim, certo, PanPan?

Ela parecia confiante quando me perguntou, mas eu tinha lembranças tão boas do meu pai que não sabia o que dizer. Mesmo assim, respondi dizendo que ela estava certa, porque eu também não tinha mais pai. Mas ela realmente teria razão?

Quando o sol nasce, escrevo um breve recado, para o caso de eu sair antes de minha mãe acordar, e vou buscar meus cigarros eletrônicos no criado-mudo. O segredo para conseguir parar de fumar é sempre deixá-lo totalmente carregado. Estou há dois meses sem fumar, e não pretendo voltar por causa de um cretino filho da puta como Mackenna. Coloco os cigarros na mala e, por impulso, vou até a caixa de sapatos no armário, onde escondo algumas coisas, dentre elas uma pedra idiota que *ele* me deu. Por que guardei isso? Não sei. É uma pedra de verdade, e não uma pedra preciosa. Tropecei certa vez, quando estávamos voltando para casa.

– Chute essa droga – eu disse, zangada, segurando o cotovelo sangrando.

– Se fizer isso, você pode tropeçar de novo na próxima vez que passarmos por aqui. O segredo para não tropeçar na mesma pedra é guardá-la – ele disse com uma risadinha divertida. – Para ter certeza de que nunca vai tropeçar na mesma pedra, basta guardá-la e saber onde ela está.

Obrigada, Mackenna, por me transmitir essa sabedoria. Vou dar um jeito de ter certeza de que nunca vou tropeçar em você!

Há pessoas que causam certo efeito em nossa vida. E há pessoas que se tornam nossa vida.

Como ele fez.

Sempre fui uma garota solitária e introspectiva, filha de pais alcoólatras. Ambos, sempre extremamente preocupados exclusivamente com as minhas notas, nunca estiveram nem aí para qualquer má influência ou companhia prejudicial que eu pudesse ter. Esse detalhe da minha vida familiar, além do estilo de roupas que eu usava, fazia de mim a atração – ou distração – preferida das meninas populares. Eu era a única gótica do nosso ano, e elas adoravam rir do meu visual inteiramente negro e dizer que eu devia praticar automutilação. Mas um dos garotos, o bad boy mais popular da escola, parou de me zoar um dia. Ele se aproximou de mim com um cachecol roxo, que eu tinha visto no pescoço de uma das meninas populares naquela mesma manhã, e enrolou-o em meu pescoço, puxando-me para perto dele de um jeito íntimo.

– Vejo você depois da aula – ele disse, beijando-me na testa.

As outras garotas ficaram mudas.

Porque todo mundo daria um rim para ter aquele tipo de atenção de "Jones", e ele tinha dado atenção para mim.

E me senti daquele jeito, impetuosamente atraída por Mackenna Jones.

Acabou que ele *realmente* esperou por mim depois da aula naquele dia, inclusive me ofereceu uma carona, e pediu que seu amigo se sentasse no banco

de trás, para que "Pandora" ficasse na frente com ele. Jamais imaginaria que ele soubesse o meu nome.

– Por que você fez aquilo? – perguntei quando ele subiu comigo as escadas do meu prédio.

– Por que você deixa que façam aquilo com você? – ele retrucou, olhando-me com aqueles olhos que me faziam sentir vulnerável, nua e estranhamente bonita. Para uma gótica, isso é uma grande coisa.

Bem grande.

Mas também notei que ele franzia as sobrancelhas com certo desagrado.

– Não é uma questão de deixar, é porque não dou a mínima – disse ao subir os degraus correndo.

Ele me seguiu, me segurou pelo punho e me virou para encará-lo.

– Ei! Quer sair comigo na sexta à noite?

– Como? – quase me engasguei.

– Você me ouviu.

– Por que você iria querer sair com alguém como eu? Sua fila de fãs não é longa o bastante?

– Porque a garota que eu quero está aqui.

Começamos a sair secretamente, encontrando esconderijos em que ninguém pudesse nos ver. Ele me contou sobre a música, sobre como queria conhecer o mundo. Trabalhava como DJ nos fins de semana. Tinha esperanças, sonhos e desejos. Eu disse a ele que não sabia o que queria ser e não tinha esperanças, nem sonhos, nem desejos. Acho que não há nada mais desanimador do que estar com alguém fervilhante de ideias e que sabe que vai dominar o mundo. Mesmo assim, ele se importava comigo. Brincava comigo, me fazia rir, e com o tempo me fez esquecer a morte do meu pai e o fato de minha mãe considerar traição eu chorar a perda dele.

Ele se tornou minha vida. Comecei a esperar ansiosamente que seus olhos, acinzentados como os de um lobo, se voltassem na minha direção. Comecei a tremer e ficar arrepiada de ansiedade esperando que ele passasse por meu armário da escola mesmo que não tivéssemos combinado nada. Às vezes, deixava cair um lápis, um livro, minha mochila, só para que ele os juntasse para mim, me olhasse com aquele sorriso e roçasse os dedos nos meus. Acho que todo mundo até desconfiava de que havia algo entre nós, mas nunca demos nenhuma prova. Quem sabe, a intenção dele era apenas fazer sexo comigo. Não tinha importância, eu também queria. Fantasiava sobre isso. Quando aconteceria, onde seria, como me sentiria e se ele diria coisas legais para mim.

Eu ficava maravilhada. Sempre com ele. Maravilhada. Viciada.

Só queria ficar com ele.

Saímos durante meses antes de chegar aos finalmentes, e as coisas se tornaram mais sérias depois disso. Mencionei meu desejo de conversar com minha superprotetora mãe sobre nós, e disse que iria cuidar das minhas notas, para que ela não tivesse um argumento para me impedir de ter um namorado… E quando eu estava prestes a contar para ela…

O pai dele foi preso por tráfico de drogas. Naquela noite, quando cheguei em casa, minha mãe havia sido chamada para cuidar do caso. As esperanças de Mackenna foram por água abaixo e eu já não tinha nenhuma para nos motivar. Tentei contar à minha mãe que Mackenna e eu tínhamos "algo", e ela imediatamente me proibiu de ter contato com "o filho". E depois que meu pai morreu, na mesma época em que Mackenna e eu planejávamos sair da cidade, ela me vigiava como uma águia…

No fim, Mackenna realmente saiu da cidade. Deixando-me para trás.

Voltei a ser a gótica da qual as pessoas davam risada, só que agora eu não estava mais triste. Estava furiosa. Depois que eu bati em algumas garotas, minha mãe me colocou na terapia. Mais tarde, quando fui para um colégio particular, acabei conhecendo as duas garotas que são minhas únicas amigas.

Melanie e Brooke.

Nunca, jamais, mencionei o nome dele para elas.

Pensei que ele tivesse me salvado, mas a verdade é que havia começado a arruinar minha vida.

Aos 17, eu precisava dele.

Aos 18, ainda sentia falta dele.

Aos 19, ainda o queria.

Aos 20, ainda pensava nele.

Mas no momento em que o ouvi no rádio cantando sobre mim – inventando uma música legal sobre as noites que me trouxeram a sanidade quando eu me sentia solitária –, desejei nunca ter olhado para ele.

***

Ao amanhecer, ouvi minha mãe se movimentando pela casa.

– Oi – digo quando a vejo na cozinha. Ela sorri e aponta para a xícara de café na minha direção. Balanço a cabeça. – Obrigada.

– Você voltou tarde ontem à noite… – ela diz.

– Estava com Melanie.

– Ahh, claro. Isso explica tudo.

Começo a passar manteiga na torrada, para não precisar olhar nos olhos dela quando mentir. Do contrário, ela saberá instantaneamente. Por causa da profissão, tinha aptidão para detectar mentirosos. É preciso ser muito bom para enganá-la – o que acho que sou.

– Mãe, tenho uma oportunidade profissional e preciso viajar por um tempo.

– Viajar? – ela repete.

Ela é promotora. Está acostumada a fazer perguntas e encarar a pessoa até que chore ou desista. Eu a encaro de volta e não respondo, me esforçando para não vacilar sob seu olhar inquiridor.

– Viajar implica voar, Pandora.

A simples menção à palavra faz meu estômago virar de cabeça para baixo, como se alguém o vasculhasse com uma colher.

– Acabei de voar com Melanie e foi tranquilo, com a ajuda dos remédios que tomei. Quando acordei, estávamos em terra firme. Vou tomar os mesmos remédios e tentar fazer alguns alongamentos quando pousar – minto.

Não tenho ideia de como funciona uma banda de rock, muito menos se eles viajam por terra, ar ou mar. Ainda assim, abro a mão e mostro a ela a caixa de remédios, com três comprimidos ainda.

Ela me encara diretamente, ignorando os comprimidos.

– E que tipo de oportunidade é essa?

– Uma bem boa… ótima – adiciono, conforme tento abrir minha mente. – Tenho mandado propostas para muitos apartamentos, de estilo gótico, sabe. Que é do que eu gosto. É para uma família, hum, grande, e eu consegui a vaga. Eles disseram que ninguém mais pode fazer isso, tem que ser eu. Realmente querem que eu vá. Eu já fiz muitas decorações, o suficiente para saber que é o tipo de oportunidade que não terei novamente. Nunca.

– Tudo bem, e quando você volta?

– Acho que em três semanas.

– Muito bem.

Continuamos tomando café em silêncio. Tento soltar o ar lentamente, para que minha respiração não fique evidente.

– PanPan! – Uma bola de canhão se atira no meu colo. Eu rio de satisfação pelo carinho com que Magnólia me envolve.

– Ei, Magnífica! – digo, fazendo cosquinhas em seu nariz. Chamo Magnólia de qualquer coisa que comece com Mag. Ela dá um sorriso cheio de dentes

quando pergunto o que estava fazendo.

– Nada – ela diz, saindo do meu colo e esticando-se para pegar a caixa de cereais no balcão.

– Magnânima, vou ficar fora por um tempo, você vai ficar boazinha e promete não arranjar problemas?

– Não. Problemas é meu sobrenome.

– Concordamos que era o meu. – Vou até ela e lhe entrego uma tigela e uma colher. – O que vai fazer se sentir minha falta?

Ela pisca.

– Você pode fazer uma lista de coisas que queria fazer comigo e, quando eu voltar, faremos tudo – digo a ela.

Ela assente e carrega a tigela até a mesa. Acredito muito em listas. Escrever as coisas no papel é como passar a responsabilidade para o universo: *Cara, você tem que fazer isso acontecer por mim.* Peguei essa mania da minha mãe, que é casada com suas listas, e acho que, provavelmente, vou casar com a minha… quando finalmente escrever uma.

– Ok, vou fazer isso – Magnólia diz, começando a comer o cereal. Sinto o celular vibrar e vejo o carro de Kyle do lado de fora.

– Kyle está aqui, tenho que ir.

Colocando de lado meu celular, abraço Magnólia. Quando volto a ficar de pé, minha mãe assente. Pego minha mala e, por um instante, fico em dúvida se a abraço ou não. Já que ela fica lá parada com o café na mão e não faz menção de se mexer, assinto em resposta e saio. Ela não é muito carinhosa, e eu também não. Ficamos mais confortáveis permanecendo em nossas pequenas bolhas, nas quais Magnólia consegue penetrar. Bom, às vezes, Melanie entra na minha também.

Vejo Kyle no banco do motorista, jogado em seu automóvel nerd.

– O que é isso? – ele pergunta, confuso com a mala que coloco no banco de trás. – Vou levá-la até algum estacionamento de hotel? Você se transformou em uma frequentadora de cartel do dia para a noite?

– Eu… hum, fechei um contrato com Crack Bikini. Então…

– Sério? Está me zoando?

Ele parece maravilhado, o que me deixa resmungona.

Ele não sabe que conheço Mackenna. Nenhum dos meus amigos sabia quem era "o cuzão que me fez odiar os homens" – palavras deles, e não minhas. Só contei a Melanie na noite anterior porque ela não queria ir ao show, preferia ficar

em casa – para, provavelmente, deixar seu homem *muito* saudável foder seu cérebro –, então tive que confessar por que era tão importante irmos.

Porque acabei de gastar uma fortuna com dois ingressos, e porque ele é o cretino filho da puta que partiu meu coração e me transformou em uma pessoa insensível e amarga.

Quem? O cara que lhe vendeu os ingressos?

Não! Mackenna Cretino Jones!

– Sério que vai trabalhar com CrackBikini? – Kyle pergunta.

– Não, Kyle. Minha intenção é te dizer um monte de besteiras com o objetivo único de ganhar carona até hotéis aleatórios.

– Quando vai voltar? – ele insiste.

– Em menos de um mês.

Seguimos para onde me disseram que seria o ponto de encontro. Assim que avistamos milhares de ônibus personalizados no estacionamento do hotel, fico tão nervosa, que começo a tremer.

Kyle estaciona em silêncio, então pega minha mala e me ajuda a carregá-la até onde está um grupo com os membros da banda. Antes de os alcançarmos, ele para e me dá um beijo fraterno na bochecha e – isso não é perfeito? – lá está Mackenna, observando tudo da poltrona perto da porta do ônibus. Fico na ponta dos pés e enfio a língua na boca de Kyle e, antes que ele possa imaginar por que diabos eu estaria trocando saliva com ele, me afasto com um pequeno gemido.

– Fique bem – digo em tom sedutor, o que soa nada convincente.

Ele não está mais olhando para mim. Está olhando para Mackenna.

Mackenna, que foi de alguma forma expulso do ônibus, está vindo em nossa direção. Um maravilhoso rockstar, com aquele corte de cabelo sexy, óculos escuros e um sorriso irônico.

– Ah, nossa convidada de honra! – Lionel sorri ao se aproximar de mim, mas é interrompido por um membro da equipe.

Mackenna não estava tão acolhedor. Os braços, os quais sonhei que me segurariam até o fim da vida, estão cruzados na frente do peito musculoso, e vejo suas sobrancelhas franzidas quando ele tira os óculos escuros, pendura-os na camiseta e fixa o olhar cinzento de lobo em Kyle. O tempo que ele levou para me inspecionar é ínfimo comparado à investigação minuciosa que fez de Kyle. Aço frio preenche minhas veias. O fato de ele ser um astro do rock e extremamente sexy não o isentará do meu inferno.

– Pandora! – alguém grita, e uma câmera volta-se em nossa direção.

À menção do meu nome, Mackenna olha para mim, e eu não estava preparada para o que vejo naqueles profundos e escuros olhos sonhadores, na expectativa, muito menos para o calor intenso e profundo que eles causam em meu âmago. Num segundo ele está aqui, no seguinte, vira-se para o cinegrafista e afasta a câmera, desviando o foco para o outro lado. Então ele se aproxima e olha Kyle de cima a baixo com um olhar congelante.

– Mackenna Jones – ele se apresenta, estendendo a mão.

Kyle o avalia, com a emoção de um vulcão em erupção.

– Kyle Ingram. Cara, sou um grande fã seu.

– Bom saber – Mackenna diz, balançando a cabeça.

Por que meu amigo tem que bajular o homem que odeio? Hein? Pego minha mala resmungando para mim mesma. Mackenna fica observando meu esforço para carregá-la com aquele mesmo sorriso irônico. O olhar dele está agora mais debochado. Ele oferece ajuda? Age, mesmo que remotamente, de maneira cavalheira? Algo que até meu amigo faz? Óbvio que não. Eu quero tanto assim que ele toque em minha mala? Óbvio que não.

Foda-se ele.

Saio balançando os quadris e fazendo propositalmente barulho com as botas no asfalto enquanto vou na direção de Lionel. Os gêmeos Vikings me param. Ambos vêm até mim com um prazer inesperado. Quando olham para Mackenna com as expressões curiosas, o impossível acontece. Eles parecem estar se divertindo mais ainda.

– Pandora – um deles diz.

– Pandora – diz o outro.

– Isso mesmo, gente, este é meu nome, não o tomem em vão – digo.

– Tudo bem, peguem a droga das suas coisas. Vocês dois – Lionel aponta para Mackenna e para mim –, vão para aquele ônibus. É onde tem mais câmeras.

– Não posso acreditar nisso – Mackenna reclama, balançando a cabeça.

Tomo coragem e ando decidida até o ônibus. Ele vai reclamar sobre isso o tempo todo? Tudo bem. Estou sendo paga para dar a eles algumas cenas. Inferno, talvez uma delas possa ser a ponta da minha bota no saco dele. Ele está certo em ter medo.

– Obrigada, Lionel – digo com um sorriso simpático repentino.

Mackenna olha, pasmo, como se não se lembrasse de que tenho a capacidade de sorrir.

– É, obrigado, cara. Minha vida está feita – Mackenna diz de repente e também vai até o ônibus.

Ele para ao lado da porta e levanta um braço. Aqueles músculos flexionados sob a pele bronzeada não têm como passar despercebidos, e odeio como meu corpo realmente *se contorce*.

– Primeiro as damas – ele me cede a vez com um sorriso forçado.

Aquele sorriso irônico combina com ele e está arruinando minha calcinha, algo de que não estou gostando.

– Primeiro as damas? Então talvez você devesse entrar primeiro – respondo, apontando para o ônibus.

O sorriso se mantém, mas agora é desafiador, e me diz: *Se você quer jogar, estou dentro, e vou ganhar.*

– Encantadora e linda garota – ele diz. Traduzindo: vaca bruxa odiosa. – Quantos anos você tem, querida? Oito?

– Você é tão engraçado. Pronto para seu show de comédia, não é?

Subo os degraus do ônibus e dou de cara com o motorista, um pouco admirada de saber como esses caras viajam. Luxúria sobre rodas. Essa merda é maior do que o meu quarto e a sala juntos. A área da sala de estar tem uma pequena cozinha conjugada e, no fim do corredor, pela porta aberta, é possível ver uma grande cama.

– Acha que conseguimos ficar juntos por – Mackenna olha o celular – seis horas sem derramar sangue?

Sento-me numa poltrona.

– Vou ficar bem aqui, lixando e pintando as unhas, para sua informação.

– Garras, você quer dizer – ele me corrige.

Estico minhas botas e admiro como o salto é alto, lindo e clássico.

– Por que lixar as garras? Esqueceu a vassoura e o caldeirão?

– Esqueceu suas bolas? – retruco, erguendo os olhos. Ele ainda está parado, com os braços cruzados na frente do peito. – Está se sentindo ameaçado porque eles me querem aqui na sua turnê especial para o filme? Ou porque suas bolas não são tão grandes assim?

Ele ri, discreta e suavemente, de um jeito injustamente sexy conforme corre o olhar pelo ônibus, parando em um ponto do teto.

O ônibus começa a andar, e eu aponto para a porta.

– Última chance. Se está procurando um lugar para fugir, ali está a porta.

Ele não sorri como eu esperava.

– As garotas podem ser vingativas na turnê, Pandora – ele alerta rudemente, ainda olhando para dentro do ônibus. – Não sou seu inimigo, sou o único em quem você pode confiar aqui. Lembre-se disso quando fizerem com você alguma brincadeira de mau gosto nos próximos dias. Você não pertence a este lugar. Não tinha que ser assim. – Ele olha sobre meu ombro, apertando os olhos. – Deve ter, no mínimo, umas seis câmeras aqui – ele murmura.

– E você quer desligá-las para não haver provas de quando me assassinar?

– Não há nada de errado em se certificar de que eles vão ver apenas o que queremos.

– Quem se importa? Isso tudo faz parte de um grande show para você continuar enchendo o bolso de dinheiro.

– Falando nisso, é o bolso de quem que está cheio hoje? – Ele masca com mais força o chiclete que tem na boca, segura-o, levanta os braços longos e musculosos e cobre uma das câmeras com a goma. – Quanto eles te deram?

– Isso importa?

– Qual é o seu preço?

– Que diferença faz? O fato é que estou fazendo isso exclusivamente pelo dinheiro. É aí que está querendo chegar, certo?

– Todo mundo tem um preço – ele se vangloria, o tipo de coisa que sugere a uma garota que é o pau do cara que está mandando. Ele se senta ao meu lado, bem perto. – Por que está fazendo isso? – ele pergunta, observando minha expressão.

Ele está sombrio e sério, o que me deixa nervosa. Os óculos escuros estão pendurados na camiseta, e aqueles olhos cinzentos, em mim, como se fossem… algo palpável. Ele não estava usando peruca sobre o corte de cabelo incrivelmente sexy. Ainda tem um pouco de lápis nos olhos, o que contribui para que pareçam mais cinza. Duas largas pulseiras de couro cobrem-lhe os punhos. De repente, não estou mais me sentindo tão má quanto gostaria.

– Porque sim – finalmente respondo.

– Como assim? – Ele estica o braço e pega a mecha pink do meu cabelo, curvando os lábios, evidentemente se divertindo.

– Eles chegaram ao meu preço. Vou guardar esse dinheiro – admito, tirando meu cabelo da mão dele.

– Humm. – Ele se recosta no assento e continua a me perscrutar. Eu quero que ele diga algo grosseiro, para poder retrucar.

Por que ele não faz isso? Deus, esse homem me irrita.

– O quê? Sem mais perguntas? – exijo.

– Na verdade, não. Vou dar a Lionel o que ele quer porque quero algo em troca e vou conseguir, contanto que eu aguente você. Então, não estrague tudo.

– Eu? Não fui eu quem cobriu a câmera.

– Tem razão, você só jogou o conteúdo do armário da cozinha em mim.

Abro a boca para xingá-lo, mas ele me interrompe.

– Você não recebeu o roteiro? Gosto mais de laranjas.

– Você está começando a me irritar.

Ele se inclina e sussurra em meu ouvido.

– Na próxima vez que jogar tomates em mim, vou fazer você me dar um banho de língua para limpar tudo. – Ele alisa minha mecha pink. – Estou avisando.

Algo está se quebrando no ar tão fortemente que me impede de falar ou respirar. Um calor estranho faz meu maxilar tremer. De verdade. Mackenna não olhava para mim daquela distância havia… anos.

Ele envolve minha cintura com o braço e, de repente, começa a me puxar para mais perto.

– Não me toque – rosno.

Ele continua avançando o braço à minha volta, e o toque de seus dedos me causam calor e dor.

– Você sabia que é a única garota que conheço que rosna de verdade? Como um velho urso mau – ele sussurra com a voz rouca em minha orelha.

Realmente desaprovo o toque gentil de seu dedo em minha pele, causando pequenas ondas deliciosas. E desaprovo, do fundo do coração, o jeito como me olha, com uma discreta curva no canto dos lábios, porque ele sabe que não gosto. Me recuso a responder, para que sua análise minuciosa continue.

– O que aconteceu com você? – ele me pergunta, com a expressão concentrada e preocupação no olhar.

Deus, esse toque. O jeito que ele mexe o polegar...

– Você aconteceu! – Quando ele está perto o suficiente, tento me afastar, mas ele me agarra pelo punho e me impede. Tento empurrá-lo com o outro braço, mas ele o agarra também, levantando-os acima da minha cabeça. O olhar dele, me dissecando, deixa-me furiosa, e eu tento me desvencilhar com mais força. – Me solte!

– Para que você possa jogar mais alguns tomates em mim? – ele pergunta, me devorando com os olhos.

– O que posso dizer? Eles ficaram ótimos na sua porra de calça do Peter Pan!

Eu me esforço para me livrar dele, mas só consigo intensificar a corrente elétrica que se forma da conexão de nossos corpos, então me obrigo a ficar paralisada, e cada centímetro do meu corpo sente aquelas mãos em meus punhos.

– Você queria minha atenção, Pandora? O pessoal da banda acha que sim – ele diz. Sua voz branda e inesperadamente suave me toma por inteiro, penetrando em meu corpo. Eu não consigo raciocinar direito, e sinto os olhos embaçados pelo efeito que ele causa em mim. Inspiro profundamente para tentar me acalmar, mas a mão dele está descendo pelo meu braço, ferrando com meus pensamentos. – Querida… se é isso que você quer – ele finalmente sussurra, alertando –, posso lhe dar.

– Não quero sua atenção, não quero coisa alguma de você! – Consigo voltar a respirar.

– Você quer, sim, alguma coisa. Eu? Sou eu que você quer?

– Lógico que *não*! – rosno, ultrajada, movimentando o braço, que ficou livre de repente.

Novamente ele pega meu punho. Eu me lembro de que um dia quis a cabeça dele em uma bandeja. Me lembro de ter jurado para mim mesma que, um dia, faria com que ele me amasse, daria risada e partiria, como ele fez.

Então sussurro:

– Meu Deus, tudo isso realmente lhe subiu à cabeça, não é? Você acha que pode conseguir qualquer coisa que quiser, e como quiser? Tenho novidades para você, seu cretino. Estou aqui para fazer da sua vida um inferno, e estará tudo gravado. Sua humilhação completa. Só me observe!

Ele olha para mim e não diz nada. Meu corpo inteiro tem consciência de onde ele tinha tocado, não forte, apenas firmemente… e era um toque quente.

– Não, querida – ele diz, com os dentes cerrados. – Você não vai arruinar nada. Entendeu? Vamos dar a eles o que querem e você não vai destruir merda nenhuma.

Aperto a mandíbula.

– Se você não quer que eu estrague tudo, quando estiver no palco do Madison Square você vai dizer à plateia que sua merda de música é uma mentira.

– É o nosso maior sucesso.

– Para eu fazer o que você quer… vai dizer a todos seus fãs que é uma mentira.

– Por quê?

– Porque eu odeio aquela música, detesto ouvir aquela droga. Se eles me virem beijando-o, vão achar que eu sou Pandora, e você me descreve como… uma puta, uma mentirosa, um…

Erro. Algo sujo. Um segredo. Algo do qual se arrepende.

Só de lembrar já fico novamente enfurecida, mas Mackenna mantém aqueles olhos cinzentos fixos em mim, dando a impressão de que realmente está considerando a proposta.

– Não posso desfazer essa música – ele diz, finalmente, caindo no assento com as mãos atrás da nuca e cruzando as pernas. – Mas se quiser escrever uma música sobre mim, ficaríamos felizes em adicionar uma melodia e tocá-la.

– Não sou compositora, esqueceu?

– Vamos devagar. Você me diz o que pensa de mim e eu te ajudo.

– Cretino. Cachorro. Mentiroso. Traidor. Covarde. Se você se arrepende de ter ficado comigo, eu me arrependo dez vezes mais.

Seus olhos brilham perigosamente, mas ele mantém uma postura disfarçadamente calma.

– Continue – ele pede.

– Por quê? Está com o orgulho ferido?

Um olhar misterioso vai surgindo conforme ele analisa meu corpo de forma descarada, propositadamente.

– O suficiente para tentar fazê-la mudar de ideia, talvez.

Cerro os dentes ao me lembrar de que já houve dentro de mim uma garota que acreditava que um dia se casaria com ele. Mas aquela garota foi embora, restando apenas a garota zangada e machucada, que o detestava.

– Você nunca me terá de novo.

– Seus lábios dizem uma coisa, mas o restante de você grita totalmente o contrário.

Nos encaramos por um momento. Eu odeio o fato de estar com a respiração pesada, perturbada, ruborizada, com os seios doloridos e uma sensação latejante entre as pernas, e digo em tom ríspido:

– Quem se importa?

– Você – ele diz. – E *eu*. – Ele se levanta de novo, chega mais perto e se inclina. – Você odeia isso, mas, neste momento, sabendo o quanto você detesta o jeito que me deseja, me sinto fora do eixo, como se estivesse drogado.

Ele analisa meu queixo, meus lábios, minha testa, como se estivesse ansioso para ver algo em meu rosto que ainda não encontrara. Então sussurra:

– Você me deixa excitado também, mas é a única coisa que faz por mim. – E me solta.

– Vá se foder.

Ele sorri.

– Ah, é uma experiência maravilhosa, *vou mesmo*.

Eu me sinto estranhamente desanimada com toda aquela briga. Ele se afasta e volta a se sentar, com os lábios ainda curvados, me observando em silêncio.

Minhas entranhas tremem com uma mistura de raiva e desejo que não quero sentir. Deus, ele é um porco narcisista. Tão apaixonado por si mesmo que provavelmente sorri daquele jeito para a própria imagem no espelho. Esse sorriso é uma das coisas que todos no mundo todo não param de comentar. Um daqueles sorrisos másculos que o deixam mais sexy ainda. Suaviza o tom cinza dos olhos dele, ao mesmo tempo em que derrete o corpo de quem o vê. Desgraçadamente, o fato de ele ter um sorriso lindo faz meu corpo ferver, me atraindo.

DEUS!

Quero dizer algo doloroso que o machuque. Mas não. Já que ele quer me punir por ter estragado seu show… eu vou arruinar a porra da vida dele.

quatro

QUANDO A VIDA ERA BOA

HÁ UNS CINCO ANOS

PANDORA

– Primeiro vamos comprar um apartamento pequeno. Um loft!

– Isso – uma voz baixa responde de uma posição acima da minha cabeça.

– E tudo de que precisamos é uma cama – adiciono.

– E de você – a voz rouca murmura, e me viro para encará-lo enquanto ele me abraça. Olhos acinzentados encontram os meus, cinza como os de um lobo, semicerrados, impressionantes e assustadoramente transparentes. Seus lábios estão curvados em um sorriso adorável, e eu sei, naquele momento, que meu namorado adora o fato de eu ter sugerido a cama, claro.

– Podemos até comprar um cachorro – me atrevo a dizer.

– E um peixe.

Ele levanta o braço para apontar o peixe-espada empalhado na parede do iate que invadimos. Não é nosso, mas é um dos melhores esconderijos. Um dos muitos lugares onde nos encontramos e passamos juntos o máximo de tempo que conseguimos.

O sol está quase nascendo. Apesar de não termos dormido e podermos, facilmente, ficar ali para sempre, ele se levanta de má vontade e veste a calça jeans naquelas pernas compridas e musculosas.

– Minha linda… – ele me chama, enfiando a mão no bolso.

Eu me viro no lugar onde estava vestindo a camiseta.

– Há algo que quero lhe dar… – Ele se aproxima, segurando algo pequeno e brilhante, que emite reflexos luminosos por causa dos raios de luz que atravessam as janelas do iate. Uma onda de alegria percorre meu corpo quando percebo o que é.

– Isso é um anel de compromisso?

Quando levanto os olhos, o vejo me observando com uma intensidade sombria.

Com a intensidade de um garoto que a ama.

Assim como você o ama.

– É lindo – sussurro, admirada, pegando o anel.

– Era da minha mãe – ele diz, com a voz embargada pela emoção, e me observa colocá-lo no dedo com o rosto sério.

– O que está me prometendo com esse anel? – digo em tom irônico, erguendo a cabeça.

Nunca vou me esquecer da curva pretensiosa de seus lábios quando ele disse:

– Eu.

Ah, Deus, eu o amo. Eu o amo como a tempestade ama o céu e como um sorriso precisa de um rosto. Mackenna é a melhor parte de mim, a rocha que me mantém, o único que me entende. Ele é tudo o que me resta de carinho e felicidade na vida. Eu me jogo para cima dele e ele me pega, me aperta e me dá o abraço mais apertado da minha vida.

– Vou dizer sim e pegar você todo para mim. Então, não brinque com isso – alerto-o.

– Não estou brincando – ele jura, erguendo a mão direita para que eu acredite. – Fica bonito em seu dedo.

Aperto os dedos dele como se fossem meus, e meu coração se comprime ao mesmo tempo.

– Mas minha mãe e seu pai… eles precisam da gente agora.

Nossas vidas são tão imperfeitas e confusas, cheias de obstáculos entre mim e ele.

Depois que meu pai morreu, minha mãe se tornou muito mais rígida e amarga.

Depois que a mãe de Mackenna morreu, o pai dele se afundou nas drogas. *Traficando*.

E, agora, minha mãe é a promotora de justiça encarregada de condenar o pai de Mackenna, e o caso está destruindo qualquer chance que poderíamos ter de felicidade.

Quero ir embora.

Precisamos ir embora.

Ele pega meu rosto entre os dedos longos e habilidosos na guitarra.

– Sei que eles precisam da gente, mas não vão precisar para sempre. A audiência será daqui a alguns meses. Independentemente do que aconteça com o

meu pai, do que o júri decida… vamos nos encontrar no parque na noite estipulada e vamos fugir. Para nos casar. Posso arranjar alguns shows para fazer em bares locais, vou conseguir pagar a sua faculdade.

– Você realmente vai me ajudar a pagar a faculdade, Kenna? Tem certeza de que consegue fazer isso? – pergunto, esperançosa.

– Inferno, faço qualquer coisa por você. – Ele se mostra bem sério quando diz isso, apertando meus ombros. – Estou cansado de me esconder, você sabe.

– Também não aguento mais isso.

– Quero ficar com você. Publicamente. Estou cansado de ser seu segredo. Quero ser seu homem. Quero que as pessoas saibam que você é minha.

– Mas eu sou. – Levanto a mão na linha da visão dele, balançando meu dedo lindamente ornamentado. – Eu *sou* sua. E nosso plano ainda está de pé, independentemente do que aconteça. Vou encontrá-lo no parque depois do julgamento.

Ele dá um sorriso triste quando menciono o julgamento, então beija o anel na minha mão, depois, bom… depois ele me puxa pelas costas contra seu peito duro e largo e me beija.

– Amo você. Para sempre – sussurra em tom rouco.

Há várias formas de as pessoas amarem.

Há todo tipo de amor, eu descobri.

O jeito que você ama seu animal de estimação. Seus amigos. A maneira como seus pais o amam. Seus primos. E havia essa forma como Mackenna e eu nos amávamos.

Nosso amor era a combinação de uma tempestade furiosa e um porto; sem regras e impossível de conter, selvagem e infinito, mas estável e seguro…

Bem, pelo menos era isso em que meu tolo coração de 17 anos acreditava.

Meses depois, eu me sentei em um velho banco de madeira e fiquei lá durante horas, até o parque mergulhar em um breu e ficar vazio. Poderia ter sido assaltada ou até sequestrada, pois estava muito escuro. Fui tão idiota e ingênua que continuei esperando, com as unhas recentemente feitas, sapatos novos e o vestido mais bonito que eu tinha – amarelo-claro, um dos poucos que não era preto. E esperei, passando nervosamente a mão pelos cabelos soltos. Rodei o anel de compromisso até meu dedo ficar vermelho. Então percebi que ele não apareceria, e fiquei em choque, com os olhos ardendo e os pulmões contraídos, quando identifiquei a figura que vinha ao longe. Quem apareceu naquela noite foi minha mãe, minha mãe, que não poderia nem sonhar que eu estava saindo com ele. Ela me estendeu a mão.

– Ele não virá – ela sussurrou.

– Ele virá, mãe. Vou embora. Você não pode me impedir – eu disse, com mais convicção do que realmente sentia.

– Não preciso impedi-la. Acabei de condenar o pai dele, Pandora. Você não vai embora com esse menino, pois ele não virá. Eu o vi com outra pessoa… Vou esperar no carro.

Com outra pessoa…

Assim como meu pai.

Mackenna mentiu para mim.

E, do mesmo jeito que meu pai, Mackenna me destruiu…

cinco

NUBLADO

PANDORA

Tudo bem, é o seguinte. Um fato da vida que acaba de ser comprovado. Todo mundo pensa que bandas de rock vivem em um mundinho doentio, e que todos os integrantes estão sempre chapados ou bêbados, e o tempo todos eles transam, xingam e brigam, fazendo festa todos os dias?

Bom, é verdade.

Eles ensaiam, claro. E trabalham, pelo menos uma parte do tempo. Mas, puta merda, essas pessoas sabem se divertir. Até o Cara do Trombone e o Cara do Piano estavam enchendo a cara aquela noite.

Se divertindo como animais.

Muitos deles.

– Quer uma bebida? – o Cara do Violino me oferece, mas eu recuso. Ele simplesmente dá de ombros e sai com os amigos, o Harpista e o Cara da Flauta.

Sério, o que eu mais queria era ir para meu quarto e pedir um hambúrguer com batatas fritas, mas deveríamos estar "nos divertindo" na frente das câmeras, e os cinegrafistas não perdem um único momento da idiotice que acontece ali.

Até começo a me perguntar se parte daquilo não seria apenas para campanhas de marketing.

Tentando me desviar de um cinegrafista para que ele não *me* filme – pois tenho certeza de que estou usando minha expressão mais azeda e amarga –, vejo Mackenna perto de uma mesa de *beer pong*. A quantidade de álcool por ali é insana.

Poderia participar da brincadeira se estivesse com meus amigos. Mel, Brooke, Kyle…

Como sempre, não vou baixar a guardar nem por um segundo, principalmente com Mackenna Jones por perto e milhares de câmeras à nossa volta. Imagine só, eu, bêbada? Com Mackenna por perto?

Posso matá-lo.

Posso… bom, ele está extremamente viril, de uma maneira tão nojenta, que posso *me aproveitar dele* e então matá-lo.

Apoiados à mesa com os braços definidos, ele aguarda que o oponente, um dos gêmeos, jogue a bola em seu copo de cerveja. Depois de o oponente errar o alvo, Mackenna acerta a bola em seu copo tranquilamente, rindo por fazer o Viking – talvez seja o Lex – beber.

Sim, esses dois estão enchendo a cara.

Quero parar de olhar, mas não consigo. As gargalhadas de Mackenna penetram facilmente em meus ouvidos do outro lado da sala.

Ele mudou muito depois de todos esses anos. Ainda tem a alma de um menino, mas é muito mais homem agora. Não consigo parar de listar as diferenças. O maxilar está mais quadrado e ligeiramente pronunciado. Lábios mais carnudos. Pescoço mais grosso. Braços absolutamente musculosos. Está tão bronzeado e… homem. Eu o observo esperar Lex tentar novamente acertar a bola em seu copo de cerveja.

Então vejo que uma dançarina, Letitta, fica me olhando de maneira maliciosa. Ela ergue o pescoço como um pássaro bravo conforme caminha em minha direção. Fico decepcionada ao ver que o cinegrafista a segue.

Ela pousa ao meu lado e faz sinal na direção do meu olhar.

– Ele é uma foda muito boa. – Seus olhos redondos e gananciosos se arrastam até Mackenna e, uau, o sorriso é o mesmo que eu imagino que Cruella De Vil dá antes de tirar a pele dos cachorrinhos.

Um sentimento diabólico me acomete quando percebo que ela, claro, fodeu aquele corpo de muito mais maneiras que eu, em minha inocência virginal estúpida, poderia. Forço um sorriso, mexendo na mecha pink, ao dizer:

– Eu sei, ele aprendeu comigo. – Começo a me afastar, mas a voz dela me faz parar.

– Você acha que é legal e radical, mas não é. Não mesmo.

– Obrigada. Estava mesmo me perguntando o que você pensava a meu respeito. Agora posso refazer toda a minha personalidade só para deixá-la feliz. – Olho para o cara atrás da câmera, que sorri como se tivesse encontrado ouro, e tento me manter calma, apesar de sentir a raiva fervilhando sob a pele.

Ela faz uma careta, até parecer um *gremlin*.

– Ele a odeia, garota. A letra da música "Pandora" só precisava da estrofe em que ele deseja vê-la morta. Por que ele se preocuparia em olhar para você, se não fosse para acabar com você agora mesmo?

Dou risada. Estou acostumada a esse tipo de risada, na verdade. Aquela que significa que me sinto o oposto de feliz e contente.

– Ele já acabou comigo, não há nada mais para destruir, e quando juntei os pedaços do que restou de mim, estabeleci como prioridade não envolver meu coração. Então está tudo bem. Obrigada por se preocupar comigo, fiquei muito tocada por isso.

Ela avança e agarra meu braço.

– E mesmo assim você continua olhando para ele como se fosse seu. Ele não é.

– Me solte agora, a não ser que queira levar um soco – alerto-a.

– Puxa… Você é igual a um homem, não é? – ela provoca.

– Ei, Tit – Lex a chama, vindo em nossa direção. Da maneira que olhava para nós, era evidente que sabia que estávamos prestes a brigar ali mesmo, e fico surpresa por ele não tentar nos separar. Ele parecia estar apreciando a cena.

Talvez ele não seja tão babaca assim.

A expressão de Tit muda instantaneamente de *gremlin* raivosa para doce e atraente conforme ele vai chegando perto. Ele a pega pela cintura e a beija na boca. Deus, não acredito que esses caras passam mulheres de um para o outro assim.

Na verdade, acredito.

Mas *não consigo* acreditar que ele a chama de "Tit".[1]

Volto-me na direção de Mackenna quando percebo seu estranho olhar de propriedade. Com um copo vermelho na mão, ele vem até nós, e sinto meu estômago dar voltas conforme ele se aproxima. *Você poderia, por favor, parar de me deixar nervosa assim, seu cretino?* Eu quero gritar.

– Fazendo amigos? – ele pergunta com um sorriso irônico.

Esse sorriso é diferente, no entanto. Quase como se ele desprezasse Tit, o que parece ridículo.

De repente, eu me lembro do fim de semana após o Dia de Ação de Graças, quando saímos às escondidas. Fomos ao rinque de patinação, no dia em que nevou e fez muito frio. Vimos uns caras fazendo esculturas de gelo e patinamos. Eu adorava pressionar-me contra ele porque ele era sempre quente, forte e firme. Vendo aquele gelo congelado, rígido e branco, coloquei meus patins, amarrei-os e andei, desengonçada, na pista. Então consegui patinar um pouco, com ele dando voltas ao redor de mim, como se tivesse nascido de patins. Meu Homem do Gelo de olhos acinzentados, pele quente e lábios mais perfeitos do mundo. Musculoso e forte, era sempre muito fácil para ele levantar meus braços

e me fazer girar como um pião. Então ele me parava com um abraço, segurando-me bem apertado, levantava as abas da minha touca e sussurrava coisas como "Você é tão gostosa e quente que descongelaria todo este rinque de gelo em apenas algumas horas".

Meu coração se derrete um pouco quando me lembro dessas coisas, mas tento me transformar em gelo, pois é necessário para me defender dele. Ele não é mais o menino com quem patinei e pelo qual pensei estar apaixonada. É um famoso astro do rock que brinca com as mulheres. Eu fui apenas a primeira dentre as legiões e legiões de outras.

– O quê? Nenhuma resposta? – ele me pergunta. Para ser sincera, nem me lembro do que estamos falando, mas seus lábios se curvam e ele acrescenta: – Não consegue ser tão decidida quando não está armada de vegetais? – Há um desafio divertido nos olhos dele, aquele brilho de bad boy que ainda faz meu pulso vacilar.

– Kenna, quer um cupcake? – uma das dançarinas pergunta ao se aproximar e quase tocar o rosto dele com o bolo.

– Agora não – ele recusa, fazendo um gesto para que ela saia, com os olhos ainda em mim. A voz sedutora, os malares definidos e aquele ar de acusação são uma tortura para minhas partes femininas. Tor-tu-ra. Sinto-me um pouco bêbada por estar conseguindo a atenção que todos querem.

– Mais bebida? – a moça insiste, esperançosa, oferecendo o copo vermelho a ele.

Aquilo chama sua atenção e ele olha para o copo:

– O que tem aí?

Não pretendo ficar ali observando a pobre garota envergonhar nosso sexo daquele jeito, então levanto o pescoço, à procura de Lionel. Preciso da chave do meu quarto.

– Saindo cedo da festa? – Mackenna pergunta quando lhe dou as costas.

Direciono minha resposta a Lionel, a quem tinha acabado de avistar. Ele aguardava o gerente servir-lhe mais uma dose de uísque quando chego perto dele.

– Estou cansada. Se estiver tudo bem para você, já proporcionei uma cena bem sensacionalista para um dos cinegrafistas. – Aponto para o cara loiro.

– Noah? Que bom. Obrigado. – Ele balança uma chave. – Temos o andar inteiro. Há uma sala de TV comunitária que ficará aberta na suíte presidencial. Alguns armários de comida no corredor.

– Obrigada.

Preciso de um tempo para entender os quartos. É um hotel para estadias longas, então os quartos são parecidos com apartamentos. Ouço passos atrás de mim, alguém tropeçando e então rindo. Acho que são Tit e Lex, se pegando ou sei lá. Nem me dou ao trabalho de me virar para conferir. Seguro a maçaneta seguinte e abro a porta, então dou de cara com a completa escuridão.

Antes de eu me dar conta de que aquilo era um tipo de armário, alguém me empurra e bate a porta atrás de mim. Ouço uma comemoração do lado de fora.

Ótimo.

Perfeito.

Eles me trancaram aqui. Assim como Mackenna tinha previsto, estou sendo zoada. Droga, odeio o fato de ele estar certo.

Encosto a orelha na porta, tentando ouvi-los lá fora. Ainda estão lá, e ouço risadas misturadas a sussurros masculinos. Suspirando, olho em volta e me pergunto se vou mesmo ter que dormir ali. É um espaço de mais ou menos 1,30 por 1,30 metro, ou seja, não é grande o suficiente para eu poder ficar deitada no chão. E aí? Vou dormir sentada? A porra da noite toda? Não. Quando eles forem embora, vou tentar destrancar essa droga.

Alguns minutos se passam até eles ficarem misteriosamente quietos. Sinto que estão lá, esperando por alguma coisa.

Mas o quê?

Então ouço uma voz. Apesar de estar abafada, sei exatamente de quem é, porque todos os pelos do meu braço se eriçam de repente. Eu fico prestando atenção.

Que *merda*. Por favor. Qualquer um, menos *ele*.

– O que vocês fizeram, seus imbecis? – Mackenna rosna. Ao não obter resposta, ele diz: – O quê? Ela está aí dentro, seus loucos?

– Inferno, sei lá. Por que não entra aí e vê por si mesmo, cara? – um dos gêmeos sugere.

Escuto risadas.

Então ouço o suave, sensual e masculino risinho de Mackenna se aproximando, algo que umedece a minha calcinha, derrete meu coração e me deixa completamente envergonhada.

– Sério? Seus dementes.

A porta se abre e lá está ele, com aqueles misteriosos olhos cinza fixos em mim, que me envolvem inteira. Como se me tocassem. Causando um verdadeiro estrago no ritmo da minha pulsação. O que eu não gosto, mas não consigo impedir. Observo a tatuagem no antebraço, o anel no polegar, as milhares de

pulseiras de couro no punho. Quando ele ergue apenas um dos cantos da boca, um sino toca em meu estômago. Eu odeio a forma como me sinto à simples visão daqueles lábios, mas detesto primordialmente o pequeno formigamento que sinto quando ele estende a mão.

– Ei – ele diz ao me estudar com olhar divertido. – Eu te disse, lembra?

Ele está bem-humorado, com uma sobrancelha levantada, e sinto um calor arrepiante subir pelo meu corpo quando fico enraizada no lugar, lutando bravamente contra uma onda de desejo e uma raiva antiga e familiar.

Quero sair dali, mas não gosto da ideia de *ele* bancar o herói.

Os gêmeos babacas ainda estão rindo atrás dele. Antes de eu aceitar sua oferta ou simplesmente passar por ele grosseiramente – que é o que realmente planejo fazer –, Lex e Jax o empurram para dentro. De repente, todo aquele 1,80 metro de Mackenna está dentro do armário comigo.

A porta se fecha.

– Uoouu! Lembra-se dos sete minutos no paraíso, Kenna? – Lex grita do outro lado. – Que tal sete horas no inferno, cara?

Eles começam a sussurrar "Pandora's Kiss" e a raiva se apossa de mim. Cerro os punhos e fecho os olhos, jurando que vou me vingar um dia.

Soando o mais entediante que pode, Mackenna responde:

– Muito engraçado, babacas. – Ele se vira e tenta empurrar a porta e ouvimos o barulho de um móvel pesado sendo arrastado do lado de fora.

– Eles estão mesmo bloqueando a porta? – pergunto, tentando soar entediada também, mas, na realidade, estou desesperada. Eles estão mesmo me trancando aqui?! Com *Mackenna*?!?!?

Isso é mais que o inferno, não consigo nem definir um termo para a situação. O armário já cheira a… homem. Lobisomem, álcool e… ugh!

Um pânico verdadeiro me inunda quando ouço o barulho de mais coisas sendo arrastadas do lado de fora. Acho que os caras estão empilhando cadeiras contra a porta e prendendo-as na maçaneta. Ou seja, que merda é essa?

Depois das guinchadas, há um estrondo.

– Cuidado, Kenna, ela morde! – um dos gêmeos grita, rindo de novo.

Mackenna xinga e força a maçaneta, e as risadas lá fora se intensificam. Então ele para de tentar e se vira. A moldura da porta projeta sombras atrativas em seu perfil enquanto ele olha para mim.

– Tudo bem, não vou dar a diversão que esses babacas querem.

Levanto uma sobrancelha, como quem diz "Sério?".

Ele levanta uma sobrancelha, querendo dizer "Estou falando muito sério".

Mordo a boca por dentro e escorrego para me sentar no chão, suspirando dramaticamente.

Ele se senta no chão também e, de repente, fica tudo mais constrangedor. Ele está tão perto. Sentir aquela coxa, dura como uma rocha, encostando na minha causa um efeito indesejado em mim. Isso é o mais perto que ele chegou desde…

Inferno, não sei, meu raciocínio não consegue ir além da visão daquela coxa. Contra a minha. Estar tão perto de Mackenna e de seu algo mais é pura tortura. Minhas partes femininas respondem a ele tanto quanto o restante do mundo. Meus pulmões paralisam quando tento respirar, e sinto o cheiro dele a cada inspiração. Percebo que ele analisa meu perfil em silêncio, com os olhos brilhando no escuro.

O ar está carregado entre nós. Eu me sinto estranha, queria ter algo para dizer. Acho que é melhor começarmos a brigar, para que assim eu possa falar.

– Nem pense em arruinar este momento – ele diz em voz baixa, porém autoritária.

Surpresa, fico de boca fechada.

Mas minha raiva ressurge quando ele se inclina na minha direção e uma estranha ansiedade percorre meu corpo.

– Chegue mais perto e eu enfio o joelho nas suas bolas – alerto.

Ele recua, rindo suavemente.

– Você estava pensando nas minhas bolas, então?

– Apenas que seria legal arrancá-las, para poder cortá-las e temperá-las com salsa.

– E servi-las como acompanhamento de um taco molhadinho. Humm.

– Ai, meu Deus! Você é nojento!

Tento empurrá-lo, mas ele pega minhas mãos com as suas mãos quentes, erguendo-as acima da minha cabeça e segurando-as contra a parede. Com a respiração pesada, sinto o sangue nas veias borbulhando de tanta raiva. Presa e sem ação, com o coração disparado, pulsando na garganta, uma louca e selvagem onda de desejo me invade, inundando a minha raiva.

Deus. Sete horas aguentando *isso*?!

Resmungo em protesto, e meu murmúrio parece causar algum efeito, porque ele pressiona mais forte as minhas mãos e me aperta mais ainda com o corpo. Com todos aqueles 90 quilos de músculo. Quando nossos olhos se encontram na escuridão, uma onda elétrica percorre o meu corpo, mas eu jamais cederia.

– *Me solte*.

– Não é isso que você quer.

Tento me desvencilhar, mas é inútil, pois ele segura mais firmemente as minhas mãos. Eu faço que sim com a cabeça. Sim, é isso o que eu quero. O que realmente quero. Ele pega meus pulsos em uma das mãos e inclina a cabeça, aproximando-se. O rosto dele toca o meu, e as batidas aceleradas do meu coração fazem eco em meu cérebro. Ah, Deus, ele está tão perto… Quantas vezes eu me vi perto dele assim, em sonhos, pesadelos, devaneios… Sonhava com os olhos dele, e não conseguia tirar do pensamento as vezes que os flagrava olhando para mim através daqueles cílios grossos. Sonhava e pensava em seus lábios. O superior, quase tão carnudo quanto o inferior, levemente arqueado em uma das extremidades, o inferior, macio e definido…

E então ele me beija. Com a mão livre, me segura pelo queixo, e encosta a boca na minha, abrindo meus lábios com os dele; os mesmos lábios que involuntariamente eu olhava enfeitiçada e com dolorosa ânsia. Tento – só um pouco – me soltar daquele beijo inesperado. Não quero querer isso. Não quero essa sede profunda e poderosa, um sentimento terrível e inevitável que me estilhaçaria se ele me beijasse, mas aconteceria a mesma coisa se ele não o fizesse. Choramingo, quem sabe assim ele tenha misericórdia de mim. Mas não tem. Gemendo suavemente, tenta enfiar a língua na minha boca. Quando abro os lábios, permitindo que ele me prove, absolutamente louca, suicida e excitada, emito um som desconhecido até para mim. Mais do que um gemido ou um soluço, o som de uma dor real e silenciosa. Ele recua quando faço isso, e eu também me afasto.

Nós nos encaramos, em choque.

– Cretino – murmuro involuntariamente, respirando com dificuldade.

– Vagabunda.

Ele olha para os meus lábios e eu sinto uma pontada intensa no sexo. Ele abaixa a cabeça e cobre meus lábios novamente, mais ávido, gemendo de prazer.

Por uma fração de segundo, meu corpo se torna uma massa trêmula de contradições. Minhas mãos nunca tinham tocado um homem. Apenas um garoto. De 17 anos. Antes de ele fazer a tatuagem na parte interna do antebraço. Antes de ele ficar maior que a vida, se tornar um astro, antes de ele virar um homem.

Em um segundo, sou a mulher com milhares de barreiras, que raramente toca alguém ou permite ser abraçada. No outro, sou seis anos mais nova e ele é o garoto a quem permiti entrar na minha vida. Não quero que essa garota assuma o controle, mas vivo nela. Essa é a pele *dela* e ninguém mais além dele a deixa trêmula daquela forma.

Não estou apenas tremendo, sinto que estou queimando de dentro para fora. Há uma confusão agitada e quente de desejo sob seus lábios. Os mesmos lábios que cantam baboseiras sobre mim, me magoam, me assombram e, de alguma forma, se transformam nos lábios mais lindos que já vi, senti ou provei. Deus. Provei.

Em um rompante, o agarro pelos ombros e enfio lascivamente a língua em sua boca, virando os quadris em paralelo aos dele. Deus, odeio esse maldito imbecil.

Eu o odeio por me fazer sentir assim depois de todos esses anos.

Mas minhas mãos têm uma missão. Memorizar sua textura. Senti-lo. O quanto ele mudou em seis anos. Era alto e magro antes, e agora está mais alto, porém forte. Mais suave ao toque. Maior. Os membros não são mais de adolescente, agora ele tem a espessura de um homem. Apesar de meus braços estarem livres, minha cabeça está presa sob o peso de seu beijo. E não me canso dessa boca quente, molhada, sedenta, malvada, obscena e deliciosa!

Inferno, não consigo liberar toda a minha raiva somente com esse beijo.

Não consigo expressar o que ele fez comigo, o quanto arruinou minha vida, só com esse beijo incrível, que acelera meu coração e vira meu mundo de cabeça para baixo.

Quero mordê-lo, arranhá-lo, chutá-lo, gritar com ele, enfiar aquele pau em mim e cavalgá-lo até ele não poder mais andar!

Idiota.

Quero bater nele enquanto o beijo, xingá-lo enquanto o beijo e empurrá-lo para longe de mim enquanto o beijo.

Quero…

Só QUERO.

Canalizando nossas frustrações e raiva nesse único beijo, continuamos esfregando as línguas quase que selvagemente, esfregando os corpos com tanta raiva quanto desejo. Ele se inclina, passa a mão pela minha coxa e levanta uma de minhas pernas, envolvendo-a ao redor de seu quadril, e diminui por um segundo a intensidade do beijo conforme ajusta sua ereção sobre minha boceta. Nossos sexos roçam-se sob o jeans. Ele envolve meu seio com a mão imensa e acaricia ferozmente o mamilo enrijecido, para frente e para trás, provocando faíscas raivosas em mim.

Suas mãos escorregam para baixo de minha camiseta, e eu não contenho um gemido gutural quando passo os dedos sob o tecido da camisa, tocando a pele nua

e macia. Aqueles músculos firmes e definidos sob meus dedos estão mais rígidos do que nunca, respondendo a cada um de nossos toques.

Ele coloca os braços em volta de mim, encosta-se na parede e vai escorregando, até sentar-se no chão, ajustando-me sobre ele de forma que meus mamilos fiquem pressionados contra seu peito. E somente então ele afasta a boca da minha. Analisa primeiro meu rosto e depois fixa os olhos em meus lábios inchados. Seu rosto queima com uma paixão crua e animalesca.

– Você não beija já faz algum tempo, não é?

Ah, Deus, não pode ser tão óbvio assim.

– Isso não é da sua conta.

– É da minha conta. E estou fazendo disso uma prioridade.

Uma urgência me acomete ao ouvir aquele tom possessivo. Ele aperta mais os braços ao meu redor, silenciando minha negação.

– Você também não transa com ninguém há um tempo, não é?

– Não, mas não *quero* você – digo, rangendo os dentes.

Deus, ele é como uma arma nuclear sexual prestes a me explodir.

– Não seja petulante – ele sussurra suavemente, passando uma mão pelos meus cabelos. – Quer que eu foda você agora? – pergunta. Ainda tenho o gosto dele na língua e minhas calças estão úmidas de tesão. – Isso não será para as câmeras. – Sua voz é fatalmente sexy, evidenciando o ápice de sua excitação, e a respiração é uma rajada de ar quente em minha garganta, pois ele ainda se esfrega em mim, quase enlouquecido. Como se ele fosse Drácula e eu, Mina, e aquela pequena incursão naquele closet? Seria nossa desgraça.

– Isso é para mim… – ele continua. – Para você *e* para mim. Preciso tirá-la da cabeça. Podemos entrar em qualquer um dos jogos deles, fingir o que eles quiserem, mas teremos nosso próprio jogo. Não quero isso num filme. Nossas vidas estão sendo filmadas, mas não quero que isso seja documentado. Você entendeu, Pandora?

Por favor, me desculpe, é que meu cérebro está enevoado de tanto desejo, então não consigo pensar direito.

– O qu… mas como vamos…

– Shh. Vou dar um jeito.

Todos os músculos do meu corpo se contraem quando ele desce a mão até meu abdômen e abre o zíper da minha calça.

Ele passa a mão em mim, sob as calças, com os olhos brilhando.

– Você tem pensado nisso?

Caralho, considerando isso em um instante no dia anterior, eu queria, SIM, limpar os tomates do corpo dele com a língua! Mas me recuso a confessar, não quero que ele saiba. Contenho um gemido quando ele coloca o dedo em minha boceta encharcada e move-o devagar, dizendo:

– Sim – como se respondesse à própria pergunta.

Ele esfrega meu interior, e é tão bom que arqueio meu corpo para ele.

Ele está sorrindo contra minhas têmporas. É evidente que ele sabe – nós dois sabemos – que estou encharcada. E enlouquecida de tesão. Nossa, é tão bom, mas meu orgulho arde pelo fato de eu estar muito molhada. Então luto contra aquele desejo insano, e coloco as mãos nos ombros dele, fazendo o maior esforço da minha vida para ter a força de que preciso para afastá-lo. Mas então percebo que… ele *me deve* isso. Ele deveria me dar prazer até eu não aguentar mais. Então o agarro pela nuca e começo a beijá-lo de novo, gemendo suavemente quando ele faz o mesmo, sua boca assumindo o controle da minha. A anatomia de sua face é perfeita. Sua língua faz mágicas quando sinto as conhecidas investidas de seu dedo dentro de mim.

– Abra as pernas… Levante a camisa, quero chupar seus mamilos.

– Se quer isso, levante-a você mesmo – respondo com a voz rouca, ainda me agarrando ao orgulho.

Ele ri sombriamente, movendo os quadris contra o meu corpo em um ritmo punitivo, e eu fico ofegante. Ele geme com o estímulo, evidentemente extasiado por apenas me acariciar naquele alucinante jogo preliminar.

– Faça o que eu disse, droga.

Minha cabeça se inclina para trás quando levanto a camiseta até o pescoço. Ele abaixa o meu sutiã, deixando meu seio à mostra, e sofregamente suga o mamilo enrugado. Eu estou totalmente excitada e pulsante em seu dedo, gemendo conforme ele chupa meu mamilo. Deus, o que é isso? Havia me esquecido de como ele me consumia, de como me dava prazer e mexia comigo.

Estou tão excitada que fico aflita quando ele afasta a boca e os dedos de mim por um instante. Então ele pega minha mão e abaixa o zíper, e gentilmente me conduz para que eu o toque. Eu sinto a maciez da pele daquele membro absolutamente grande e rígido.

– Nossa, você me quer muito – digo com a voz entrecortada.

– Faça em mim, querida – ele pede suavemente. Eu tento. Juro que eu realmente tento. Mas ele introduz novamente em mim aquele dedo mágico e desta vez sua boca está ávida no outro mamilo. Eu estou tão perto. De repente, saio do meu estado de torpor e paro de gemer, pois ouço passos do lado de fora,

vindos pelo corredor, e sou jogada violentamente de volta à realidade. Tiro a mão das calças dele quando ouço móveis sendo arrastados.

– Merda! – reclamo.

Mackenna resmunga.

– *Vão se foder no inferno!*

– Levante! – peço a ele enquanto fico de pé, recomponho rapidamente a camiseta e assumo uma cara de paisagem, para não denunciar que estávamos transando no closet.

AhmeuDeus.

Aqueles foram os sete minutos mais incríveis de toda a minha vida!

Estou com as pernas bambas e um pouco trêmula, mas consigo arrumar a camiseta e passar os dedos pelos cabelos antes de a maçaneta girar. Quando eles abrem a porta, a luz de fora agride meus olhos.

– E aí, Kenna? O que foi, cara? Ensinou a ela quem manda aqui?

Por um instante, achei que ele ainda estava resmungando no chão, pois não respondeu, mas de repente ele simplesmente passa por mim e sai do armário, totalmente recomposto.

– Ah, ela sabe muito bem – ele diz em um murmúrio rouco, com o corte de cabelo perfeito, agindo atraentemente como qualquer deus do rock.

Os gêmeos dão risadinhas. Irritada, passo por eles no corredor de queixo erguido, consciente do olhar atento das garotas que estão com eles. Quando me viro, vejo ambas abraçando Mackenna, falando com a voz lamentosa.

– Você não gosta dela, não é?

Ele agarra a bunda de ambas, dando uma apertadinha.

– Não, só gosto de encher o saco dela.

Ele olha em minha direção, com os olhos ainda tão voluptuosos que fazem buracos em mim. Eu estou muito brava pelo que acabei de permitir que ele fizesse – colocar as mãos em mim, a língua em mim… Deus, eu estava a ponto de masturbá-lo dentro do closet.

Meu corpo inteiro se contorce de raiva quando entro no quarto. Bato a porta e procuro algo para jogar contra a parede, então apenas agarro um travesseiro, aperto-o contra o rosto e grito.

1 *Tit* significa “teta” em inglês (N. do T.).

seis

EU SABIA QUE ELA MEXERIA COM A MINHA CABEÇA

MACKENNA

– Então, você a fodeu no closet?

Os gêmeos? Sim, esses imbecis beberam muitas doses de uísque e tequila.

– Eu vou foder vocês dois, seus filhos da puta. – Empurro Lex primeiro, então Jax me empurra, e vamos nos empurrando durante o caminho até o quarto.

Eu desabo no sofá, e logo as garotas se aproximam, esfregando meus braços e meu peito com as unhas feitas.

– Ela é uma vaca – uma delas sussurra.

– Ela nem é tão bonita – comenta a outra.

Meu estômago se contrai. Nem é tão bonita? Impossível dispersar a imagem dela. Está impregnada. Neste momento. Em minha mente. Cabelos escuros, profundos e sedutores olhos escuros, boca escura que, pelo que vi, ainda me excita como se eu fosse um adolescente.

– Me façam um favor, peguem alguma coisa para eu beber – sussurro para as garotas e esfrego a nuca, esperando-as retornarem.

Uauu, esse encontro o excitou mesmo, Jones!

Foda-se ela. Estou me envolvendo de novo, e não posso me deixar levar.

– Voltem logo que eu quero foder vocês – grito para elas. Fecho os olhos, mas não adianta. Não consigo me livrar daquela imagem, do jeito que ela olha para mim, aqueles olhos raivosos escuros como o pecado, aquela ridícula mecha pink no cabelo. Ainda estou latente sob os jeans, desejando o toque dela.

Preciso tirar da cabeça tudo o que acabou de acontecer. Preciso tirá-la da cabeça. Chupo o dedo médio e meu pau se enrijece. O gosto dela é bom, ela cheira bem, é gostosa. Cheira como nos tempos de adolescente. Naquela época, sua pele e seus cabelos cheiravam a coco – como se estivéssemos na praia. E agora, mesmo com aquela aparência negra como o pecado, seu cheiro lembra as melhores férias com que se poderia sonhar. Os seios estão maiores do que me lembrava. Não muito grandes, mas perfeitos para ela. E, aqui está um

pensamento estranho, eu os quero de novo. Em minha boca. Quero foder essa garota. Isso está acabando comigo. Eu quero fodê-la muito, até nenhum de nós poder mais andar.

Jax pega uma das garotas, então tira a camiseta e depois as calças.

– Ninguém quer vê-lo pelado, Jax – resmungo, jogando uma almofada nele.

– Só um milhão de pessoas – ele retruca.

Estreito os olhos e observo as garotas vindo em minha direção, trazendo uma dose de uísque sem gelo. Enquanto ergo o copo para tomar um gole, elas tocam meu corpo como se fosse o material mais precioso do planeta.

Há uma estranha pintura moderna no teto da suíte, e meus olhos seguem os contornos em espiral ao mesmo tempo em que penso nos lábios dela. Aquela boca. Eu beijaria aquela boca de novo. Ela beija como se pudesse matar alguém com aqueles lábios, e sou suficientemente suicida para querer aquela porra de beijo novamente, tanto quanto queria quando era mais novo.

Gosto de coisas ruins – bebida alcoólica, *ménage à trois*, orgias, cigarro. Mas a pior coisa que quero é Pandora, e a quero profunda e intensamente, como se me dispusesse voluntariamente a ser amarrado a um navio afundando. Então, quando uma das garotas me agarra pela camiseta e pressiona a boca na minha, no momento em que ela passa a língua em meus lábios, eu me afasto e dou risada de mim mesmo.

– Quer saber? Acho que quero torturar Pandora mais um pouco – digo a elas, recompondo-me e fechando o zíper.

– Kenna… – elas se lamentam em uníssono, fazendo beicinho.

– Aonde você vai? – Lex pergunta.

– Voltar para o inferno, obviamente.

Um dos câmeras me segue pelo corredor. Eu paro o cinegrafista, Noah, e digo a ele:

– Isso, não, cara.

– Não posso entrar no quarto dela. Leo disse que foi o único jeito de ela concordar em assinar o contrato.

– *Sério* mesmo? – Olho para ele enquanto registro a estarrecedora informação: o quarto de Pandora, livre de câmeras. – Excelente. Muito esperta, essa mulher. E brava. Fique longe dela.

– Como você? – ele bufa.

– Fique longe dela – repito. – Fique longe dela, caralho, e alguns metros longe de mim.

Viro as costas e continuo andando pelo corredor. Bato à porta. Surge uma luz no olho mágico quando ela espia para ver quem é. Ela resmunga lá de dentro. E, merda, sinto uma pontada no pau só de ouvir isso.

Bato de novo.

– Vou bater a noite toda, se for preciso!

Então a porta se abre, e ela…

Puta merda.

As pupilas estão dilatadas, os cabelos, soltos, e ela está usando uma blusinha. Não aguento. O sangue corre quente em minhas veias. Baixo o tom de voz.

– Estou desesperado pra cacete por você.

Ela olha para a câmera, depois para mim. Faz menção de dizer algo, mas então olha para a câmera de novo e diz:

– Você é a rainha do drama.

– Príncipe do drama – retruco.

Ela franze o cenho e faz um movimento, indicando que vai fechar a porta na minha cara, mas a interrompo com a ponta da bota.

– Vamos lá, Pink – digo, com o coração acelerado, e a seguro pelo pescoço, obrigando-a a olhar em meus olhos. – Você quer isso – argumento. Nem ouso considerar que ela possa me mandar de volta para o meu quarto. Fracasso não é uma opção. Meu corpo está tenso com a necessidade de me enfiar dentro daquela mulher até ela gozar. – Você também está desesperada por mim – sussurro, massageando sua cabeça com os dedos. – Não está? Você queria não ter me beijado no closet, mas beijou. E agora não podemos parar por aqui.

Seus olhos continuam a percorrer minha boca, e apenas aquele ato torna o fato de eu estar lá, excitado, a apenas um passo do quarto dela, ser quase o feito mais impossível de toda a minha existência.

– O que aconteceu com seu *ménage*? – ela me desafia, e consigo perceber, pelo timbre de sua voz, que ela está cedendo.

Faça alguma coisa. Seduza-a, seu idiota.

Eu me inclino, na esperança de que Noah não me ouça, sussurrando perto do ouvido dela:

– Obviamente, decidi procurar coisa melhor.

– Sério? Recebeu oferta melhor?

Passo os dedos entre a mecha pink no cabelo dela:

– Estou esperando por uma.

– Nem gosto de você. – Ela me empurra muito forte, e eu dou um passo para trás.

– Mas sua boca ainda gosta da minha, e não consigo nem começar a descrever o quanto gosto da sua…

Ela bate a porta na minha cara.

Frustrado, xingo em voz alta e coloco a mão atrás da minha cabeça estúpida.

– Filha da puta.

Atrás de mim, um risinho abafado.

– Levou um fora, Mackenna? – Noah zomba, com a câmera focada em mim.

Carrancudo, mostro o dedo médio para ele.

– Vou tentar de novo, e você vai me ver praticamente morando neste quarto – digo, apontando para a porta. Irritado, volto para o meu quarto, onde a festinha particular dos caras estava bombando.

Todo mundo fodendo, chupando ou bebendo, e eu completamente sóbrio. Uma das garotas está inclinada sobre Lex. Ela me faz um sinal, querendo dizer que eu seria o próximo. Foda-se. Vou direto para o meu quarto, com a cabeça inteiramente preenchida por Pandora. Seu olhar de pedra. A sólida porta na minha cara. Senti sua boceta tão apertada quando estávamos no closet, provavelmente ela não fica com ninguém há cinco anos. De repente, eu estava obcecado.

Deveria ter me aproximado e esmagado aquela boca com a minha, até nenhum de nós se lembrar de nada. Minhas mãos estavam inquietas. Passo-as pelo cabelo, abro a torneira do banheiro e jogo água no rosto.

Eu fico imaginando-a de quatro na cama, afastando as pernas para mim. Ela diz o meu nome entre um gemido e eu introduzo a língua nela, para sentir a doçura que me oferece entre suas coxas.

Foda-se tudo. Não vou sossegar enquanto não tiver o que eu quero, e só o que eu quero é entrar naquele quarto, e sei exatamente como conseguir isso.

– Leo? – Bato à porta dele minutos mais tarde.

– O que você quer, Kenna? – Ele abre a porta e sinaliza para uma das garotas ficar na cama. Obviamente, estava entretendo-o.

– Uma chave – digo entre os dentes.

Certamente, não preciso dizer qual chave; os olhos de Leo ficam vidrados, com cifrões saltando deles.

Ele sorri e assente.

– Leve-a ao seu quarto, para que as câmeras possam captar um pouco de carinho – ele instrui.

– Escreva uma carta para o Papai Noel, quem sabe ele responde, Leo.

Ele volta para o quarto e procura nas suas coisas enquanto a garota se aproxima, amarrando o roupão.

– Ei, Kenna, como você está bonito.

Leo volta com uma chave.

– Tente dar alguma pista para as câmeras.

– Se eu der alguma coisa hoje à noite, será um pé na bunda de um *cinegrafista*, jogando-o do décimo andar.

Atravesso o corredor e abro a porra da porta. As luzes estão apagadas, e o quarto, completamente em silêncio.

Pandora está esparramada na cama, de barriga para baixo. Sinto um aperto no peito ao observar as pernas longas, a pele branca macia sob a camiseta. Ela está dormindo pesadamente, com a cabeça inclinada para o lado, toda aquela cabeleira negra feita para meus dedos. Sem pensar duas vezes, tiro a roupa e me deito na cama com ela. Como nos velhos tempos. E os demônios que se apossaram de mim a noite toda se acalmam o suficiente para que eu consiga relaxar um pouco ao lado dela. Puxo-a para perto.

Ela suspira durante o sono, com o corpo buscando meu calor.

Ela se encaixa direitinho em mim; essa garota sempre se encaixou perfeitamente em mim.

Éramos virgens. Espera-se que a primeira vez seja estranha, mas não foi. Aconteceu como se tivéssemos sido arrastados por uma tempestade. Desarrumados e destruídos por dentro, até um nível em que nunca pudemos nos refazer, ela chorou suavemente em meus braços depois que tudo tinha acontecido. Eu me senti tão desequilibrado quanto um edifício com as estruturas abaladas. Perdi o controle, e ela também, e não sabia o que fazer, o que havia feito de errado, como fazer o certo.

E me sinto assim neste momento.

Na época, fiquei na expectativa, querendo que ela explicasse toda aquela emoção por mim, demonstrada por uma garota que normalmente não expressava nada. Quando ela finalmente se recompôs e secou as lágrimas, eu a beijei e disse que a amava, e perguntei: "Você me ama, Pandora? Você me ama?".

Durante os dois anos em que namoramos, ela nunca disse que me amava.

Não acho que essa garota é capaz de amar alguém.

Não sei por que essa lembrança me acomete agora. Não estou ficando com raiva, como geralmente acontecia, ou triste e frustrado por ter me apaixonado por uma garota que nunca me amaria do jeito que eu queria. Inferno, estou

cansado de querer declarações de amor. Estou cansado de desejar isso. Estou cansado de me sentir do jeito que ela me fez sentir todos os anos anteriores.

Mas algum dia eu me cansaria *dela*?

Suspiro profundamente.

Provavelmente ela vai me dar um soco na cara amanhã cedo quando me vir em sua cama. Bolas azuis e um olho roxo, é isso que um cara ganha mexendo com ela. Mas, foda-se, eu não ligo. Esse não é exatamente o meu problema.

Meu problema é nunca encontrar um jeito de fazer essa garota permitir que eu entre em seu coração.

Suspiro no ouvido dela:

– Eu só vou abraçá-la, ok? Nada de gracinhas.

Acho que ela assente e sussurra "ok". Apesar de eu não ter certeza se ela realmente respondeu ou se foi minha imaginação, passo os braços em volta dela e a abraço forte.

sete

FORTE DOSE DE REALIDADE

PANDORA

A forte dose de realidade me atinge quando acordo e ele está esparramado, em toda sua musculosa glória, na minha cama de hotel. Preciso de um segundo para me lembrar de que eu, hum… deixei Mackenna dormir ali?

Resmungo e dou um tapa na testa. *Porra*. Por que, por que, por que ele enfraquece minha força de vontade? O colchão range quando ele se mexe na cama, ainda dormindo, estendendo o braço à minha procura. Rolo para o lado e observo sua mão parar no travesseiro.

– Mackenna – digo, cutucando-o com o pé. – *Mackenna!* – chamo-o energicamente, mas sem elevar a voz.

Ele se vira e se senta na cama, e graças a Deus as cobertas lhe cobrem a cintura, porque se eu vir mais um centímetro daquela pele nua posso explodir com o calor que se alastra em mim. Percebo que estou ruborizando ao observar seus músculos saltando quando ele se apoia nos braços para se levantar. Ele pisca os olhos adoravelmente intensos, ajustando-se à luz, e a boca está tão perfeita e grande quanto ontem. E então ele olha para mim. Aquele olhar mais acinzentando de manhã, não tão fixo ou intimidador, quase… íntimo quando olha para mim. Brilhando divertidamente.

E, tarde demais, percebo *por que* ele está sorrindo. Minha camiseta ficou presa no elástico da calcinha. E ele está me analisando, correndo os olhos rapidamente por mim.

– Bom, alguém acordou com fome esta manhã – ele diz com a voz sonolenta quando olha para mim e pego um travesseiro para me cobrir.

– Não estou com fome – digo.

– Eu estava falando de mim. Venha aqui.

– Não, Mackenna! Caramba. Saia já do meu quarto. Eu disse para ir embora!

Ele sorri e se levanta, e eu jogo o travesseiro nele. Sinto o rosto corar enquanto arrumo a camiseta quando ele vai para o banheiro. Ele não se demora nem um minuto. Não é o suficiente para desembaraçar os cabelos com os dedos. *Se* eu estivesse na dele e ligasse para o que esse babaca pensa, estaria preocupada. O que não acontece.

Seus olhos percorrem minhas pernas, continuam pela bainha da camiseta até o pescoço e, então, param na minha cabeça.

– Deixe seu cabelo, está bom – ele diz com a voz rouca, parando na minha frente.

Sinto um calor percorrer meu corpo quando ele abaixa os olhos, analisando-me com um desejo lancinante e óbvio. O que há de errado com ele? Conosco?

– Não há nada de errado – ele murmura.

– Eu disse isso em voz alta? – resmungo.

– Você ficou… falando a noite toda. Confesso que gostei.

Deus. Eu sonhei. Sonhei… nem tenho certeza com o quê. Sonhei com o closet. Sonhei que estávamos na cama. Sonhei que ele tentou me beijar, então me esquivei, e ele beijou várias vezes meu pescoço arrepiado.

A lembrança me fez corar, acho que eu já tinha adquirido um tom vermelho-cereja. Aquilo tinha acontecido durante a noite? Pelo jeito que está olhando para mim, acho que ele quis desesperadamente entrar em mim. Não deixei, graças a Deus. Ele me segura pela camiseta, então me observa, passando lentamente o polegar pelo meu pescoço, lábio inferior, superior. Mesmo que aquele toque seja suave, e ele não esteja efetivamente me segurando, eu me sinto presa. Apenas seu olhar já me deixa sem ação.

Ele costumava me olhar com esse mesmo brilho nos olhos, que denotava direitos de propriedade sobre mim, quando era meu namorado. Meu namorado *secreto*, do qual ninguém tinha conhecimento… exceto eu. Acho que, no fim, minha mãe também.

Mas, enquanto durou, nos escondíamos na sala do zelador da escola e transávamos até eu mal conseguir andar. Eu voltava para a sala de aula com as pernas instáveis e o gosto dele na boca, o delicioso cheiro de seu sabonete impregnado em minhas roupas.

Estou lutando contra a vontade de cheirar seu pescoço neste momento. É uma guerra ficar apenas aqui parada e imóvel, analisando cada centímetro desse rosto masculino, contendo as mãos. Os anos não parecem ter passado.

Ainda há uma energia entre nós, como nos velhos tempos, quando eu era o centro de sua galáxia. Na época em que as garotas da escola me olhavam com

inveja quando ele andava até meu armário, tendo somente olhos para mim. Às vezes, quando os corredores estavam bem vazios, ele se aproximava rapidamente e me beijava atrás da orelha e em cada centímetro do meu corpo, dos pés até atrás da orelha. Eu ficava quente, com uma pulsação dolorida entre as pernas.

Quando estava em casa, eu gritava.

Eu… gritando.

Colocava músicas românticas para tocar, só para ouvir novamente as palavras que ele me dizia e as formas como ele me tocava. Tomava banho, comia e dormia com Mackenna Jones…

Mas, intimamente, a amargura da minha mãe e a infidelidade do meu pai me envenenaram. Guardei todos aqueles sentimentos para mim mesma… Os escondi de minha mãe, para que ela não tirasse Mackenna de mim. Mas, por não querer perdê-lo, por ter medo de que não fosse verdade, também escondi meus sentimentos dele, e acabei me acostumando a não dizer nada. Deixando aquilo guardado profundamente em meu íntimo.

Por que sinto que estou prestes a explodir neste momento?

– Não, Kenna – contenho-o quando ele tenta abrir meus lábios com o polegar. Ele está perigosamente perto: sua altura, sua respiração, seu porte físico, seu jeito sexy despertando a ânsia faça-me-mulher-agora me intimidam.

Ele sorri maliciosamente e coloca a mão no meu quadril.

– Por que não?

– Porque não vai acontecer – digo, quase sem conseguir respirar.

– Vai, sim. – Seu sorriso diz "com certeza, vai".

Ele acaricia lentamente minha bunda, e o jeito familiar como esfrega os lábios nos meus eleva assustadoramente minha temperatura. Quem ele acha que é? Pensa que, só porque *nos pegamos* acidentalmente, ele pode brincar de ser meu *namorado*? Ranzinza, afasto a mão dele com um tapa. Ele apenas ri e volta para o banheiro.

Ai, meu Deus, não posso acreditar que o deixei colocar as patas imundas em mim naquele closet... e ainda ficar aqui a noite toda!

Logo, ouço o chuveiro, o som da água batendo naquela carne masculina deliciosa. Então o ouço murmurar uma música que nunca tinha ouvido antes. Suspiro involuntariamente ao me lembrar de que ele costumava fazer isso quando éramos adolescentes. Deus, *não*, pare de pensar naqueles momentos. Isso magoa. Realmente magoa. Tenho que pensar no que aconteceu de ruim. Em quando ele foi embora. Em quando ele me deixou sozinha depois de ter se

tornado tudo para mim e ter me feito acreditar que não poderia mais viver sem ele.

Recusando-me a ficar deprimida com todas aquelas lembranças, pego o celular e penso em Melanie.

Provavelmente, ela está no escritório, sentindo falta da companhia prazerosamente amarga que sou.

Rapidamente, envio uma mensagem: *Beijei ele*.

A cada segundo de espera pela resposta dela, me sinto pior, não só pelo incidente do closet, mas por ter dormido com ele me abraçando. Quando acordei, o idiota estava quase me encoxando.

Melanie: O quê?

Eu: Beijei o babaca! Ele passou a noite comigo. Ah, Deus!!! Isso é suicídio!

Melanie: Por quê? Ele queria? Você sabe o que dizem sobre onde houve fogo uma vez…

Eu: Ele queria me beijar, me usar para suas razões egoístas, mas eu também fui egoísta.

Melanie: Então, qual é o problema?

Eu: O problema é que ele vai ficar achando que VENCEU!

E vai. Realmente, realmente vai, porque é tão cheio de si, que estou surpresa de que ele caiba neste prédio. Como posso explicar a Melanie, uma mulher feliz, despreocupada e inocente, que, quando um imbecil parte seu coração, você não pode permitir que ele o tenha novamente, não pode deixar o idiota tocá-la de novo? Estou pensando em uma maneira de descrever isso quando recebo nova mensagem dela:

Olhe, Malévola, se ele está sendo um babaca, posso pedir ao Greyson que mande alguém arrebentar a cara dele.

Pisco.

Eu: Melanie, sua repentina sede de sangue me assusta.

Melanie: Uhuuu! ☺

O pensamento de alguém machucando Mackenna me deixa enjoada. Apenas *eu* posso machucá-lo. Droga!

Jogo o telefone para o lado e fico inspirando e expirando cuidadosamente, me lembrando dos truques para controlar a raiva. Então faço um esforço para pensar em Magnólia e minha mãe.

Mags.

Deixei minha pobre Mags sozinha com minha mãe, que é ainda menos feliz do que eu. Fiz isso porque estava determinada a me fechar em mim mesma e guardar toda a porra do dinheiro que vou ganhar com esse filme para ter alguma liberdade no futuro, por mim e por Mags. Fechar-me em mim mesma significava Mackenna perceber que ter me deixado foi o pior erro da vida dele. E como eu planejava fazer isso? Envolvendo-me de novo?!

Não *podemos* nos envolver. Não podemos ser amigos – *principalmente* amigos que se pegam.

Podemos?

Não, não podemos, porque sou muito fraca para sobreviver a ele pela segunda vez. Porque, caso ele volte a gostar um pouquinho de mim, não vai se apaixonar de verdade quando souber que tipo de segredo eu escondo. Quem é atingido por um raio e tem a sorte de sobreviver, não vai sair ileso uma segunda vez. Com certeza.

Como posso deixar claro que o closet e a noite juntos não nos torna amigos?

Eu me lembro do que ele disse no ônibus sobre me dar uma chance de me vingar compondo uma música, então pego uma caneta e começo a escrever. Estou ficando louca a cada segundo. Louca como se não estivesse escrevendo as palavras em uma folha de papel, mas talhando-as em uma pedra.

Poucos instantes depois, ele sai do chuveiro, andando orgulhosamente como se ainda me tivesse. Sim, ele é maravilhoso. Todo molhado, com gotas de água escorregando pela pele dourada. Os olhos cinzentos me encontram, e ele faz uma análise silenciosa, como se pudesse sentir a mudança na atmosfera. Bom, pelo menos ele é esperto.

Com um sorriso falso, vou até ele e lhe entrego o papel.

– Sua música – digo.

Ele arca as sobrancelhas, surpreso, então lê os versos em voz alta.

Mackenna's mouth
Spits all lies
A sewer tastes better[1]

Ele me olha com ar divertido, puro e sincero.

– Sério? – ele incita.

– Continue – exijo, apertando os dentes.

Sinto o cheiro do xampu que ele usou. *Eu o odeio.*

Ele continua lendo.

A donkey's ass is sweeter
I hate Mackenna's mouth
And his fucking lies
He can kiss my ass
And it will taste better than his fucking mouth[2]

Ele baixa a folha de papel e, antes que eu possa me defender, me pega pela nuca e me dá um selinho. Então se afasta e passa os dedos sobre meus lábios molhados, ainda sorrindo.

Enxugo a boca para me livrar do formigamento que aquele toque me causa.

– Ainda estou trabalhando na letra. Só achei que seria legal você começar a pensar em uma melodia – comento com uma careta.

– Por que me deixar a escolha se você está tão inspirada, meu amor? Quem sabe podemos usar a melodia da música do *Tubarão*.

– Não vou permitir que me beije sempre que tenha vontade, Kenna.

– Bem, é só você não abrir a boca e esticar a língua quando faço isso, Pink.

– Não fiz… ugh. – Mostro o dedo médio para ele e me sinto completamente quente enquanto ele caminha até a porta, levando com ele a letra da minha música.

– Obrigado por isso. – Ele sorri, levantando a folha orgulhosamente, como se fosse um soneto de amor. – Fico feliz em ver que voltou a fazer listas.

– Não é uma porra de lista.

– Bom, também não é exatamente uma música, Pink.

Contendo o impulso de chutar a porta quando ele sai, decido me acalmar e vou até o banheiro.

– Eu o odeio – murmuro, só para tirá-lo da cabeça. Ligo o chuveiro e vou tirando a roupa.

Mas o pior é que estou começando a me perguntar se realmente acredito nisso.

***

Depois de um banho, fico mais calma e me jogo na cama. As cobertas estão amarrotadas. Há ainda no quarto um resquício do cheiro dele. Eu permiti que ele… me abraçasse? Por que eu fiz isso? Eu senti quando ele se aproximou por trás de mim. Senti o colchão ceder ao seu peso e seus músculos quentes me abraçando, e simplesmente fingi que estava dormindo porque *não queria que ele fosse embora*.

Resmungo e enterro o rosto entre as mãos.

Deus. O que eu fui fazer?

Não vou deixar que ele ultrapasse minhas barreiras – camadas protetoras que levei anos para recuperar. Mas estou vagando pelos momentos mais dolorosos da minha vida, e já me sinto um pouco amarrotada. Como a cama na qual ele dormiu comigo. Os sentimentos amarrotados rastejam até meu peito. Tento me recuperar, pensando no futuro que Magnólia pode ter com todo esse dinheiro.

Ergo-me na cama e vejo que horas são, então, mentalmente, verifico a agenda de Magnólia. Como é verão, ela deve estar em casa.

Ligo do meu celular, e toda minha dor e confusão diminuem quando ouço aquela vozinha do outro lado da linha.

– Estou com saudade, Panny, e já anotei 38 coisas que vamos fazer quando você voltar! – ela informa.

– Uau, você vai me manter ocupada, hein?!

– Simmmm! Adivinhe qual é o número 33?

– Hummm. Vamos ver… – Finjo que estou pensando até ouvir a respiração ofegante dela. – Vamos ficar de pijama o dia todo e jogar jogos de tabuleiros.

– Não! Vamos montar uma banca de limonada e vender suco de laranja.

– O quê? Uau, espera aí. Você não pode vender suco de laranja em uma banca de limonada… Precisa ser uma banca de suco de laranja.

– Claro que podemos! Por que não?

Estou tão exausta da noite passada que nem consigo pensar direito esta manhã. Então, volto atrás.

– Ok, você está certa. Vamos quebrar as regras. Todo mundo que vende limonada em uma banca de limonada não tem a criatividade que *nós* temos.

– E vamos colocar água, para aumentar a quantidade de suco para vender.

– O quê? Não, ahhhh, não, não. Vamos parar por aí, Mags. Não vamos deixar o suco de laranja aguado. Isso é coisa de delinquentes.

– Delinquentes! Quero ser uma delinquente com você! – ela grita, e eu sorrio como uma tola, com os olhos fixos na minha pulseira quando ela começa a me contar sobre o que anda fazendo. A pulseira é adornada com algumas pedrinhas, coloridas e bastante texturizadas, cuja função é proteger todas as pessoas que amo das pessoas erradas. Nunca deixo de esfregá-la quando acordo.

Fico aborrecida por Mackenna ter feito eu me esquecer de fazer isso esta manhã. Então a esfrego com o polegar, deixando aquele simples movimento me acalmar, como Magnólia faz.

Mal sabia eu que precisaria de toda a calma que pudesse armazenar nesta manhã.

***

Bem, más notícias, mas não estou surpresa. Esperava mesmo que esta viagem fosse um desastre do começo ao fim, portanto, não deveria estar completamente em pânico. Já acordei com Mackenna na minha cama, e agora? A rodovia interestadual está interditada devido a obras e o sempre eficiente Lionel já contratou um avião para nos levar ao próximo local. E isso não é apenas uma má notícia.

Isso é um *desastre*.

Não sou uma pessoa sensitiva, mas tenho uma necessidade desesperadora de segurar na mão de alguém quando estou voando – desesperada do tipo *acho-que-vou-arrancar-um-descanso-de-braço-do-assento-ou-alguma-coisa-agora-que-Melanie-Brooke-ou-minha-mãe-ou-Magnólia-não-estão-aqui*.

Mas… *suspiro*… Tenho calmantes…

E os calmantes fazem o mundo girar, portanto…

Pelo menos não sou forçada a ir sozinha com Mackenna até o aeroporto. Sou colocada no mesmo ônibus que as dançarinas, e Lionel não tem tempo de protestar antes de já estarmos a caminho. A verdade é que todas elas me lançam olhares maléficos, o suficiente para eu ter azar o resto da vida, não que eu tenha muita sorte, para começo de conversa, então talvez nem perceba a diferença.

Assim que chegamos ao aeroporto, os gêmeos Vikings ficam me olhando. A expressão deles é de curiosidade mais do que qualquer outra coisa, e imediatamente penso no que Mackenna pode ter dito a eles sobre mim.

Essa garota, além de lançar muito bem um tomate, me deixou apalpar sua cereja quando tinha 17 anos...

– Oi – um deles finalmente diz.

– Oi – o outro me cumprimenta da mesma forma.

Agora ambos estão sorrindo, são grandes e loiros e, o pior de tudo, como Mackenna, parece que também têm cérebro. Desde as roupas que usam até a aparência milimetricamente calculada para os paparazzi, Crack Bikini é meticulosamente criado para fazer sucesso. As perucas de Mackenna, as correntes, tatuagens, piercing no mamilo dos Vikings, tudo faz parte do "estilo", apesar de, hoje, Mackenna estar vestindo camiseta preta, jeans e boné, escondendo o corte de cabelo, além de óculos aviador. Os gêmeos estão vestidos exatamente como estrelas do rock. Correntes penduradas no pescoço de Jax, enquanto Lex usa coleira com spikes.

– RG? – Lionel pede, e lhe entrego o documento para ele fazer meu *check-in*.

Mackenna se junta aos dois caras, e eles ficam olhando para mim. Os três.

Odeio a forma como a energia dele me afeta. Ele é a única pessoa no mundo que consegue fazer a adrenalina me alfinetar. Ele tem um jeito que me faz sentir com a tensão sobrecarregada – como se meu corpo produzisse hormônios extras quando ele está por perto.

Jax me olha com um sorriso nos lábios.

– Kenna não contou muito sobre você para a gente, sabe.

Meus olhos se voltam para Mackenna, e meu estômago se contorce por algum motivo quando vejo que ele não está sorrindo, apenas me observando intensamente.

– Com exceção de que sou uma bruxa? – pergunto sarcasticamente.

Lex ri.

– Não com essas palavras.

– Bem, ser alto, moreno e mau são apenas uma parte do charme dele. Não é?

Eles sorriem para mim e olho de esguelha para Mackenna, sentindo um frio na barriga quando percebo que está me observando como se estivesse ponderando intensamente. Lionel se volta para mim, segurando a passagem, e de repente aquilo se torna real.

O voo é real.

De jeito nenhum vou me mostrar fraca e vulnerável na frente de Mackenna, mas meus nervos estão à flor da pele enquanto seguimos para o portão de embarque.

Estou bem consciente de que ele está andando em silêncio ao meu lado. Mil por cento bad boy roqueiro, com um orgulho lânguido. Olhando-o com o canto

do olho, analiso a tatuagem em seu antebraço, as milhares de pulseiras de couro e o anel de prata no polegar. A lembrança do roçar daquele anel em minha pele quando passamos do limite lá dentro do closet transpassa minha mente.

E o que a tatuagem diz?

Muitos homens de terno andam ao redor do grupo, tentando manter as pessoas longe dos protagonistas. Os caras sempre foram uma entidade – como duas bolas e um pinto.

– Você está bem? – Mackenna me pergunta.

– Muito bem, obrigada.

Relaxe, Pandora. É só tomar o comprimido, beber um uísque e apagar.

Repito isso como um mantra ao embarcarmos. O cheiro dentro do avião, de repente, me asfixia.

Mackenna está conversando com os caras. Lionel me recebe com um sorriso largo enquanto, discretamente, me conduz até a primeira classe. Um grupo de dançarinas começa a conversar com o pessoal da banda. Enquanto coloco a mala no compartimento superior, observo Mackenna. Todos os caras parecem aborrecidos com a conversa, exceto Mackenna. Ah, não, não Mackenna. Ele sorri e brinca com as garotas, tocando-as casualmente nos braços.

Deus, ele é inacreditável.

Emburrada, acomodo-me em meu lugar e rezo por um pouso tranquilo, inspirando e expirando ao mesmo tempo em que verifico – pela décima vez no dia – se minha caixa de remédios está no bolso. Se um pedaço de metal consegue voar, então posso voar nele, seguramente, como todos dizem.

Mas quando afivelo o cinto, me lembro de todas as formas que imagino como meu pai morreu. Ele morreu em um acidente aéreo. Às vezes, visualizo o avião tendo turbulência e colidindo. Ele ficando paralisado. Pensando em minha mãe, em *mim*. Imagino se os outros passageiros gritaram. É um medo que cresceu comigo ao longo dos anos, conforme fui perdendo a inocência e começando a me tornar cínica, mas ao mesmo tempo vulnerável e, portanto, mais cautelosa. Meu estômago se contorce e revira, então tento parar de pensar naquele voo. Em como o último adeus de meu pai foi, realmente, um adeus. No trágico fim, em que ninguém sobreviveu.

Minha mãe e eu vimos a notícia do acidente no jornal da noite, e na hora nem nos demos conta de que meu pai estava naquele avião. "Ah, meu Deus", minha mãe falava, vendo as imagens do avião estilhaçado, ambulâncias, macas e escombros.

Ela verificou o telefone.

– O avião do seu pai vai pousar logo – ela disse. – E então vamos fazer um jantar em família.

Verifiquei meu telefone, porque havia prometido a Mackenna que o encontraria nas docas.

Minha mãe andava de um lado para o outro. Ela nunca fazia isso. Um sentimento estranho, misturado com medo, foi tomando conta de mim. Como quando você vê aquelas nuvens pretas cobrirem o céu, bloqueando a vista. Quando o telefone tocou e minha mãe foi atender, eu já sabia.

Ela começou a chorar. Comecei a chorar também.

– Ele estava a bordo. Ele estava a bordo com sua assistente. Não estava vindo de Chicago, e sim voltando do Havaí.

– O quê? Por quê?

– Porque… – Minha mãe secou as lágrimas, e toda a emoção sumiu de seu rosto. – Porque ele estava mentindo para nós.

O telefone começou a tocar sem parar quando as pessoas ficaram sabendo que meu pai havia morrido. Eu sabia que não era a única coisa da qual estavam falando, havia também os rumores sobre o fato de ele estar com a assistente.

Saí de casa uma hora depois e corri em meio à escuridão, então o vi parado na rua, observando minha casa, para saber se eu estava bem, pois não podia entrar.

– Kenna! – Eu me joguei nos braços dele, tentando conter as lágrimas. – Aquele voo. Meu pai estava lá. Ele estava naquele voo.

– Shh. – Ele me embalou entre os braços. Meu porto seguro. Fechei os olhos e me agarrei nele.

– Ele mentiu para nós. Ele estava mentindo esse tempo todo.

– Sinto muito – ele sussurrou, beijando minhas pálpebras. – Sempre estarei aqui com você. Nunca vou mentir para você…

Tento me ajeitar na poltrona quando a aeromoça anuncia que vai fechar a porta do avião. A orquestra viaja na parte de trás, os cantores, na parte da frente. Há vários assentos vagos. Inferno, eles fretaram o avião inteiro. Jax encontra um lugar e coloca suas coisas no lugar vazio ao lado dele, e Lex se ajeita por ali também. Mackenna está conversando com as duas aeromoças agora. Ele vira o boné para trás, parecendo assim mais novo e delicioso. Ele está agora com a aparência que tinha… aos 17 anos.

Estou tentando estabilizar meus nervos, e levo um susto quando ele se senta ao meu lado, tirando o boné e colocando-o no bolso do assento da frente, como se

não houvesse mil e uma bactérias ali. Ele se inclina sobre o descanso de braço, virando-se para mim. É o destino dele me torturar?

– Você está perdido? Há dúzias de lugares disponíveis por aí – eu digo.

Ele me olha intensamente.

– Quero ficar aqui.

Balançando a cabeça, pego um pequeno manual no bolso do assento da frente e começo a folheá-lo. Não vou perder a cabeça na frente dele. De jeito nenhum. E mesmo assim estou extremamente consciente dos ruídos estranhos à minha volta. Pés se arrastando. O motor. A porta do avião se fechando. A respiração dele.

A *respiração* dele.

Fico prestando atenção, e tento sincronizar minha respiração com a dele, esperando realmente que ele não se dê conta disso. Posso usá-lo para relaxar. Ou me distrair.

Logo vão nos oferecer bebidas. Pego meu frasco de comprimidos e o mantenho discretamente na mão. Mackenna estica despreocupadamente as pernas compridas.

– Uísque, querida. E traga o mesmo para ela – ele pede, apontando para mim ao reclinar o assento. Conforme o manual, durante a decolagem, o assento deve estar na posição original, mas obviamente ele não dá a mínima para isso.

Ele nunca me mimou. Nem quando éramos mais novos. Ele me tratava como uma igual. Eu raramente chorava, mas, quando o fazia, ele simplesmente esperava que eu parasse. Se eu por acaso caísse, ele me ajudava a ficar de pé e agia como se eu não devesse chorar, então eu não chorava. Ele sabia que eu tinha problemas em expressar sentimentos. Quando meu pai morreu, encerrei-os completamente dentro de mim. Parei de chorar definitivamente, e Mackenna achava bom.

Pelo menos acho que era assim. Ele nunca me pressionou para falar sobre isso.

Ele está me observando agora, e percebo que tenta tocar no assunto, sem nenhuma evidência de compaixão, muito menos com a intenção de me mimar, então solto:

– Ainda odeio aviões.

Surge nos olhos dele um brilho de preocupação.

– Tenho uma sugestão para você. Mande Lionel se foder e saia do avião. Podemos esquecer tudo isso.

Provavelmente, ele está usando a expressão mais séria que tem e, por um instante, considero essa possibilidade. Nós nos beijamos no closet, então fingi que estava dormindo para que ele ficasse abraçado a mim a noite toda. As coisas estão esquisitas hoje. Definitivamente, não quero ter que conviver com aquela tentação o dia todo, todos os dias, por mais de três semanas. Mas o dinheiro pode me dar independência, e um futuro seguro para Magnólia.

– Não vou voltar atrás. Assinei um contrato. Como eu lhe disse, sou pobre e comprável – resmungo.

– Então estou decepcionado. Se há alguém que parece não ligar para bens materiais e coisas mundanas, esse alguém é você.

– Está falando como um riquinho que nada em dólares.

Ele leva o copo de uísque aos lábios, então percebo que está segurando outro para mim. Pego o copo da mão dele, tomando cuidado para não roçar os dedos nos dele. Ele, no entanto, levanta propositalmente um dedo, para que nos *tocássemos*.

Eu faço uma careta. Ele sorri. Como se soubesse que aquele toque sutil havia acelerado o fluxo do meu sangue.

Do outro lado do avião, Lionel me encara como se estivesse completamente apaixonado por mim e, então, infelizmente, o avião começa a se mover. Não tenho ideia de quanto tempo demora para o calmante fazer efeito, mas é melhor eu tomar logo. Estou tão nervosa, que meu corpo parece pesado e ruidoso.

Meu pai. Imagino-o em um assento como este em que estou. Ele estava voltando para casa em perfeitas condições, e nunca chegou. Eu estava fazendo a lição de casa quando recebemos a ligação.

– Quer falar sobre isso? – Mackenna pergunta.

– Não com você – resmungo, pegando e folheando um catálogo antes de colocá-lo de volta no bolso do assento da frente. Queria que Mackenna fosse embora, já que não estou vivendo um bom momento. – Por favor, vá embora – digo, suspirando.

– Por favor, só me deixe ficar aqui com você – ele pede. Não há nenhum tom de brincadeira em sua voz. Nada além de sinceridade em seus olhos.

A fortaleza que mantém minhas emoções se abala, e isso me aterroriza tanto, que quase imploro:

– Não você. Por favor. Vá embora.

Ficamos nos encarando.

Por um momento, acho que sou eu quem vai desviar o olhar primeiro.

Então ele murmura:

– Pode contar comigo, Pandora.

Antes de eu conseguir me lembrar de por que não posso mais contar com ele, Mackenna desafivela o cinto. Eu tenho o impulso de voltar atrás, mas ele se levanta e cruza o corredor até outro assento.

É por isso que dizem que você tem que tomar cuidado com o que deseja.

Lamento a perda da vida humana ao meu lado no momento em que ele sai. Não uma vida humana – ele. A perda de sua presença desafiadora, excitante e irritante.

Ele sabe como meu pai morreu. Que ele viajava a negócios e como o avião caiu. Como em um filme, e como em seu pior pesadelo. Ele estava com a assistente, e não a negócios. Perdi meu pai no mesmo dia em que minha mãe soube que ele a estava traindo. Nos traindo.

Com outra mulher.

Não pude lamentar a perda, porque minha mãe sentiria que eu também a estava traindo. Porque ele a traíra. A única emoção que ela aceitava era *raiva*. Se meu queixo começasse a tremer involuntariamente, minha mãe gritava:

– Não ouse chorar por ele! Veja como ele me deixou! Veja como ele nos abandonou!

Então eu sempre cobria a boca e engolia o choro. Sentir raiva era mais seguro. Me era permitido sentir raiva. Muita. E quando Mackenna também me deixou, tornou-se tudo o que eu sabia sentir.

Os nervos deixam meus sentidos sensíveis quando o avião faz a volta para decolar. Ouço o som do motor girando, e o tilintar do gelo no copo de Mackenna, a muitos assentos de distância. Seu cheiro ficou impregnado no assento ao lado, estranhamente me oferecendo conforto.

Coloco o comprimido na boca, pego o copo de uísque e tomo um gole da bebida para engolir o calmante.

Um cinegrafista está de pé na minha frente, observando-me e ajustando algo na câmera. Olho pela janela, cravando as unhas no banco conforme o avião se posiciona na ponta da pista. Sinto a câmera em mim, então ouço uma voz murmurar:

– Dê um tempo para ela. Focalize em outro lugar.

Então sinto o corpo elegante e musculoso de Mackenna se jogando ao meu lado.

– Acho que realmente vai cair – ele comenta.

– Como? – pergunto, espirrando saliva nele.

– Acho que o avião não consegue subir e vai cair. – Ele levanta uma sobrancelha para mim.

Olho para ele estarrecida. Ele continua sério, investigando meu rosto.

– Eu não ligaria se morresse hoje.

– Eu ligaria. Meu pai morreu desse jeito. É a pior morte que posso imaginar.

– A pior morte seria sozinho, com ninguém para ouvir suas últimas palavras. Ou por afogamento, isso seria…

– CALE A BOCA!

Ele estica a mão.

– Segure a minha mão, Pink.

– Obrigada, mas não.

– Tudo bem. Guerra de dedão?

– Meu Deus, você é muito infantil.

– Você é covarde. Vamos lá, me use para alguma coisa. Quer brigar? Tudo bem. Quer segurar minha mão? Melhor ainda. Não tem certeza? Aposto que não consegue prender meu dedão com o seu, independentemente do que faça.

Rangendo os dentes, pego a mão dele porque sei – e ele também sabe – que preciso, desesperadamente, de contato. Uma ansiedade angustiante toma conta de mim. Desejaria ter forças para recusar a ajuda de Mackenna, mas estou tremendo. E ele parece forte. Como se nada pudesse atingi-lo.

Meu namorado.

Meu ex.

O único com quem fiz sexo. Que sempre quis. Que sempre amei.

Ele segura firme o meu pulso.

– Fique mais perto de mim – ele pede. A gentileza em seus olhos abala as barreiras que protegem o meu coração.

– O quê? Vamos brincar com o polegar, e não com as língua – digo, na defensiva.

– Sério, venha aqui. – Ele sorri de novo, um sorriso sincero. Até a mão dele em meu braço e a voz sussurrada soam gentis e sinceras. – Chegue mais perto, Pink.

Estreito os olhos e me aproximo.

Ele pressiona meu polegar sob o dele e percebo que estava me enganando. Ele ri maliciosamente, e não consigo protestar, porque o avião está decolando. Prendo a respiração e olho pela janela, para o chão passando rapidamente abaixo de nós. Por alguns minutos, tento me acalmar, mas é quase impossível. A

mão de Mackenna ainda segura a minha, mas, em vez de apertar meu polegar, ele o está acariciando.

E parece tão errado, certo, profundo e gentil que eu até aguentaria se o avião caísse agora, mas não posso suportar a mão dele na minha.

– Me solte – peço.

Ele me solta, e um brilho estranho de pesar ou tristeza transpassa seu rosto.

– Apenas relaxe – ele diz.

Fecho os olhos bem apertados. A voz dele faz coisas comigo. Ele resmunga e então diz:

– Venha aqui, querida.

– O lobo diz para o carneiro. Não me chame de querida – sussurro, me recusando a obedecer, e então enfio a mão entre o assento e a perna. Estou totalmente consciente de cada centímetro que nos separa.

Ele se inclina.

– Você não é nada além de um carneiro.

Nossos olhos se encontram. Tudo nele, a voz, o cheiro, os olhos, me abala, a ponto de eu querer chorar ou gritar.

O avião dá um solavanco, e algumas nuvens traiçoeiras estão vindo em nossa direção. Meus olhos estão embaçados e tudo no meu corpo pressiona meu estômago. Estou tensa quando agarro o assento, rezando para que o clonazepam faça efeito. Se não fosse por Magnólia, talvez não desse a mínima se fosse morrer naquele momento. Mas, além de mamãe, sou tudo o que ela tem. E mamãe é… a *mamãe*.

A comissária serve nova dose de uísque a Mackenna. Estou com os olhos fixos na mão dele, erguendo e abaixando o copo. Aqueles dedos são mágicos. Antes, ele tocava piano como se as teclas fossem uma extensão de seus dedos, mas agora ele é um cara do rock. Ele sempre foi mau, mas é um cara de verdade, com amor verdadeiro pela música e pelo som.

O comprimido começa a fazer efeito. Sinto os olhos se fechando, então viro o rosto para o lado contrário em que ele está.

Ele não diz nada.

Conforme meus pensamentos começam a ficar confusos, me inclino um pouco mais para o lado da janela, para não encostar o ombro nele.

Eu fugia toda tarde para ir me encontrar com ele. Não fazia a menor diferença o fato de que minha mãe era promotora no caso do pai dele, muito menos o pai dele ser um criminoso. Nós dois estávamos no tribunal naquele dia, e eu já estava quase louca de amor por ele – sem eu saber, ou minha mãe, ou ele.

Insisti em ir ao tribunal com minha mãe naquele dia, alegando simplesmente que queria ir. Ela me olhou cuidadosamente e acabou concordando. Eu me sentei do lado de fora, em um banco comprido, e ele estava ali perto. Ouvi que o pai dele iria pegar muitos e muitos anos de prisão por tráfico.

Talvez não devesse ter escorregado no banco para ficar mais perto dele no dia em que foi definida a fiança. Poderíamos ter sido vistos, mas eu não conseguia me controlar. Ele estava sentado lá, olhando para as mãos, enquanto o pai dele e a minha mãe estavam lá dentro.

– Sinto muito – eu disse.

– Eu também – ele disse.

Ele ergueu a cabeça. Olhou para mim tão intensamente, que eu tive a sensação de estar queimando. Então me estiquei para pegar a mão dele.

E era tudo de que precisávamos.

Ele me defendeu quando me zoaram no colégio, e agora eu segurava a mão dele sempre que estávamos sozinhos. Naquele dia, estávamos sozinhos em um corredor vazio com um único banco, e o garoto no qual eu não conseguia parar de pensar estava pronto para ouvir quanto seu pai teria de pagar para aguardar o julgamento em liberdade.

– Me encontre nas docas, onde nos encontramos da última vez – ele disse apertando minha mão, no exato momento em que a porta da corte se abriu.

Respondi com um balançar de cabeça rápido e puxei a mão.

Minha mãe saiu da sala e me chamou com a sua voz autoritária e decidida de advogada. Senti que ele me observava – solitário, sem mãe e, em breve, sem pai – daquele banco enquanto o pai dele era levado, pois ficaria preso até a fiança ser paga. Minha mãe disse que, assim que o julgamento acontecesse e o pai dele fosse condenado, Mackenna seria levado por algum tio tão bandido quanto o pai e, provavelmente, logo seria expulso da escola e teria que se mudar.

Parecia até que minha mãe era uma bruxa. Tudo o que ela previu aconteceu.

Mas, antes de ele partir, e durante o período entre fiança e julgamento, Mackenna era *meu*.

Por dias, semanas, meses, ele era todo meu, e eu era dele.

Às vezes, quando eu voltava andando para casa, ele me acompanhava. Todas as pessoas que me zoavam apareciam misteriosamente de olho roxo. Quando minha mãe o viu certa vez, me advertiu severamente.

– Aquele garoto não é boa companhia. O que ele quer é vingança. Fique longe dele, Pandora.

– Ele não é assim – dizia à minha mãe para defendê-lo.

Mas como ela poderia entender? Ela não via Mackenna, muito menos seus olhos tristes e distantes. Tão tristes, que o prateado tornava-se cinza-escuro às vezes.

Ela não sabia que nunca ninguém lhe tinha dito que sentia muito por ele. Ela não sabia que, quando eu ia "estudar" na casa de alguma colega, ia, na verdade, me encontrar com Mackenna. Ela não sabia como conversávamos, como ríamos. Certas vezes, ficávamos apenas sentados lado a lado, fazendo nada. Outras vezes, eu passava muito tempo concentrada apenas na posição da minha mão em relação à dele. Às vezes, ouvia apenas o som da voz dele – independentemente do que ele dizia. Às vezes, eu o pegava me olhando. Para a minha boca, meus seios. Mergulhávamos na água fria e, quando voltávamos para o barco, tirávamos as roupas e nos esquentávamos.

Ele me salvou na escola. Agora, era como se eu o estivesse salvando.

Ele disse que me amava, e eu queria dizer o mesmo. Mas, durante todo o tempo que ficamos juntos, eu nunca disse. Ele mostrava que me amava nos pequenos gestos: carregando minhas coisas quando ninguém estava vendo, acompanhando-me silenciosamente depois da aula, às vezes, esperando do lado de fora da minha casa, na chuva, até eu conseguir sair às escondidas para encontrá-lo. Talvez eu fosse sua fonte de compaixão, e ele não conseguisse suportar que alguém me machucasse ou tocasse.

Minha mãe não sabia que, bem antes do julgamento, implorei a Mackenna que fizesse sexo comigo.

Ele jurou que aconteceria na semana seguinte. Aconteceu, e foi mágico. Ele me levou para o cais. Passamos pelos guardas e nos escondemos em um canto sob a roda gigante. Entramos em uma das cabines, esticamos alguns cobertores e fizemos amor.

Ele disse que me amava. Perguntou se eu o amava. Eu amava. Realmente amava. Ele me fez derramar algumas lágrimas. Eu me senti tão linda, valiosa e *perfeita*.

Continuamos nos encontrando. Sempre em segredo. A cada vez era ainda melhor. Mais do que perfeito. Ele cantarolava músicas para mim com sua voz profunda. No colégio, nos seduzíamos com o olhar e, depois, nos tocávamos à noite.

Então o julgamento foi marcado e, logo depois, ele não apareceu mais no colégio.

Mas nosso plano ainda continuava de pé. Após o julgamento, fugiríamos.

Só que ele não apareceu.

Eu fui procurá-lo na casa do tio, mas ele não estava lá. Duas mulheres mais velhas estavam na cama dele.

– Você está procurando Kenna? – elas perguntaram.

Engoli, me perguntando se elas teriam alguma coisa com ele e, se não, onde ele estava.

– Ele foi embora. Pegou um voo para Boston. Só de ida. Disse que lhe mandou uma mensagem.

– Ele mentiu. Não me mandou droga nenhuma.

Corri desesperadamente até em casa, então me tranquei no quarto e peguei minha caixa de recordações. Rasguei todas as fotos de nós dois. Aquele babaca, filho da puta, mentiroso, maldoso e cruel.

Nada restou, exceto aquela pedra idiota naquela caixa. A pedra que era o símbolo de que eu não deveria tropeçar de novo.

Eu não estava tropeçando na mesma pedra agora?

Eu tinha dito a mim mesma que as coisas não eram da forma que eu me lembrava. Suas mãos. Seus lábios. Nosso primeiro beijo. Ele costumava ter tanto ciúme de mim…

Um dia, antes de Mackenna me pedir em namoro oficialmente, estávamos discutindo sobre Wes Rosberg.

– Ele a convidou para sair? – Mackenna perguntou, franzindo as sobrancelhas. – Aonde ele vai levá-la? Por que você aceitaria um convite dele? Pensei que não gostasse dele!

– Ele é só um amigo – eu disse, dando de ombros.

Ele bateu o pé.

– Ah, é? E se ele estiver pensando em arranjar uma namorada?

Dei de ombros novamente.

– Bom, talvez eu quisesse ter um namorado.

– Eu quero ser seu namorado.

– O quê?

– Você me ouviu. Quero ser seu namorado.

– Kenna! Venha aqui! – Uma voz gritou de algum lugar ao longe, me trazendo para o presente. Ouvir a forte cadência da voz dele me deixou momentaneamente confusa.

– Estou um pouco ocupado aqui.

Piadas, risadas e xingamentos foram trocados. Ele deu risada.

Bem no meu ouvido.

Ele havia inclinado o assento e levantado o descanso de braço, e agora estava com o braço ao redor da minha cintura. Meu cérebro está atordoado enquanto tento entender por que minha orelha está encostada no peito de Mackenna, e por que sua mão está espalhada ao longo das minhas costas. Convenientemente, minha blusinha se levantou. Ou ele a levantou? O anel que ele usa no polegar estava em contato com a minha pele, traçando pequenos círculos em volta das vértebras da minha coluna.

Sinto uma pressão entre as pernas, e tenho dificuldade para processar tudo o que está se passando, mas estou tão drogada que nem consigo abrir a boca. Estou sonhando?

Quando os gêmeos se aproximam para discutir algo com ele, Mackenna vira o corpo e se estica embaixo de mim, mexendo os músculos sob meu corpo, então escorrega a mão pelas minhas costas e a coloca sobre a minha orelha. Ele fala em tom brando com a voz rouca, como se não quisesse me acordar, enquanto os caras discutem sobre uma festa à noite.

– Ela vai? – Ouço a pergunta abafada.

– É óbvio – Mackenna resmunga. Eles dão risada. Ainda consigo ouvi-lo sob minha orelha. Entre as pernas, sinto uma pressão maior.

– Pode não ser uma boa ideia… As garotas estão arquitetando o assassinato dela.

– Humpf. Esta aqui consegue mastigá-las e cuspi-las – Mackenna diz.

Não consigo entender se ele está me insultando ou não. Ele está ficando do meu lado, preterindo as mulherzinhas dele? Algo dentro de mim se aquece, mas eu reprimo. Há muito tempo, fomos amigos. Claro que nos pegamos no closet, mas aquilo foi loucura. Maluquice. Um momento animal. Neste instante, estou muito fraca para lutar contra a mão dele. Não consigo me levantar, mas o fato de estar bem aqui não significa que estamos bem.

Começo a divagar novamente, pensando sobre o nome dele. Significa "filho daquele que é bonito". Absolutamente contrastante com o meu caso. Quando era mais nova, todo mundo fazia piada com o meu nome.

Conheço a Pandora e seu erro – ter deixado todos os tipos de coisas ruins se espalharem pelo mundo depois que abriu a caixa. Sempre estive em guerra com o meu nome. Fico zangada com isso porque, neste momento, penso que nunca poderei ser lá muito boa. Dou azar. Causo coisas ruins e represento má sorte, eu acho. E ele? É o deus do rock. *Filho daquele que é bonito*. Todos os meus sentimentos se voltam para o meu corpo instantaneamente quando percebo que ele está esfregando a boca na minha.

O que ele está fazendo? Alguém o faça parar com isso!

Meu corpo é tomado pelos gritos de comando do meu cérebro, então eu faço uma verificação da área e ouço os motores do avião. Ele está passando a língua em mim agora. Sinto sua língua em meu corpo, o corpo que ele usou por último, sendo acariciado pela boca que eu usei por último.

Quero ficar brava, mas estou muito ocupada deitada aqui, absorvendo o beijo dele, que é quase como o beijo em todos os contos de fadas de Magnólia. Ela diz que não acredita em contos de fadas, mas a verdade é que eu acredito. Agora, Mackenna é o vilão da minha história, e o motivo pelo qual eu deveria ter me tornado lésbica. Se apenas meu corpo tivesse acompanhado o enredo…

Mas agora ele está me beijando como se estivesse me curtindo. Provavelmente, ficou excitado e eu estava ali, ao alcance. Enrijeço com esse pensamento e tento me afastar, mas ele me segura pela nuca, impedindo-me de fazer isso.

Ele sussurra:

– Shh. Só estou sentindo seu gosto. – Convenientemente, ele pressiona mais vigorosamente os lábios nos meus, movendo a boca.

– Você precisa drogar as mulheres para beijá-las? – tento falar enquanto ele continua esfregando a língua na minha.

– Só as selvagens como você – ele zomba de mim com a voz rouca.

Não consigo processar. Não consigo me controlar quando ele caçoa de mim – sempre gostei disso porque me fazia sorrir, e sou uma pessoa que nunca sorri. Seu gosto é bom, uma mistura de uísque, pretensão e languidez masculina. Nunca pensei que um homem pretensioso e lânguido pudesse ter o gosto tão bom, ou que ficar relaxada me faria saborear melhor um homem pretensioso e lânguido do que quando estou totalmente alerta. Não consigo entender o que está acontecendo. As coisas que estão acordando em meu corpo. O buraco no peito de repente fica completo.

Protestos se articulam em minha mente, mas não conseguem conter minha língua, presa na escorregadia, cálida e etílica língua dele. Ele me intoxica, e sou incapaz de me desvencilhar. Em vez disso, esfrego a língua na dele, lentamente, saboreando-o. Mas então tenho um lampejo de consciência e me afasto. Ele se aproxima e diz com a voz musical:

– Shh, relaxe a boca, amor. Deixei-me entrar.

Ele se ajeita na poltrona para que eu possa sentir a saliência entre suas pernas. De repente, quero aquilo ferozmente, mas, para meu desespero, ouço passos. Então o escuto pedir um cobertor à aeromoça. Nem sabia que eles ainda

tinham isso, mas senti que ele me cobria. Não percebo que ele não chama mais a aeromoça de querida. O calmante tem um efeito forte em meu organismo. Tento abrir os olhos, mas, antes de olhar para seu rosto, seus lábios cobrem os meus.

– Como pude esquecer por um momento do seu gosto… como você é viciante – ele sussurra para mim. Ele está me devorando descaradamente, segurando meu seio sob o cobertor. Não sei o que estou fazendo.

Sei, sim.

Não, não sei.

Sei, sim.

Minha boca está se movendo mais rápido, e o ritmo dele acompanha o meu conforme ele aperta meu mamilo. Anos de desejo reprimido parecem inundar meu corpo e energizar minha boca. Nada tinha um gosto tão bom quanto o dele. Nada.

A maneira como ele estava na noite passada tomou conta de mim e, de repente, sou eu que o estou beijando descaradamente. Ele geme. Aquele som reverbera dentro de mim.

– Deus, isso mesmo. Você me quer, Pink? Quer isso? Foda-se o resto. Vamos nos divertir. Apenas você e eu.

Sua voz me traz de volta ao presente.

Divertir?

A dor de tê-lo perdido me atinge violentamente.

Usando toda a força que consigo reunir, recuo, passando as costas da mão na boca, com raiva. Ele olha para mim e pisca, como se estivesse tonto por causa do beijo. Ele fixa o olhar em minha boca, eu faço o mesmo. Ele está claramente ávido por mim, e eu, ainda tentando decidir como me sinto. Tento encontrar minha raiva usual.

– As câmeras filmaram tudo – digo.

– Sim, não consegui me conter. – Ele pousa os olhos em minha boca novamente, sorrindo com evidente satisfação. – Você é muito tentadora, Pink. Você tem cheiro de coco, eu não sentia isso havia anos.

Faço uma careta.

– Você é apenas um pervertido posando de astro do rock para esconder a obsessão por sutiãs.

Pousamos. Levanto-me para pegar a bagagem de mão, mas ele se adianta e faz isso para mim. A camiseta dele se ergue enquanto ele pega nossas coisas no compartimento de bagagens e consigo ver seu abdômen e a tatuagem no lado interno do braço. É alguma inscrição, mas não consigo entender.

– O que está escrito em sua tatuagem?

Ele levanta uma sobrancelha e não diz nada. Apenas olha para a minha boca.

– Que eu sou um imbecil. Sabe, se essa boca não parece bem beijada, meu nome não é Mackenna.

Fico esperando a indignação aparecer, mas ainda estou tão anestesiada pelo efeito do calmante que nada acontece.

– Vá se foder. Está mentindo. O que quer dizer?

Ele sorri, porque, claramente, não vai me contar. Então me surpreende ao se inclinar e tocar meu rosto, encostando o anel de prata sob meu queixo.

– Posso não ter sido muito bom quando tínhamos 17 anos – ele sussurra, observando meus olhos com aquele par de olhos ferozes que brilham com uma intensidade impressionante –, mas, acredite, sou bom o bastante agora, Pink. Sou *mais* do que isso.

– Você está enganado – sussurro em tom zangado. – Dinheiro. Fama. Isso não muda nada. Você foi muito bom antes, mas com certeza não é nem um pouco bom agora.

– Olhe para você, cuspindo fogo como um dragão. Quantos malditos comprimidos precisa tomar para se acalmar?

– Um, na verdade. Você é o antídoto.

Passo por ele rapidamente e saio do avião, sentindo-o andar lentamente atrás de mim. Sei que está próximo quando vários flashes são disparados no portão de desembarque e as garotas começam a gritar:

– Crack Bikini! Kenna! Lex! Jax!

Lex e Jax estudavam em um colégio particular e conheceram Mackenna quando ele se mudou. Supostamente, os gêmeos gostavam de irritar o pai rico, e ninguém conseguiria irritar mais algum pai do que um cara como Mackenna.

Mackenna Jones era conhecido por ter atravessado uma fase suicida. Ele fumava o que queria, bebia, tocava música alta, arrumava confusão, não estudava. Também praticava esportes radicais e se envolvia em brigas. Depois que o pai foi condenado por tráfico de drogas, ele ficou com o tio, que não era nem um pouco melhor. A julgar pelo estilo de vida de Mackenna, será um milagre se ele viver até os 50 anos.

Crack Bikini estava presente quando houve uma briga em um bar há anos, e um jornalista conseguiu capturar uma fala, que ganhou fama – ou infâmia.

– O que é isso? Uma briga? – Mackenna perguntou, conforme relato do jornalista.

– Sim – alguém disse. – Não sei de quem.

Mackenna sorriu, um pouco de porrada evidentemente deixava seu coração feliz.

– Bom, é minha agora. – Ele assobiou para os Vikings, que foram correndo para a briga, sem se importar por quem ou pelo que estavam lutando.

Agora eles estão mais velhos, mas não tenho certeza se estão mais maduros. Ou seja, até uma mulher chorona faz Mackenna parar no meio do caminho.

– Obrigada. Obrigada, ah, obrigada – ela diz, esticando-se o bastante para que ele a veja. Fico chocada quando ele para, confuso, e pega a mão dela. – Nada na minha vida me inspirou tanto como a sua música, ouvir sua voz alegra o meu dia…

Aquilo tudo é quase muito íntimo para se ficar observando. Recuo quando o vejo sussurrar alguma coisa para ela e assinar o papel que ela tem na mão. Os olhos dele brilham com sinceridade. Ele não está sendo um babaca, como era de se esperar. Ele parece… autêntico. Seu sorriso é natural, seus olhos estão fixos nela quando ele diz alguma coisa que a faz sorrir e ruborizar.

Minhas barreiras estremecem novamente. Até o chão parece estar tremendo.

Quando ele se afasta da multidão e vem em minha direção, ergue uma sobrancelha.

– O quê? Nada maldoso a dizer?

– Não. – Caminho silenciosamente ao seu lado. Suas atitudes mexem com algo em mim, e isso é muito estranho. Quando me dou conta, me ouço admitindo: – Deve ser legal fazer a diferença na vida de alguém…

Ele olha para a frente e fala comigo em voz baixa, para ninguém nos ouvir. A equipe de câmeras segue a banda e os seguranças têm o maior trabalho para manter os fãs no limite.

– Costumava ser o que me motivava…

– Mas?

– Mas parou de me completar e começou a me sugar. Logo, vi que havia um vazio em mim, que cantava músicas que não conseguia mais ouvir.

Fico quieta, sentindo uma mágoa estranha. Quero que seja fácil culpá-lo por ter me deixado, mas ele tinha um sonho a perseguir, e eu não poderia esperar ser tudo para ele. Quero odiá-lo porque ele me magoa, mas ele parece tão humano, que sou incapaz de qualquer coisa, além de ficar quieta e absorver a forma como ele está me fazendo sentir neste instante.

O jeito como seus olhos cinza parecem quase calorosos (uma impossibilidade, considerando que cinza é um tom frio, mas parecem). Olhos

acinzentados calorosos, espontâneos e radiantes me olhando como se quisessem meu entendimento.

– Todos acham que é por causa do sexo e das bebidas. Mas não é. – Ele passa a mão pela cabeça. – É por causa da solidão da estrada. As garotas, o sexo. O caos de cantar o que sente, mas não ter ninguém para preencher o vazio, e a dor de querer sentir alguma coisa.

Ele me deixa sem palavras.

Cerro os punhos ao lado do corpo para conter o impulso de tocá-lo. Percebo que ele espera que eu diga alguma coisa, sei que ele quer que eu o compreenda. Então ele sorri e depois dá risada.

– Ok. Legal conversar com você.

Quero tanto abraçá-lo… Se ele fosse menor, eu abraçaria. Se pudesse controlá-lo, juro que abraçaria.

Mas ele não é pequeno, nem controlável.

A energia à nossa volta dá choques como um circuito elétrico enquanto ele espera que eu faça – diga – alguma coisa. Qualquer coisa. Quero ser sua amiga, ter algum tipo de relacionamento em que posso abraçar meu ex-namorado. Mas há uma grande chance de isso não acontecer. É como se houvesse o Muro de Berlim entre nós e, mesmo que ele me deixasse atravessar suas barreiras, eu não destruiria as minhas novamente. Então não digo nada, apenas balanço a cabeça, dizendo ironicamente:

– Legal conversar com você também.

Ele ri para si mesmo, com amargor, e sussurra:

– Você é inacreditável. – E simplesmente vai embora, me deixando com uma sensação horrível. Estou sozinha, mas talvez tenha desejado isso. Eu era rodeada de pessoas, mas não deixei ninguém entrar; quem sabe, apesar da fama, ele também não esteja sozinho. Eu o julgo porque o detesto, mas o que sei sobre sua vida?

O que ele pode ter passado nos últimos seis anos?

Independentemente do que tenha acontecido, não foi o que você passou quando ele a deixou…

Completamente furiosa de novo, me recomponho e tento me controlar, observando Mackenna levantar os dedos, fazendo o sinal de paz e amor para Lionel.

– Chego ao hotel mais tarde – ele grita.

Lionel assente e se vira para explicar para a câmera mais próxima.

– Ele vai ver o pai.

– O pai dele está na cadeia – digo sem pensar.

– Não mais. Foi solto e mora aqui perto.

Ao me ver pálida (pois pensei que ele tivesse pegado quase vinte anos!), Lionel se aproxima de mim.

– Você não parece muito bem.

– Preciso tomar calmante para entrar em um avião.

– Ah. Bom, então, pode ir para o hotel comigo.

– Uau, obrigada pela folga.

– Senhorita Stone – ele diz. – Amanhã o diretor e eu queremos que você se reúna com o coreógrafo. Gostaríamos que aprendesse uma das danças, a que é a coreografia da sua música. Nosso plano para o show do Madison Square Garden é você usar uma máscara e dançar com Olívia, depois mostrar o rosto no fim da dança, para ele perceber que é você… Aí você o beija.

– Está brincando? – Fico boquiaberta. – Não sei dançar!

– A partir de amanhã, você vai saber. Assinou um contrato.

– Não dizia que eu teria…

– Dizia que você seguiria nosso roteiro e contribuiria para as filmagens com qualquer coisa de que precisássemos. Trento e eu queremos que você dance com Olívia em volta de Jones. Esteja pronta pela manhã.

1 A boca de Mackenna / Cospe um sem-número de mentiras / O gosto do esgoto seria melhor.

2 A bunda de um asno é mais aprazível / Eu odeio a boca de Mackenna / E suas malditas mentiras / Se ele beijar minha bunda / Vai ter um gosto melhor em sua maldita boca.

oito

NEM SEMPRE O PASSADO É PASSADO

MACKENNA

Meu pai parece envelhecer cem anos em um dia. Ele acabou de sair do supermercado e agora vem em minha direção com as mãos nos bolsos.

– Oi, pai. Você parece cansado.

Ele resmunga alguma coisa.

– Empacotando vegetais o dia todo. Tem matado minha alma, com certeza – ele reclama enquanto caminhamos até o café da esquina.

– Bem, é um trabalho honesto. *Honesto* – enfatizo.

O cara costumava me proporcionar uma vida boa. Me dava tudo o que eu quisesse. Posso proporcionar essa vida para mim mesmo agora, e para ele também. Qualquer cara de caráter tem que cuidar de seus familiares.

– Viu, pai, que vista bonita? Podemos comer aqui sem você precisar levantar um dedo, nem para preencher um cheque.

Ele olha para mim, então pego algo no bolso.

– Falando em cheques… – Entrego a ele um cheque de mil dólares. – Não tenho certeza se vou conseguir visitá-lo de novo até terminarmos de gravar o filme. Mas estou tentando. Estou tentando arranjar tempo para ficar com você.

– Por que você iria querer fazer uma porra dessas?

Como se tivessem combinado, as pessoas começam a sussurrar e apontar para mim, então, pela meia hora seguinte, fico dando autógrafos na mesa. Quando finalmente termino, minha comida está fria. Empurro o prato e digo:

– Vamos sair daqui.

Vamos até onde meu pai mora no carro de hotel que me levou até ali. O apartamento é um lugar que um cara que empacota compras não poderia pagar, mas ele é meu pai. Ele não me deixaria colocá-lo em nenhum lugar parecido com aquele em que costumávamos viver, mas esse apartamento foi um acordo a que chegamos. Ele se mantém longe de álcool, drogas e de tudo que o tornava uma espécie de Lobo de Wall Street em Seattle.

– Como o poderoso decaiu – ele resmunga quando me vê analisar o apartamento.

– Você não era poderoso. – Dou risada, dando-lhe um tapinha nas costas. – E você decaiu. Mas o importante é que se reergueu. É isso que um homem deve valorizar, certo?

– Estou me reerguendo só por causa de você, caso contrário, ainda estaria naquela… – Ele fica pensativo e só consigo pensar nas coisas horríveis que deve ter visto lá, na cadeia.

– Pai, você se lembra daquela garota… aquela que eu gostava?

– Gostava? – Ele bufa. – Palavra modesta para o que era aquilo.

– Você se lembra dela?

– A filha da promotora cuzona? Claro que me lembro.

– Ela está conosco agora. Leo a quer no filme. – Passo a mão no rosto. Não espero nenhum conselho, só precisava falar com alguém sobre ela. Alguém que me levaria a sério. Não Jax ou Lex, que achavam aquilo engraçado, ou Lionel, que achava tudo financeiramente conveniente. Meu pai leva a sério. Ele franze o cenho e explode.

– Fique longe dela, Kenna! Ela já o destruiu uma vez.

– Ela não me destruiu – retruco.

– O dia em que você foi me visitar na prisão, me dizendo que não era bom o bastante para ela… Não quero ver aquele garoto magoado novamente. Nunca mais. Os Jones não fazem isso.

Meu orgulho exige que eu me defenda, mas não consigo pensar em nada. Porque ela realmente me destruiu. Tensiono o maxilar.

– Você ainda gosta dela. – Ele suspira.

– É puramente sexual. Quero foder com ela até ela não poder mais andar. Inferno, você não pode me culpar por isso!

Ele olha para mim, como se pudesse ver através daquela fachada, com a pior expressão possível nos olhos.

Pena.

– Sinto muito, filho. Sei que a perdeu por causa de mim.

– Nunca a perdi. Nunca a tive para que pudesse perdê-la, na verdade. – Dou de ombros e olho para fora, com o pensamento no passado.

Isso é um anel de compromisso?

O que está me prometendo com esse anel?

Eu.

Merda, éramos tão idiotas.

O que achei que estivesse prometendo a ela? Meu pai estava sendo processado por dúzias de crimes por tráfico de drogas. Eu não tinha nada para dar a ela, com exceção daquele anel e uma promessa, e tudo isso ela acabou jogando na minha cara depois.

Mudo rapidamente o rumo da conversa.

– Mas acabou. Estamos fazendo mudanças, você e eu. Você está se tornando um homem melhor. Deixe as coisas boas entrarem, ok?

Com um suspiro aborrecido, ele se joga no sofá e movimenta o dedo ao seu redor.

– Não sei, filho. Não tenho certeza se essa vida de honestidade é para mim. É tão monótona.

– Pai, seja um homem de honra. Deixe as coisas boas acontecerem. Ok? Estou muito orgulhoso de você, pai, estou mesmo. – Dou um tapinha em suas costas, ele bufa e continua franzindo o cenho, como se eu estivesse pedindo que ele carregue merda o resto da vida.

– Vou lhe dizer uma coisa – ele diz finalmente, apontando para mim. – Vou deixar as coisas boas acontecerem, abraçar esta vida de honra… mas só se você tirar essa menina da cabeça, e esquecer que um dia teve olhos para ela. Quer que eu fique longe do tráfico? Então fique longe de garotas tóxicas como ela. Nenhuma filha de promotora cuzona vai destruir o coração do meu filho duas vezes. Não existe esse tipo de amor, lembre-se disso. O único amor que já conheci… – ele baixa a voz quando olha diretamente para mim – … foi o amor do meu filho. – Seus olhos ficam vermelhos e, como uma menininha, eu não aguento.

– Fique bem, pai. Vou tentar visitá-lo quando a turnê acabar. Estou vendo com Leo a possibilidade de tirar umas férias. Podemos sair por aí juntos.

– Não existe esse tipo de amor… Lembre-se disso! Pelo menos, não vindo de uma mulher.

Fico na porta, lutando comigo mesmo. Lutando com a lembrança de uma garota, e de uma mulher brava que me quer dentro dela, como se precisasse disso para respirar – mesmo que ela odeie o fato de que seu corpo me queira.

Não existe esse tipo de amor…

– Sou um astro do rock, pai – digo, mas as palavras soam amargas na minha boca. – Evidentemente, canto sobre essa merda porque acredito nisso. Só não acredito nisso para mim.

Quando eu saio, assumo uma expressão sombria. Coloco o boné na frente do rosto, arrumo meus óculos aviador e entro no banco de trás do carro.

Batuco os dedos na perna e olho pela janela do carro as janelas do edifício.

Eu costumava escalar a janela do quarto dela. Não é tão simples quanto parece nos filmes, mas eu conseguia. Certa noite, eu me machuquei nas plantas espinhosas e cheias de galhos ao subir pela maldita treliça até o parapeito da janela de baixo, e então até a janela do quarto dela – que tinha o parapeito mais estreito da história dos parapeitos. Pendurado em um braço, bati até ela abrir. Então entrei, e nós dois tiramos os espinhos da minha camiseta.

– Merda de planta – resmunguei.

– Shhhh – fez ela, e foi verificar se havia trancado a porta. – O que está fazendo aqui?

– Não consigo dormir. Meu pai está bebendo. Quebrando tudo o que ainda tem em casa. Queria olhar para você. – Eu a abraço e, nossa, nunca pensei que ela dormisse com aqueles trajes. Shorts minúsculos. Camiseta folgada, deixando um ombro à mostra.

– E você veio aqui porque… precisava de um ursinho para abraçar? – ela perguntou. – Se algum dia eu fosse considerada um urso, seria um daqueles ursos cinzentos.

– Então, Cinzenta, vai ter que servir. – Tirei e joguei os sapatos, e me deitei na cama dela, puxando-a para perto.

Ela riu baixinho e tentou abafar o som. Ela nunca ria, essa garota, mas ria comigo.

– Também não conseguia dormir – de repente ela sussurrou para mim, traçando círculos em meu antebraço. Bem onde tenho a tatuagem agora. Cacete, ela me matava. Sempre foi fechada como uma caixinha, Pandora, e não era de falar muito sobre o que estava sentindo. Mesmo se estivesse sangrando até a morte, e se lhe perguntassem se estava com dor, sabe o que ela faria? Provavelmente daria de ombros, mesmo se aquilo a estivesse matando.

Eu a entendo. De alguma forma, a entendo. E ela me entende. Aquela noite, eu a abracei forte e, em questão de segundos, ela dormiu em meus braços. Ela confiava em mim o suficiente para fazer isso. Dormir, apoiada em mim. Ajustei o despertador do celular para as 5h da manhã, para que a mãe dela não nos pegasse no flagra. Então olhei para o teto do quarto dela e me perguntei se ela pensava em mim ao olhar para aquele ventilador girando. Ou se ela pensava em mim do mesmo jeito que eu pensava nela quando estava na cama.

Minha mãe faleceu quando eu tinha apenas três anos. Eu me lembro do cheiro dela e de seus carinhos, mas não de seu rosto. Odeio o fato de não me lembrar do rosto dela. Odeio mais ainda que meu pai não lidou bem com a

situação e se livrou de todas as fotos antes de eu começar a entender e poder falar qualquer coisa.

Quando meu pai foi pego traficando, o governo foi rápido e apreendeu os carros e a casa. Nos mudamos para a casa do tio Tom e ficamos lá até o julgamento, e ele era pior que papai. Álcool era tudo o que ele conhecia. Meus amigos? Foi interessante ver como eles desapareceram quando a foto do meu pai foi mostrada no noticiário da noite.

De um dia para o outro, o garoto mais popular de uma escola particular se tornou o excluído. Tudo sumiu, em um piscar de olhos.

Foi surreal. Inacreditável.

Não conseguia dormir nem comer. Era como se eu soubesse o que ia acontecer.

Eu tinha medo, mesmo enquanto esperava cair a última gota. A última gota que transbordaria o copo d'água e me afogaria. Apertando o nó que faltava para me enforcar. Fiquei esperando pela única coisa que poderia acontecer, aquilo que eu mais queria: sumir também.

Quando a vida nos dá uma rasteira, é normal começar a ter medo. E eu temia perdê-la mais do que qualquer coisa. Inferno, eu tinha medo de que acontecesse algo que, na verdade, já tinha acontecido.

Às 5h02 da manhã, não havia pregado o olho, mas ali estava ela, e tudo o que eu queria era que ela estivesse lá para mim. Enfiando a mão no bolso, coloquei o anel da minha mãe no dedo. A única coisa dela que consegui manter, porque o escondi. Legalmente, eu nem deveria ter ficado com o anel. Mas era tudo o que restara da minha mãe, e eu queria que minha namorada ficasse com ele. No dia seguinte, levei-a para as docas e lhe dei o anel antes de sairmos do iate que havíamos invadido.

A maneira como ela me beijou…

Acho que toda vez que ela me beijava daquela forma, eu fantasiava que ela também me amava.

Meses mais tarde, um dia depois de meu pai ter recebido a sentença, aconteceu.

Descobri que a garota que eu queria que me amasse assim como queria respirar… nunca seria minha.

Eu tinha que ir. Parti, detestando cada atitude que tomei.

Nenhum álcool, nenhuma prostituta ou garota, nada poderia me entorpecer o bastante, a ponto de me fazer parar, de me obrigar a parar de precisar dela.

Nem mesmo uma música.

Bêbado, compus a música meses depois, precisando culpar alguém pela vida de merda que eu levava. Então, culpei a fonte da minha dor. E meus novos amigos, os Vikings, abraçaram a raiva, a ironia de misturá-la com Mozart. Eu canto isso agora, acho que todo dia, e poderia cantar mais milhões de vezes, mas ainda acredito que seria até capaz de matar se estivesse ao meu alcance fazê-la me amar.

Por um maldito minuto.

Um segundo, que fosse.

Só para me dar uma porra de um beijo e me dizer que, pelo menos no passado, ela me amava.

nove

DANÇANDO NO RITMO DELES

PANDORA

Acordo cedo. O coreógrafo espera por mim no salão do hotel, junto com os outros onze dançarinos. Letitta também está lá, olhando-me com um sorriso quando entro. Não tomei café, estou de mau humor e sem dormir. Nem me dou ao trabalho de sorrir também.

Não dormi nada a noite passada. Fiquei esperando você-sabe-quem aparecer na minha cama. Não, não exatamente esperando. Quase… ansiosa. É triste, mas é verdade. Fiquei me lembrando de quando tínhamos 17 anos, e ele escalava até a minha janela para entrar no meu quarto, e eu ficava esperando – fingindo que *não estava* esperando – com o coração dando saltos de alegria, até ouvi-lo bater de leve na janela. Eu o deixava entrar rapidamente, então ele tirava a camiseta e os sapatos e se deitava na cama comigo só de calças. Eu sentia seu cheiro e me aconchegava nele, querendo dizer que, desde que meu pai morrera, ele era a única pessoa que conseguia me fazer esquecer a dor. Querendo dizer que doía muito saber que minha mãe estava, dia e noite, trabalhando no caso para lhe tirar o pai também…

– Está tudo bem, foi ele que fez isso com ele mesmo – ele sussurrava quando eu, pela milésima vez, lhe dizia que sentia muito. Mas ele soava triste. Como poderia *não* estar triste?

Então eu caía no sono, por mais que tentasse ficar acordada, pois me sentia muito confortável com seu cheiro, calor e o jeito que ele passava a mão preguiçosamente pelas minhas costas. Então eu acordava sozinha, observando a marca no travesseiro dele e a janela discretamente aberta, denunciando a sua passagem, bem na hora que minha mãe entrava para me acordar para ir ao colégio.

– Feche a janela, está frio! – ela brigava comigo.

– Você está ficando igual à vovó – eu resmungava.

– Isso é *muita* falta de respeito, Pandora.

– Desculpe… – murmurava e ia para o chuveiro, deixando a água correr pelo meu corpo, já detestando o dia que viria. Eu sabia o que ia acontecer, porque no dia anterior havia acontecido a mesma coisa, e no dia antes dele.

Veria Mackenna de longe, e ele me olharia também. Fingiríamos que não havíamos acabado de dar as mãos nem que eu tinha dormido com meu corpo aconchegado como um pretzel no longo e adolescente corpo dele. Conversaria em meu pequeno círculo de amigos, sentindo-o me observar como um lobo da mesa em que estava, com um monte de puxa-sacos ao seu redor. Depois do que houve com o pai de Mackenna, apenas os verdadeiros rebeldes de famílias problemáticas ficavam com ele. Todos esperavam pelo julgamento e pela sentença do pai… e quanto a Kenna?

Kenna já havia sido "julgado" por todos na escola. Todos, menos eu. Nos cruzávamos no corredor, sempre dando um jeito de esbarrar um no outro.

Chegávamos atrasados às aulas, sempre tínhamos métodos diferentes. Às vezes, ele andava a passos de tartaruga, se atrasando até o corredor esvaziar. Ou eu deixava meus livros cair no instante em que ele passava, para que ele se abaixasse bem perto de mim e os colocasse na mochila. Era tudo bem idiota, confesso, mas o dia era um sacrifício se eu não falasse pelo menos uma palavra para ele. Uma palavra com ele.

– Oi – ele dizia brandamente, sorrindo apenas com um lado da boca.

– Oi. Obrigada – eu simplesmente agradecia, quando realmente queria dizer: *Quero ficar com você.*

E seus olhos cinzentos diriam com uma frustração silenciosa:

– Por que não posso ficar com você?

A visão de todos os casais caminhando pelo corredor de mãos dadas acabava comigo. Nunca deixava de perceber a tensão em seu maxilar, a tensão no ar, pois eu sabia que ele se perguntava por que não poderíamos também assumir nosso namoro daquele jeito.

– Minha mãe – eu explicava. Ela não entenderia. Estava me vigiando como uma águia desde que o vira caminhando comigo até em casa. Minha mãe destruiria tudo.

– Sim, eu sei, é que eu fico frustrado – ele sussurrava em minha orelha, com a respiração suave. Então pendurava a mochila em meu ombro e esfregava o dedo na minha pele, onde minha camiseta havia se erguido, roubando um toque… juntamente com meu coração.

– Venha em casa hoje à noite – eu pedia.

– Sempre – ele dizia.

Sempre...

Seis anos – um pouco mais que isso, na verdade –, e eu ainda me lembro daquele *sempre*. E também dos momentos quando ele acordava, e seus olhos de repente pareciam prata antiga, depois de um olhar, sorriso ou toque meu, às vezes, quando ele olhava para o shorts que eu usava, e eu não conseguia mais olhar para prataria sem sentir uma angústia no peito. Mackenna não é mais aquele menino. E eu não sou mais aquela garota, esperando-o na cama, observando ansiosamente a janela. Mas na noite passada me senti muito como ela.

Eu me senti exatamente como ela, na verdade. Ansiosa, esperançosa, com medo de ter esperança. Vulnerável.

Ele foi a fonte mais intensa de dor na minha vida, e meu instinto de sobrevivência fica mais forte do que nunca quando ele está por perto. Tudo nele representa uma ameaça – sua voz, seu beijo, nosso passado, meu próprio coração. Eu tinha tanta certeza de que não tinha mais coração, mas ele me fazia lembrar de que ainda estava lá, dentro de mim em algum lugar. Fica vivo quando ele está perto, gritando *Perigo*…

Agora estou emburrada porque ele não me procurou. Por mais que eu me odeie por desejar isso, queria que ele tivesse ido.

Ele conseguiu me deixar cansada a ponto de eu considerar tomar meu clonazepam à meia-noite. Mas só tenho mais dois comprimidos, e se precisarmos pegar outro voo? Eu morreria de ataque cardíaco se o avião não caísse.

Meio grogue, me servi de uma xícara de café fumegante em uma pequena mesinha. Bebo o café enquanto estudo as duas garotas na frente da sala. Uma de cabelos escuros e outra loira.

Tit e Olívia.

Ah, sim. Elas são as líderes da equipe. Consigo reconhecer instantaneamente.

Tit é a loira, não loira natural, como Melanie, mas uma loira de salão com olhos castanho-escuros. Olívia tem cabelos escuros, quase como eu, mas seu rosto é mais redondo e sua expressão, acho que é… mais suave. Mas o olhar não tem nada de suave.

Encontro seu olhar a todo momento, porque nunca se pode desviar o olhar de uma ameaça. Pratiquei isso até a perfeição quando meu pai morreu e minha mãe me intimidava, e no colégio, nas milhões de vezes que tiravam sarro de mim, até Mackenna aparecer e dar um jeito para que não fizessem mais piadas comigo.

Agora, uma dúzia de olhares de 20 anos me perscrutam, como se eu estivesse aqui para entretê-los durante o dia. A coreógrafa bate palmas, direcionando a atenção de todos.

– Meu nome é Yolanda – ela se apresenta para mim –, e estou encarregada de ensiná-la a mexer o corpo como se tivesse dançado profissionalmente a vida toda. Não é uma tarefa fácil, então, já vou avisando: seus banhos devem ser congelantes depois dos ensaios. Você nunca na vida foi tão dura e esquisita quanto uma parede e tão desajeitada quanto uma girafa recém-nascida. Vai se alongar ao trabalhar conosco, tem que observar e aprender!

Ela estala os dedos, e os outros dançarinos começam a se alongar. Olívia parece impressionada por eu estar tentando me alongar. Consigo encostar a mão no pé? Não. Sou tão dura quanto um pau e quase emito grunhidos ao tentar.

– Devagar! Ou você vai distender um músculo, aí fica sem utilidade para nós! – Yolanda me censura.

Ela é latina – sei disso pela paixão na voz e pelo sotaque. Seu corpo é lindo, com curvas perfeitas nos lugares certos. As roupas das outras dançarinas se agarram aos seus lindos corpos. Muito diferentes do meu. Tenho mamilos grandes muito evidentes, que chamam muita atenção, por isso sou grata por meus seios serem pequenos.

A roupa que estou usando, enviada ao meu quarto por Lionel, não valoriza meus peitos, muito menos minha bunda pequena.

Tentando não me olhar muito no espelho – consequentemente, evitando me lembrar de como sou reta –, ando até o centro. Yolanda me chama.

– Você. A coreografia que você e Olívia vão fazer é diferente da dos outros. Finja que sou Jones. Agora você anda até mim, movendo-se de forma sensual. Hipnótica. Sexy. Entre em contato com suas sereias internas…

Eu me sinto idiota. Ridícula. Mas tento andar rebolando um pouco os quadris. Ouço risadas à minha volta, paro e franzo o cenho, fazendo careta para todos no salão, assim todas as mulheres ali veriam minha expressão de descontentamento.

– Ignore… *Meninas*! – ela dá bronca na equipe, batendo palmas. Então, vira-se para mim: – Agora… sensual. Não tão dura. Como se estivesse fazendo amor. Você vai fazer amor com Jones vestida, no palco. Todos querem Jones. Imagine o corpo dele, mexendo-se sinuosamente contra o seu. Mackenna Jones se movimenta muito bem. Magic Mike[1] é fichinha perto dele. Está pronta? – Ela vem até mim e me pega pela cintura, ondulando o corpo contra o meu.

Nossos seios se pressionam. Ela está fingindo ser Mackenna, olhando para mim com uma expressão esquisita, provavelmente achando que é igual à de

Mackenna. Só de pensar de ficar daquele jeito, em frente ao público, me faz parar.

– Não consigo…

– NÃO CONSEGUE! Essa frase não existe para nós. Fazemos de tudo aqui. Agora rebole. Mãos na cintura. Para um lado e para o outro, para a frente e para trás, de um lado para o outro. É só se soltar! – Ela sai para ligar a música enquanto todos os dançarinos se alongam, e eu parada ali, ridiculamente encoxando algo imaginário. – Bom – ela elogia. – Muito bom! Agora, coordene com os braços… circule-os para o lado… para cima… solte esse corpo rígido.

Estamos dançando a música da banda, e aquele som começa a reverberar em mim. As meninas balançam a cabeça, então eu solto o cabelo e tento imitá-las, indo até Yolanda e passando as mãos pelo seu corpo.

De repente estou patinando, meus pés no comando do meu corpo, e as mãos de Mackenna em minha cintura, pois eu sei que ele vai me pegar. Se eu cair, não é preciso ficar com vergonha, é uma desculpa para ele me tocar e baixar a voz, falando e rindo. Gosto de sua risada, de como ele me pega, de como limpa a neve do meu traseiro com as luvas, me beija na bochecha, para o caso de alguém conhecido estar nos observando, e sussurra:

– Cansada?

E eu digo:

– Nunca!

E ele me gira como se eu fosse um pião, ri muito e me guia pelo rinque, patinando perto de mim. De repente, dançar não é tão diferente. Acompanho a música, seguindo o movimento da garota à minha frente, fazendo as pernas copiarem os passos dela e movimentando as mãos, como se estivesse acariciando um homem imaginário. Yolanda para de me dar instruções quando começo a arrasar, me perdendo, imaginando o jeito que Mackenna se porta no palco com as duas mulheres. Agora, a dançarina bem na frente dele serei eu.

Lembrando-o do que tivemos.

É isso *o que você quer, fazê-lo se lembrar? Fazê-lo se sentir mal. Lembrá-lo da garota com a qual ele patinava. Aquela que ele costumava girar como um pião. Lembrá-lo de que ela morreu para ele. Morreu porque… ELE A DEIXOU.*

Ela o amava, e ele a DEIXOU.

Fazê-lo se arrepender de ter partido. Sem uma palavra, ou um adeus, ou um "sinto muito", ou um motivo.

Esse pensamento só me fortalece, e ainda estou balançando minha bundinha segundos depois de a música ter terminado.

– Bom trabalho, garotas! – Yolanda elogia com mais palmas.

As bailarinas parecem bem calmas, e eu, quase sem fôlego. Sigo-as até onde estão penduradas as toalhas e então seco o pescoço. Yolanda se aproxima de mim, com os olhos brilhantes de aprovação enquanto seca seu decote.

– Você tem algo a provar. Gosto disso… – Ela então segura minha cabeça com a mão livre e me disseca com os olhos. – Está apaixonada por ele?

– Pfff! – cuspo acidentalmente. – Desculpe! – Dou minha risada maldosa de bruxa. – De jeito nenhum.

Ela me mostra um sorriso estranhamente sem expressão.

– Pandora. Humm. – diz enigmaticamente, e simplesmente se afasta.

Como se soubesse de alguma coisa que mais ninguém sabe.

***

À tarde, assisto ao ensaio da banda dos bastidores, com os olhos fixos em você-sabe-quem. Ele ri alto. Muito. Xinga bastante também. Os gêmeos o provocam e ele retruca, trocando cumprimentos carinhosos do tipo "imbecil filho da puta", "volte ao trabalho, seu babaca" e, o meu favorito, "chupa meu pau, cuzão". Em certo momento, tenho quase certeza de que falam sobre mim.

– Você comeu sua caixa de bombons ontem?

– Se comi ou não – Mackenna responde tranquilamente, quase pretensiosamente –, não é da conta de vocês.

Eu? Caixa de bombons?

– Estamos sendo filmados, seu trouxa. O que fazemos a partir de agora até Madison Square Garden é da conta de todo mundo – Jax diz a ele. Será que foi Jax? Não sei, confundo muito os dois. Ajuda quando eles estão sem camisa, porque Jax tem uma cobra tatuada. Lex é mais falante e está, de fato, sorrindo para mim, agora que me viu escondida atrás das cortinas do palco.

Tento me esconder um pouco mais nas sombras, e espero que Mackenna continue falando, mas ele não fala. Ao invés disso, esfrega a nuca e gira os ombros, o corpo suado e se movendo totalmente no ritmo da batida quando recomeçam a ensaiar.

Os gêmeos tocam as guitarras, a orquestra assume exaltada, e Mackenna começa a cantar, dançando com uma dúzia de bailarinos em perfeita sincronia atrás dele.

Yolanda tem razão. Nenhum homem é tão masculino, musculoso e ainda capaz de dançar como ele. Ele mexe os quadris e movimenta sensualmente o

corpo, então dá um giro, apoiando-se nas palmas das mãos, para em seguida ficar de pé novamente, cantando em tons baixos, enquanto Bach e seu rock tocam em tempos alternativos. É um dueto perfeito.

No palco, ele é um deus do rock, mas ainda consigo me lembrar de quando ele me trazia flores do campo. Eu ficava tão nervosa, com medo de a minha mãe descobrir, que às vezes as jogava fora antes de chegar em casa. Como eu era covarde!

Ele era o cara certo para mim. É a coisa mais verdadeira que sei sobre mim. Que ele era o *cara certo*.

– Quero ser alguém um dia, sabia? Fazer a diferença…

– Não sei o que quero ser ainda – eu disse.

– Tenho uma ideia. – Ele me beija. – Seja você.

Escutando-o tranquilamente agora, encosto na parede e fecho os olhos, deixando que a voz dele me acalme.

– Soube que já está fazendo amigos… – Lionel diz atrás de mim. Quando me viro, ele sorri em aprovação. – Yolanda me disse que você foi ótima no ensaio.

– Fiquei parecendo uma idiota, mas pelo menos algumas das suas dançarinas se divertiram – digo. Não consigo evitar um sorriso, e ele dá risada, uma risada explosiva.

– Yolanda disse que você é bem natural. Que realmente colocou isso para fora hoje.

– Huh – resmungo, não acreditando no elogio.

Mas me sinto bem, na verdade. Havia me esquecido de como era. Receber elogios por alguma coisa.

Quando Mackenna sai do palco, Lionel acena para ele e o informa da novidade.

– Sua namorada, aparentemente, é uma dançarina nata – ele diz.

Mackenna, suado e respirando profundamente, ergue as sobrancelhas ao ouvir aquilo.

– É claro que é. Com quem você achou que estivesse lidando?

Fico tão vermelha de vergonha, que até meus pés devem ter ruborizado.

– Ela é uma ótima patinadora também… – Mackenna acrescenta brandamente.

Quando nossos olhos se encontram, meu coração cria asas. Você se lembra disso, Kenna? Como me girava, me pegava e me segurava?

Um momento longo se passa, e sinto que Lionel fica muito desconfortável com nosso silêncio, então ele pede licença e sai rapidamente.

– Então. – Pego a mecha de cabelo que Melanie me desafiou a tingir, sentindo-me repentinamente tímida. – Você também foi bem no ensaio…

Ele dá uma gargalhada, e seguimos para o fundo do palco.

– Acho que eu estava com saudades de você, Pink – ele diz suavemente, balançando a cabeça como se fosse uma novidade esplêndida. – Todo esse tempo… – Ele estica a mão, e seu anel de prata toca meu queixo com um carinho gentil.

Brevemente.

Um segundo está lá, no outro, desaparece.

Meu sorriso esmorece com o fantasma de seu toque na minha pele.

– Acho que você está enganado.

– Sim, fiquei com saudades de você – ele diz, assentindo para si mesmo, com um sorriso sincero. – Um pequeno corvo tão bravo e corajoso… escondendo-se na franguinha mais doce e amorosa.

Reviro os olhos nas órbitas, tentando não me render à honestidade que via nele.

– Que seja, Kenna – digo. Como se algum dia eu fosse esquecer que ele escreveu uma música descrevendo o quão ruim eu sou!

– Ei, Kenna! – Um dos membros da equipe lhe entrega um copo vermelho, e eu presumo que seja água. Ele bebe tranquilamente enquanto os gêmeos se aproximam de nós com as guitarras penduradas nas costas. Nós os observamos irem também em direção ao bebedouro.

– Como vocês conseguem fazer isso? – pergunto à Mackenna, no momento em que os Vikings se voltam e sorriem para nós. – Apresentar-se na frente de todas aquelas pessoas. – Faço um gesto, apontando o palco e todos os assentos vazios ao redor.

Ele dá de ombros.

– Lex vomita antes de subir ao palco, toda vez. Jax fica paralisado. E eu… – Ele balança os ombros. – Tenho um truque especial.

– Tipo o quê?

– Digo a mim mesmo que ninguém da plateia é *você*.

– Sério? Esse é o seu truque? Então eu sou seu carma, e você simplesmente fica aliviado de eu não o estar assistindo.

Ele ri, e vai caminhando na direção do vestiário.

– Ei! Aonde você vai? Estamos conversando aqui! – protesto.

– Preciso tomar banho, Pink. Venha me ver depois, e ficarei feliz em lhe explicar – ele diz, e algo em seu olhar me diz que ele gostaria de fazer mais do

que explicar.

Pela próxima hora, movimentos de todos os tipos destroem o meu estômago.

Digo a mim mesma que ele quer tirar o melhor de mim, ou me conquistar do mesmo jeito que conquistou os Vikings. Ele é um pirata me atraindo para seu navio, mas não vou cair em sua armadilha. Quem se importa com o que ele quis dizer?

Porém, mais tarde lá no hotel, estou andando pelo corredor, incerta de qual seria o quarto dele, quando as agradáveis Tit e Liv aparecem.

– Está procurando Kenna? – elas perguntam, com sorrisos idênticos de orelha a orelha.

Merda.

– Não.

– Ah. Sério? – Liv coloca um braço em volta de mim e me vira, conduzindo-me para outra direção. – Então quer vir ao nosso quarto? Vamos assistir a um filme.

– Estou um pouco dolorida. – Tento me livrar dela.

– Ah, não se preocupe! Tenho uma coisa que vai ajudar a melhorar isso.

Já que *estou mesmo* dolorida pela aula de dança da manhã, mordo a língua e a deixo me levar ao quarto delas. A "coisa" que ela tem é um saco de gelo, e eu me contorço conforme ela o pressiona no músculo acima do joelho.

– Ah, não resmungue, pare de agir como um homem… – Ela me faz ficar quieta. – Os caras são os únicos que reclamam.

Fico estática, franzindo o cenho.

– Às vezes, emprestamos nossas bolsas de gelo para eles quando malham demais. Academia a cada três dias. Eles levantam peso e fazem vários tipos de exercícios.

– Há quanto tempo você dança para eles? – pergunto, realmente curiosa. Eles parecem ser amigos, mas é evidente que elas também dormem com eles.

– Eu, quatro anos. Tit, dois. Amamos isso.

– Imagino… – Eu as analiso, procurando traços de culpa nos olhos de Olívia, mas não consigo decifrar. Estou muito acostumada à transparência de Melanie e Brooke. A sinceridade das verdadeiras amigas. Mas também estou acostumada com minha mãe. É isso. Estas garotas são iguais a ela, e só há um jeito de lidar com esse tipo de pessoa: ficando bem longe. Se falhar nisso, você tem que estar preparado.

– Por que estão sendo legais comigo agora?

Elas dão risada em uníssono, trocando olhares.

– Ah, não seja boba. Não a queremos como inimiga. Queremos ter certeza de que não vai brincar com Mackenna.

– Acham que o estão protegendo de mim? Isso é um absurdo.

– Será?

– Sim!

– Ah, não sabemos – agora Tit está falando, batendo as unhas feitas nos lábios, pintados com o mesmo batom de Liv. – Desde que você chegou, Kenna não faz mais nada além de olhar para você, andar com você, sentar ao seu lado e ficar à sua volta como um cachorro que ganha um osso novo.

– Ele vai encontrar outro osso logo.

– Será? – É Olívia de novo. – Porque posso garantir que ele não faz isso. Até falamos com as outras garotas, umas que estão com a banda há mais tempo. As mulheres vão até Kenna. Ele não corre atrás de nenhuma, ele tem uma fila o aguardando. Então, sim, estamos preocupadas. O que rola entre vocês?

Dou de ombros.

– Ele é meu ex. Temos um passado. Um passado que inclui o fato de eu odiá-lo, assim como todas odeiam o ex.

– Mas você estava dançando com Yola como se quisesse transar. Com certeza estava imaginando que dançava com Kenna. – Aquilo não era uma sugestão, soava mais como uma acusação.

– Eu… – Não havia como negar a forma como me perdi naquela dança idiota, então simplesmente me calo.

– Um dos câmeras disse que vocês dois compartilharam o mesmo quarto outra noite. É verdade? – Tit me pressiona.

– Uau, voltamos ao tempo de colégio?

Há uma câmera posicionada em um móvel no canto do quarto, quase como um predador à espreita, esperando para gravar minha resposta. Por uma fração de segundo, penso em sair dali, mas também quero que a informação seja armazenada por essas duas.

– Dormimos juntos – sussurro bem baixo. – Mas…

– Vocês fizeram mesmo! *Sabíamos* que tinham dormido juntos, aqueles olhares quentes que ele expressa para você deve ser multiplicado por cinco no quarto, hein!

– Ah, não. – Olho para a câmera idiota, de repente um pouco vulnerável demais. Admito que ele não tentou nada comigo? Que ele não me tocou do jeito que pensam? De repente, não quero que elas saibam se ele fez ou não, de

repente, Mackenna é meu segredo de novo, e não quero compartilhar nada sobre ele com ninguém.

Eu me levanto.

– Boa noite, garotas. Da próxima vez, vamos conversar no meu quarto. Tenho uma coisinha que vocês não têm: chama-se privacidade.

– Ei, Dora. – Liv toca o meu braço, me detendo.

– Pandora. Por favor. Aqui está sua bolsa de gelo. Meu palpite é que tem a mesma temperatura que vocês duas.

– Amanhã. No seu quarto. Depois do show. Vamos levar Martini. Combinado?

Olho para elas, e percebo que não sei o que fazer com essas duas. Talvez me odeiem, mas ainda preciso de alguém com quem conversar, ou vou voltar correndo para os braços de Mackenna, como pretendia fazer há apenas alguns minutos. É ele, e não essas garotas, que pode me machucar. Independentemente do que elas queiram fazer, não vai ser nada comparado ao que Mackenna pode fazer comigo.

Não fará mal algum ser cuidadosa, no entanto.

Volto para o meu quarto me perguntando o que ele vai fazer quando perceber que não vou mesmo aparecer por lá. Vai ficar tentado a vir até meu quarto me seduzir hoje à noite? Será que está sentindo a mesma ansiedade que eu? Se perguntando qual será o próximo passo? O que ele vai fazer?

Mas, à meia-noite, ouço a risada dele no corredor. Ele está com alguém. Logo após, ouço uma risada feminina. Então percebo que a onda repentina de ódio que sinto nem é por ele.

É por mim.

1 Personagem stripper interpretado por Channing Tatum no filme *Magic Mike* (N. do T.).

dez

HORA DO SHOW

PANDORA

Noite de show é uma loucura. É preciso ter dez olhos para andar nos bastidores sem tropeçar em algo ou trombar em alguém, e não se pode de jeito nenhum ficar no caminho.

Vejo Jax em um canto perto das cortinas, fumando, e de repente queria ter colocado meu cigarro eletrônico no bolso da calça.

– Ah, posso dar uma tragada? – pergunto. Jax solta a fumaça enquanto me passa. Trago e em seguida tusso. – É maconha?

– O que achou que fosse? – Ele sorri e faz menção de pegar de volta, mas eu dou um passo para trás, decidindo dar mais um trago.

Jax ri e bate nas minhas costas quando tusso.

– Calma, Senhora Jones – ele diz.

– Ah, por favor. Não sou a *Senhora Jones*.

– Bom, é assim que todo mundo se refere a você por aqui. – Ele sorri para mim. Percebo que ele tem os olhos de um tom diferente, o mais estranho que já vi: violeta. – Temos a impressão de que a conhecemos, já que Jones canta sobre você, ele e tal… – Ele fala pausadamente, me tratando quase como um irmão naquele momento.

– É tudo mentira, acredite. Espere até ouvir o que eu tenho a dizer sobre ele. – Afirmo o que eu digo com um movimento vigoroso de cabeça, e ele dá uma gargalhada sonora.

Do nada, Lionel aparece e toma o cigarro da mão de Jax, jogando-o no chão e pisando em cima.

– Livre-se disso, Jax. Jesus Cristo, quantas vezes vou ter que te dizer isso?

– Humm. Mais uma?

Leo o olha com a expressão severa e se vira para mim.

– Quer assistir ao show da primeira fila? – Notando minha hesitação, ele me empurra até a porta e me leva para fora. – Vamos. Vai ser divertido… E, se você

estiver lá, é uma coisa a menos para eu me preocupar. Não quero que Kenna se distraia. Ele já está obcecado com qual peruca vai usar hoje.

– Ele fica ridículo de qualquer jeito, então diga a ele que pode ir de moicano – tento fazer graça ao segui-lo para fora.

Acho que sabia que haveria repercussões por estar na primeira fila: ouvir a multidão gritar "CRACK BIKINI" quando *ele* entra, os Vikings aparecem e a música começa. O som é inicialmente lento, como nas preliminares, depois vai acelerando, até parecer um orgasmo musical arrebatador. Deveria ter imaginado que meu corpo me trairia, como da última vez. Deveria ter imaginado que me sentiria quente, incomodada e confusa…

Como da última vez.

Mackenna está usando um moicano azul pontudo sobre o cabelo curtinho. Minha nossa, as coisas que aquilo faz comigo… Ele está me zoando ou era para me satisfazer? Ele é tão bom no que faz… A multidão está extasiada, e ele cumprimenta a todos com uma risada discreta e um grito vigoroso.

– Vocês estão barulhentos esta noite!

A multidão responde gritando mais alto e, depois de um breve intervalo da orquestra, ele se posiciona no centro do palco e começa a cantar.

Meu corpo se reverbera com a música. Com sua voz.

Ele canta incrivelmente concentrado, e o que me deixa mais maravilhada é que ele nunca fica parado. Com o corpo em constante movimento e os músculos tensionados, ele faz movimentos fluidos que precisam ser falsamente fortes. Observando aqueles saltos que ele dá… como ele pula de um lugar para outro do palco e gira no ar… preciso me concentrar em encher meus pulmões, pois eles pararam de funcionar espontaneamente.

E, como se a visão dele não fosse suficiente, o som de sua voz atinge meu corpo inteiro, fazendo o sangue pulsar furiosamente nas veias. Sua voz é tão profunda e máscula que nenhuma mulher ali poderia sair ilesa. Ele canta com o coração, e é possível enxergar, talvez até sentir, isso em cada palavra. Quando ele canta "Pandora's Kiss", consigo ouvir a raiva incutida na música, mesmo com o solo louco das guitarras dos gêmeos… e minha própria raiva, frustração e dor irrompem lá do fundo. Olho para ele. Repentinamente, sua expressão ficou sombria.

Ele olha para mim com o olhar doloroso, e meu estômago se contorce quando ele continua cantando sem tirar os olhos de mim. Aqueles olhos de lobo me caçaram na multidão, me encontraram e me capturaram. Ele também parou de dançar. Os dançarinos fazem suas performances atrás dele, mas ele está

parado, olhando para mim, e cantando: “I shouldn’t have opened you up, Pandora…”.[1]

Conforme ele canta sua frustração e seus arrependimentos para mim, sei que é para as câmeras.

Tem de ser.

Estou confusa. O ódio dele e o meu se misturam, formando uma combinação poderosa, da qual emana uma elétrica e inegável faísca de desejo. As pessoas gritam, a música vibra em todos nós, mas está emaranhada em mim como se fosse outro ser. Respirando. Pulsando. Batendo.

Quando a música continua, Liv e Tit ficam ao lado dele e começam a passar a mão em seu peito. Ele as ignora e continua cantando enquanto os dedos delas tocam seus mamilos e corpo. Do mesmo jeito que vou ter que fazer no Madison Square Garden. Se eu não vomitar de nervoso antes.

Tit olha para mim de cima do palco. É uma breve chicotada que sai de seus olhos que ninguém perceberia, nem mesmo eu, se não estivesse tão absorta no que elas fazem com ele. Então ela lambe o mamilo dele. O ciúme se apossa de mim conforme sua voz percorre o meu corpo, me deixando tonta e exaltada a ponto de eu querer gritar para aquela vaca:

– Ele era meu primeiro!

Ele se vira e começa a se movimentar ao ritmo de Tit, olhando para ela agora enquanto canta. Estranhamente, sinto a ausência de seus olhos como um soco no estômago. Mas então as guitarras entram e, quando seu olhar volta para mim, sou carregada por milhares de watts. A noite continua, e a atenção dele se desvia para mim o tempo todo. Ele quer ver se ainda o estou assistindo, e eu me sinto… sexy, desejada e mulher. Isso me faz lembrar de como Brooke costumava se sentir quando seu marido a olhava do ringue de boxe. Eu pensava em como era ridículo estar tão admirada e excitada. E agora aqui estou, presa em meu assento. Ao tentar mostrar o quanto sou forte, reprimi meu lado sensual por tanto tempo, que me sinto bem em me render agora. Certa de que ele está me observando, fecho os olhos e me perco na música, sentindo, de algum modo, a mudança em sua voz.

Quando tocam os últimos acordes dessa música, abro os olhos e o vejo sussurrar algo no ouvido de alguém. Uma das pessoas da equipe aparece e me leva para os bastidores.

– O que está acontecendo? – pergunto, confusa.

– Kenna vai beber água e trocar de roupa. Ele quer você lá.

Os Vikings agora comandam o microfone. Eu aguardo na escuridão sob o palco, e ele aparece de repente, pelo mesmo elevador sem porta que ergueu os Vikings no começo do show.

Grito de susto quando ele cai no chão. Ele salta para fora da cabine e me agarra, apertando-me contra seu corpo firme e dizendo com os lábios colados em minha têmpora:

– Calma.

Ele me abraça, com o coração batendo acelerado na minha orelha. Ambos estamos arfantes. Está escuro, mas sinto seus olhos na minha direção, me analisando. O silêncio ali é estranho, mas ainda consigo ouvir os gritos do público lá fora.

– Nunca pensei que o fato de ter você na plateia fosse me *atingir* dessa forma. – Seus olhos cinza estão em chamas. – Aquilo a excitou da mesma forma que me excitou?

O que quer que fosse que eu esperava ouvir, não era aquilo.

E mordo a língua, para não dizer que me excitou mais. Meu Deus, me excitou muito mais. Não apenas o desejo dele me excitou; mas também seu olhar quase íntimo em mim. Sinto isso agora mesmo, perto e arrebatador, e como uma âncora pesada em meu peito.

– Diga – ele insiste, acariciando meu queixo com o polegar e o dedo indicador. – Por que não veio ontem à noite? Está determinada a ser teimosa, mesmo sabendo que quero você? – Ele coloca minha cabeça para trás, sem me deixar outra escolha a não ser encarar seu rosto lindo e destruidor. Ele está sorrindo de um jeito lindo, um sorriso divertido de arrependimento. – Bom, você sabe o que dizem, Pandora – ele murmura, passando o polegar com o anel em meu queixo. – Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

– E você é essa *montanha* ambulante? – retruco, tentando esfriar o clima entre nós. É demais. É elétrico. Magnético.

Ele passa os dedos pela minha cabeça, massageando-a em um movimento quase tão hipnotizante quanto ouvir sua voz forte de rock tão perto.

– Isso mesmo. Soube que você dançou com a alma. Está determinada a não fazer feio em nosso último show?

– Isso mesmo.

Concentro toda a minha atenção em sua mandíbula forte e, então, em sua boca. Qualquer coisa para ele não olhar em meus olhos e ver as coisas que comecei a pensar de repente. *Quero impressioná*-lo. *Quero que se lembre da garota nos patins. Aquela que você disse que amava...*

Deus, sou tão falsa. Roupas pretas, unhas pretas? Sou uma covarde. Uma gatinha inocente fingindo ser a Mulher Gato. Esse homem pode me matar, muitas e muitas vezes, até minhas sete vidas se extinguirem.

– Sabe – ele diz. Seu tom é tranquilo, mas há uma ligeira rouquidão em sua voz, um empenho de suas cordas vocais para soar mais rouco. – Quando eu beijá-la na frente do mundo inteiro, vou colocar a língua em sua boca. Vou foder sua boca, e dar a Lionel exatamente o que ele quer. Um beijo que vai ser mostrado em toda tela do país. Um beijo que você nunca mais vai esquecer, Pandora. É o que você quer também, não é? Fazer as pessoas verem que estou na sua. Que sou um idiota, cantando sobre você como se não a quisesse quando a verdade é que quero você mais do que minha próxima música?

Essas palavras foram uma surpresa, tanto que meus pulmões se esqueceram de expandir e contrair. As únicas coisas se expandindo pareciam ser minha garganta e meu peito, e começo a ter contrações naquele exato ponto entre as pernas.

– Não importa. É apenas uma encenação – eu digo.

– É mesmo?

É uma afirmação, e não uma pergunta. Ele continua apoiando minha cabeça pela nuca, e com o polegar, traça a linha do meu pescoço.

– Sou cantor, Pandora. E não um ator.

Em um segundo ele está me alertando, olhando para mim, e no outro ele coloca de volta aquele moicano estranhamente sexy e esfrega os lábios nos meus. Um movimento provocante e rápido, mas suficiente para me excitar.

– Humm, Kenna…

Não gosto do som que emito, como se estivesse esperado por esse deus por muito tempo. Mas quem se importa com isso quando ele está enfiando a língua entre meus lábios? Faria esse som novamente só para incentivá-lo a continuar se enfiando em minha boca.

Então eu faço.

E ele esfrega aqueles lábios nos meus, molhados, escorregadios e quentes, ainda mais profundamente. Meu mundo gira, então agarro seus braços firmes e o puxo para mais perto, ele aperta a minha bunda e me puxa para cima, contra os seus quadris. Consigo sentir toda a rigidez de sua ereção contra a minha barriga. Mas está no lugar errado. Eu a quero em outro lugar.

Quando estou prestes a enrolar as pernas ao redor dele e me esfregar, ele se afasta e me coloca para o lado, evidentemente fazendo um esforço monumental para aquilo. A montanha incapaz de ficar longe de Maomé.

– Fique aqui, amor. Não contraia nenhum de seus deliciosos, doces e longos músculos. Volto em três músicas.

Ele entra no elevador enquanto um relógio acende no vestiário, contando regressivamente de 10 a 0. Então ele repentinamente se lembra da troca de roupa. Correndo para o camarim, xinga e arranca a camiseta, pegando uma nova do cabide antes de voltar à plataforma.

Minha boca ainda está molhada e quente, formigando, e com o gosto dele. Cubro-a, para diminuir aquela sensação.

– Fique aqui – ele diz de novo.

Seus olhos pálidos brilham para mim enquanto ele aguarda, com os pés paralelos e as mãos ao lado do corpo.

Estou muito quente, com a pele queimando, e não consigo responder. *Deus, o que ele está fazendo comigo?*

No momento em que a plataforma volta a subir, gemo em desespero. Então ouço sua voz acima de mim. Merda. O que estou fazendo? Começo a andar de um lado para o outro, me imaginando lambendo seu mamilo e me esfregando nele, como aquelas dançarinas fazem. Estou sentindo um pouco de inveja de todas aquelas pessoas cobiçando-o agora, mas, acima de tudo, estou extasiada. De emoção. Desejo.

Luxúria.

Ainda estou ali esperando. Por que estou esperando? Não consigo pensar em nada além de seu mamilo sob a minha língua. Olhos acinzentados. Aquela peruca que vou arrancar para poder correr os dedos naquele cabelo curto.

Quando há, finalmente, gritos histéricos realmente extremos – depois de, tipo, um ano! –, sei que o show acabou.

Meu coração pulsa descompassadamente enquanto eu me pergunto de onde ele virá. Depois de mais alguns instantes, ele desce por alguma escada escondida, com o corpo preenchendo o vão da porta.

Como dois ímãs, nossos olhos se conectam.

Começo a respirar com dificuldade.

Mackenna arranca o pequeno microfone fixado em suas costas e o ponto da orelha, e os joga para o lado.

Ele começa a andar em minha direção. O lugar está cheio de cabos e equipamentos, e eu vou recuando até bater as costas em uma parede com uma porta de metal. Meu cérebro parece estilhaçado e sinto um frio na barriga.

Ah, Deus, tenho que deixá-lo se aproximar.

Não. *Não posso* deixá-lo se aproximar.

Em pânico pelo que estou sentindo, tento fugir dali, e corro, procurando freneticamente uma saída. Ali embaixo do palco é um labirinto. Eu desvio de cabos e equipamentos, mas não consigo sair dali.

Atrás de mim, ouço passos se aproximarem, e então uma voz branda e rouca cheia de desejo:

– Pandora.

Ele está logo atrás de mim, então me pega pelo pulso, puxando-me para ele. Meu coração bate descontroladamente em minha garganta quando sinto meus músculos responderem ao seu toque. Deixo-o me virar e o encaro tomada pelo medo e desejo. Permito que, lentamente, ele me pressione contra a porta de metal. Ele coloca as mãos no cós da minha saia quando eu tiro seu moicano pontudo. Ele esfrega o nariz no meu, e então eu jogo a peruca para o lado e beijo o topo de sua cabeça porque… nem sei por quê. Porque ele é Mackenna Jones. Irritante, detestável e… um sonhador adorável que um dia eu conheci, que fez meus sonhos se tornarem realidade. Estou tremendo de emoção, e ele está tremendo por causa de algo que presumo ser adrenalina.

– Você está molhada? – ele pergunta, respirando com dificuldade.

– Sim – respondo. E estou mesmo. Por tê-lo assistido, com o peito suado, e por sentir sua pele tatuada e quente sob os dedos.

– Estou com muito tesão – ele geme, colocando minha calcinha para o lado e introduzindo dois dedos em mim. Simples assim. Eles entram facilmente porque estou úmida. Não tenho controle e não consigo parar de jogar a cabeça para trás e de rebolar, acompanhando o movimento daqueles dedos. *Ah, Deus, não tem nada igual*... Ele morde meu lábio inferior, chupa. É tão quente, molhado e gostoso. Tão gostoso. Mordo seu lábio ferozmente, cravando as unhas em sua cabeça.

– Kenna – murmuro.

– Deus, senti tanta falta de ouvir você dizer meu nome assim.

Só que você sabe que isso não pode acontecer, Pandora, isso não levará a lugar algum, a não ser a um fim obscuro e perigoso.

E porque sei disso, é com uma dor e um medo estranho que fico ali, querendo e não querendo tudo o que ele pretende fazer, que posso imaginar pelo seu olhar.

Ele afasta meus braços para tirar minha camiseta. Sinto o ar gelado em contato com a pele, e meus mamilos enrijecem quando ele tira meu sutiã.

– Não, Kenna – digo de repente, recuando e tentando, estranhamente, fechar o sutiã.

– Não tente se vestir, Pink – ele exige rudemente.

Meus dedos tremem enquanto tento recolocar o sutiã.

Ele ri – o som é sexy e másculo – e faz "tsc, tsc", abrindo novamente meu sutiã, esfregando os dedos em minha pele ao jogá-lo para o lado.

Ele não sabe quais são os arrependimentos e as lembranças que me passam pela mente quando segura minha cabeça. Ele se inclina para me beijar. O cheiro é de menta, as mãos são quentes. Minha respiração falha, e é impossível não arfar quando ele levanta minha saia e coloca a perna entre as minhas, abrindo-as. Com os joelhos entre minhas coxas, ele agarra meu tornozelo.

– Coloque a perna no meu ombro. – Eu ergo a perna e ele se inclina para colocar a boca em meu sexo. O calor de sua língua explorando meu clitóris me faz gemer.

Não, não, não. Não deveríamos fazer isso.

Mas ele abre mais ainda as minhas pernas, colocando os ombros entre elas, e se estica, acariciando com os dedos o caminho entre minhas coxas. Minhas pernas nuas tremem quando sua língua percorre minha pele.

Eu me estico para segurar sua nuca entre minhas pernas, arqueando as costas para que ele possa me comer mais forte, mais rápido, *mais profundamente*.

Sua fome é palpável em cada lambida, cada gemido que ele encerra dentro de mim. Eu me contorço. Gemo. Ele levanta a cabeça para olhar para mim. Seus olhos estão reluzentes, a mandíbula tensionada, como se estivesse segurando alguma coisa com uma força brutal.

– Olhe para você – ele sussurra, me analisando com os olhos cinza ferventes. Seus lábios brilham com meus líquidos. Sua cabeça quase raspada ainda tem o formato perfeito, não foi deformada entre minhas mãos. Escuto um som raspante quando ele passa a mão pela nuca. – Puta que pariu, Pink. – Ele fala como se alguma coisa sobre o fato de eu estar vulnerável agora o desmantelasse. Mas há alguma coisa esquisita acontecendo. Ao invés de me sentir vulnerável, quando ele me toma com os olhos, me sinto poderosa, como se fosse todo o ar e toda a água na terra.

Em pé, ele me puxa contra o corpo. Cada músculo quente, duro e firme contra mim, seu corpo fervendo e molhado contra minha pele nua. E ele se apossa de mim como um animal, a boca, os dentes, a língua subindo pelo meu corpo. Seus gemidos vindo de dentro dele como se fossem meus, saindo de dentro de mim.

Nossas mãos e bocas estão em todo lugar.

Consigo sentir suas coxas contra as minhas, a linha de seu pau pressionando minha pélvis. Estou me movimentando sem parar. Furiosa. Quero-o mais perto, eu o quero *em mim*.

– Aguente firme, amor – ele sussurra com aquela voz áspera e baixa pós-show, me compreendendo, entendendo o que quero.

Eu me mexo para ficar na posição, arfando ruidosamente.

Ele se afasta um pouco para abaixar completamente a calça de couro apertada, deixando as pernas musculosas e grossas à mostra. Eu me apresso para tirar a saia e a calcinha, me esforçando para me livrar delas enquanto ele veste a camisinha.

Ele me ergue. Meu corpo treme e se contorce quando ele me abaixa em sua direção, me penetrando, centímetro por centímetro. Gemo novamente e enfio os dedos sob sua camiseta, arrancando-a para deixá-lo nu. Ele inspira profundamente quando não consegue mais avançar. Ele é tão grosso que, de repente, estou quase gozando.

Chupo seu mamilo enquanto ele acaricia meus seios da forma mais deliciosa. Ele mordisca e puxa com os dentes o lóbulo da minha orelha enquanto começa a se movimentar, o esfregar delicioso de seu pau estimula todas as minhas terminações nervosas. Quando ele me escorrega rapidamente nele de novo, e ouvimos o impacto de nossos corpos se conectando, ficamos malucos.

Nossas bocas se tornam vorazes, e suas investidas ritmadas e repentinas me dizem que ele quer se enfiar, e eu estou aberta. A maneira como ele agarra meu quadril e me movimenta contra ele, indo no ritmo que ele quer, é como se eu fosse feita para ele me foder e, Deus, ele é tão…

Tão mais forte que antes. Maior que antes. Mais grosso que antes.

Não consigo pensar… não consigo respirar… ele é tão gostoso, duro… ah, Deus, preciso disso. Não sabia o quanto até seus braços me segurarem forte. E ele está dentro do meu corpo. Sua língua percorrendo minha boca.

Nada mais importa além disso – sua respiração, minha respiração, seus grunhidos e meus gemidos, meu corpo em volta dele. Estou enrolada em seu corpo, meus braços, pernas e até meu pescoço o envolvem, todo o meu corpo se fundindo a ele. Ele sabe exatamente o que fazer, com a boca, com os lábios molhando meu pescoço, minha mandíbula, minha orelha, então se enroscando com a minha boca.

– Você parece tão… – engulo a palavra "certo" e pressiono meus lábios nos dele mais ainda. Nossos dentes se batem, então ele se afasta um pouco e olha para meu rosto com os olhos em chamas, como se estivesse viciado em mim,

estocando cada vez mais rápido, me observando arfar conforme meus seios saltam sob a blusinha, os mamilos friccionando o tecido.

Ele fala rouco:

– Goze. – E continua forte e rápido. Seu pau entra em mim três vezes, e ele solta a respiração pesadamente conforme seus músculos se tensionam e se apertam contra mim. Ele comprime meu corpo ao dele e continua bombeando. E estremecemos ao mesmo tempo.

Leva alguns minutos para nos recompormos, e ficamos imóveis durante um tempo. Ainda estou agarrada a ele, mas quando percebo o quanto devo estar parecendo pegajosa, levanto a cabeça da curva de seu pescoço e abro a boca para falar. Mackenna pressiona o indicador em meus lábios.

– Não, amor – ele diz em tom gentil e autoritário.

Meu cérebro ainda está entorpecido. Eu me sinto vigorosa e estranhamente divertida, abro os lábios novamente e mordo o dedo dele, sorrindo. Ele tensiona a mandíbula e seus olhos brilham, como se se lembrasse das outras vezes que fiz isso. Então, sem aviso, ele se inclina e morde um dos meus dedos também. Como nos velhos tempos…

Ai!, protestei brincando. *Você quer comer meu dedo? Sério?*

Ah, pare de reclamar. Aqui, morda o meu…

Uma emoção estranha me comprime o peito, e dói. Gentilmente, ele passa o dedo pela minha língua, e eu faço o mesmo.

– Você tem gosto de suor – digo com um sorriso irônico.

– Você tem gosto de açúcar – ele retruca, rouco, com as pálpebras pesadas.

Consigo soltar a mão e ele continua me olhando, esperando que eu diga alguma coisa. Tento erguer minhas barreiras, mas estou fracassando miseravelmente.

– Eu… – começo.

– Não estrague isso – ele diz, apoiando a testa na minha e suspirando. – Mas você se surpreenderia de saber o que eu daria para ouvir essa boca me dizer o que *realmente* sente por mim. – Ele esfrega a boca da qual está falando com o dedo, e meus mamilos ficam rígidos novamente.

– Expressei isso com os vegetais, lembra-se? – digo, incapaz de não transparecer desejo em minha voz.

– Humm, sim, uma experiência memorável. – Ele dá mais uma mordida na ponta do meu dedo, segurando-o na base e beijando minha mão antes de me soltar.

Foi um ato de tamanha gentileza que me surpreendo quando me aconchego em sua garganta, ainda me sentindo estranhamente brincalhona ao dar um último beijo em seus lábios, querendo surpreendê-lo ao dizer alguma coisa que ele jamais esperasse ouvir.

– Realmente gosto do jeito que você goza.

Ele segura minha cabeça e olha para mim, em choque.

– Está falando sério agora? – Ele analisa meu rosto.

Passo a língua nos lábios, e adoro como ele fixa o olhar ali. Estou me sentindo melhor do que nunca em um longo tempo enquanto o observo. Meu corpo está apoiado no dele e me sinto… bem. Feliz. Satisfeita com o mundo. Ele cheira como um homem, como o único homem com quem estive. Ele tem o cheiro de minhas lembranças e de meus sonhos, minha infância e adolescência. Do garoto que conseguiu me envolver tanto que fiquei descuidada.

Ele observa meu rosto e procura minha expressão com muita intensidade, sua voz texturizada faz minha pele formigar.

– Eu não apenas *gosto* do jeito que você goza, amor… fico excitado com isso. A maneira como você tenta conter o orgasmo, mas ele o domina e você não consegue ficar de olhos abertos. Quando você não consegue conter os sons que faz e me agarra enlouquecida. Você me sente… – ele fala no meu ouvido, me puxando para mais perto. – Estou duro dentro de você e você ainda está molhada e quente, como uma mão em punho me envolvendo. Você me sente?

Fecho os olhos e fico arrepiada quando ele começa a me acariciar sob a blusinha, tocando-me com a mão de dedos compridos. Ele se aconchega em mim e vai descendo até o chão, e ficamos ali por um tempo, encostados à porta de metal.

Ouço um estalo e um cheiro de tabaco entra em minhas narinas. Inclino a cabeça e vejo a ponta de um cigarro brilhando no escuro quando ele traga. Ele solta a fumaça e o oferece para mim.

– O que é? – pergunto, com os olhos cerrados.

– Camel. Cigarro normal. Não uso drogas. Acho que já arruinaram a minha vida o bastante depois do que aconteceu com o meu pai.

A fumaça sai de seus lábios e eu observo, impulsivamente me inclinando para tragar. Tusso e dou risada. Ele ri e dá um tapinha nas minhas costas. Enquanto estamos ali, ele fuma muitos cigarros seguidos, e me pergunto, confusa, se essa é a vida dele. Então pergunto:

– Sua vida é assim?

Ele olha para a bagunça ao nosso redor e fuma languidamente.

– Sim.

– Você gosta de tudo isso?

Ele dá de ombros.

De repente, percebo que, mesmo se ele ainda me quisesse, mesmo se não tivesse partido meu coração, não haveria espaço para mim em sua vida. E, se houvesse, eu não veria Magnólia. Ele escolhe essa vida em vez de mim. Eu escolho a minha em vez de tudo aquilo.

Isso me deixa triste.

Mas não quero que ele saiba disso, então resmungo e me solto de seu braço pesado me abraçando, dizendo:

– Você está suado.

– Você também.

Tento manter um pouco de distância entre nós, mas ele coloca o cigarro no chão de cimento e olha para mim, passando a mão pelo cabelo antes de dar risada.

– Tenho que estar dentro de você para tocá-la? Preciso estar fodendo para ser tocado, amor?

– Detesto demonstrações de afeição. São idiotas.

– Não tem ninguém aqui além de mim. E isso é idiota. – Ele pega minha mecha pink com um sorriso divertido.

Suspiro e me entrego ao impulso de me apoiar nele, totalmente consciente de que nossos ombros se tocam.

– Viver com a banda se torna muito barulhento – ele diz, analisando o teto e brincando distraidamente com meu cabelo. Isso me faz sentir infantil e maravilhosa, do mesmo jeito que me sentia antes. Isso me preocupa – muito –, mas não tanto quanto o fato de eu amar me sentir infantil e maravilhosa.

– Você sai para ficar sozinho às vezes?

– Não tanto quanto gostaria. – Ele passa a mão pelo cabelo de novo, fazendo um som raspante, e encontra meu olhar no escuro. – Penso em você, Pandora. Em nós.

Nos olhamos por um momento.

Meus pulmões. O que está acontecendo com eles hoje? Está tão difícil de puxar o ar, e o tempo todo fico tentando disfarçar o quanto estou me esforçando para fazer isso.

– Acho que, toda vez que se faz uma escolha, é inevitável ficar se perguntando se foi a certa – ele explica para mim.

– E…? – pergunto, precisando saber seus pensamentos mais do que meus pulmões precisam de oxigênio.

– E o quê? – ele me incentiva.

– Foi a escolha certa?

– Você que deve me dizer… – ele joga para mim, erguendo ligeiramente as sobrancelhas enquanto me avalia.

– Não, *você* me diz.

– Não. Porque não foi realmente a minha escolha.

Olho para ele com o cenho franzido porque, de repente, fica demais. Essa conversa. Ele dizendo que não escolheu ir embora. *Foda-se!*

– Mackenna, não consigo fazer isso. – Tento me levantar, mas ele agarra meu punho para me impedir. Estou tão sensível que esse simples toque deixa em alvoroço minhas terminações nervosas. – Kenna – digo, mas minha voz falha.

Vai gozar para mim hoje?

Sempre…

Deus, queria ter passado por uma lavagem cerebral para eliminar todas essas lembranças, e não ficasse mais magoada desse jeito, no entanto, cada memória do nosso passado está comigo – conosco – conforme ele começa a rir do meu comportamento inquieto, me puxando para ele.

– Venha aqui – ele me convence.

Estou sentindo tanta coisa, que é até indecente. Mexer com a vida. É demais, não é suficiente. É tortura.

Ele está me torturando. Prolongando o momento até eu finalmente, *finalmente*, cair – diretamente em seu colo. Então sua mão se espalha pela parte de trás de minha cabeça, seus lábios no meu pescoço. O gesto é suave. Gentil. Ele segue a curva da minha garganta e ombro. Palavras, pesadas e sexies, reverberam contra minha pele. Derramando-se em meu ouvido.

– Deus, não consigo me cansar de você. Você é viciante.

Ele diz isso respeitosamente, com tanto respeito que meu coração quase não ouve as palavras. Apenas o tom. E está batendo em algum lugar no céu. Mas o quero de volta em mim. Ele partiu meu coração, e não vou deixá-lo levar embora. Não posso deixá-lo levar.

Quero chorar, mas raramente faço isso – nem quando ele me deixou eu chorei. Chorei quando perdi a virgindade porque estava feliz. Chorei quando meu pai morreu porque estava triste.

Seu pai não merece uma única lágrima sua!, minha mãe gritava. *Ele nos traiu. Você não vai derramar uma lágrima por ele, ouviu?*

Quando perdi Mackenna, fiquei ouvindo as mesmas palavras. Minha mente relembrando-as para mim mesma, de novo e de novo. *Ele a traiu. Você não vai derramar uma única lágrima por ele*.

Resmungo zangada e tento me soltar, mas é inacreditável o quanto é fácil para ele me impedir, e mais… o quanto, na verdade, eu quero que ele impeça.

É por isso que vim? Porque queria ver se ele se importava. Para ver se ele tentaria ter um pedacinho de mim de volta? Esse pensamento me preocupa mais do que qualquer coisa neste instante, e me dá força para me soltar e me levantar. Visto-me rapidamente, sem olhar para ele.

– Você vai fingir que não quer isso? – ele me pergunta diabolicamente, vestindo a calça de couro.

– Não seria fingir. É uma atração química *animal*, nada mais. – Me viro, ajeitando minhas roupas, e então sigo na direção das mesmas escadas pelas quais ele apareceu. Ouço seus passos atrás de mim quando subimos para o palco, onde o pessoal da equipe e seus membros estavam limpando e arrumando tudo.

– Hoje à noite, vou provar que está errada – ele diz, seguindo-me até um dos carros que nos levariam de volta ao hotel. Um câmera vai conosco pelo corredor, e sei que não seremos capazes de deixar para lá, pelo menos, até eu voltar para o meu quarto.

– O que está fazendo? – pergunto quando Mackenna entra no carro depois de mim. Ele não diz nada durante o trajeto até o hotel, pois o cinegrafista gentilmente acomodou-se na parte da frente do carro e focou a câmera em nós, sem dizer uma palavra. Felizmente, Kenna não insiste no assunto com o cara ali, nem eu.

O silêncio pesa entre nós durante o trajeto inteiro, conforme nós três entramos no elevador e até quando Mackenna me segue ao meu quarto.

– Mackenna, o que está fazendo? – sussurro.

Estou alarmada e queimando de ansiedade quando abro a porta.

Sempre…

Ele mostra o dedo médio para o cinegrafista, então bate a porta na cara dele e me vira para olhar para ele.

– Seu quarto é daquele lado. – Aponto para a porta atrás dele.

– Esta noite, meu quarto é aqui – ele diz com um sorriso presunçoso, e observa a minha reação.

Que é gaguejar.

– N-n-não. *Não*, não é.

– É, sim.

De repente, ele me pega no colo e diz em um grunhido:

– Você é pesada, amor.

– Me ponha no chão ou terá uma porra de uma hérnia! *Deus!*

Ele ri.

– Então terei hérnia. – Ele me leva até a cama com facilidade, me carregando sem o menor esforço. Então me coloca gentilmente na cama, tira meus saltos e os joga no chão. Fico paralisada e assustada quando percebo aonde aquilo vai chegar de novo. *Perigo!*

– Não! Não vai acontecer de novo, Mackenna.

– Vai, sim – ele retruca. – Vou passar a noite aqui, Pandora.

– Mas eu não quero!

Ele pega meu pé e, com a outra mão, desliza os dedos em minha perna nua, um sorriso de lobo branco naquela boca sexy.

– Só me dê dez minutos para eu provar que está errada. Para provar o quanto você *quer* isso.

Olho para seu peito nu, sentindo seus dedos no arco do meu pé, e digo com a voz trêmula:

– Não quero você aqui.

Ele fica em silêncio e, por um instante, acho que vai embora, então sou tomada de um pânico inesperado, que só me confunde mais ainda.

Ele não vai embora, no entanto.

Dá um sorriso torto.

– Dez minutos e você estará cantando em um tom diferente.

– Eu não canto… você faz isso.

– Você vai cantar como um maldito canário, amor. Deite-se – ele diz, e a intensidade de seu olhar combina perfeitamente com o sorriso e a atitude diabólica.

– Tudo bem. Vou lhe dar dez minutos. Mas *vestida* – digo. – Se não conseguir me seduzir em dez minutos, você vai ter que ir embora.

Ele ergue as mãos, simulando uma atitude inocente.

– Não vou tocar em suas roupas. E considere-se seduzida.

Relaxo. De alguma forma.

Meu coração ainda está batendo como uma bateria.

A cama me envolve conforme me deito, e não sei por que não protesto, exceto porque não tenho energia para fazer qualquer outra coisa além de respirar. Nunca estive tão consciente de minha respiração.

Inspira, expira. Inspira, expira.

Ele toca os meus braços, começando pelas costas das mãos, e isso me deixa tensa. Expiro com dificuldade conforme ele traça os dedos para cima, com seu toque familiar e delicioso. Ah, Deus, é tão gostoso. Suave como uma pena, mas com a voltagem de um zilhão de quilowatts.

Meus olhos se fecham involuntariamente quando me lembro da primeira vez que Mackenna me tocou. Eu me lembro de seu rosto, a boca sexy desenhando um sorriso perfeito, e juro que seus olhos diziam que me amavam, como Romeu amava aquela idiota da Julieta. Senti seu olhar em meu coração. Agora seus olhos estão escuros e sombrios. Ele não está sorrindo, mantém a expressão séria e objetiva como nunca quando corre o dedo pelo meu braço nu. Meu coração não consegue mais sentir seu olhar, mas sinto seus olhos fixos entre minhas pernas. Em meus mamilos. Meus malditos ovários. Poderia engravidar com aquele olhar.

Ele escorrega a ponta dos dedos sob a manga da minha blusinha, então desce pelo meu braço.

– Relaxe, Pink – murmura.

Sua voz ganhou agora uma rouquidão, e os pelos do meu braço se eriçam prazerosamente.

– Meu nome… é *Pandora*.

– Eu sei o seu nome muito bem, e me lembro de que você não gostava dele, mas gostava quando eu a chamava de linda. Fazia seus olhos ficarem escuros, e você mordia o lábio, do mesmo jeito que está fazendo agora, porque queria me beijar. Você se lembra disso, linda?

Tento zombar dele, mas o som sai fraco. Mordo o lábio, que agora está molhado. Mackenna olha intensamente para a minha boca, como se esperasse um convite para me beijar. Ele continua me tocando com aqueles longos dedos de músico.

Nunca na vida saia com um músico. Depois disso, nenhum outro homem chegará aos pés dele.

Dedos ágeis acariciam meus braços e cotovelos. Meus punhos e dedos. Depois minhas pernas. Aqueles dedos passam por mim, fazendo meu abdômen se contorcer de prazer.

Estou inspirando e expirando. Inspira, expira.

Meus músculos tensos ficam rígidos quando ele percorre o dedo pela minha garganta. Como resistir a isso? Resistir ao único cara que beijei na vida. Que amei, com o qual fiz amor. Começo a me contorcer com o toque de seus dedos roçando minha pele.

– Relaxe. Eu quis dez minutos para fazê-la mudar de ideia, só se passaram dois.

– Sério? Só dois? – grito.

Ele se inclina e beija minha clavícula, sua respiração está quente em meu corpo quando começa a subir pela minha garganta, e eu me lembro de tudo.

Dedos me tocando. *Pandora perfeita...*

Meus dedos se dobrando desajeitadamente em volta de seu pau. *Como eu...?*

Amor, juro, é só mexer a mão que vou me acabar.

Meu coração acelerando, meu corpo tremendo pelo nervoso e pela excitação de ter Mackenna, quente, comprido e grosso, na mão, olhando para baixo, para mim, como um viciado e esfomeado por sexo. *A ponta está molhada, posso provar...*

Cacete, não mexa essa mão!

Aquelas lembranças me devastam, como éramos inocentes e impulsivos. Reagindo sem pensar, envolvo os braços ao redor do pescoço dele e digo gemendo em seu ouvido:

– Tudo bem, pode dormir aqui hoje.

Seus olhos se fixam em meu rosto e ele ergue uma sobrancelha.

– Posso?

Mordo o lábio e assinto ansiosamente.

Eu o escuto sussurrar:

– Merda. – E ele coloca as mãos sob a minha camiseta e envolve o meu seio sobre o sutiã, olhando para mim, então lambo seus lábios, saboreando-os. Não deveria querer tanto isso, realmente não deveria.

– Só hoje – digo. *Sempre*... Ouço em minha mente.

Mas ele assente obedientemente e diz:

– Só hoje.

Ergo a cabeça e entreabro os lábios enquanto ele traça um caminho com beijos até minha boca. Quando nossos lábios se encontram, ele geme e continua esfregando-se. Estou tão excitada com o pensamento de beijá-lo na cama que preciso abrir os olhos.

– O quê? – sussurro sem respirar, meu corpo comprimindo-se, com espasmos, de tanto desejo, enquanto ele aperta meus mamilos. – Não quer me beijar? – Eu queria provocá-lo com meu beijo, mas agora estou me sentindo provocada pois ele não vai me beijar.

Seus olhos queimam de luxúria, mas ele tira a mão de debaixo de minha blusa e então inclina minha cabeça até ele. Segurando minha cabeça entre as

mãos, ele a embala suavemente, enquanto me analisa.

– Quero fazer mais do que beijá-la – ele murmura.

Passo a língua nos lábios e fixo os olhos em sua boca. Aquela boca, que quero muito. Não, de que *preciso* muito, imediatamente. Quero pedir que me beije, mas já pedi que ele ficasse esta noite, e um novo pedido faria eu me sentir vulnerável… tão aberta… tão fraca…

Não me sinto confortável expressando meus sentimentos, uma característica que herdei de minha mãe. O relacionamento que ela e meu pai tinham era quase uma sociedade. Desde que ele morreu, desde que Mackenna foi embora, minha única fonte de emoção era Magnólia.

Mas ela não é um perigo para mim, como Mackenna é.

Ela não me destruiu, como Mackenna fez.

Então simplesmente seguro a cabeça dele, ergo a minha e o beijo. Em um nanossegundo, ele se torna agressivo, e quase me esmaga quando estica sobre mim o corpo grande, para encaixar o pau entre as minhas coxas. E eu o sinto. Seu mastro latejante, grosso e duro. Contra meu corpo. Só minha saia e sua calça de couro nos separam.

– Isso tem que sair – ele diz, levantando a minha blusinha.

Eu o interrompo, me cobrindo novamente.

– Espere.

Seus olhos brilham, desafiadores. Eu sorrio divertidamente, tentando ir devagar, fazê-lo ansiar por isso.

Faça isso, Pandora. Ele vai ficar ainda mais excitado quando você levar tudo isso embora. Pense na dor que ele vai sentir nas bolas, um diabinho me diz. O mesmo diabinho que viu o quanto fui magoada.

Ele me observa, encantado.

Tiro a blusinha.

Ele puxa meu sutiã.

– Espere – exijo novamente.

Seus olhos ficam mais pesados, a mandíbula se contrai quando ele lambe os lábios mais uma vez. Meu lobo esfomeado de olhos cinza.

Lentamente, começo a abrir e tirar o sutiã.

Seus olhos vão escurecendo cada vez mais, e um músculo trabalha no lado extremo de sua mandíbula quando ele me assiste tirar a saia.

Ele me acompanha e tira as calças.

Ele olha para um mamilo pontudo e rígido, então para o outro, depois se inclina para pegar um deles com os dentes e o puxa conforme tira as calças e

afasta a minha calcinha. Gemendo, me esfrego instintivamente, pele contra pele. Isso não estava nos planos – todo esse sexo –, mas não fazia sexo há tantos anos que só… *ah*. O gemido dele. O gemido dele me mata quando ele pega meu outro seio e murmura:

– Você gosta desse rápido striptease?

– Você gosta? – retorno a pergunta.

Ele puxa o mamilo mais forte, quase a ponto de doer.

– Você sabe o quanto eu a quero?

– Julgando por… – Mexo os quadris. – Acho que muito…

Ele ri com o rosto em meus seios, tornando sua risada muito mais quente.

– Quero você bem mais do que muito. – Ele levanta o rosto, e seu olhar parece sombrio. – Pandora… – ele diz, como se fosse começar a falar outra coisa, seu polegar com o anel percorrendo meu peito. – O que aconteceu? – Ele me analisa. – O que aconteceu?

Fecho os olhos e respiro fundo, sentindo milhares de palavras me atingirem. *Você simplesmente me deixou! Partiu meu coração. Aguentei minha mãe sozinha. Perdi a vontade de viver. Perdi o que poderíamos ter tido.*

– Ei, ei, olhe para mim – ele diz, me segurando pelo queixo. Mas não consigo olhar para ele.

Não consigo.

De repente, ouvimos um barulho no corredor e alguém bate à porta.

– Ei! Dora! DOOOORA! Ei! Trouxemos a bebida! Abra aí, sua vaca!

Resmungo.

– São Liv e Tit? – ele pergunta.

– Sim.

– Cara, você é amiga dessas duas víboras? Elas querem sua cabeça numa estaca – ele diz em tom bem irritado. E agora, com essa interrupção, na verdade também estou.

– Há outras garotas com quem eu possa sair? Não. Então, sim, somos amigas.

Ele suspira e recua, então se levanta silenciosamente. *Não. Não, não, não!*, penso. O pânico percorre meu corpo todo e ainda sinto arrepios de desejo.

– Quer que eu saia? – ele pergunta.

Não. Não, não quero. Não quero.

Mas, de novo, estou sentada aqui, observando-o, sem palavras, e ele está me observando também.

– Balance a cabeça se quer que eu fique – ele diz, suavizando a voz.

Suas mãos estão dobradas ao lado do corpo, como se estivesse ansioso por minha resposta. Balanço a cabeça, mas não tenho certeza se é um sim ou um não. Ele suspira, então veste a camiseta. Conforme se dirige até a porta, o pânico me atinge. *Ele não vai voltar para a cama*.

– Mackenna! – grito para impedi-lo, no exato momento em que ele abre a porta.

– Levem a festa para outro lugar. Ela tem companhia – ele diz, com um rosnado vindo do fundo da garganta.

E bate a porta na cara delas.

Eu pisco, meu coração para completamente de bater. Ele se vira para mim, e seus olhos são como chamas em minha pele.

– Um dia, você vai implorar por isso. – Ele tira a camiseta de novo.

Meu coração bate descompassado quando ele atravessa o quarto.

– Em seus sonhos, Mackenna – blefo.

Ele apenas ri discretamente e balança a cabeça.

– Você é teimosa, com certeza. Mas vai acabar cedendo.

– Nunca.

Ele se inclina e, de repente, seu peso masculino está sobre mim, seus lábios pressionam minha orelha com o beijo mais gentil que já senti.

– Não, amor. *Sempre*.

1 Eu não deveria tê-la aberto, Pandora…

onze

HÁ VALENTÕES POR AÍ, E NÃO ESTOU FALANDO DE MIM

PANDORA

A banda vai até um bar country na parte oeste do Texas. Olívia, Tit e as outras dançarinas estão flertando com um grupo de caubóis. Por estarem ocupadas, elas não olham tanto em minha direção, o que me deixa excluída no grupo de homens – no qual os Vikings estão me tratando com uma irmã perdida há muito tempo. A única coisa boa nisso tudo é que meu novo oficial, e primeiro amigo de transa, parece estar um pouco com ciúme ao meu lado.

– Mãos – ele rosna, quando Lex coloca a mão em meu joelho ao flexionar o braço para me mostrar a sua tatuagem de cobra.

– Cacete, está brincando, não é? – ele pergunta, franzindo as sobrancelhas acima dos olhos violeta.

– Parece que estou brincando? – Mackenna responde com uma tranquilidade ilusória ao colocar autoritariamente a mão em minha nuca, me acariciando levemente.

– Não seja ridículo – censuro-o em tom irônico, mas secretamente estou gostando dessa situação. Mesmo assim, me afasto para me livrar de sua mão.

Ninguém nunca, nunca, me fez sentir tão desejada, protegida e tão, bom… *irritada* quanto Mackenna.

Mas estou conseguindo lidar com isso porque, bom, hoje eu me sinto mais desejada do que irritada. Quem sabe seja por causa dos orgasmos… Ele tem essa habilidade de me deixar relaxada depois de alguns.

– Mãos, Lex – ele rosna de novo, apertando delicadamente minha nuca. Não sei por que ele está tão mandão hoje, será que não se lembra de que tudo o que há entre nós é apenas sexo? Ele soa como se estivesse na cama.

Mas também parece ciumento. Ele não entendeu, com aquela cabeça dura dele, que não me importo com a mão de Lex na minha coxa. Não me causa nenhum arrepio, ao contrário da mão de Mackenna em minha nuca. Neste momento, na verdade, a mão na minha nuca me faz sentir tão quente, que minha

corrente sanguínea parece feita de fogo nas veias. Cada célula de meu corpo, cada poro, está respondendo ao toque dele, agitado pela forma como seu polegar com o anel sobe por minha nuca e acaricia atrás da minha orelha. O que posso fazer se ele produz tamanho efeito?

Transar com ele de novo hoje à noite?

Transar com ele até enjoar e nunca mais o querer de novo?

– Cara, já entendi. – Lex finalmente tira a mão e apoia o braço na mesa, me permitindo uma visão clara da cobra circulando seu punho e subindo pelo braço musculoso.

– Nasci no ano da serpente, pelo horóscopo chinês. O símbolo está sempre comigo agora – ele me explica.

– Uau – digo admirada, e Jax, que está sentado do outro lado, abre a mão para que eu possa ver uma cobra circulando seu polegar também. Eu me inclino na mesa para analisar o desenho, e sinto a mão de Mackenna descer por minhas costas e descansar em minha bunda, me dando um tapinha.

– Então vocês gostam de símbolos chineses? – pergunto, bem consciente de como a mão de Mackenna subiu e agora está em minha cintura, puxando-me pelo cós para que eu me encoste de novo.

Fico arrepiada quando ele escorrega os dedos sob minha blusinha, pele contra pele, e penso que agora seria um bom momento para lembrá-lo de que não transo em público – e ele está me fazendo querer isso –, mas, quando me viro, o jeito que está me olhando, o jeito como seus olhos cinza me queimam… dispersa meus pensamentos.

Perigo, aquela voz fica sussurrando em minha cabeça.

Toda noite, o expulso de meu quarto, mas só depois de termos fodido algumas vezes. Se ele acha que pode me usar e usar meu quarto só para se livrar das câmeras, está enganado. Se acha que vamos nos abraçar depois, está enganado. Mas quando ele sai, balançando a cabeça para mim, como se fosse um erro mandá-lo embora… fico deitada sozinha na cama, sem gostar nem um pouco disso.

– O símbolo da sua tatuagem é chinês também? – pergunto a ele agora, apontando para a tatuagem de símbolos na pele bronzeada de seu antebraço.

A tatuagem de Mackenna desperta minha curiosidade, e estou determinada a descobrir o que significa.

Ele sorri, irônico.

– É kennês. Uma linguagem totalmente diferente. Alguns dizem até que é uma religião.

Reviro os olhos e seguro-lhe o punho, puxando o braço dele para meu colo para analisar a inscrição.

– O que é isso? O que significa?

– Como se alguém soubesse – Lex diz.

Passo o dedo pelos símbolos, e só depois de aproximadamente um minuto de silêncio entre nós percebo que Kenna está assustadoramente paralisado. Quando ele fala, sua voz está mais sombria, como se o toque e a forma suave como passo o dedo por sua tatuagem fossem mais do que apenas um carinho para ele.

– Significa que sou um idiota azarado. – Ele se inclina para sussurrar em minha orelha, então se aproxima mais: – Seu cabelo cheira a coco.

Quando ele olha em meus olhos, como se esperasse uma explicação para isso, tenho dificuldade em inventar alguma coisa insolente.

– É um óleo que uso para amaciar meus cabelos, uma gotinha que coloco no xampu.

Percebo o quanto estamos próximos. Alguém poderia dizer que estamos prestes a transar em público, como se não tivéssemos fodido muitas vezes ontem à noite. Na verdade, *todas* as noites… desde a semana passada.

Ele está acariciando minha nuca, enquanto passo os dedos pela tatuagem dele, estamos nos encarando, não com animosidade nem com desejo. Sim, com desejo. Mas com muita curiosidade. Como se esse período de nos conhecer novamente estivesse sendo muito mais interessante do que imaginávamos.

Qualquer outra coisa que possa estar acontecendo no bar é secundário. O mundo está fora da bolha impenetrável na qual eu e *ele* nos encontramos. Nada mais importa, a não ser sua mão me segurando pelo pescoço e seu antebraço musculoso e forte sob minha mão e meus dedos.

Ele está visivelmente relaxado – acho que isso acontece quando se tem dez orgasmos em dois dias –, mas eu me sinto lânguida, o que é incomum para mim. É como se, depois de tê-lo *desejado* tanto, seu contato, sua afeição, por tanto tempo, a intimidade desse simples ato me transformasse em uma massa.

O pior é que ele parece muito ávido por mim. Aproximando-se de repente, beija meus cabelos, como se fosse louco por coco.

Minha nossa. Uma coisa é foder como fazemos, mas isso… Ah, Deus, ele acabou de gemer no meu cabelo. Está beijando a parte de cima de minha orelha e gemendo como se estivéssemos fazendo algo intensamente sexual, e não apenas sentados lado a lado. Reprimo um som quando sinto seu nariz se aconchegando em meus cabelos.

– Você quer mesmo saber o que minha tatuagem significa? – ele pergunta com a voz rouca, e sua respiração provoca arrepios desde a minha orelha até o pé. Ele se afasta um pouco e seus olhos parecem duas balas prestes a serem disparadas. – O que você me dirá em troca?

– O que você quer?

– Quero uma explicação sobre algo que está me incomodando – ele diz, passando a mão pela cabeça.

– O quê?

Com o dedo, ele ergue minha cabeça, para que nossos olhos se encontrem.

– Me diga o que a fez ficar tão brava com todo mundo.

– Não estou brava com todo mundo, apenas com você – digo. É metade mentira, metade verdade. Mas ele está mergulhando diretamente no nosso passado, e algo que estava congelado acaba de surgir em meu estômago, deixando minhas veias gélidas.

– Mesmo assim, a pessoa com quem está mais brava é você mesma. Não é? – Ele passa o anel de prata em meu lábio inferior, e me seguro para não dizer tudo o que tenho em mente. Guardo tudo muito comprimido, trancado em uma caixa com tampa, porque, uma vez que disser, não poderei voltar atrás.

Jamais poderei voltar atrás.

– Dora, venha com a gente! – Tit me chama, na hora certa para me salvar.

Solto a respiração, então pego a mão de Mackenna e a abaixo lentamente.

– Você vai ter que me deixar sair daqui, Mackenna.

– Por quê? Clube da Luluzinha? – ele pergunta com arrogância, possivelmente pelo fato de que estou muito grata por ele estar abrindo espaço para me deixar passar. Sorrio.

– Isso mesmo. Não são permitidos garotos – aviso.

Quando me levanto, ele desiste.

– Tudo bem, Pink. Só fique sabendo que estarei esperando aqui para retomar a conversa de onde paramos.

– Não aposte todas as suas fichas nisso, Lobo. Posso descobrir com as meninas o que sua tatuagem significa.

– É, boa sorte com isso – ele diz, dando sua risada tão-sexy-que-
-deveria-ser-ilegal.

– Olá, meninas – cumprimento-as quando me junto a elas.

Então meu telefone começa a tocar e meu coração para quando vejo o nome “DELA” piscando na tela.

Estreito os olhos, olhando ao redor, à procura do lugar mais silencioso e privado que possa encontrar. Paro na porta do banheiro masculino e vejo que está vazio, entro e fecho a porta, apoiando-me nela para que nenhum homem entre enquanto falo.

– Alô? – atendo.

Deus. Pareço uma franguinha covarde. Como se fosse culpada de alguma coisa.

Sou culpada de mentir, e mais. Muito mais.

– Pandora?

– Oi, mãe. Tudo bem?

– Ela sente a sua falta, quer dizer oi.

Volto os olhos para a janela minúscula e vejo um pedaço da lua do lado de fora. Humm, está alta o bastante.

– Já passou da hora de dormir.

– Eu sei, mas ela não conseguia dormir porque prometi que poderia conversar com você hoje, mas acabei ficando ocupada com uma ligação, e só estamos ligando agora.

– Certo – digo, pensando: *Não, na verdade você a deixou ficar acordada até tarde assistindo a filmes só para ter uma desculpa para me vigiar a esta hora e averiguar se não estou estragando minha vida de novo.*

– Como você está? – ela finalmente pergunta.

– Bem, mãe – murmuro, olhando para as minhas botas. Elas até que não parecem mais tão horríveis.

– Está muito ocupada com o trabalho? Prestando atenção às suas escolhas?

– É claro – minto, arrastando a ponta da bota para outro azulejo.

– Sabe, é difícil para mim dar à Magnólia a mesma atenção que você dá.

– Vou ligar mais vezes.

Ela suspira, claramente descontente, mas aceitando. Meu estômago dói. Ela é a única que sabe exatamente o que sou, o que consigo fazer e como sou facilmente magoável. Eu "meço meu valor pelo amor dela", de acordo com o Dr. Finley, o terapeuta que sugeriu que eu deveria aceitar meus erros, assim como os erros das pessoas do meu passado, e seguir em frente.

Achei que aceitasse.

Achei que tivesse aceitado.

Inferno, pensei que jogar tomate em Mackenna seria o último "foda-se" que diria em relação ao meu passado.

Estava muito, muito enganada. Talvez deva considerar dizer outra coisa, então.

– Você está bem? Onde está? – minha mãe insiste em me investigar.

– Estou em… Kentucky – minto.

– Está decorando em Kentucky?

Então me pergunto se ela sabe que estou mentindo e fico preocupada. Meus lábios tremem um pouco.

– Um apartamento de um solteiro. Estou usando meu estilo eclético usual. Ferro, madeira escura. Vai ficar foda.

– Olhe como fala – ela me dá bronca, mas ri um pouquinho.

Acabamos conversando um pouco. Ela não é perfeita, mas é minha mãe. E a única que sabe pelo que já passei e não sumiu da minha vida.

Ela nunca deixa que eu me esqueça disso.

Então passo a falar com Magnólia.

– Estou com saudade, Panny, tenho 47 coisas agora.

– Espere, deixe-me adivinhar! Vamos nos vestir como gorilas e sair por aí batendo no peito.

– Não! Mas isso será o item 48 da lista!

Sorrio de felicidade, mas a culpa que geralmente sinto quando estou feliz vai se instalando lentamente.

Estraguei tudo. E Mackenna está certo, estou mais brava comigo mesma do que com qualquer outra pessoa.

– Você é minha heroína, Pan – ela diz com a voz sonhadora, como se eu *realmente* estivesse fazendo algo especial.

– E você é a minha – sussurro. Ela grita, me manda beijo e nós desligamos.

Olho para minha pulseira, então guardo o telefone no bolso e respiro fundo. Quando finalmente saio, as garotas estão na mesa dos rapazes, Tit está exatamente em meu lugar.

Não gosto da onda de possessividade que sinto nela ao conversar concentrada em Mackenna. Não gosto da sensação possessiva que sinto de seus olhos, seu sorriso e sua mão, esticada casualmente no sofá… onde eu estava sentada. Tenho uma urgência extraordinária em ir até lá e ordenar que tire a mão do ombro de Mackenna e vá acomodar sua bunda em outro lugar. Merda. Estou passando tanto dos limites de um relacionamento normal aqui, que balanço a cabeça para mim mesma e sigo em direção ao bar. Melhor ficar longe dele.

Lidar com minha mãe sempre me deixa com os nervos à flor da pele, e não quero que Mackenna estimule isso mais ainda.

– Vê aquele cara?

Quando me viro, vejo o baixo-barítono à direita na companhia de um cara – de uns trinta e poucos anos, usando um chapéu de caubói preto e um cinto com uma fivela gigante –, que aponta a cabeça em determinada direção. Quando olho para onde ele está indicando, meus olhos se fixam em você-sabe-quem. E os olhos cinza-laser de você-sabe-quem estão olhando diretamente para mim do outro lado do salão.

– Você está me perguntando se o vejo? Alguém *não* o vê? – o enfrento.

– É o seu cara? – o caubói pergunta.

– Em meus pesadelos, às vezes.

Mas o caubói não fica tranquilo.

– Com certeza, parece que ele acha que é – ele fala pausadamente.

– Ignore-o. Ele acha que é muitas coisas, inclusive Deus.

– As biscates que estão com ele concordam. – Ele aponta para as garotas, tentando chamar atenção de Mackenna, mas nada parece fazer aqueles olhos se desviarem de mim, nem mesmo a careta que faço antes de proporcionar a ele, do camarote da primeira classe, a visão privilegiada das minhas costas quando me viro para pedir uma bebida.

Por que não?

É mais seguro deixar a tequila me pôr para dormir mais tarde do que Mackenna.

– Está nervosa? O que é isso? – o caubói pergunta, olhando para a minha pulseira, com a qual eu não tinha percebido que estava mexendo.

– Algo que faz eu me lembrar do quanto sou humana quando olho para ela – digo, tirando a mão dele. – Não ponha a mão, ninguém a toca, exceto eu.

Ele passa a mão pelas minhas costas e vai descendo.

– Acho você gostosa, apesar dos seus lábios. Gosto mais de vermelho. Então é possessiva com seus acessórios… E quanto ao resto de você?

Ele aperta minha bunda.

Sou tomada por um alerta.

– Ei, estávamos sendo agradáveis um com o outro no bar. O que aconteceu com ser agradável à moda antiga na porra do bar?

Ele sorri.

– Vê aquele outro cara? – Ele aponta com a cabeça na direção de Leo, que nos observa perto de uma grande câmera preta. – Ele me ofereceu dinheiro se eu conseguisse que tornássemos a noite interessante para o público.

– É mesmo? – Leo. Ah, meu Deus. Que imbecil.

Tiro a mão do caubói da minha bunda e penso em dar um tapa na cara dele, para que Leo registre isso para seu precioso filme. O caubói a aperta de novo. Estou me preparando para dar uma joelhada no saco dele quando ouço Lex falando em tom amigável:

– Ei, cara, você não vai querer perder a sua mão, acredite.

Em contraposição ao tom amigável, o caubói é prensado contra o bar, tão fortemente, que alguns copos vão parar no chão.

– Toque nela de novo e eu arranco as suas tripas pela garganta. – Mackenna o empurra mais forte contra o bar.

– Kenna! – Jax o segura pelos braços, tentando impedi-lo.

– Me solte – Kenna diz entre os dentes ao soltar o braço.

Olho para Leo, incrédula. Ele estava *armando* para um showzinho de Mackenna. O agente precioso deles permitiria um assassinato em massa se isso o fosse tornar famoso com seu precioso filme. Uau! Realmente não sei mais o que estou fazendo aqui. O que estou fazendo? Magnólia está sozinha com minha mãe, minha mãe está desconfiada, Mackenna está na minha cabeça e na minha maldita *cama*. Ele está entrando em uma briga por casa de mim como se fosse meu… namorado ainda. Como naqueles anos. Ah, Deus.

Cruzo o bar, mas não consigo avançar muito antes que uma mão familiar com pulseiras e anéis de prata me pegue pelo cotovelo.

– Ei, venha aqui, olhe para mim – Mackenna diz, me puxando para o lado dele. Por mais que eu não queira, estou repentinamente trêmula quando sinto que estou confortável e segura com seu braço em volta de mim. Ele me leva para um tipo de quartinho, onde há paz e silêncio. – Então… – ele diz em tom exigente.

Franzo as sobrancelhas.

– O que está acontecendo, amor?

Ao perceber que ele me olha para verificar se estou bem, franzo ainda mais as sobrancelhas.

– Você planejava ficar no bar a noite toda? – ele pergunta.

– Eu estava me divertindo, na verdade – jogo a isca.

– Ah, é? Aquilo realmente parecia divertido para aquele filho da puta. – Ele estala os dedos de uma mão, depois da outra, com uma violência que nunca havia visto borbulhando em seus olhos. – Onde você estava antes disso?

– Eu estava telefonando para casa.

Ele parecia não acreditar muito.

– Você liga para casa no meio de um bar?

– Minha mãe me ligou… – murmuro.

– E não poderia retornar depois?

– Não, porque seria pior! Ela ficaria desconfiada… Ela não sabe que estou aqui.

– É claro que não – ele concorda com o semblante sério.

– Pare de me investigar, babaca, não estou sob o seu comando! – Passo por ele, empurrando-o, mas ele me impede de continuar. Tento me soltar, sussurrando: – Me solte.

– Ainda está dançando em qualquer ritmo que ela dita? – ele pergunta. – Está? – ele exige a resposta.

Não sei se consigo aguentar a decepção e frustração que vejo em seus olhos.

– Você deseja tanto o amor dela que sacrificaria os próprios sonhos e tudo o que quer para agradá-la? – ele continua.

Não consigo responder.

– Ela não é a única disposta e capaz de protegê-la de tudo, Pandora. *Tudo!*

Uma porta bate e Lionel entra no quartinho. O lugar parece ficar frio. As sobrancelhas de Mackenna se enrugam de desprezo.

– Você foi longe demais, Leo – Mackenna sussurra em tom ameaçador.

– Kenna, relaxe. Onde está o seu senso de humor?

Um músculo se tensiona raivosamente na mandíbula de Mackenna.

– Vai voltar quando eu enfiar meu punho na sua cara. – Aproximando-se de mim, ele enfia um dedo no cós da minha calça e me puxa para perto. – Vou levá-la de volta ao hotel. Sem câmeras.

– Uma câmera. Só uma – Leo implora.

– Vá se foder, Leo.

Muito zangado, Mackenna me puxa para fora dali e eu o sigo. Um dos câmeras está logo atrás de nós.

– Vá você também se foder, Noah. – Mackenna dá um tapa na câmera. A ligação da minha mãe me faz lembrar por que Mackenna e eu não damos certo.

Eu deveria contar para ele agora.

Impedi-lo de continuar agora.

Mas saber que tenho que parar me faz querer mais que tudo.

– Não preciso que você deixe alguém com o olho roxo por minha causa – digo enquanto ele me guia para fora.

– Ótimo. *Agora* você resolve falar – ele resmunga.

Entramos na limusine do hotel e ele olha para mim enquanto Noah se senta ao lado dele, com a câmera e tudo. O silêncio fica pesado dentro do carro. Mackenna encara Noah com uma raiva silenciosa, e então olha para mim. Eu o

encaro, porque desviar o olhar é sinal de fraqueza, e não posso suportar que ele saiba que me deixa de pernas bambas.

Seus olhos se fixam em meus lábios. Quase posso sentir seu gosto. Cada um dos duzentos beijos que ele me deu quando éramos adolescentes, e as dúzias que me deu desde que estou com ele de novo. Ele beija tão bem… Eu costumava nomear seus beijos. O beijo sonolento e o beijo sorridente, o beijo sedutor e o beijo divertido. Neste momento, parece que ele quer me dar o Beijo da Morte. Está bastante concentrado, como se estivesse me beijando em pensamento.

– Fale alguma coisa, Pandora – ele exige em tom rude. Conheço Mackenna, e sei que o que está querendo dizer é "me distraia antes que eu faça algo de que vou me arrepender".

Suas mãos, apoiadas no colo, estão fechadas em punho, e sei que ele quer parar o carro e jogar Noah e sua câmera para fora. Ele está bravo porque armaram para ele, e acho que pode estar bravo porque me usaram para atingi-lo. Está bravo porque eles conseguem atingi-lo por mim.

– Você é uma obra de arte com inclinação para problemas – digo.

Ele não está calmo. Inclina-se e segura meu rosto, então sussurra:

– Fale alguma coisa sobre o que você pensa, Pink. Fale. Não algo bobo, sem raiva… alguma coisa real. Consegue fazer isso? Ou você só se veste como uma rebelde para esconder a delicadeza?

Estranhamente, minha garganta começa a trancar.

Ele quer que eu me abra? Abra a caixa dentro de mim e deixe todas as coisas ruins saírem?

Ele estica o braço e pega meu rosto entre as mãos. Eu tento reprimir o arrepio que começa na base da minha coluna.

– Delicadeza. Aham. Pfff!

– Vamos lá – ele insiste e se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. A expressão dele está tão persuasiva quanto sua música.

Não consigo responder a isso. Não consigo nem abrir a boca enquanto penso na resposta, então abordo o primeiro assunto que me vem à cabeça.

– Estou brava porque você afastou aquele cara quando eu estava pronta para dar uma joelhada entre as pernas dele.

– Sério? Você ia dar uma joelhada no saco dele? – ele pergunta, com prazer visível.

– Você acha que eu não iria dar uma joelhada nas bolas dele? Que eu só bato nas suas?

– Você não apenas bate nas minhas… você as lambe também.

– Não faço isso! *Ah, meu Deus*, Noah, apague isso!

Noah sorri e balança a cabeça por trás da câmera.

Estamos rindo agora.

– Mackenna!

– Vê o jeito como ela fala meu nome, Noah? Ela parece culpada, não parece?

– Mackenna, cale essa maldita boca! – Estico meu braço para colocar a mão na boca dele, mas ele a lambe e morde meu dedo delicadamente, de brincadeira. Depois vira a cabeça e me beija, forte. Nós gememos conforme me permito beijar. Um segundo… dois… três… então o empurro e me afasto. – Mackenna!

– O quê, Pandora?

Estamos rindo, e nem Noah está tentando abafar a risada.

– Não quero beijá-lo. Não aqui.

– Não se preocupe, sei onde você quer – ele diz brincando.

Estreito os olhos quando percebo que ele está deixando implícito que quero beijar sua rola, e não sua boca.

– MACKENNA! – grito de novo, rindo histericamente.

Quando chegamos aos quartos, Noah ainda está nos seguindo. Kenna mantém o braço em volta de mim, e quando abro a porta do meu quarto, Kenna diz a ele:

– Boa noite, cara. Aposto que realmente gostaria de ser eu agora, huh? – E fecha a porta na câmera de Noah. Ele me gira no meio do quarto, dizendo: – Venha aqui agora. – Estou sorrindo, porque seus olhos estão sorrindo para mim também. Mas, de repente, seus lábios não estão mais sorrindo.

O clima fica mortalmente sério, e o ar começa a falhar com seja lá o que sempre – *sempre* – acontece entre a gente.

Amo o fato de Kenna saber que é difícil para mim pedir o que realmente preciso. Às vezes, até mesmo eu não entendo por que é tão difícil, mas ele entende. De repente, me pergunto se, talvez, ele tenha partido há tantos anos porque eu nunca disse que o amava.

Será que eu ainda o amo?

Ele respira fundo e se aproxima para me acariciar, das têmporas ao queixo.

– Você está bem? – ele pergunta em tom sério.

Balanço a cabeça.

– Agora estou. – Seus olhos me observam enquanto seus dedos acariciam minha pele. Meu corpo começa a tremer. Neste momento, não existe passado.

Existe apenas o agora. Quero subir nele, ou quero que ele suba em mim.

Sem aviso, ele coloca a boca sobre a minha, devorando a maciez de meus lábios, seu beijo provocando ondas de desejo em meu estômago. Quando nos abraçamos e eu emito um gemido baixinho, ele se afasta, respirando com dificuldade, e olha para os meus lábios molhados com aqueles olhos de lobo brilhantes. Meus lábios ainda queimam com os beijos dele. Ele imediatamente retoma minha boca, com mais desejo desta vez.

– Sim – ele fala rouco. O toque que me segura contra seu corpo é firme e persuasivo, e conforme sua boca se torna mais exigente, minha resposta voraz o faz gemer.

– Passe a noite aqui – sussurro ao apertar seus ombros e enfiar os dentes em seu lábio inferior, que fiquei observando a noite toda. Antes que ele pudesse responder, adiciono: – Passe a noite aqui comigo, você não vai se arrepender.

– Finalmente a dama vê vantagem em ter um homem forte e capaz ao seu lado. – Sua voz é pura satisfação e ironia, e ele não faz ideia de quem eu realmente sou: medrosa, solitária, vulnerável e cheia de arrependimentos. Pegando-me no colo, ele me carrega até a cama.

Juro que ele age como se eu fosse seu grande prêmio…

Uma parte de mim quer dizer a ele que sou um grande prêmio vazio sem nada dentro.

Mas outra parte só quer que ele preencha esse vazio e me ajude a curá-lo.

O pensamento de que eu posso estar sendo jogada ao passado sem poder voltar atrás transpassa minha mente. Mas é rápido, porque seus beijos lentos e viciantes estão de volta em minha boca, meu rosto, meu pescoço, fazendo o mundo real girar. A cama quase me engole quando ele me deita e se espalha sobre mim.

Suas mãos trabalham rápido quando ele despe o seu corpo lindo e então o meu. Sua ereção me hipnotiza conforme ele se inclina para passar a mão em cada centímetro do meu corpo. Cada toque quente me diz que hoje à noite será um ato de pura possessão. A possessão *dele*. Geralmente recebo tanto quanto dou, mas neste momento Kenna parece determinado a pegar… e estou tremendo.

Quando ele se deita sobre mim, eu passo a mão sobre os músculos contraídos de suas costas. Mexo a cabeça procurando sua respiração e gemendo da única forma que sei que o motiva a me beijar. Ele me beija. Ele movimenta os quadris, pressionando-os contra os meus, como se precisasse daquele contato. Emitindo um barulho suave, parecendo um rosnado, ele enfia a mão de seu braço tatuado entre as minhas pernas.

Ele introduz um dedo em mim.

Afasto mais as pernas e gemo.

Ele chupa meu lábio inferior e solta um gemido baixo e violento conforme passa outro dedo pela minha entrada. Estou tremendo de necessidade quando ele desce mais um pouco e chupa um seio, depois o outro, e continua com os dedos em mim, movimentando aquele braço forte. Um fogo queima meu estômago e eu me mexo, pois sinto que estou bem perto.

– Não me deixe gozar sem você – gemo.

– Com ou sem mim, você vai gozar agora. – Ele circula o polegar sobre meu clitóris e eu me lembro de sua promessa: *Um dia você vai implorar...*

– Por favor. Gosto de ver você gozar comigo. Mackenna, por favor.

Ele para e olha para mim, nós dois arfando com muita força.

– Fale de novo.

– Goze comigo.

– A parte em que implora.

– Por favor, Mackenna – gemo.

Ele rosna, abrindo com os dentes um pacote de camisinha. Logo está armado e pronto, então envolve os quadris com minha perna e, com uma estocada, uma arfada e um gemido, estamos nos movimentando juntos. Seu corpo de dançarino, de músculos treinados para força e flexibilidade, movimenta-se sobre o meu, com seu pau me preenchendo. Gemidos de prazer saem de meus lábios conforme passo os dedos por suas costas até os músculos duros e firmes de sua bunda. Encontramos nosso ritmo, e nossas respirações se tornam difíceis. Nossos corpos se movimentam como se fossem extensões um do outro.

Quando ele me beija de novo, movendo habilidosamente a boca sobre a minha, minhas emoções giram e derrapam, e o fogo em minha boceta se espalha para o meu coração. Minhas barreiras cederam. Não consigo impedir o estremecimento delas. *Vou erguê-las quando acabar*, penso, mas, neste momento, o cheiro e o gosto desse homem, e a sensação que me causa, me consomem. Isso não é apenas uma foda.

E eu sei disso.

Conforme ele investe ritmicamente em mim, parece tão perdido na forma e na textura de meu corpo como quando canta. O olhar selvagem de prazer em sua expressão me desmancha e, quando os tremores involuntários do orgasmo começam, arqueio-me para ter mais dele, me rendendo completamente enquanto uma onda quente e poderosa de clímax me atinge, roubando minha respiração.

Sinto-o gozar, e algo se alarga em mim conforme seu corpo se flexiona com o orgasmo. Um carinho me banha quando aperto seu corpo contra o meu e sussurro:

– Isso mesmo, goze comigo, Kenna.

Seu gemido é profundo quando ele toma minha boca, e nos inclinamos. Ele me vira para me poupar de seu peso enquanto me beija, sussurrando em minha boca:

– Em uma escala de um a dez, como foi para você?

– Um milhão.

Ele ri comigo e me aperta entre os braços, e juro que seu ego fica do tamanho do Shrek.

– Você parece um Napoleão conquistador, sabia? Sente como se tivesse conseguido tudo agora – digo gemendo, completamente exausta.

– Não. Napoleão era pequeno. Eu, por outro lado, sou gigante.

– Seu *ego* é gigante.

– Amor, meu pau é tão gigante quanto meu ego, e ambos gostam de ter a sua atenção.

Seu jeito irônico, presunçoso e orgulhoso me faz sorrir, mas escondo o sorriso contra seu peito e fico ali deitada, sentindo-me feliz, ainda tonta pelo nosso ato de amor. Pela nova sensação de paz entre nós. Ainda estamos na cama, suados e em silêncio, com as mãos ainda acariciando sem objetivo um ao outro, quando ouvimos uma batida à porta e uma voz familiar chama:

– Mackenna, abra.

Mackenna geme, e vai andando nu até a porta.

– Agora não, Leo.

– Atenda seu telefone, cara. – Leo lança um olhar para mim, na cama, onde estou cobrindo os seios com o lençol. – Você não vai ficar animado com isso.

Leo vai embora e Mackenna pega o telefone para ver suas mensagens.

– A agente de condicional do meu pai. Caralho. – Ele soca o teclado e começa a andar de um lado para o outro até alguém, aparentemente, atender. – Oi. E aí? Quando foi a última vez que o viu? Não, não sei.

Depois de uma rápida discussão, ele desliga.

– *Filho da puta!* – Ele cai na cama e respira profundamente, esfregando as mãos no rosto, então atrás da cabeça e acima dos ombros. – Meu pai faltou às duas sessões com a agente de condicional. Eles não conseguem encontrá-lo. Abandonou o emprego. Jesus! – Ele olha para mim, balançando a cabeça. – Envio dinheiro a ele, sabe. Mas minha condição para isso é que ele trabalhe. Do

contrário, vai se envolver com drogas de novo. Bom, parece que já está envolvido.

Alguma coisa está apertando meu peito muito forte, tenho dificuldades em fazer passar qualquer palavra pela minha garganta.

– Kenna – digo, aproximando-me para tocar suas costas, seu ombro, qualquer coisa. Mas, de repente, ele parece tão tenso e inalcançável que me contenho antes de tocá-lo e afasto a mão. – Sinto muito mesmo.

Ele balança a cabeça, de novo e de novo, perdido em pensamentos.

– Se eu soubesse que seria desse jeito, o teria deixado cumprir sua pena. Fiz o equivalente a cortar meus pulsos para que fosse solto antes, e é assim que ele retribui. É assim que ele aproveita sua chance de fazer alguma coisa boa com a vida.

Sou muito ruim nisso. Dividida entre a vontade de consolá-lo e o medo do quanto me importo com o olhar assombrado em seu rosto, apenas fico observando-o se vestir.

– Ele ficará bem. Talvez tenha arranjado uma nova namorada e perdeu a hora na cama dela? – sugiro.

– Otimismo? Vindo de você? – Seus lábios se curvam discretamente e ele balança a cabeça. Inclina-se. – Você realmente tem o coração mole.

– Não tenho.

– Eu também tenho. Pelo menos, com você. – Ele anda até a porta e me deixa ali. Como ele pode me deixar ali?

Bom, ele o faz, e pela meia hora seguinte converso com Brooke e Melanie por mensagem.

Eu: Vocês acreditam em segunda chance?

Mel: Totalmente.

Brooke: Se Rem não tivesse me dado uma segunda chance, eu estaria fodida agora.

Mel: Se eu não tivesse dado uma segunda chance a Grey, e não tivesse poupado minha vida, estaríamos fodidos agora também, e NÃO do jeito bom.

Eu: Ok. Só para saber.

Brooke: Pan, por que não me disse que teve um caso com Kenna Jones do Crack Bikini? Remington escuta a música "Used" deles toda vez antes

de uma luta começar!

Eu: Porque odeio as músicas deles, só por isso.

Estou mentindo, lógico. Só odeio uma música. Aquela sobre mim. Apesar de muitas delas falarem sobre raiva, ser usado e ser traído – como se tivesse sido *eu* quem tivesse ido embora e o deixado para juntar os pedaços do coração.

Mas se alguma coisa daquele inferno é verdade para ele também, o que está acontecendo agora? Por que estamos nos envolvendo de novo?

Ele poderia transar com qualquer uma de suas fãs, como Jax e Lex fazem depois dos shows. Poderia foder qualquer puxa-saco, qualquer uma de suas dançarinas. Elas, claramente, sentem falta dele em suas camas.

Perigo, aquela voz sussurra.

Ah, cale a boca, cérebro! Você está muito atrasado.

Fecho os olhos e os aperto com força, e de repente me vejo adicionando o nome do pai dele à minha pulseira da sorte.

doze

SEMPRE HÁ AQUELA PEDRA CRETINA NA QUAL VOCÊ TROPEÇA DUAS VEZES

MACKENNA

Mandei dez mensagens para o celular dele enquanto esperava o voo. No momento em que pousei, vi que ele tinha me enviado uma mensagem. Disse que a agente da condicional o tinha encontrado e não havia com que me preocupar. Aham, sei.

Ele informou o nome de um hotel e o número do quarto em que estava. Pego a chave na recepção e acabo tendo que dar alguns autógrafos, até finalmente chegar ao vigésimo andar. Quando abro a porta, encontro meu pai jogado em uma cadeira no terraço, olhando para o horizonte.

Uma bandeja de serviço de quarto com duas taças de champanhe está ao lado da janela.

– O que houve com você, pai?

A raiva no meu rosto o deixa estático, e ele leva um segundo para articular as palavras.

– Inferno, eu… Você está aqui? Filho… Eu não iria faltar à sessão se aquela vaca não a tornasse um pé no saco. Preciso de liberdade, Kenna, estou sufocando aqui.

– Olhe para cima, pai. Vê aquilo? É a maldita luz do sol. Se quer ter uma boa dose disso todos os dias, *compareça* à maldita sessão de condicional.

– Eu disse que estou sufocando. Parece que ainda estou na cadeia, mas com um pouco mais de espaço.

– Jesus – digo enfurecido, então me recomponho, tentando entendê-lo. – Pai, sei exatamente como se sente. Se sente preso nas suas circunstâncias, mas não arranje uma pior.

– Você entende? Sério?

– Você sabe muito bem que sim.

Ele se esforça para sorrir e desvia o olhar, para o trânsito e a cidade.

– Siga em frente, meu filho teimoso – ele fala, seus olhos escuros preenchidos com as mesmas olheiras de quando saiu da prisão. – Lembra-se dessa música? Você arrasou.

– Sim, arraso com tudo em que toco minha língua.

Uma risada.

– Haverá paz quando acabar – ele continua falando da música, levantando as sobrancelhas em questionamento.

– Você sabe muito bem que também quero minha liberdade. Já conversamos sobre isso. Vou levá-lo para Seattle quando acabar o filme, para que eu possa vê-lo mais vezes. Só não dê nenhum motivo para que alguém o prenda… ouviu? Seja esperto, pai. Jesus! Eu me preocupo com você. Apenas pense nas coisas.

– Ser esperto da mesma forma que você é esperto com aquela garota? – ele me enfrenta.

Cacete, eu sabia que ele tocaria nesse assunto.

Cada parte de mim quer defendê-la.

Mas não adianta discutir com meu pai sobre Pandora. Dou de ombros e não digo nada, contraindo a mandíbula.

– Filho, ela lhe faz mal. Essa garota é tóxica. É melhor você ter certeza de que ela está na sua antes de trocar a vida boa pela vida dos seus sonhos, só para descobrir que não vai ter futuro, garoto.

– Ela é real para mim… – é tudo o que digo a ele, e solto isso em um sussurro.

Ele suspira e enterra o rosto nas mãos.

– Desculpe, só não consigo esquecer como a vaca da mãe dela me colocou atrás das grades.

– Pai, *você* se colocou atrás das grades. Será que não entende? Colhemos o que plantamos. Ninguém o obrigou a traficar, ninguém o obrigou a escolher esse caminho. Assuma. Eu estou assumindo as escolhas que faço também, e uma delas me colocou em um lugar difícil. Ninguém me obrigou a isso. Tive que fazer. Às vezes, apenas temos que fazer algumas coisas. – Passo a mão pela mandíbula porque, puta merda, aquelas escolhas machucaram.

– Você fez um acordo com aquela promotora, não fez? É por isso que estou solto. Se não fosse isso, eu ainda estaria lá. É por isso que minha agente de condicional é uma merda… Aquela biscate controladora provavelmente sabe que você está viajando com a filha dela e ainda está tentando interferir!

– Isso passou pela minha cabeça.

Ele me encara com os olhos semicerrados.

– Então, o que vai fazer?

– Ela não vai destruir minha vida duas vezes, não vai me tirar duas pessoas que amo duas vezes. Apenas fique bem, pai… Amanhã é outro dia. Não posso esperar até amanhã. Cometi erros. Magoei pessoas com as quais me importo. E vou consertar isso. – Dou um tapinha nas costas do meu pai e me abaixo. – Conserte sua vida do jeito que quiser. Pense em outro emprego, vou mexer uns pauzinhos. Só me dê um tempo, então podemos voltar a Seattle. E compareça às sessões.

– Mackenna… – Eu paro com a mão na porta do terraço. – Você é o motivo de eu continuar. Quando perdemos sua mãe…

– Você fez o melhor que pôde. Eu sei. Fique tranquilo, vou levá-lo para casa. Vamos sair juntos hoje.

treze

É DIFÍCIL SER PACIENTE, E BOAS COISAS SURGEM, COM OLHOS ACINZENTADOS

PANDORA

Ele ficou dois dias fora, mas chega a tempo para o show. As câmeras estavam em todo lugar durante sua ausência. Olívia, Tit e meia dúzia de outras dançarinas estavam sendo legais comigo. Até perguntaram se eu queria sair com elas noite passada. Elas foram dançar.

– Pandora? – elas me chamaram.

– Obrigada, mas vou ficar por aqui hoje à noite – eu disse.

As câmeras se fixam em mim a partir do momento em que saio do quarto. Eles me filmaram praticando com Yolanda, e também quando perguntei aos gêmeos se eles sabiam onde Mackenna estava.

Só estou livre no meu quarto, mas, a não ser quando ligo para Magnólia e minha mãe e tento responder a alguns e-mails de clientes, para não ter muito trabalho acumulado quando voltar a Seattle, me sinto bastante solitária.

Esta noite eu não poderia assistir ao show. Minhas pernas estão muito doloridas por causa dos ensaios de dança. Tenho tomado banhos frios e colocado gelo, mas não consigo ficar de botas e andar ao mesmo tempo, então digo a Lionel que não estou me sentindo bem e fico no hotel durante o show.

Então aqui estou, esperando sentada no corredor, apoiada na porta do quarto de Mackenna e olhando para os arranhões nas botas. Ouço o elevador chegar, e a algazarra dos caras fazendo piada preenche o corredor.

É quase inexplicável a forma como meu coração se contorce no peito quando o vejo. Ele está usando uma peruca rosa, bem parecida com a que usou no primeiro dia em que o vi, está vestindo uma calça de couro dourada e tem brilho salpicado no peito bronzeado. Além de seu uniforme diário: correntes, pulseiras e tatuagens.

E quero lamber, beijar, tocar, chupar e foder toda a energia dele. Também quero que ele me pegue nos braços e me diga que está bem. Que seu pai está

bem. Quero dizer a ele que tem sorte de que ainda *tem* um pai. Independentemente se ele está ou não fodendo com sua nova vida, pelo menos o pai dele ainda está vivo. Diferente do meu. O pai dele tem a chance de se desculpar, fazer as coisas darem certo. Meu pai nunca pôde nem mesmo tentar explicar que aquela viagem "não era o que parecia" ou que ele não estava "envolvido com sua assistente". Nunca teve a chance de me dizer que, independentemente de qualquer coisa, ele sempre me amou.

As risadas param quando os três me veem. Há duas mulheres acompanhando-os, cada uma pendurada em um dos gêmeos. Mackenna está sozinho e, quando olha para mim, eu sei que está sozinho – por causa da repentina eletricidade que emana dele e vai até aqui, onde estou sentada.

– Oi, Kenna – digo, tentando me levantar. A ação fica um pouco esquisita, por causa dos meus músculos doloridos.

Imediatamente ele está ao meu lado, pegando meu braço, para me ajudar a me levantar.

– Você está bem? Leo disse que não estava se sentindo bem.

– Dor de cabeça, mas agora passou. Vai saber – minto, sorrindo discretamente.

Ele sorri para mim e coloca a chave na fechadura, levando-me para dentro com ele. Meus joelhos vacilam quando ele se apossa de minha mão, apertando-a na dele, que é muito maior, e vai pegar a escova de dentes.

– Mackenna, ele está bem? – pergunto. Estou tão ansiosa por ele. Sei muito bem o quanto Mackenna ama o pai. – Seu pai.

– Sim, eles o encontraram.

– Você precisa de alguma coisa…? – Engulo em seco, porque é muito difícil dizer o que vem em seguida. – Precisa de mim?

Ele se vira e sou surpreendida pela necessidade atroz – crua, de destruir a alma, de cortar o coração – que vejo em seus olhos. De repente, não preciso de palavras. Todo meu corpo responde àquele olhar.

– Há câmeras aqui – ele sussurra. Então, silenciosamente, pega minha mão e me leva pelo corredor até meu quarto. Ele fecha a porta quando entramos.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Ele ficou bêbado. Desmaiou em algum hotel com alguma prostituta.

– Ah, Deus, sinto muito.

– É… Bem, pelo menos não estava traficando. – No entanto, ele não parece muito convencido de que está tudo bem.

Algo o está incomodando, e a necessidade de tranquilizá-lo é mais forte do que nunca.

Sinto a necessidade urgente de dizer algo:

– Olha, meu pai arruinou tudo também, Kenna. Mas ele nunca pôde… *consertar* as coisas. Seu pai ainda pode.

Ele tira a peruca, joga-a para o lado com um suspiro, depois vai ao banheiro e volta com uma toalha molhada, a qual passa lentamente sobre o peito bronzeado e musculoso.

– Você já se perguntou o que teria acontecido se o seu pai tivesse a chance de pedir desculpas? – Mackenna me pergunta.

– Ele não se importava, nos traiu… – Acho que tudo que posso fazer é repetir o que minha mãe enfiou na minha cabeça por anos.

– Ah, Pink, ele se *importava*, sim – ele me contradiz. – Qualquer um que realmente a conhece não poderia não se importar. Por exemplo, aquela sua amiga que a protegeu quando você lançou uma bomba vegetariana em mim. Ela se importa.

– Melanie? – Sorrio ao pensar nela. Ela é o oposto de mim, e preciso dela. Preciso dela na minha vida do jeito que qualquer ser vivo, exceto um parasita, precisa do sol. – Brooke, Kyle… acho que eles se importam também – admito. Então, por impulso, desbloqueio meu telefone e lhe mostro uma foto de Magnólia enquanto ele continua limpando o brilho dos braços. – Ela se importa comigo mais que todos.

– Olha só para isso. Quem é essa pequena?

Adoro tanto o sorriso dele, que sinto uma pontada deliciosa no peito.

– Minha prima. A mãe dela lutou contra uma leucemia, mas não resistiu. Magnólia nos salvou… salvou minha mãe e eu. Não sei onde estaríamos se não fosse ela ter entrado em nossas vidas.

– Precisamos de uma pequena capa para ela com um M bem grande, para que ela saiba que é uma estrela, que tal?

Sorrio ao colocar meu celular para o lado.

– Você está me zoando, mas gostei da ideia. Ela adoraria. Não quer ser princesa, parece mais inclinada a ser uma pessoa com capa.

– Como a tia Pink?

Sorrio e ele dá risada comigo, então sua expressão se torna sombria. Ah, Deus, eu estava com saudade dele. Só estou com a banda há duas semanas, mas já senti sua ausência pelos últimos dias. E senti falta dele mais do que nunca.

– Sabe, a banda… – ele começa, mas para e toma fôlego. – Quando meu pai foi preso, e minha vida ficou uma merda, e perdi tudo o que eu amava… – Ele se concentra em meu olhar e assente solenemente. – A banda me salvou também.

Sinto aquela dor sempre presente, aguda como nunca, atingindo-me.

– Fico feliz que o tenha salvado, Mackenna – sussurro.

– Eu estraguei tudo, Pink.

– Como? Por ter ido embora? – Não sei por que pergunto isso, mas as palavras saem antes de eu perceber.

– Não. – Com movimentos lentos e predadores, ele se aproxima. – Porque, quando pude finalmente me encontrar com você, não o fiz. Não achei que me quisesse, mas isso não deveria ter me impedido. Deveria ter voltado para buscá-la.

– Não, não deveria. Porque minha cozinha teria mais munição do que apenas tomates. – Dou uma risada falsa, tentando amenizar o clima.

Infelizmente, ele não acha engraçado.

Antes que ele fizesse mais estragos em minhas barreiras – que estavam mais fracas a cada segundo –, puxo sua cabeça até mim e começo a morder seus lábios.

– Você sentiu a minha falta? – de repente ele quer saber. Ele afasta a boca até estar a menos de um centímetro da minha. Ele me tortura ao deixá-la ali, imóvel, afastada de mim. – Você sentiu a minha falta? – ele pergunta de novo, escorregando as mãos sob os meus cabelos.

– Por favor, pare de tentar me fazer bancar a tola afetada. Apenas me beije.

– Você nunca será uma tola afetada, só me diga se sentiu a minha falta – ele insiste, olhando para mim com um olhar feroz.

Exalo ruidosamente, como forma de protesto, e ele ri suavemente.

– Tudo bem – ele sussurra, roçando os lábios nos meus. Acho que me livrei de ter que lhe dar uma resposta, então faço menção de beijá-lo. Mas antes que consiga tocar-lhe os lábios, ele diz: – Mas *eu* senti a *sua* falta.

quatorze

PLANOS

MACKENNA

Estamos enlaçados. Sem câmeras. Nada. Nada além de ela e eu. Ela está suada e cheira a sexo, e é assim que eu quero que ela cheire.

Quero que tenha o meu cheiro.

Inferno, isso aqui – seus cabelos com a mecha rosa espalhados pelo travesseiro e seus membros envoltos em mim –, isso é perfeito, não quero nem ir mijar.

Quero muito mais, sou um maldito ganancioso. Ganancioso para caralho quando o assunto é ela. Rosno suavemente e mordo seu ombro, murmurando:

– Preciso conversar com Leo.

Ela suspira e se alonga.

– Sobre o quê?

Olho para ela, ela é uma arma de fogo, e adoro tê-la nas mãos.

– Eu conto depois, mulher. Cubra-se, para que minha mente possa se concentrar em outra coisa que não suas curvas maravilhosas.

– Estou com calor e suada. Não quero me cobrir.

Ela geme e eu me enterro em seu pescoço.

– E eu não quero sair desta cama. – Agora mordo sua garganta delicada e macia. – Mas quanto mais rápido eu falar com ele, mais rápido posso estar de volta.

– Mackenna. – Ela ri, com os braços apertados em meu pescoço. – Está falando sério que vai sair *agora*?

Beijo sua bunda, brincando.

– Sim. Tenho grandes planos para o seu futuro.

– Fala sério! Fique aqui. Esta noite eu queria que… – Ela olha para mim com aqueles olhos totalmente escuros, então franze o cenho, como se não gostasse do que estava prestes a dizer. Seus olhos estão cerrados. – Queria que fôssemos amigos – ela diz, enfim.

– Amigos? – repito.

– Sim. Eu quero… – Ela se senta cautelosamente, mexendo no cabelo. – Quero tentar seguir em frente, Mackenna.

– Quer seguir em frente sem mim?

Porra, isso não é nada do que eu queria ouvir. Mesmo assim, soo casual. Ela nunca adivinharia o tamanho da espada que entra em meu peito agora.

– Não. Sem o passado – ela diz.

– Sério? – digo, sem demonstrar nenhum sentimento.

Mas não consigo deixar para lá. Não consigo esquecer o passado. Como é possível deixar para lá quando tudo o que eu queria era voltar no tempo e tomar uma decisão diferente? E ela ainda parece tão esperançosa, como se aqui fosse o momento em que pudesse, finalmente, ter uma vida mais feliz.

Não quero dizer a ela que não é isso o que eu quero.

– Seu cabelo está bem bagunçado. – Pego suas mechas que parecem algodão-doce.

Ela expressa um breve, mas raro, sorriso.

– Olha quem fala… Você, que usa aquelas perucas.

– Minhas perucas são legais, amor. É melhor ter cuidado com o que fala sobre elas.

– Você gosta de usar aquelas perucas ou o obrigam a fazer isso?

– As perucas?

– Faz parte de seu contrato com Leo?

– Não, uso porque quero. Fica mais fácil. Como se incorporasse um personagem. Trabalho nele.

– Porque você se diverte… Você sempre gostou de se divertir. Aaah, e eu gosto da técnica de fingir que ninguém na plateia sou eu. O seu carma.

– Você não é um carma.

– Toda aquela maconha que seus colegas de banda fumam está confundindo sua cabeça. Você não está falando coisa com coisa. Explique.

– Você não é um carma, e sim a única pessoa que eu gostaria que tivesse orgulho de mim.

Uma expressão intensa, mas secreta, cintila nos olhos dela.

Meus lábios se curvam em um sorriso vazio.

– Isso é novidade para você? – Dou risada. – Você é a única pessoa para a qual nunca fui suficiente. – Nossa, estou desabafando. – Saber que você não está lá para me assistir alivia um pouco a pressão de ter que mostrar uma performance perfeita.

– Eu… – Ela pisca, está com o rosto um pouco pálido.

– O gato comeu sua língua? – Eu me inclino e coloco a língua na boca dela.

Ela responde com a língua. Eu suspiro e puxo-a para mais perto. Ela suspira de volta, relaxando, agora que se sente de volta ao presente. Sem passado. Estragos. Erros. Todos esses anos. Toda aquela dor. Toda aquela impotência diante das coisas. A frustração. Desaparecem.

Ela fecha os olhos quando passo os dedos em sua cabeça, e seus mamilos se empinam, apoiando-se contra o meu peito, acordando meu pau para brincar de novo. Mas ainda não consigo. Há algo que preciso fazer primeiro.

Beijo o topo de sua cabeça.

– Durma.

– Por quê? Para seu governo, cabeça oca, não estava planejando chutá-lo para fora hoje.

– Preciso falar com Leo.

***

Não me surpreendo em encontrar Leo acompanhado quando bato à porta. Ele me conduz até a saleta ao lado enquanto Tit se cobre com um roupão e faz uma careta de cima da cama.

Lionel fecha a porta que separa a saleta do quarto, para que ela não nos ouça.

– O que aconteceu naquele bar country é inaceitável, Leo – digo em tom de advertência.

– Só estou tentando captar algumas boas cenas, algo orgânico e natural. Droga, você sempre adorou entrar numa briga.

– Sim, mas não quando ela está envolvida – rosno, andando de um lado para o outro como um tigre enjaulado, vigiado, preso, provocado. – Preciso tirá-la daqui, Leo – finalmente digo a ele, virando-me para encará-lo.

– Você não precisa fazer nada além de tirá-la da cabeça, Jones.

– Quero viajar separadamente.

Seus olhos se arregalam.

– Como?

– Você me ouviu. Pandora e eu vamos para Nova Orleans e Dallas sozinhos. Quero-a longe das câmeras, dos fãs, das garotas. De tudo.

– Você não pode simplesmente se levantar e ir embora. Temos um filme para gravar, e o produtor a quer no palco do Madison Square Garden. Ela precisa

ensaiar. Mais ainda, seu trabalho é nos dar alguma merda vendável para o filme, e você tem que fazer isso se ainda quer o que me pediu.

– Você me deixa viajar separadamente com ela e vou ajudá-la a ensaiar. Inferno, vou treinar o beijo até sair perfeito. Vou até lhe dar uma nova música. Deus sabe que a letra está na minha cabeça o tempo todo. Leo, ela não gosta de voar, e as câmeras estão me deixando louco.

– Você quer tudo isso, cara, e ainda quer que eu lhe conceda o seu pedido…

– Olhe – interrompo-o, estreitando os olhos conforme aponto o indicador na cara dele –, você terá o beijo e também uma nova música. Uma última música antes de eu me livrar do contrato. Isso é mais do que justo.

Leo parece muito incomodado, mas não me importo. Com os olhos cerrados em mim, tenta absorver tudo. Na frente dele, ligo para uma locadora e alugo um carro para mim e Pandora.

Assim que desligo o telefone, Lionel está em cima de mim com um olhar furioso, ajustando a faixa do roupão, igual ao que Tit está usando.

– Você está comendo a garota? Ouvi dizer que vocês transaram. Queremos ver uma cena de sexo, Kenna.

– Você não vai ver merda nenhuma.

– Vou lhe dar o que quer – ele cede –, mas apenas se você tornar esse filme memorável.

– Leo, nós tínhamos um *acordo* – eu o lembro. – Você disse que eu estaria livre do contrato se eu concordasse com essa merda toda. Você queria o beijo, e tudo o que terá é esse beijo. – Ter que beijar Pink na frente de milhares de fãs, seus lábios nos meus… Inferno, sei que ela ficará brava. Mas ela tem a chance de provar ao mundo que minha música é uma bosta. Não que eu me importe muito. Cada reclamação que há naquela música é porque estive apaixonado por ela durante *anos*.

– Tudo bem. Leve-a de carro, eu não ligo. Mas eu quero o beijo e a música, ou você não terá nada, entendeu?

Vou até a porta.

– Entendi.

– Faça-a querer isso, Kenna! – ele grita.

– Ah, ela quer. – Bato a porta.

Só que não tanto quanto eu.

Meu pai teve uma segunda chance, e agora percebo que também tenho. A diferença é que não vou estragar a minha.

Quando volto para o quarto de Pandora, ela está deitada na cama, e rapidamente se inclina quando entro, apoiando-se nos cotovelos. *Você não conseguiria dormir sabendo que eu voltaria, não é, amor?*

– Oi – digo com esforço, com a sensação de estar carregando uma granada no peito. Granada prestes a *explodir*!

Puta que pariu, sinto coisas poderosas por ela.

Sinto tudo por ela. Raiva e vontade de protegê-la. Possessividade e dor. Sinto-me muito *bem* com ela. Sinto…

– Volte para a cama – ela sussurra, levantando os lençóis.

Deus, não vou estragar tudo desta vez.

quinze

NA ESTRADA COM UM DEUS DO ROCK

PANDORA

– Mackenna, não vou entrar no carro.

– Vejo duas opções para você, Pink, apenas duas. O jato ou a Lamborghini. Você escolhe.

– A porta nem abre direito! O que aconteceu, Kenna? Você tem um pau grande, não precisa desses acessórios para se sentir um homem.

– Stone, sério, entre na droga do carro.

– *Jones*, você quer que toda a rodovia olhe em sua direção enquanto seguimos para o aeroporto? Ser um astro do rock já não é suficiente para fazê-lo se sentir bem consigo mesmo?

Ele ri.

– Amor, vamos viajar tão rápido, que ninguém vai conseguir ver nossos rostos. Vamos.

Ele joga minha bagagem e uma malinha no porta-malas, depois dá a volta e abre a porta para mim.

– O que está esperando? *Entre*.

Entro no carro quando ele se aproxima, minhas entranhas se contorcem, como se meu estômago fosse um liquidificador.

– Por que está fazendo isso? – eu pergunto.

Seus olhos estão fixos nos meus quando ele pega o cinto e, lentamente, começa a atá-lo.

– Calma. Porque eu quero. Quero ficar longe daqueles idiotas… e sozinho com você.

Seu cheiro chega até mim, e isso me incomoda, porque ainda me deixa sem ar, apesar de ele já ter me fodido de dez maneiras desde domingo.

– Você acordou cavalheiro hoje. Nunca pensei que seria um cavalheiro quando crescesse.

– Aqueles tomates realmente causaram deformações em seu cérebro. Sei ser gentil, só não com este carro. – Ele se acomoda no banco do motorista, depois coloca o cinto com um sorriso presunçoso. Passa a mão pelo volante quase com o mesmo carinho que passa a mão em mim, então liga o GPS. Seus braços estão latejantes, e a visão daqueles músculos flexionados provoca uma tensão desconfortável entre minhas pernas. Ele dá partida no carro de motor potente e pisa no acelerador, assim o motor ronca ainda mais.

– Então, há um motivo oculto de estarmos indo de carro até o aeroporto? – pergunto.

– Não vamos até o aeroporto.

Ele sorri e nos tira dali com um barulho de pneus que só se vê em filmes de ação, com carros aterrorizantes e velozes conduzidos por motoristas experientes. Antes de eu falar alguma coisa, ele abre nossas janelas e o teto solar. Com o vento, sua camiseta adere ao peito, e cada músculo chama minha atenção. Analiso os prédios conforme passamos, então não há mais nada. A cada dois minutos, meus olhos se desviam para ele. Não consigo parar. O vento é o único som que nos envolve, mas, em minha cabeça, há milhares de ruídos.

Por que ele foi embora? O que quer comigo agora? Isso importa? Será que quero ter seu amor apenas para esfregar isso na cara dele? Ou estou tentando provar para mim mesma que ainda é possível ser amada? Ou estou fazendo isso – essa *coisa* com ele – simplesmente porque é o que mais queria em toda a minha vida?

– Então, quais são os planos? – pergunto.

– Vamos até Dallas, passamos a noite em um hotel e então chegamos para o ensaio do show. Temos que tomar cuidado com os malditos paparazzi, mas estou com meu boné da sorte para isso. – Ele olha para mim, me analisando de cima a baixo. – Quer parar para comprar algum disfarce?

– Posso usar seu moicano…

Ele sorri e pega minha mão, pousando-a em sua coxa, e mantém a mão sobre a minha enquanto canta com a garganta uma composição de Mozart. Juro, é tão sexy ouvi-lo que quase peço que pare o carro. É sexy porque ele gosta de música de verdade, e sabe tocar piano e guitarra como ninguém. Tudo por causa de como ouve a melodia, então a repete, mas com o próprio arranjo.

O vento nem mexe seus cabelos muito curtos, o que é sexy. Como ficam no lugar. Ele está segurando minha mão, o que também é sexy.

E perigoso.

Perigo! Puxo a mão.

– Vamos manter as coisas como estão, ok? Não tem por que fingir alguma coisa se somos apenas amigos que transam.

– Sério?

– Muito sério.

– Então, o que devo fazer? Qual é o meu papel?

Ele está se divertindo; faço uma careta.

– Não faça nada. Seja você mesmo, um babaca, e eu serei eu.

– Encantadora como sempre?

– Uau, jura? O que você comeu no café da manhã hoje?

– Você será a minha mulher.

– A maneira como você fala, como se eu não tivesse outra escolha, é irritante. Mas, tudo bem. E nós só… *transamos*. De vez em quando. E quando eu tiver que beijá-lo no palco, vou dançar e ficar parecendo uma completa idiota. Então acabamos com qualquer acordo e vou embora. – Olho para fora da janela, mas o escuto rir, como se eu fosse engraçada.

– Acontece que gosto de segurar a mão das minhas amigas de transa. – Ele sorri e, teimosamente, pega minha mão de volta.

Eu resmungo e ele ri.

– O que você tem a perder? Sei que não ficou com ninguém desde que eu fui embora. Sei que aquele cara no estacionamento do hotel é seu amigo.

– Como você sabe?

– Apenas *sei* – ele muda de assunto. – O que você tem a perder deixando que eu segure a sua mão? Eu já a segurei milhares de vezes antes.

Hesito. Quero lhe dizer algo ofensivo, mas o jeito como ele me olha, com o rosto atipicamente sombrio, pede a verdade.

– Porque se você ficar segurando a minha mão, vou me acostumar com isso e, antes que me dê conta, você vai me deixar… de novo – digo, com o coração doendo ao puxar a mão mais uma vez.

Ele coloca a mão no volante, apertando-o firmemente. Olho para fora, então solto:

– Você é… Você não é um cara normal, nem eu… nem essa situação é normal. Cara, estamos no meio de uma porra de uma turnê, com todas aquelas dançarinas putas o lambendo. Sou apenas a mulher que você está comendo.

– Você é a única que estou comendo, e gosto de ter minhas mãos na sua. Vai ter que se acostumar com isso. – Ele pega minha mão novamente, apertando-a de um jeito "não me provoque". Hesito. Sua mão está quente na minha, e o ar

fica pesado entre nós. Ele esfrega o polegar na palma da minha mão. – Gosto disso pra caralho, Pink – ele murmura.

Deus, ele me cansa. Suga as minhas energias. Quero erguer minhas barreiras, mas sinto que, ao contrário, as estou quebrando.

Depois de dirigir por um tempo, paramos em um restaurante.

– Todo mundo vai reconhecê-lo.

Sem se importar, ele coloca os óculos aviador, vira para o lado o boné azul-marinho e me leva para dentro, entrelaçando os dedos nos meus. Ele escolhe uma mesa no fundo, então coloca o braço ao redor dos meus ombros.

– O que você quer?

Abro o cardápio, totalmente consciente de seu dedo acariciando meu pescoço, enquanto ele também olha outro cardápio.

A garçonete anota nossos pedidos. Quando ela sai, Mackenna tira os óculos, me pega pelo queixo e começa a beijar e se esfregar em meu pescoço, de um jeito que faz os dedos dos meus pés se curvarem. Acabo me apoiando em seu braço e me aconchegando um pouco enquanto esperamos a comida.

– Gosto de dirigir aquela Lambo – ele admite preguiçosamente, passando a mão com vigor em meus cabelos. – Gosto de mexer nessa mecha pink no meio de seu cabelo preto.

Pequenos formigamentos de prazer percorrem minha corrente sanguínea. É assim que poderia ter sido entre a gente. É assim que poderia ter sido se eu tivesse dito a verdade para minha mãe. Se ele tivesse aparecido aquele dia. Ou se nós simplesmente não precisássemos fugir.

– Admita, você gostou da Lambo. – Ele passa o anel de prata pelo meu lábio inferior, com um sorriso adorável no rosto.

– É muito confortável – limito-me a dizer.

– Huh. Realmente deveríamos encontrar outro uso para essa sua boca.

Ele enfia todos os dedos de uma mão entre os meus cabelos e eu arqueio o corpo para me aproximar, pressionando os seios em seu peito firme, para que ele saiba que eu quero que me beije de novo. Entendendo perfeitamente, ele beija meus lábios, delicadamente, como se eu fosse algo frágil. Como se quisesse memorizar o gosto, a textura e a forma.

– Caras de moto beijam suas mulheres mais intensamente. Talvez devêssemos trocar a Lambo por uma moto? Pegar alguma coisa poderosa para vibrar entre suas coxas?

Já há algo vibrando entre minhas coxas.

Sua voz.

A maneira como sou afetada quando ele fala com a voz rouca…

– De jeito nenhum vou subir numa moto para atravessar uma rodovia.

– Não? Sem moto? – Ele ri e lança um olhar lascivo e demorado para mim, com os olhos divertidos. – Sei o que você gostaria de fazer. Além de ficar comigo… – Lá está o sorriso tolo de novo.

– Ah, então você sabe… – Acho que estou sorrindo tolamente também quando levanto a sobrancelha, desafiando-o. Blefo muito bem, aposto que ele não faz ideia de que estou apertando as coxas debaixo da mesa, lutando para reprimir o tesão que me percorre.

Ele prolonga o momento para aumentar o suspense, percorrendo meu pescoço com o dedo.

– Bom… Você quer que eu diga? Pink?

Deus, não consigo parar de sorrir. Sinto-me… jovem. Livre. Viva. Sexy. Desejada.

– Tenho um pressentimento de que você vai me dizer de qualquer maneira, Kenna.

Ele escorrega a mão para debaixo da mesa e agarra uma de minhas coxas, então aponta com a cabeça para o meu prato e sussurra:

– Termine de comer e vou lhe mostrar, em vez de falar.

Logo depois, a caminho do lugar misterioso, paramos em um posto de gasolina para abastecer a Lambo, aparentemente precisando de gasolina. Depois de eu pegar uma garrafa d'água e Mackenna pegar chicletes, M&M's e salgadinhos, partimos.

Mackenna segurou minha mão ao entrar e sair da loja, e agora a segura no carro de novo. Digo para mim mesma que estou muito cansada para brigar com ele, mas a verdade é que gosto muito disso, sinto um frio na barriga sempre que ele me toca. Ao seguirmos pela rodovia, observo, hipnotizada, ele arrastar o polegar sobre os nós dos meus dedos enquanto dirige. O brilho de seu anel prateado refletido na luz do sol é deliciosamente familiar.

– Aonde estamos indo? – pergunto pela terceira vez.

Seus lábios se curvam de um lado.

– Para o paraíso, Pink.

– Mackenna, se isso tiver alguma coisa relacionada a sexo…

– Não, amor, mas posso dizer que é a segunda melhor coisa para nós. – Ele me dá uma piscadinha. E em seguida um sorriso sexy.

Estou tão intrigada, que não consigo pensar em nada melhor do que sexo, além de… sexo. Beijar e acariciar. Transar. Qual é a melhor coisa depois de

sexo???

O sol ainda não se pôs quando paramos no estacionamento de um colégio. Nunca estive naquele lugar, então não faço ideia do que ele está planejando, mas o deixo me conduzir pela mão até a entrada. Mackenna cumprimenta um homem na porta, então, silenciosamente, me leva para o rinque de patinação da escola.

Fico observando aquela superfície de gelo fria e lisa no ginásio silencioso e não consigo acreditar em meus próprios olhos. Mackenna sorri.

– O time de hóquei da faculdade joga aqui. Mexi uns pauzinhos…

Os pauzinhos do meu coração? Ele está brincando com eles muito bem. Meu peito nunca ficou tão cheio como no momento em que pego os patins que ele me estende, segurando-os pelos cadarços. Tiro imediatamente os sapatos e calço os patins.

Ah, meu Deus, faz um tempo… infinito.

Mais um dia.

Amarro os patins e escorrego no gelo com uma sensação flutuante nas pernas. Encontro o equilíbrio em um minuto e, lentamente, levanto as mãos e giro, com o rosto virado para o teto.

– Ah, meu Deus, você tem noção de quanto tempo faz?

Ele amarra os patins dele e me alcança rapidamente; tão rápido como um jogador de hóquei.

– Dois mil e quinhentos dias – ele me diz.

Quando coloca o braço em minha cintura e me puxa para perto, alinhando perfeitamente o corpo ao meu, meu sorriso se esvai, mas não minha felicidade. Ele pega meu braço e me gira como um pião. Pela primeira vez em muito tempo, dou risada. Dou risada e grito.

– Não me deixe cair!

– Nunca.

Ele me segura quando fico tonta, e nós patinamos e giramos, patinamos e brincamos, patinamos e apostamos corrida, brincando até cair. Enroscamos uma perna na outra e damos risada quando caímos. Ele me pega todas as vezes, com movimentos rápidos, evitando que eu caia, e então ficamos ali sentados, meu corpo sobre o dele, tentando respirar. Exatamente como nos velhos tempos.

Mas agora ele não precisa usar boné para não ser reconhecido, e eu não preciso de um boné de aba larga para esconder o rosto.

Seu rosto está bem na minha frente, cada ângulo acessível para mim.

Rendo-me totalmente, e ele faz o mesmo.

Fecho os olhos quando ele traça o anel de prata ao longo de minha mandíbula, sobe para minha têmpora e circula minha orelha.

– Amo o seu rosto. – Sua voz é grossa e sexy. Única.

Sinto isso em cada célula do meu corpo.

Abro os olhos para ver seu rosto, ele está me encarando concentrado. Sem remorso. Gentil, mas, mesmo assim, me absorvendo inteira.

– E seus lábios – ele murmura com a voz mais grossa ainda, esfregando o anel em minha boca. – Amo fazer esses lábios sorrirem. – Sem me dar conta, estou sorrindo, e sinto uma felicidade intensa quando ele sorri de volta para mim.

Não é falso. Isso é real. E perfeito.

– Tudo bem, senhorita, hora de ir – ele diz, levantando-se.

– Que bom. Minha bunda está congelada – minto.

Não queria deixar este lugar nunca. Nunca vou me esquecer de como me sinto quando estou em seus braços, girando, girando e girando como uma criança.

***

Paramos em um hotel à beira da estrada, no primeiro que encontramos, pois já era noite. Estamos cansados. Mackenna me leva para dentro, liga o chuveiro e murmura:

– Venha tomar banho comigo.

Meu primeiro instinto é dizer não.

Muito íntimo…

Muito arriscado…

Perigo.

– Sem gracinhas. Juro. – Ele levanta as mãos inocentemente.

Meu coração decide antes que meu cérebro pense no que fazer e, quando vejo, já estou tirando a roupa, consciente da ternura em seu olhar enquanto me observa.

Ele cumpre a palavra, mas posso dizer que é uma prova de honra. Ele está muito excitado. Sua ereção fica o tempo todo entre nós quando trocamos de lugar para ensaboar um ao outro. Tento me ensaboar rapidamente para terminar logo, pois estou muito tensa e quente, mas quando ele me ensaboa com aquelas mãos enormes, até me esqueço do chuveiro. Assim, o que deveria ser um banho rápido se transforma em um momento íntimo longo. Ele me ensaboa e eu o ensaboo. Fechamos os olhos. Gememos um pouco. Sussurro:

– O seu toque é gostoso – acabo dizendo. Ele está atrás de mim, esfregando meus cabelos com xampu, com os lábios molhados roçando o lóbulo da minha orelha.

– Você é cheirosa. Quero sentir seu gosto hoje.

O clima começa a ferver.

– Eu realmente preciso trabalhar – digo, relutante.

– Ninguém vai impedi-la – ele diz.

– Ok.

Saio do chuveiro e me enrolo na toalha, e Mackenna continua lá, enxaguando o resto do sabonete do corpo. Enquanto me seco, vejo-o se esticando para alternar o chuveiro para água fria. Ele fecha os olhos quando a água percorre seu peito. Ele geme, e só então eu percebo o quanto ele ficou excitado com nosso banho; seu pau parece um taco de beisebol apontado para cima, pronto para a tacada.

Entre minhas pernas, sinto o desejo de ter aquilo, inteiro, em mim. *Ótimo momento de dizer que precisa trabalhar, Pandora*.

Idiota.

Viro-me quando ele sai do chuveiro e levo um tempo para ter coragem de olhar para ele. Com a toalha enrolada nos quadris, um corpo lindo e molhado de deus do rock, ele está olhando para mim com um sorriso.

– Você está bem, amor? Conecte-se no wi-fi e faça suas coisas, eu vou tocar um pouco.

– O-ok – digo, ruborizando como uma idiota quando pego o notebook e me sento na cama.

Ele ainda está duro?

Ou já se acalmou?

Ainda quer fazer?

Inferno, eu quero fazer.

Trabalhamos em silêncio, e eu o espio de trás do computador. Ele está sentado na poltrona ao lado da janela. Ele estava tão gostoso tomando o banho frio, que ainda estou molhada entre as pernas. E ele está gostoso agora, passando os dedos pelas cordas da guitarra. Até depois de ter tomado banho, nunca consegue se livrar do lápis preto sob os olhos e, minha nossa, ele fica tão gostoso daquele jeito também… Não consigo acreditar no quanto estava duro debaixo do chuveiro. Algo daquela natureza pode ser amenizado apenas com água fria? Ele não me pressionou quando me deu sua palavra e, por Deus, isso é supergostoso também.

Está me ouvindo? Isso aqui é todo o sexo que não tive em seis anos exigindo um pouco de prática. Foda-se. Tenho trabalho a fazer.

Volto ao computador: tem um e-mail da Melanie.

Por que não está respondendo às mensagens?

Pelo menos me diga se está viva.

Brooke também está preocupada.

Estou bem, respondo. Então olho para ele de novo, contendo um sorriso.

Muito, muito bem.

Sorrio. Sim, é bom. Mas será que as coisas serão diferentes desta vez? Ele vai parar de fazer o que quer comigo? Eu poderia deixar Magnólia sozinha com minha mãe por causa dele?

Não consigo. Nós nos magoamos muito. Nosso passado está em nós. Não podemos, de repente, simplesmente ser… felizes.

Sim, mas vocês podem fazer sexo, sua ninfomaníaca tola.

Coloco o computador na cama. Posso trabalhar quando voltar para casa, para minha vida, mas ele não estará aqui para sempre.

Em silêncio, ando até ele.

– O que está escrevendo? Precisa de mais inspiração? Acho que sou boa nisso.

Ele sorri, escreve mais algumas coisas no seu iPhone e o coloca de lado.

Aponto para seu colo, ainda coberto com uma toalha.

– Vou me sentar aqui, você me parece um maravilhoso e sexy assento.

– E sou todo seu – ele diz com um brilho de curiosidade nos olhos, e coloca a guitarra de lado.

Assim que me ajeito, coloco os braços ao redor de seu pescoço.

– Então, algum crime planejado para hoje? – provoco.

– Além de sequestrá-la, açoitá-la e fazer você acordar o hotel inteiro com gritos de prazer? Não, nenhum.

Não entendo por que ele me levou embora, mas isso me poupou de um avião. Ele me diverte. Agora quero seduzi-lo do jeito mais sexy, mas não sei como começar. Quase consigo ouvir Melanie resmungando ao dizer:

– Ele é um homem. O quanto pode ser complicado? Apenas o acaricie que ele vai ficar caidinho…

– Pensei em você o dia todo – sussurro, me inclinando e lambendo o lóbulo da sua orelha.

– Merda. Caralho. Sério? – Ele me agarra e me afasta um pouco, para olhar para mim, e analisa o meu rosto.

– Adoro tomar banho com você – sussurro, me sentindo vulnerável ao admitir.

Ele me observa e sua voz engrossa.

– Está falando sério, amor?

Estou tão excitada só de sentir o cheiro do sabonete em sua pele, que gemo e me inclino, lambendo sua orelha de novo.

– Nunca vi um homem ficar tão duro só de tomar banho com uma garota. Você gosta de me ensaboar? Você me convidou para o banho de propósito? Para me deixar quente?

Seus olhos estão começando a queimar.

– Isso me excitou, Kenna – murmuro, esfregando meu peito nele. Nunca me senti tão carente, tão desesperada.

Seu pau rapidamente se manifesta, pulsando mais grosso embaixo de mim.

– Você quer colocar um desses seios na minha boca, para que eu possa chupá-la bem gostoso? – Seus olhos cinza estão obscenos, tanto quanto suas palavras. E ele está obscenamente gostoso.

– Sim, por favor – sussurro, tirando a camiseta e levantando um dos seios em direção à sua boca.

– Que tal uma mordida? – Ele morde meu mamilo sem esperar resposta, cravando suavemente os dentes ao redor da aréola. Arqueio e movimento os quadris em cima dele.

– Ah, Deus. – Respiro quando seu pau faz uma fricção maravilhosa entre minhas pernas.

Minha pulsação acelera deliciosamente. Mordo seu lóbulo da orelha, gemendo:

– Sim.

– Humm. Você está com muito tesão. Que tal começarmos realmente a pensar em chicotes e tapas para você, humm?

– Você gosta disso?

– No momento, gosto de ver como você fica quando está com tesão.

Sem pensar, corro os lábios por sua garganta e falo gemendo:

– E eu gosto de você. Disso. E como você está duro na minha bunda.

Sua ereção está grossa e longa contra minha boceta e minhas nádegas. Coloco novamente o peito em sua boca. Aturdida de prazer, observo-o umedecer a ponta de meu mamilo com a língua. Mordendo e então chupando. Observá-lo fazer o mesmo com o outro peito me excita extremamente, estou encharcada.

– Coloque a camisinha no meu pau e sente nele – ele pede.

Quando pego uma camisinha do bolso de trás do jeans que ele jogou no chão, ele põe a mão no meu rosto e o segura, para que eu não deixe de olhar para ele nem por um momento. Eu tiro a toalha e deslizo a camisinha em sua ereção linda e latejante, e então seguro firmemente o seu pau enquanto escorrego nele.

– Ah, Deus – gemo, soltando a base de seu membro para que minha boceta possa, lentamente, escorregar até embaixo.

Ele repete o que eu disse, gemendo.

– Pandora. Linda. Pink… Abra mais as pernas para que eu possa entrar mais.

Faço isso.

Outro gemido, desta vez simultâneo.

– Ah, isso, rebole em mim devagar. Acabe comigo, Pink.

Ele parece tão perdido em mim, que acabo beijando-o, devagar e profundamente, enquanto, lentamente, deliberadamente devagar, arranco nosso prazer ao cavalgar nele. Ele coloca a boca no meu pescoço, morde meus seios, meu queixo e passa as mãos devagar pelas minhas curvas.

Agarra minha bunda e vai escorregando o dedo, acariciando-me entre as duas nádegas. Quando ele usa o dedo médio para acariciar meu ânus, não contenho um gemido de puro prazer.

– Kenna! – Me contorço inteira de prazer conforme ele penetra meu orifício.

– Isso mesmo. Vou acabar com você também. – Ele circula a língua ao redor de meus mamilos e penetra o dedo profundamente para comprovar o que está dizendo. Estou praticamente sendo torturada. Cada orifício meu sendo fodido por ele. Estou sendo fodida por um pau, um dedo e uma língua ao mesmo tempo, do homem mais sexy que conheço.

Tenho um orgasmo, rápido e forte, e então ele prolonga o próprio prazer mais um pouco. Segurando-me pelos quadris, me levanta e abaixa contra ele.

Agora que meu corpo está relaxado e ainda com espasmos ocasionais, me torno sua boneca sexual, consciente de sua respiração, de seu tórax contraído, da pulsação em seu pau cada vez que ele me segura pelos quadris e me movimenta para dentro dele. Aproveito cada segundo de seu êxtase enquanto ele me usa… Estou com os olhos fixos em seu rosto, em como sua mandíbula se contrai, o

pescoço se curva. Ele entra em mim com um rugido tão sexy que minha boceta responde contraindo-se em torno de sua espessura.

– Deus, você é fenomenal – ele suspira finalmente.

Ele me abraça e me puxa para o peito dele, suspirando profundamente para colocar a respiração no ritmo. Então ergue minha cabeça por um instante.

– Como se sente?

– Deliciosa.

– Humm. Porque está mesmo. Deliciosa. Tem gosto de foda.

Ele me dá um beijo e então inclina a cabeça para trás. Seus olhos se fecham e percebo, quando olho para ele, que há um sorriso de satisfação em seu rosto. Deus, ele é tão lindo. Seu corpo está relaxado e seu cabelo curto está quase seco. Todos os músculos dele estão ao meu redor, e estou sendo segurada como nunca estive há anos.

Quando me apoio para dormir em seu colo, estou com um estranho sentimento de preenchimento no peito. Com o rosto aconchegado em seu pescoço, penso em tudo que poderíamos viver se pudéssemos ficar juntos.

dezesseis

PARECE LUA DE MEL, EXCETO PELO FATO DE QUE NÃO SOMOS UM CASAL. SOMOS?!

PANDORA

A ausência dos paparazzi significa que aproveitamos tanto nossa estadia no hotel, que até reservamos outro em Dallas. Ninguém esperaria que um membro do Crack Bikini frequentasse tal lugar – o que é ótimo para nós. Quando acordo, o quarto está com um cheiro característico. Com o *nosso* cheiro. Há um fone de ouvido sobre a mesa, uma guitarra, um teclado elétrico e o que sobrou de uma garrafa de vinho e uma pizza.

E lá está ele também.

Nem sei como descrever esse sentimento, uma mistura de dor e prazer toda vez que olho para ele. Ele sorri quando me aproximo, mas continua cantarolando, dedilhando o teclado. O tom é suave, quase romântico.

– Essa música está na minha cabeça – ele diz.

É claro. Há um motivo para eles terem ganhado três prêmios Grammy até agora e serem considerados por muitos os deuses atuais do rock'n'roll. Conforme observo Mackenna – ele ali, criando uma música com os olhos fechados, murmurando para si mesmo antes de anotar os versos –, sinto as barreiras ao meu redor vindo abaixo. Por ele. Pela facilidade de se perder com a atenção do público. O pessoal especializado em turnês, com suas luzes grandes e intensas. Sem falar daquelas luzes azuis internas, quase dando a impressão de que estão num maldito bordel. Eu jamais conseguiria viver assim. Nem mesmo por ele. Mas ele lida muito bem com tudo isso. Ele ainda é exatamente como era, exceto pelo fato de estar mais forte e confiante.

E sua confiança e força são extremamente sensuais.

Observo-o em silêncio, aceitando pela primeira vez que é assim que era para ser. Talvez esta viagem não me traga vingança, e sim paz.

Analiso as orelhas dele, como são lindas, apenas um pouquinho pequenas para o formato do crânio. Admiro-o ali, compondo. Pela maneira como

cantarola, tenho certeza de que é uma música romântica.

Eu me lembro de um artigo na revista *Rolling Stone*. Ele e os gêmeos foram questionados sobre os paparazzi, e disseram algo como:

– Metade disso tudo é pura mentira. As fotos simplesmente começam a aparecer, e o pior é não lembrar quem as tirou, muito menos quando ou como.

– E a outra metade? – o jornalista perguntou.

Eles deram risada, e Mackenna respondeu:

– Tudo verdade. Cada maldita palavra.

Conversaram sobre como gravavam, reservando dias para ensaios e checagem de som, cantando por horas infinitas até chegarem ao som perfeito. Falaram sobre ficar 18 horas direto no estúdio e aparecerem no topo das paradas da Billboard. A entrevista foi concluída com os caras discutindo sua abordagem tranquila ao criar novas músicas – reunindo-se para escrever, rascunhar e cantarolar. Falaram sobre tudo isso.

Mas, agora, é só ele, com uma guitarra vermelha nos braços, tão surrada e excelente no que faz quanto o roqueiro que a segura.

Ele cantarola o começo, então faz um movimento com o queixo para eu me aproximar.

Não chorei quando ele me abandonou. Se começasse, não pararia nunca. Mas quando ele coloca a guitarra de lado, dá um tapinha no joelho e eu me sento, ele sussurra cinco palavras da música no meu ouvido, e a ardência em meus olhos me surpreende.

Não tive que lidar com o fato de ouvir sua voz na minha orelha até este mês. Não estava preparada para como iria tremer toda vez. Como machucaria profundamente.

– Não consegui escrever por um tempo – ele sussurra, e um sorriso adorável se desenha em seus lábios. – Obrigado por essa música, Pandora.

Balanço a cabeça em silêncio. Não consigo acreditar nisso, que, em algumas semanas, vou passar o resto dos meus dias assistindo-o pela TV. Vendo-o tão longe.

– Sou *boa* em inspirar, então – digo, analisando seu rosto, encantada como parece jovem à luz do sol da manhã. – Está escrevendo sobre meus dentes podres? E sobre os sapos que como?

– Ahh, essa é você. Como está indo a *sua* música, aliás?

– Vai indo – minto.

Inicialmente, contenho o impulso de tocar seus cabelos, então sigo em frente e toco nele um pouco, de qualquer forma.

– Bom dia, Mackenna.

Ele me devolve o olhar, um prateado que nunca tinha visto em seus olhos.

– Bom dia, Pandora.

Ambos estamos sorrindo como idiotas quando ouvimos um celular vibrar. Levantando um dedo, ele me diz:

– Um segundo, Pink. – E coloca o telefone na orelha. Eu me levanto para pegar o cardápio do serviço de quarto e o ouço cumprimentar alguém que presumo ser um dos gêmeos.

– Não, não estou te zoando – ele diz, mas seu tom quer dizer *estou fodendo com você*. – O motor ligou e desligou. Preciso de um carro novo, e eles estão sem carros potentes no momento. Então vou ter que pegar uma moto ou alguma merda dessas.

Ah, meu Deus! Sério? Eu me viro, e ele levanta o polegar para mim.

Faço uma careta, colocando as mãos na cintura.

– É, ela queria outra Lambo ou uma Ferrari, mas eles não conseguem trazê-las a tempo, então improvisei.

Balançando a cabeça, vou tomar um banho rápido. Saio do banheiro logo depois e vou pegar roupas limpas, mas ele, com o telefone ainda na orelha, pula da poltrona e as tira de mim, colocando-as para o lado.

Aaaah. Ele não quer que eu me vista?

Ele está ouvindo a pessoa do outro lado da linha.

– Humm, sim… – Ele assente enquanto arranca a toalha de mim, depois me vira para a janela. Inicialmente, não entendo, então vejo o que ele está tentando me mostrar. Em nossa vaga no estacionamento. Onde a Lamborghini estava.

Uma moto vermelha, novinha, parecendo recém-comprada, está parada do lado de fora, com dois capacetes pendurados no guidão. Ele desliga.

– Acabei de pedir mais algumas horas para praticar.

– Praticar o quê?

– Com você.

Olho por cima do ombro, para seu rosto másculo. Ele toca o meu peito por trás, com a mão forte e ágil, então belisca e brinca com meu mamilo.

Ele sorri, seu brinco de diamante brilha conforme ele se inclina e beija suavemente o meu ombro.

– O carro foi rebocado – ele confessa.

– Mas estava funcionando muito bem.

Ele morde minha pele, provocando uma onda de calor em mim.

– Escute, Pink. Não seria possível chegar onde eu estou sem ocultar a verdade vez ou outra.

Ele me vira e sinto sua ereção deliciosa contra o estômago.

– Mackenna – protesto.

– Exatamente o que eu esperava que dissesse, mas não no tom certo – ele murmura. – Vamos consertar isso, Pink. Quero que fale gemendo.

Ele roça meus lábios nos dele. Prendo a respiração quando uma onda de calor relampeja em mim. Ele roça meus lábios de novo e, quando emito um murmúrio rouco, ri com a vitória.

– Mackenna – digo, gemendo ao agarrar sua nuca.

Ele para de rir e escorrega as mãos abertas da cintura até minha bunda, encostando os lábios nos meus como se quisesse provar cada centímetro de mim. Jogo a cabeça para trás e ele a segura gentilmente, vasculhando cada canto de minha boca com a língua macia, quente e deliciosa. *Isso* me faz gemer. Ele murmura em resposta e me empurra contra a parede.

E, ali mesmo, me fode.

***

Estou animada para andar nessa moto. Bad boy. Moto. Talvez tenha fantasiado sobre isso uma vez… ou duas. Mas franzo o cenho para que ele não perceba.

– Um capacete? *Sério?* Em todos os meus sonhos andando por aí de moto, nunca usei um capacete.

– Vamos levar essa moto até Nova Orleans depois do show. Detesto falar a verdade para você, linda, mas você é cabeça-dura, e não imortal, e quero essa cabeça bonita intacta para que eu possa mexer com ela.

– Ah, bom, falando desse jeito…

Quero parar de sentir esse frio na barriga. Quero me lembrar de que ele me machucou e vai fazer isso de novo. Mas, com exceção de Magnólia, ele foi o único que me fez realmente feliz. Que arrancou meu lado menos mal-humorado.

– Coloque isso – ele diz, encaixando o capacete na minha cabeça. Ele olha nos meus olhos, beija meus lábios e sobe na moto. Levantando a perna, eu faço o mesmo, completamente consciente de que meus peitos estão pressionados em suas costas, de que minhas pernas estão abertas e encostadas nas dele. Encosto o rosto em suas costas e sinto o motor da Ducati quando ele dá a partida, dizendo para mim mesma, a todo momento, que nada disso é real.

– Você vai segurar firme, linda? – ele diz, então coloca a mão por trás de mim e aperta minha bunda, puxando-me para mais perto.

– Estou segurando firme, Kenna. Não vou me soltar, cair e morrer! – digo, e minha risada embaça minha visão.

– Jesus, essa boca – ele diz, balançando o capacete. Ele se vira e, sob o visor azul, posso sentir seus olhos me absorverem enquanto ele puxa meus braços para apertar mais a sua cintura. Então segura no guidão, levanta o descanso e, com outro ronco delicioso, partimos.

Rio alto e acho que ele me ouve, porque, através do vento, ele se vira ligeiramente. Uma boa parte de seu rosto está escondida, mas posso dizer que seu sorriso é largo.

– Você gosta disso? – ele diz, e sua voz carrega o barulho da moto.

– Sim.

– Como se sente?

Feliz, penso.

– Eu me sinto ótima – grito. – Por favor, só não cause nenhum acidente.

***

Em Dallas, as luzes do palco brilham conforme as dançarinas se apresentam e a orquestra toca. Kenna, Jax e Lex dominam o palco como uma tempestade. Mais tarde, quando canta uma das músicas mais lentas, Kenna se junta à orquestra no piano, e o público movimenta milhares de isqueiros na escuridão. "Pandora's Kiss" é a última música. Quando começa, a bateria entra com mais força, e cada batida coincide com o braço de Mackenna levantando, no ritmo.

Assisto lá de baixo. Lionel me disse para observar as dançarinas, porque os produtores realmente me querem no palco do Madison Square Garden. É difícil porque, apesar de tentar manter os olhos nelas enquanto dançam em volta de Kenna – e eu realmente tento –, é difícil não desviar os olhos na direção dele. As luzes acariciando sua pele, produzindo um brilho na peruca roxa, cintilando o anel de seu polegar conforme ele dança de um jeito que apenas ele consegue. Por mais que eu odeie admitir, estou começando a entender por que algumas fãs choram à simples menção de Crack Bikini.

dezessete

VOLTANDO COM A BANDA

PANDORA

Depois do show, os meninos estão, mais uma vez, determinados a festejar. Mackenna me leva para o bar e procura um garçom.

– O que você quer beber? – ele pergunta.

– A mesma coisa que você.

Escuto-o fazer o pedido para nós e, então, novamente estou sendo levada casualmente para uma mesa com sofá no canto mais extremo do bar.

– Que vergonha ter pensado que o Crack Bikini festejaria em algum lugar mais calmo – digo, olhando para o bar e a pista de dança.

– Aqui é calmo, amor, mas, não se preocupe, logo vamos nos divertir…

Ele está me direcionando para o lugar mais escuro do canto mais escuro do barzinho quando é parado por dois caras mais ou menos da idade dele chamando-o de "fodão!".

Enquanto eles estão entretidos com o toca aqui, xingamentos e se cumprimentando da maneira ridícula que os rapazes fazem, observo as dançarinas do Crack Bikini movendo o corpo sensualmente e dançando enquanto andam em direção à pista iluminada. A música reverbera amplamente. Sob meus pés. Sob meu assento.

Duas garotas se separam de seus grupos e vão em revoada até Mackenna, preso ainda pelos dois rapazes, que continuam na maior bajulação. Descaradamente, elas começam a dançar em volta dele.

– Dance conosco, Kenna!

Ele coloca os braços ao redor da cintura de cada uma e move o corpo simultaneamente ao requebrado delas, ainda conversando com os caras. Ele é um ótimo dançarino. Um ótimo cantor. Um amante da vida. Da diversão. De jogos.

De jogos.

Baixo os olhos para a mesa. *Você é uma idiota*, eu me aborreço comigo mesma.

Isso é só um jogo para ele. Um desafio. Como na peça *A megera domada*, de Shakespeare.

– E aí, gatinha? – Lex se senta ao meu lado, apoiando meu queixo com o punho para levantar meu rosto.

– Olá. Você parece bêbado… – digo.

– Será que é porque estou? – Ele ri e faz um movimento com a cabeça na direção de Mackenna. – É por sua causa que ele escreve músicas boas, sabe… Toda música.

– O hit mais famoso de vocês é a pior música que já ouvi na vida, para a sua informação.

– Não, não é. E essa não é a única música que ele escreveu sobre você. Talvez não tenha sido tão ruim assim você ter partido o coração dele.

– Eu? – me exalto.

– Ah, *por favor*! Você acha que não? Ele nunca fez mais do que foder qualquer garota desde que vocês se separaram, tudo por causa da maneira como você o destruiu.

– Eu? – elevo a voz, ultrajada, completamente incrédula do que ouvia.

– Esse idiota a está incomodando, Stone? – Mackenna pergunta ao colocar minha bebida na mesa e se sentar ao meu lado.

Sorrio, brincando.

– Ele não consegue evitar, eu acho.

– Cara, eu estava falando para ela como você é um bom partido – Lex diz a ele. – Confie em mim, você *quer* que eu fale com ela.

Mackenna passa o braço no assento atrás de mim e se encosta. O gesto é casual e natural, mas não estou muito convencida disso. Ele toma um gole da bebida.

– Aham – ele diz, balançando a cabeça como quem diz *chupe meu pau*.

– Ela não se importa de você usar peruca rosa durante os shows. Ela até acha interessante, já que combina com seu look gambá rosa – Lex continua. – Ela também não liga que você fale igual a uma matraca pela manhã. Não está preocupada que o seu pau de 25 centímetros pode parti-la ao meio. Está totalmente na sua, cara.

– Conte alguma coisa que eu não saiba, como, por exemplo, por que a sua bunda está sentada ao lado dela?

– Mantendo-a quente.

– Saia daqui, Lex.

– Cara, estou cansado pra caralho, relaxe. – No entanto, ele sai do sofá, e logo eu sinto uma mão na minha coxa. Meus olhos se erguem para encontrar um par de olhos acinzentados me observando, e Mackenna sorri para mim.

Perigo…

Meu coração começa a pulsar.

Não posso me apaixonar por ele de novo. Não posso.

Mas você vai. Você vai. Você vai!

– Sua mão está indo a algum lugar? – pergunto sem respirar, em tom de brincadeira, apesar de estar mais aterrorizada do que me divertindo. E excitada. Estou mais excitada do que qualquer coisa.

– Sim – ele diz e sobe os dedos, com os olhos brilhantes, emitindo algo que não consigo definir. Desafio? Desejo? Ele se inclina e meu estômago se contorce quando sinto seus lábios e sua respiração em minha orelha. – Não consigo tirar os olhos de você, não quero afastar minhas mãos nem meus lábios de você. De verdade, estou desenvolvendo um sério problema em ter que dividi-la, até mesmo durante a noite.

Rio nervosamente.

– Você geralmente consegue algo com essas cantadas baratas?

– Você se lembra da nossa primeira vez? – ele continua, ignorando meu comentário, seu sussurro sedutor acariciando minha orelha conforme seus dedos sobem, avançando sob a minha blusa, como se… como se ele realmente gostasse de tocar minha pele.

Ele descreve o trajeto com a mão até minha cintura e a repousa ali, sobre a minha costela, com o polegar a um milímetro da curva do meu seio.

– Não, não me lembro – minto, respirando irregularmente. – É muita Coca Diet danificando meus neurônios.

Mas meu cérebro me contradiz. Ele me dá um beijo nada inocente na têmpora, então sou transportada de volta há sete anos, para um sofá como esse, mãos como essas, lábios como esses. De volta a uma época em que eu estava indecisa sobre quem eu era e quem queria ser, mas nunca indecisa sobre esse cara.

Alguém pode nos ver, Kenna…

O que há de errado se nos virem? Você tem vergonha de mim?

Ele é um homem agora. Musculoso. A coxa rígida pressiona a minha. A mão apertando mais forte ao redor de minhas costelas. Ele ficava frustrado e triste por

eu não querer que minha mãe soubesse sobre nós. Eu sabia que ela o afastaria de mim. Mas acabou que não fez diferença. Ele mesmo decidiu ir embora.

– Você se lembra, sim. Posso ver em seus olhos – ele diz suavemente.

Fecho os olhos quando ele me dá outro beijo, desta vez mais suave e sedutor, no canto dos lábios.

– Também não gosto de me lembrar, Pink. É a pior forma de tortura… Pensar no jeito que você olhava para mim… E saber que você nunca mais vai olhar para mim daquela maneira de novo – ele sussurra.

Faço um esforço e abro os olhos. Seu rosto está tão perto que tenho um impulso de agarrar sua cabeça. Inclino-me para ele, mordo e brinco com o diamante em sua orelha, e ele prende a respiração, evidentemente mal conseguindo se conter.

Quando me afasto, seu olhar é tão intenso, que fico inebriada pelo efeito que causa em mim. Começo a fechar os olhos, mas ele me impede.

– Não. Não feche os olhos.

Fico olhando para ele. A mandíbula se contrai, os olhos estão escuros como a noite, as pupilas, dilatadas, e eu estou com medo. Medo de tudo. Do calor de seu corpo no meu. De seu olhar fixo em mim. Estou com medo do quanto ele está perto, de como estamos próximos… emocionalmente.

Ele sorri, mas não é o sorriso presunçoso com o qual estou acostumada. É gentil, muito gentil. Fico confusa quando ele roça o polegar com o anel de prata no meu maxilar, seus olhos de lobo me encarando profundamente.

– Juro que você tirou algo de mim, mas nunca fui capaz de descobrir o quê… – ele diz.

Eu o amava, seu idiota. E você me amava também. E isso o assustava, da mesma forma que me assustava, então você foi embora!

A lembrança me faz sorrir. Tento manter uma distância entre nós. Erguer as barreiras. Viro o rosto para olhar cegamente para a pista de dança.

– Roubei seu coração, lógico. Eu o mastiguei e cuspi. É por isso que você não sente nada agora.

– Aí está meu canibal.

Ele ri, mas a risada não parece divertida, no entanto. Ele só está me acompanhando, sei que ele não acha o comentário engraçado de verdade.

Ele brinca com a mecha pink do meu cabelo.

– Tudo bem, Pink – ele diz, me deixando ganhar essa. – Se você não quer caminhar comigo até nosso passado, pelo menos converse comigo.

Não sei o que dizer e me vejo usando palavras tolas para desviar sua atenção, como costumava fazer com minha mãe quando era mais nova, e com Mackenna, quando havia um silêncio longo e confortável entre nós e eu queria quebrá-lo, ou quando ele queria me fazer rir.

– Circuncisão – solto.

Ele dá uma gargalhada, e desta vez é real. E é o som que amo.

– Sua menina má.

– Lipoaspiração – continuo, sorrindo agora.

– Ah, amor, você sabe como pular a parte de jogar conversa fora, não sabe?

– Tirotoxismo! – Dou risada.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Intoxicação por queijo?

– Aham. Esternutação – continuo, tentando respirar quando ele me puxa para o seu peito e me aperta. Sinto o coração esmagado de emoção quando ele beija o topo de minha orelha.

– Deus, amo essa risada – ele sussurra, sorrindo para mim. – Quer dançar comigo?

– Não.

– Vamos, cara. Dance comigo.

– A resposta é não. E não sou "cara", nem "Pink", nem "linda".

– Que tal "Darth Vader", hum? – Sorrindo, ele joga minha cabeça para trás e faz graça.

– Por quê? Você tem uma queda por homens de máscara? – Tiro sarro dele.

– Tenho uma queda por *você*. – Ele suspira. – Por que acontece de eu ficar com qualquer garota por aí e me esquecer dela imediatamente quando volto para casa, mas com você… Uma vez não é o bastante. Quero gozar em você, de novo e de novo. Quero vê-la gozando. Sou um cretino egoísta que fode garotas para se sentir bem. Então, por que com você é diferente? Por que quero fazer *você* se sentir bem? Explique isso para mim.

– Não posso.

– Então dance comigo. – Ele se levanta e me estende a mão grande e linda com o anel de prata no polegar.

Perigo…

Ah, cale a boca, cérebro!

Mackenna me oferece agora seu braço definido e rígido do mesmo jeito que fez quando eu estava trancada no armário, mas essa é a primeira vez que minha

mão se estica e segura a dele. A mistura de paz e ansiedade que sinto com aquele contato me desconcerta. Ele me leva até a pista de dança.

Perigo.

Pare.

Tudo isso são instruções que o cérebro envia ao meu corpo, mas as ignoro quando Mackenna me abraça.

Há bastante suor na pista, a música é sensual, acústica e intensa. Não há problema em fazer sexo. Sexo impessoal. Mas não há nada de impessoal no que estamos fazendo agora. Nada impessoal na forma como ele beija o topo da minha cabeça e arrasta os lábios para minha têmpora, segurando minha bunda para me fazer rebolar contra o corpo dele, me apertando vigorosamente. Seu corpo é esguio e flexível, e seus movimentos permitem que eu sinta cada músculo – inclusive a ereção.

– Quero devorá-la, me saciar de você. – Ele passa a língua em minha orelha, então recua, nossa aura de paixão me queimando, provocando arrepios em meu corpo. – Deus, Pandora, as coisas que quero fazer com você…

– Kenna…

– Estou obcecado. Estou louco por você. Se você me deixasse entrar, Pink. Deixe-me entrar, uma vez e para sempre…

A estúpida briga interna que estou enfrentando me deixa exausta. O constante empurra e puxa do meu cérebro, coração e corpo estupidamente excitados. Eu o empurro, minha voz vacila:

– Para você acabar de novo com cada um dos meus sonhos? Para então simplesmente ir embora sem ao menos dizer adeus?

Ele pisca, como se eu tivesse lhe dado um tapa inesperadamente.

– Eu não queria… Você acha que eu não estava nem aí… – Ele fica estático no meio da pista, e quando finalmente parece assumir o comando dos pensamentos perplexos, sua voz sai frustrada. Pegando-me pelo cotovelo, ele me puxa de volta para ele e rosna: – Caralho! Foi *você* que…

– Eu *o quê*? Eu não conseguia dizer que o amava, então você me deixou, como forma de punição. Foi isso o que você fez!

– É isso que pensa de mim? – Ele também parecia atingido por um míssil… completamente derrotado. – Você acha que eu tentei *puni-la*? Pandora, o dia em que me afastei de você foi o dia em que *arranquei meu próprio coração*!

– Ei, calma, vocês dois! – Lex e Jax se aproximam. Lex me puxa para ele enquanto Jax coloca a mão no ombro de Mackenna, olhando-o como quem diz que não é o momento para discutir aquilo.

Furioso, Mackenna se solta e avança um passo, passando nervosamente a mão pela cabeça sexy enquanto me analisa. Todo mundo está dançando, mas nós estamos ali, ambos querendo falar mais.

Percebo que ele não gosta de ver Lex me tocando, então se aproxima e me puxa.

– Vamos, Pink – ele rosna.

– Kenna, não é nada disso, nós nos afeiçoamos a Pink... – Lex começa.

Ele o empurra para o lado.

– Fiquem fora disso, vocês dois.

***

Realisticamente falando, a conversa foi adiada por muito tempo.

Talvez nenhum de nós quisesse se aventurar naquele assunto. Talvez ambos fingíssemos que não nos importávamos. Que não havia machucado. Que havíamos superado.

Claro.

Quando retornamos ao nosso pequeno casulo no hotel, separado dos alojamentos da banda por insistência dele, ele pergunta:

– Por que foi ao show aquela noite? Por que me atacou com tudo que viu pela frente?

– Porque eu queria. Porque pensei que me sentiria bem. Queria machucá-lo, mesmo que fosse um décimo do quanto me machucou.

– Estou magoado agora – ele diz asperamente. Então se aproxima, olhando para mim intensamente. – Isso lhe dá prazer? Me machucar?

– Não – admito em tom brando, baixando o olhar de um jeito que raramente faço. Mas, Deus, olhar em seus olhos nesse momento é pedir muito. Muito, quando minhas emoções estão em turbilhão, e as emoções que ele está causando em mim, dominando tudo.

– Então por que ficou quando Leo pediu? Por que ficou para me torturar, Pink?

– Já lhe disse, eu queria o dinheiro – argumento.

– Para que você quer o dinheiro?

– Para guardar. – Vou até a janela, assumindo uma postura digna, e olho sem enxergar as luzes da cidade. – Para mim e para Magnólia. Para poder ser independente.

– Eu teria lhe pagado o dobro para me deixar em paz.

Paro de respirar, depois me viro e olho para ele. Ele está andando de um lado a outro do quarto, sem parar, parecendo tão nervoso quanto eu. O orgulho provoca um formigamento no meu corpo todo quando percebo que obviamente ele teria feito isso, pagado o dobro. Ele me abandonou. Ele foi embora, determinado a não me ver novamente.

– Por que não pagou? – exijo saber. Minha ferida está exposta e vou sendo tomada pela raiva de novo.

– Aparentemente, sou um maldito masoquista. Quando a vi… – Ele toca o brinco de diamante e suspira ao erguer a cabeça para mim. Nossos olhares se encontram. Seus olhos estão escurecidos pela emoção. Prata envelhecida. Assombrados de alguma forma.

Por mim?

– Se não me suporta, então por que concordou com isso? – pergunto em um sussurro sufocado, com o peito contorcido de dor, ansiando pela resposta.

– Concordei com isso em troca de uma folga… longe da banda. – Ele espera um instante, então levanta uma sobrancelha, com a expressão irônica. – Você parece surpresa.

– Bom, o que quer dizer com uma "folga"? Você sonhou com isso. Tinha sonhos grandiosos, Mackenna, e isso… isso é seu sonho.

– Não é como sonhei que seria – ele diz, apoiando negligentemente o ombro na parede e batendo inquietamente os dedos na coxa. – Tudo o que eu queria era fazer música. Nunca quis ou imaginei todo o resto. Nunca realmente quis tudo isso.

– Por que criar uma banda daquelas então?

Ele levanta um ombro.

– Os caras precisavam de um líder, e eu precisava ir embora.

– Por causa do seu pai?

Ele se afasta da parede e começa a cruzar o quarto, sua risada é suave e amarga.

– Por causa de você, Pandora.

Aquela revelação me choca.

Me corta.

Sua aproximação contínua me perturba, provocando pequenos arrepios em minha barriga.

– Tentei ser bom o bastante para você, Pandora – ele diz sombriamente, e a cada passo que dá, meu coração se aperta mais, de um jeito mais doloroso. – Tentei fazê-la feliz. Tentei compensar pelo pai de merda que eu tenho. Mas nunca

fui bom o suficiente para que você me levasse em casa e me apresentasse à sua família. Nada que eu fizesse provaria a você o meu valor.

– Nunca quis que me provasse nada! – arfo.

Sua expressão está ameaçadora agora, parece que se lembra de alguma coisa quando para a um metro de mim.

– Você não andava ao meu lado na rua. Durante todo o tempo em que ficamos juntos, você estava determinada a não deixar ninguém saber que eu era seu namorado.

– Porque minha mãe arrancaria a minha cabeça! Não tinha nada a ver com você ser bom o bastante. Você sempre foi… – Minhas palavras são abafadas pela ansiedade. – Para mim, você era o ser humano mais maravilhoso que conheci, Kenna. Você tinha objetivos, sabia quem era e sabia quem queria ser. E o que eu era? Triste, indecisa… indesejada.

– Você era desejada por *mim*. E mesmo assim, andava ao lado de qualquer um *menos* eu. Mesmo eu sendo *seu*. – O brilho doloroso em seus olhos me impressiona, tamanha a intensidade.

– Eu não queria que fossem eles, e sim você! – digo em tom lamentoso.

– *Era* eu! – ele retruca. – Mas você não queria. – Ele me analisa visivelmente, o músculo da mandíbula se contraindo, traindo suas frustrações. – Mesmo quando se entregou a mim, você ainda recuava. Você me deu seu corpo, mas não você. Nunca você.

Seu olhar está fixo em mim, como se pudesse me encontrar – o meu eu verdadeiro – dentro de mim em algum lugar. Ele se move para pegar minha mão, e minhas emoções entram em conflito quando ele a aperta delicadamente.

– Eu te amava, Pandora. Eu te amava pra cacete.

Ah, como eu estava enganada quando pensei que pudesse machucar alguém atrozmente e depois simplesmente pôr um ponto final em tudo.

– Mas está acabado agora – sussurro.

Ele xinga e tenta se aproximar, mas eu recuo.

– Não, pare. Nunca vou me perdoar se eu chorar agora – alerto.

– Chorei por você, Pandora. Bêbado e sóbrio, chorei muito por você, e não tenho vergonha de dizer.

– Não! Pare, Kenna! – Eu lhe dou as costas, piscando rapidamente. Felizmente, ele não me toca quando anda até a janela, parando a um centímetro à minha direita.

Ele suspira e passa a mão no cabelo, e nós dois ficamos olhando para fora.

– Olhe, isso acaba em uma semana. Vamos tentar ser amigos. Não quero odiá-lo, Mackenna. Odiá-lo me torna miserável.

Ele me vira para encará-lo. Seus olhos estão brilhantes e, se minha visão não estivesse embaçada, talvez pudesse ver a dor que consigo ouvir em sua voz.

– Como quiser.

Ele se inclina e me beija na testa.

O nó em minha garganta cresce.

Segurando meu rosto com suas mãos grandes e largas, ele beija a ponta do meu nariz, meu queixo e minha testa.

– Kenna… – sussurro. – Acho que o melhor é eu voltar para casa. Isso não foi como eu imaginava também.

Ele continua me beijando.

Minha garganta dói. Como se todos os meus pecados e erros estivessem presos em mim, assim como todo o resto. Presos como meu amor por ele, e tudo de bom que eu teria para lhe dar. Ele cobre meu rosto de beijos, delicadamente, como se realmente se importasse comigo, trazendo à tona todas as coisas que estou sentindo, presas logo ali, na superfície da minha pele, e prestes a explodir para serem vistas a olho nu. Para qualquer um e todo mundo ver.

Cada toque parece ter a intensidade multiplicada. Minha respiração de repente torna-se difícil. Ouço sua voz em minha orelha:

– Você está planejando meu assassinato por trás de seus olhos?

Eu abro os olhos.

– Não – digo com a respiração entrecortada. – Eu não te odeio mais, eu…

– Então olhe em meus olhos. – Seus olhos continuam fixos nos meus conforme ele me deita na cama, meu cabelo cai atrás de mim. Ele abre o botão da minha calça.

Nossos olhares se mantêm conectados.

Meus dedos se movimentam ansiosamente em suas calças. O que tinha começado devagar vai acelerando. Ouço o barulho dos zíperes. A batida do meu coração. Nossas respirações. Tenho um leve sobressalto quando ele coloca os longos dedos sobre a minha calcinha e os arrasta por toda a extensão do meu sexo. Ele geme quando coloco a mão dentro de sua calça e fecho os dedos em volta de sua ereção. Eu o acaricio gentilmente, percebendo a cabeça já molhada.

Por *mim*.

Quando ele me dá uma camisinha, eu o acaricio enquanto a visto nele. Ele enfia a mão livre entre os meus cabelos e me segura pela nuca ao pegar meus lábios com os dele, selvagem e profundamente, introduzindo a língua em minha

boca, ao mesmo tempo que os dedos em mim. Solto um suspiro. Sua boca não é piedosa. Nunca é.

Aperto seu pau e esfrego a base das mãos em suas bolas, passando a língua ao redor.

– Me foda agora – eu sussurro.

Ele me ergue e me põe na cama. Quando o envolvo com as pernas, ele prende minhas mãos ao meu lado, enlaçando os dedos nos meus.

– Eu disse para não parar de olhar para mim – ele exige.

Então não paro.

***

Acordo sentindo-o acariciar meus cabelos, e, por um instante, estou muito grogue para pensar que realidade alternativa é essa. Uma realidade na qual sinto os braços de um homem me segurando firme, como se me quisesse desesperadamente. Suas mãos em meus cabelos, como se estivesse obcecado com a textura sedosa e com o perfume.

Acordo me sentindo… o extremo oposto de zangada.

– Oi. – Ele roça os lábios nos meus, então flagra meus olhos abertos e sorri. Movimenta as sobrancelhas, me mostrando o carrinho com o café da manhã na sala de estar. – Está com fome?

– O quuu…? De onde veio isso?

– Um botão que encontrei nesta coisa aqui ligou para um telefone. Apareceu "Serviço de Quarto" no visor.

– Não ouvi baterem à porta.

– Você dormiu como uma pedra, e fiquei muito feliz por ter sido eu a abrir a porta. Não queria ninguém de olho nessa joia.

Olhei para baixo, para minha nudez, e quase engasguei quando vi aquilo.

– O que acontec… o que…

– Você me pediu que depilasse sua boceta linda. – Ele sorri. – Não posso lhe negar nada, amor. Você está comestível, Pink. Agora você realmente está… inteiramente rosa.

– Ah, meu Deus, preciso de algo para me cobrir. Me sinto tão nua assim! Não acredito no que faz com os meus hormônios. Pensei que tivesse sonhado com isso, seu idiota!

Ele pega minha calcinha do chão.

– Essa deliciosa bocetinha está mais avermelhada hoje de tanto que a beijei. – Ele sorri, me observando vestir a calcinha. Quando ele me joga a camiseta dele, visto-a.

– Pelo menos não foi algo permanente, como uma tatuagem – digo.

– Você faria de bom grado uma dizendo "Kenna, coma a minha boceta".

– Pff, você é muito infantil.

Ponho cereal na tigela enquanto ele nos serve café e pega a guitarra, dedilhando uma nota e rabiscando algumas coisas. Eu o observo.

– Estou me sentindo estranha. Aqui embaixo. Por favor, não depile mais nada, ok? – Eu lhe peço tristemente, adicionando banana picada ao cereal.

Ele levanta uma mão ironicamente, em sinal de inocência.

– Amor, você me implorou que eu fizesse isso. Eu gostava da sua pista de aterrissagem. Mas você estava se sentindo aventureira. Aqueles drinks realmente a deixaram bêbada. Você não parava de me dizer como eu trazia à tona seu lado aventureiro. Me perguntando como seria lambê-la toda macia, molhada e sedosa.

Eu resmungo, lembrando-me vagamente do que fizemos. De como foi delicioso. E divertido. Eu me lembro de ter dado risada e me contorcido enquanto ele me depilava. *Calma, agora, não quero cortá-la, abra as pernas e fique quietinha…*

Ok…

Arfando. Arfando e lutando contra o impulso de me contorcer.

Olhe para baixo e me observe, deixe ficar molhada. No segundo em que eu a ensaboar e limpar, minha língua será a próxima…

– Você é um homem perigoso, Lobo – o repreendo sorrindo. Ele sorri para mim e continua escrevendo os versos de alguma música.

Amo isso. Amo demais esse momento. Eu me sinto confortável, relaxada, envolta em um clima cheio de lembranças divertidas, safadeza e muito desse homem, brincando comigo como brinca com a guitarra.

– Mackenna – sussurro.

Ele ergue a cabeça.

É nesse momento, quando o observo trabalhar, vestida com a camiseta dele, que nos sinto tão íntimos quanto sempre fomos no passado. É o tipo de intimidade que nunca senti. Apenas com ele. Há tanto tempo, que também parece um sonho toda vez que me lembro.

– Tive uma noite ótima ontem… – admito finalmente.

Seu sorriso aparece de repente, e é tão adorável que ele poderia se passar por um cara de 17 anos de novo. Dezessete anos e apaixonado por mim. Pronto para me levar embora.

– Eu também. Como nos velhos tempos.

***

O show de Nova Orleans é incrível. Público gigantesco, som e apresentação excelentes. Essa noite, ao invés de comemorar com a banda, Kenna e eu vamos sozinhos para a Frenchmen Street. Milhares de aromas nos envolvem ao andarmos pelas calçadas lotadas. Ruas repletas de bares um ao lado do outro e pessoas espalhadas por todo lugar, bebendo, namorando e cantando. O cheiro da água salgada, frutos do mar e suor se misturam e criam um aroma distinto.

– Isso tudo tem cheiro de pecado – Mackenna comenta com um sorriso.

Acho que consigo fazer o impossível – resmungar e sorrir ao mesmo tempo.

– Você só pensa em sexo.

Ele entrelaça os dedos nos meus e me conduz a um dos bares.

– Quer parar em um bar?

Acho que estou sorrindo. Um sorriso verdadeiro e real. O tipo de sorriso de orelha a orelha. Sinto meu peito borbulhar, como não sentia havia muito tempo.

Felicidade.

– Claro!

– Tudo bem, Pink. Então escolha um. Tem o bar de jazz, o bar do rock…

– Estou com uma estrela do rock bem aqui, então vamos para o bar do rock – sugiro.

Entramos em um mundo diferenciado. Rock dos anos 1980 tocando. Guitarras na parede. Fotos de deuses do rock em todo o lugar.

Mas não ficamos nem dois minutos. Mesmo usando os óculos aviador, as pessoas começam a reparar nele e, em 48 segundos, um aponta e grita:

– É o Mackenna Jones, do Crack Bikini!

Ele resmunga em minha orelha, mas se mantém firme e composto, levantando as mãos em uma atitude defensiva.

– Tudo bem, pessoal, estou tentando relaxar com minha namorada.

– Não prestem atenção a ele, não sou sua namorada. Mas *estamos* tentando relaxar – digo.

– Cante alguma coisa para nós! – outro grita.

– Hoje, não. Estou descansando minhas cordas vocais.

– Cante alguma coisa!

Um coro começa quando um grupo se reúne a nossa volta.

– Canta! Canta! Canta! CANTA!

Ele revira os olhos, rindo deles, e então se levanta. Balança a cabeça e os acalma, mostrando as palmas das mãos.

– Tá bom, tá bom. Eu vou subir lá e cantar, mas depois vocês me deixam em paz com Pandora.

Quando ele aponta o queixo na minha direção, dúzias de olhos se voltam para mim, e eu murmuro:

– Obrigada, babaca.

Ele ri e se inclina para sussurrar em minha orelha:

– Isso é para eles saberem como você é importante para mim.

– Importante o bastante para dar o fora depois de transar comigo.

Seu sorriso não se desfaz quando ele me olha nos olhos.

– Importante o bastante para a maioria das minhas músicas serem sobre você.

Ele se enfia por entre a multidão. É mais alto que a maioria das pessoas ali. Sua cabeça parece deliciosamente redonda hoje, e eu me sento no sofá, observando-o subir ao palco. Sua energia preenche todo lugar em que entramos. Juro, ele estava se iludindo completamente se acreditava que não seria reconhecido. E eu também.

Vendo os rostos das pessoas, suas expressões, era evidente que estavam mais do que emocionadas – como se esse fosse o melhor dia de suas vidas. Como será que ele se sente causando esse efeito? Como deve ser cantar uma música e fazer diferença na vida das pessoas? Fazê-las se sentirem menos solitárias, se sentirem… compreendidas.

Ele dá uma batidinha no microfone e ri.

– Testando, testando – diz. As pessoas gritam e o palhaço ri de novo. Ele ama isso e, apesar de tudo, estou sorrindo. Deus, ele realmente não tem conserto, não é?

Ele começa a cantar. Não uma música do Crack Bikini, uma que ouvi no rádio, da Secondhand Serenade.

– Você é a Pandora de verdade? – Um cara se senta ao meu lado e me entrega uma bebida, apontando-a com um movimento de cabeça. – Por minha conta.

– Não, obrigada. Prefiro não beber.

– Sério. Gostaria de te pagar uma bebida. – Ele está olhando para mim como se tivesse colocado alguma coisa na bebida. Não é bom ser tão paranoica.

– Estou com ele. – Aponto o polegar na direção de Mackenna.

– Sim, eu sei. Mas não está realmente *com* ele, está? Você é mesmo a Pandora?

– Sim, é ela mesma.

Mackenna interrompeu a música e veio até onde estou. Ele está quase em cima de mim e do cara. Coloca ameaçadoramente a mão na mesa e se inclina.

– Você está sentado no meu lugar, na minha mesa, ao lado da minha garota, então, como pode imaginar, estou um pouco aborrecido com isso.

– Ei, eu só queria conversar com ela. Relaxa, Gru.

– Nem sei o que isso significa. – Mackenna se senta ao meu lado e me lança um olhar de divertimento e desprezo conforme o cara se afasta pela multidão. – Você precisa conquistar corações a cada segundo que a deixo sozinha?

– Não preciso, mas é divertido – minto.

– Não para mim. Um dia você vai atrair uma cara do tamanho de um caminhão, e eu vou ter que jogar sujo para mandá-lo embora.

– Pensei que gostasse de jogar sujo. Você gosta de jogar sujo com a boca, com a mente, com o sexo…

– Jesus. – Ele me puxa para perto. – Diga "jogar sujo" mais uma vez e vou chupar essa palavra de você.

– Jogar sujo.

Nós nos beijamos. O beijo é molhado, selvagem e delicioso, e dura um minuto intenso.

Quando afastamos nossos lábios, ele sorri e joga a mecha pink para trás do meu rosto.

– Qual é a dessa mecha pink no seu cabelo?

– Melanie. Ela acha que sou muito amarga, então sugeriu que um pouco de cor pudesse melhorar meu humor.

– Melhorou?

– Não, mas ela me desafiou, então vou ter que conviver com isso por um tempo.

– Eu gosto. Te deixa mais feminina.

– Isso significa que pareço um homem sem a mecha?

Ele pega minha mão e a coloca em sua ereção.

– Você acha que eu teria sentimentos como este por um homem?

– Quem sabe que tipo de perversão você esconde?

– Ficarei feliz de experimentar com você tudo o que quiser.

Minhas bochechas queimam quando me lembro de como abri as pernas e o deixei depilar a minha estreita faixa de pelos. Eu o excitei, e isso me excitou, e só de me lembrar de algo tão íntimo já fico vermelha.

– Você é um mundo de contrastes, não é? – As palavras são ditas reverentemente enquanto ele passa os dedos pelos meus cabelos. Estamos em nosso pequeno universo. Está tocando rock ao fundo. Podemos estar no sofá de um bar, mas, neste momento, não há ninguém conosco. – Cabelo pink entre o preto. Inocente menina má. Sarcástica, mas doce. Há alguma dúvida de que nunca conseguirei esquecê-la?

Meu coração quase salta pela boca, e eu viro o rosto para o outro lado quando sinto um rubor esquisito subir pelo meu pescoço.

– Kenna… não.

Ele vira meu rosto em sua direção com os nós dos dedos, como se fôssemos um casal, e esse simples gesto enfraquece meus joelhos.

– É a verdade, Pandora – ele repete.

Meu corpo estremece em resposta, e odeio o fato de ele conseguir ouvir a emoção em minha voz quando digo:

– Não vamos confundir o que estamos fazendo aqui.

Ele ri e se recosta no sofá, me analisando.

– O que *estamos* fazendo aqui?

Tento respirar profunda e regularmente para me acalmar.

– Nos divertindo. Estamos… tirando um ao outro da cabeça. Fazendo o que talvez tivéssemos feito quando éramos adolescentes, se você não tivesse ido embora.

– Eu teria feito muito mais com você, mulher. – Ele faz um gesto para o garçom, para pedir uma bebida, e devolve na bandeja o copo que o outro cara tinha deixado ali. – Não posso fodê-la forte ou rápido o bastante para compensar todos os dias que fiz isso em pensamento ou quando tive outra mulher em minha cama.

Eu me viro para o outro lado, ruborizando.

– Kenna.

Ele me vira de volta para ele.

– É a verdade. Houve outras… dezenas, centenas, não dá para saber.

– Pare. – Começando a ficar zangada, eu o empurro.

– Não – ele diz, me puxando para perto dele. – Estou tentando ser honesto com você.

– Não quero que seja. É tarde demais para isso.

– Por que é tarde demais?

– Não quero que você se abra, porque me faz sentir que também preciso, e não consigo. – Olho para ele. – Não vou.

Ele olha para mim, lutando contra alguma coisa em pensamento.

Então beija meu pescoço.

– Você é tão linda… – ele sussurra. – Mesmo quando não está sorrindo, você é linda, Pink. – E aquele sussurro parece mais uma música. Nunca a ouvi antes, mas a sensação de sua respiração quando a murmura próximo da minha pele me incendeia como nunca. – Me deixe entrar. Só me diga o que posso fazer para me deixar entrar…

– Você *mentiu* para mim – acuso-o.

– Não foi uma mentira. Nunca menti para você. Posso mentir sobre você, pois me ensinou a mentir sobre você quando não queria que ninguém soubesse que eu era seu, mas nunca menti *para* você, Pink.

– Eu não…

Ele pressiona um dedo em meus lábios, com a expressão de súplica para que eu não brigasse com ele.

– Está tudo bem. Eu não era bom o suficiente na época, mas sou bom o bastante agora – ele diz.

– Ah, sério? Só porque você tem fama e dinheiro? – Sorrio, irônica.

– Porque sou um homem, Pink, e não um moleque bobo. Porque resisti a muita coisa e agora sou alguém. Porque estou aqui agora, com você, e não vou sair de perto. Você me afastou uma vez, mas não vou deixá-la fazer isso de novo. É por isso que sou bom o bastante agora.

– Você está falando sério mesmo? – pergunto com uma sensação intrigante e estranha no peito.

– Ah, falo muito sério.

De repente, sinto que é importante esclarecer o fato de que não fui eu que o afastei, ao menos não por vontade própria.

– Não era você, Kenna. Minha mãe nunca teria entendido… – tento começar a explicar, quase em tom de desculpa. Antes de prosseguir, pego meu copo e bebo de um trago.

Então peço outra bebida.

***

Três horas depois, estamos bêbados. Quando entramos tropeçando no quarto, Mackenna levanta minha camiseta, abaixa meu sutiã e avidamente envolve o bico do meu seio com a boca. Ele não afasta a boca de mim enquanto tira as calças, apenas pelo breve segundo que leva para arrancar a camiseta.

– Meu Deus, olhe só para você. – Ele enfia os dedos por dentro da minha calça e corre a boca pela minha garganta. Amo tanto isso que, impulsivamente, arrasto os lábios em sua mandíbula, correndo as mãos pelo corte de cabelo sexy.

– Você está bêbada? Humm? Está bêbada?

– Você está bêbado pra caralho – digo a ele.

– Sim, mas o tipo de bêbado que consegue fodê-la quanto quiser.

Ele se afasta e fica nu, depois acende um cigarro.

Olhar para ele daquele jeito incita em mim a vontade de lambê-lo inteiro.

A tatuagem em seu antebraço aparece quando ele ergue o braço para tragar o cigarro, a ponta se acende quando o faz.

– O que significa a inscrição da sua tatuagem?

Ele me estende o cigarro e eu trago, observando a fumaça sair de meus lábios.

– Tentei parar, sabia? – digo.

– É, não consigo ficar sem por mais de alguns dias. Principalmente em turnê. Fico com uma dor de cabeça maldita e de mau humor. Venha aqui.

– Humm. O máximo que consegui foi, bom, teve um ano que só fumei cigarros eletrônicos, mas então voltei. Minha única regra é nunca fumar em casa. Ou na frente de Mags.

– Legal. – Agora ele está se referindo ao meu corpo, enquanto levanta a minha roupa e olha para mim, como se estivesse memorizando minha imagem nua.

Meus mamilos estão enrugados, implorando por sua boca. Os olhos dele se fixam em minha boceta molhada.

– Tão rosa e brilhante essa bocetinha depilada…

Ele passa um dedo sobre ela, indo em direção ao meu clitóris e aos lábios cor-de-rosa.

– Caralho – ele diz, passando os dedos pela vulva. – Estou com água na boca, amor. Você é tão linda. – Ele ergue o olhar para observar meu rosto enquanto escorrega o dedo sobre meu sexo de novo. Eu estremeço.

– Pare de me chamar de “amor”, Mackenna.

– Shh – ele faz, indo ao banheiro em toda a sua glória nua e voltando com uma camisinha.

– Nem nos beijamos e você já está duro. Você está sempre duro.

– Você está querendo dizer que seus seios perfeitos e sua boceta doce não podem me deixar assim? – Meus olhos pairam em sua ereção gigante e lambo os lábios, consciente do quanto o quero. Ele pega meu rosto com uma mão, me devorando com os olhos. – Há algo inocente e sedutor em você. Uma inocência que você não esconde. Quero me alimentar com sua boca, amor, e quero ver você se deliciar comigo.

Ele coloca a camisinha no pau imenso e eu gemo com lascívia, ficando de joelhos. Ele segura minha cabeça por trás.

– Venha aqui – ele me convence, puxando minha cabeça em direção ao pau ereto. – Venha aqui e abra a boca.

– Eu quero você, mas não com camisinha.

– É com sabor, especialmente para você, Pink.

Eu a tiro e seus olhos se escurecem perigosamente. Sorrio ébria para ele, então abro a boca e o envolvo, e o passar da minha língua parece incentivar seu desejo, porque ele geme e puxa meu cabelo conforme começa a investir.

– Ah, amor. Ah, querida. Ahh, não pare, Pink. Não pare até que eu esteja seco. Você gosta desse pau? Vai me engolir, Pink? Me fale o quanto quer me engolir.

Tremendo de desejo, assinto e me movimento devagar. Curvando os dedos na base. Chupando a cabeça. Saboreando as gotas que começam a sair da ponta. Quando ele goza, geme intensamente. Quando termina, eu sorrio, porque, neste momento, tenho-o exatamente onde quero.

Até ele se recuperar.

E rápido.

E quando ele se deita na cama e me fala para eu me sentar em seu rosto, ele acaba me colocando bem onde *ele* quer que *eu* esteja.

dezoito

ENCONTRANDO OS AMIGOS

PANDORA

A mensagem matutina que recebo dois dias depois não é de Melanie desta vez, mas de Brooke.

Brooke: Você está em Nova Orleans? Acabei de saber que teve show do Crack Bikini anteontem.

Eu: Sim. Vamos embora hoje para Jacksonville. Vamos passar a noite lá e então seguir para a próxima parada.

Brooke: Ah, meu Deus, nós vamos embora de Miami hoje! Será que podemos nos ver?

– Kenna. – Entro no banheiro e fico estática quando o vejo dentro do box, ensaboando o corpo lindo. Aguardo-o fechar o chuveiro e, quando ele sai, fico sem fôlego.

– O que está fazendo aí, Pink?

– Olhando para você – digo, nem um pouco tímida em verificar cada centímetro molhado e delicioso da beleza que é Mackenna Jones.

– Viu algo de que goste?

– De quase tudo.

– *De quase tudo*? – Ele franze o cenho. – Bom, do que *não* gosta?

– Do que não sei o significado. – Aponto para a tatuagem e ele olha para ela com uma careta.

– Eu já lhe disse. Significa "imbecil".

– E um homem pretensioso e confiante que acha que é um deus tatuaria algo assim no braço? Pfff! Continue mentindo, Kenna.

Balanço a cabeça repreendendo-o, mas ele apenas sorri e não diz nada, como se preferisse morrer a me contar. Então suspiro e digo:

– Uma das minhas amigas é casada com um lutador, e eles viajam o tempo todo. Estão em Miami, quase indo embora, então ela me perguntou se poderíamos nos encontrar em Jacksonville.

– Que tipo de lutador?

– Não sei. Mas é luta profissional.

– Qual é o nome dele?

– Arrebentador.

– Nossa. Os pais dele o odeiam?

– Acho que sim, mas esse não é o nome dele. Seu nome verdadeiro é Remington Tate.

– Sério? Bom, quem é sua amiga?

– Brooke.

– Ele era boxeador, não era? Foi expulso quando brigou com uns caras em um bar ou algo assim? Gosto dele. – Ele sorri.

– Você gosta de todos os homens que o fazem parecer um santo perto deles.

Ele sorri.

– Então, você está me convidando para sair com você e um casal de amigos?

– Hunf. Não é um encontro. Quer saber? Esqueça.

Ele ri.

– Onde vamos nos encontrar?

Olho para o visor do celular. Meu estômago se contorce, porque aquilo tudo parece tão sério. Um encontro. Um encontro com dois casais. Mackenna e eu, Brooke e Remy. Mas quero ver Brooke. Não a vejo há meses e estou com saudades. Ela, Melanie e Kyle são meus únicos amigos de verdade.

Eu: Vamos! Que tal um jantar?

Brooke: Encontro duplo? LEGAL! Me mande uma mensagem quando chegar à cidade, já vamos ter feito a reserva.

Eu: Não é um encontro, então, por favor, não diga isso na frente do Mackenna.

Brooke: Putz, jantar com MJ do Crack Bikini. Remy não está acreditando em mim.

Eu: Por quê?

Brooke: Ele sempre ouve essa merda antes de lutar!

Eu: Bom, Mackenna já confessou que tem uma queda por ele, porque Remington surtou no passado e brigou com uns caras, então, se

Mackenna quiser sair com alguém, pode convidar o Remy.

Brooke: Desculpe, meu homem é comprometido. ☺

Eu: Você é muito possessiva, sua vaca!

Brooke: E ele adora isso em mim! Então, combinado, nos vemos à noite.

– Combinado – digo a Mackenna. – Mas não é um encontro.

Falamos sobre eles enquanto vamos a Jacksonville. Depois de devolver a moto, Mackenna agora dirige um Porsche, e meu banco é tão baixo que mal consigo ver a rodovia. Era esperar muito dele que fosse monogâmico ao escolher o carro.

– E a sua outra amiga… a Barbie?

– Barbie mora junto e vai casar em breve com a coisa mais parecida com o pecado que pôde encontrar.

– E esse *pecado* gosta dela?

– Está me zoando? Ele é caidinho por ela. Ele quebraria qualquer um dos dez mandamentos por ela… Acho até que já deve ter feito isso.

– Mas todo cara não faria isso pela garota dele? Fazer o que estivesse ao seu alcance para ela ficar bem e feliz?

A menos que realmente acreditasse não ser bom o bastante...

Esse pensamento me assombra durante o tempo em que ele procura uma vaga para estacionar. Paramos a uma quadra do restaurante, e logo avistamos Remy e Brooke do lado de fora. A primeira coisa que se vê, claro, é ele. Remy é grande e chama atenção, com músculos que deixam a camiseta agarrada nos ombros e bíceps, os quadris estreitos envolvidos por um jeans de cós baixo e o cabelo espetado e bagunçado – como se Brooke tivesse acabado de passar a mão nele. Eles estão conversando concentrados. Ele sorri e passa o dedo no lábio inferior dela, ouvindo-a.

– Oi! – eu cumprimento de longe.

Eles se viram e Brooke grita:

– *Pan!*

Remington se aproxima de Mackenna com um sorriso que forma covinhas na face.

– Estou ferrado.

– Somos dois – Mackenna diz, e eles se cumprimentam, apertando as mãos e sorrindo enquanto Brooke e eu nos abraçamos.

– Como você *está*?

– Não, como *você* está? Fazendo uma turnê com Crack Bikini!

– Sim, este é Mackenna – digo, dando um passo para trás e fazendo um gesto com a mão aberta. – Brooke, Mackenna, Mackenna, Brooke.

– É tão legal conhecê-lo, Mackenna – Brooke o cumprimenta de maneira doce, mas até mesmo enquanto aperta a mão de Mackenna ela dá a mão livre a Remington, como se quisesse lhe garantir que ele é o cara certo para ela.

Ele baixa os olhos, olhando para a mão dela na dele, e sorri secretamente. Não me parece que ele seja o tipo de homem que precise ser assegurado constantemente, mas a forma como ele aperta a mão dela, em uma certa comunicação silenciosa, me enternece.

Entramos no restaurante, que está estranhamente vazio.

– O assistente pessoal de Remington achou que aproveitaríamos mais se fechássemos o lugar – Brooke explica.

– Puxa, já estou gostando – Mackenna diz, pegando a minha mão.

Isso me dá arrepios, e tenho o impulso de puxar a mão, mas, ao invés disso, me vejo franzindo o cenho e rindo.

– Eu já disse que isso não é um encontro – sussurro discretamente no ouvido dele.

Ele olha para mim e de repente me dá um selinho. Em um segundo seus lábios estão nos meus, provocando uma onda de prazer em meu corpo; no outro, não estão mais.

– E eu entendi quando me disse isso – ele diz, sorrindo para mim.

Ele está me observando com aquele adorável olhar de lobo com que sempre me olha, e apenas isso já me deixa envergonhada. Decido me concentrar em Brooke e Remington.

Um garçom nos leva até uma mesa no fundo do restaurante, e reparo em todos aqueles gestos protetores que eles têm. Ele a guia pelo pescoço, enquanto ela pendura o indicador no cós de seus jeans. Ele puxa a cadeira para ela se sentar, sussurrando alguma coisa em sua orelha que a faz sorrir. Quando ela ri, ele se inclina. Observo-o roçar o nariz por toda sua orelha e ela sorri para si mesma e fecha os olhos. Desligando-se do mundo e se concentrando no que o marido está fazendo.

Quando ele se senta, Mackenna, aparentemente imune ao fato de que os dois estavam fazendo amor silenciosamente, pergunta:

– Então, como você entrava nessas lutas underground?

Fico maravilhada em ver como Remington é educado, porque parece realmente interessado nas perguntas de Mackenna, o braço grosso esticado, a mão firmemente apoiada nas costas da cadeira de Brooke. A mão dela está

embaixo da mesa, provavelmente repousada na coxa dele. Estou sentindo todos os tipos de sensações quentes dentro de mim, e uma ainda mais enfática do que sempre sinto quando eles estão por perto. Anseio. Porque arruinei minha chance de ter aquilo.

É nesse momento, enquanto Remington explica rapidamente a Mackenna que ele lutava em qualquer lugar, contanto que estivesse lutando, que percebo onde está o braço de Mackenna. Copiando exatamente o gesto de Remington, ele esticou o braço pelas costas da minha cadeira, e está com a mão descansando logo atrás de meu pescoço, como se fosse meu dono.

Ou, pelo menos, ele acha que é.

Tento, sem sucesso, reprimir a tensão que cresce em meu estômago. Sempre adorei esses pequenos gestos que vejo entre Brooke e seu homem, mas eu? Ah, não. Isso não é para mim. E, definitivamente, não é para Kenna.

Ok, talvez apenas uma pequena parte de mim queira algo assim…

Sorrio, sentindo-me desconfortável. Depois, arrasto a cadeira um pouco para trás, só para ver se ele tira a mão.

Ele não tira.

Na verdade, ele nem se vira para olhar para mim.

Ouço Remington perguntar a Mackenna:

– Como você começou com a banda?

– Racer está tão grande… – digo, virando-me para Brooke, me referindo ao filho dela, enquanto tento desesperadamente ignorar o braço de Mackenna perto da minha nuca.

Brooke sorri e começa a me contar os horários exatos em que Racer come e como está cansativo, porque ele está quase andando, mas ainda mal consegue ficar em pé por alguns segundos.

Quando o garçom se aproxima, Brooke não para a conversa, e ouço Remington fazendo o pedido por ela. Ela ainda está falando comigo quando ouço Mackenna fazer o dele, e quando abro o cardápio para decidir o que vou comer, percebo que ele também fez o pedido por mim.

– Ela vai comer uma salada mandarim e vieiras.

Num impulso, deixo Brooke falando sozinha e me viro, batendo em sua cabeça dura.

– Toc, toc?

– Quem é? – ele me zoa.

– Você acabou de pedir por mim sem nem perguntar o que eu queria.

Ele se afasta com um sorriso irônico.

– Tudo bem, Pandora. O que você queria? – Ele levanta uma sobrancelha e, Deus, as coisas que quero fazer com aquele sorriso… Beijar. Lamber. Morder. Tudo isso.

– Salada mandarim e vieiras – admito finalmente, odiando estar sorrindo para ele.

– E o que eu pedi?

Esse.

Sorriso.

Meu Deus!

Do nada, estou com fome, e é só por causa daquele sorriso. Sempre amei salada mandarim e vieiras, desde o tempo em que costumávamos invadir as docas. E, lá no fundo da minha mente, continuo ouvindo uma vozinha tola dizendo: "*Ele ainda se lembra*".

Como algo tão insignificante pode me derreter desse jeito?

– Eu poderia querer outra coisa – discuto, ainda sorrindo.

Ele levanta uma sobrancelha, ainda sorrindo para mim.

– Mas não quer. Confie em mim, sei o que você quer, Pink.

Deus me ajude, quero beijar esse sorriso. Quero muito. Quero tanto beijá-lo, que serei eu a sorrir para ele depois disso. Em vez disso, Brooke me chuta por baixo da mesa e me dá o sinal universal de vamos-ao-banheiro-falar-sobre-eles.

Certo.

Pedimos licença e, logo que não podem mais nos ouvir, ela me ataca, ansiosa para saber de tudo.

– O que está acontecendo?! – Brooke me pergunta assim que entramos no banheiro.

Com aquele curto vestido preto e saltos altíssimos, ela parece valer um milhão de dólares. Eu me olho no espelho e pareço… eu. Como um corvo furioso pronto para atacar – com mecha pink e tudo. O rosto de Brooke está radiante, como se o brilho viesse de dentro. Como se soubesse que vale alguma coisa. Para *alguém*. Como se dormisse bem à noite porque está dormindo ao lado de um homem de olhos azuis que olha para ela como se a estivesse protegendo e fodendo ao mesmo tempo em pensamento. E isso é excitante.

– *Pan*! – Brooke insiste, com aquele brilho radiante à sua volta e os olhos dourados entediados para mim. – Você precisa me contar. Eu não sabia nem que você *conhecia* esse cara. Agora ele está sentado aqui, pedindo comida por você, sabendo de coisas que nem *eu* mesma sabia sobre você…

– Eu conhecia esse cara… E agora fui contratada para fazer parte de um filme estúpido sobre a banda, e estamos transando. – Lavo as mãos e tento não encarar seu olhar pelo espelho, mas a olho de lado e tento parar de franzir a testa.

– Sério? Você está transando com os caras terríveis do Crack Bikini? – Brooke pergunta incrédula.

– Só com o principal. Mas não por muito tempo.

– Mas você gosta dele! Ah, meu Deus!

Faço uma careta.

– Não, não gosto!

– Gosta, *sim*! – ela me contradiz. – E ele, definitivamente, gosta de você. Estou reparando no jeito como ele olha longamente para você. Olhares demorados, analisando o seu rosto, sua têmpora, seus olhos, seu nariz, seus lábios, seu queixo. Toda vez que ele a olha, é como se absorvesse mais um centímetro de seu rosto antes de desviar o olhar. Você o faz sorrir também.

– Ele só faz isso para me irritar! – digo em tom de reclamação, e fico realmente agitada com a empolgação e o medo que as palavras de Brooke estão provocando em mim.

– Não, ele não faz isso para irritá-la. Como pode dizer algo assim se nem percebe que ele está fazendo isso?

– Ele é um tarado, Brooke. Ele olha para minha boca porque gosta de tudo o que faço com ela. Aposto que fica imaginando safadezas quando olha para mim – digo, então sou acometida pela lembrança de quando o chupei, e quase não consigo reprimir o desejo percorrendo meu corpo.

Ela ri, então dá de ombros.

– Talvez. Eu particularmente adoro quando estamos em público e Remington tem pensamentos safados sobre mim. Posso ver isso em seus olhos. Às vezes, encosto nele para confirmar minha suspeita, e amo quando constato a evidência e ele geme roucamente baixinho.

Ergo as sobrancelhas, depois dou risada.

– Você parou de fazer sexo com Remy quando teve o bebê?

– Está falando sério?

– Só estou curiosa para saber como… os casais vivem quando têm filhos.

Ela sorri, então seus olhos adquirem um pequeno brilho sonhador quando ela admite:

– Foi muito difícil a época em que Racer não dormia a noite toda. Precisávamos roubar uns momentos para ficar juntos. Mas Racer é um bebê muito tranquilo… – Seu sorriso se alarga. – Na verdade, Remington é ainda mais

primitivo e possessivo agora. Só de pensar que sou *dele* o faz me querer. *Muito*. Se você lhe disser algo a meu respeito, referindo-se a mim como a esposa dele, pode constatar o que isso lhe causa.

– Merda, tenho que fazer isso.

Ela sorri feliz.

– Ok! Mas vou ter que provocar Mackenna também.

Quando voltamos, os homens estão sentados em seus lugares, Mackenna bebendo cerveja e Remington, água. Percebo que nos observam retornar. Meu corpo se aquece com o olhar de Mackenna, mas não quero isso, então, em vez de olhar para ele, observo Brooke sorrir para Remington, e o olhar dele apreciando-a. Ela se inclina e beija o topo da cabeça do marido, de cabelos pretos espetados, antes de se sentar.

– Melanie e eu realmente sentimos falta de sua esposa, Remy – digo casualmente enquanto me sento.

A mudança nele é imediata. Os olhos azuis cintilam e uma de suas covinhas aparece, e ele retira a mão da cadeira e a leva até o pescoço de Brooke.

– O que ela disse para você fazer? – ele me pergunta com a voz rouca e os olhos brilhando enquanto acaricia a nuca de Brooke.

– O quê? – pergunto a ele, distraída.

Ele sorri e enfia a mão no cabelo de Brooke, ainda olhando para mim, e quase a ouço ronronar na cadeira.

– Minha esposa lhe contou que eu gosto quando a chamam de minha?

– Sim! – Brooke ri, mas ele se move rápido para um homem daquele tamanho e a silencia com um beijo. Na boca.

Por um segundo, estão se beijando. Não com a língua, mas bem intimamente – como se Mackenna e eu não estivéssemos ali. Ele a segura pela cabeça, e ela passa a mão pelo pescoço dele.

– É isso que você queria? – Remington pergunta, olhando gentilmente para ela.

A forma poderosa como eles se olham e como ele esfrega o lábio de Brooke com o polegar me faz contorcer por dentro. Sou tomada por uma sensação primitiva e quente, a única culpada pelo aperto que sinto no estômago quando Mackenna pega minhas mãos. A única responsável por me fazer sentir ainda mais obscura, excitada e vazia quando os dedos de Mackenna se entrelaçam nos meus, preenchendo meu peito com alguma coisa que estou com medo de sentir novamente.

Eu deveria me afastar, mas a verdade é que o quero mais perto. Preciso dele mais perto. Porque eu poderia ter tido isso com ele. Poderíamos ter formado uma *família*. E quando Remington ri, porque Brooke finalmente admite ter me pedido que o provocasse, e ele começa a brincar com a esposa sobre como ela ama provocá-lo, Mackenna inclina minha cabeça para ele daquele jeito autoritário e estranhamente sexy.

Olhos acinzentados capturam os meus.

– Legal saber que você tem um coração… – ele murmura com olhos carinhosos e um sorriso gentil, e não consigo suportar a ideia de que ele tenha notado. – Isso não a torna fraca, amor, e sim humana.

– Não fui programada para ter sentimentos. Não foi codificado em meu HD – minto, tentando voltar ao meu eu, defensiva e mal-humorada.

– Então, como vocês se conheceram? – Brooke pergunta, e me lembro de que concordamos em deixá-la cutucar Mackenna. Quero resmungar, mas, em vez disso, decido responder por nós. Só para ter certeza de que continuaríamos em território seguro.

– Na escola. Nos encontrávamos escondidos… – murmuro.

– Escondidos por quê? – Brooke pergunta, genuinamente ofendida.

– O pai de Mackenna foi para a cadeia – digo baixinho, virando a colher no meu prato, de novo e de novo.

– Ah, não – lamenta Brooke, arregalando os olhos –, e sua mãe…

– Ela o colocou lá – Mackenna termina por mim, sem trair a emoção com a voz.

Silêncio.

– Sinto muito, cara – Remington diz.

Ele pega a mão de Brooke, e ambos agora olham exclusivamente para Mackenna.

– Quantos anos você tinha quando isso aconteceu?

– Dezessete. Mas agora eu já superei.

– Pan – Brooke sussurra em tom enérgico, voltando-se para mim. – Você o conhecia todo esse tempo e nunca o mencionou. E ele estava cantando sobre você!

Com uma risada lânguida, Mackenna pega a faca do meu prato com aquele sorriso adorável e tentador que está me deixando louca.

– Por favor, não fale sobre isso. Ela tem… *objeções* contra essa música.

– Porque é uma mentira!

Ele suspira e revira os olhos.

– Então é *você* – Brooke fala para ele, rindo. – O cara que todas nós queríamos enforcar por ter arruinado a vida dela.

– Não, Brooke – alerto-a.

– Ela sofre por mim? – Mackenna pergunta com a voz um pouco mais grossa, como acontece às vezes quando ele quer que eu fale algo sobre mim. Ele parece interessadíssimo, com aquele olhar de lobo predador e totalmente brilhante.

– Não. Não! Não diga nada, Brooke.

– Não, ela não fica triste – Brooke admite com uma curva nos lábios. – Ela fica brava.

– Ah, com certeza fica brava comigo – Mackenna concorda.

Resmungo e dou um tapa na cabeça, mas todos nós acabamos caindo na risada.

***

Após o jantar, seguimos caminhos diferentes, e os olhos de Mackenna estão sombrios quando andamos até o estacionamento.

– Gostou?

A sobrancelha erguida desafiante me surpreende.

– Como?

– Gostou? De ter me deixado com ciúmes?

– O que quer dizer com isso? Porque fiquei olhando para Remington? – Olho para a calçada do outro lado da rua. – Todas as minhas amigas têm isso, e eu fico curiosa, mas não quero isso. Não preciso disso. Quero ser independente a vida toda – minto.

Ele ri discretamente.

– Seu nariz acabou de crescer um centímetro.

– Tudo bem. Talvez eu queira, mas não acho que vou conseguir… Acho que você não conseguiria entender isso.

– Eu entendo. Quero algo normal também…

Fico surpresa, paro de andar e viro o rosto para ele.

– Quer uma esposa? Você tem um maldito *harém*.

– E daí? Quero uma esposa algum dia.

Um casal idoso passa por nós e olho para eles. As mãos dadas, envelhecidas pela idade, mas ainda segurando uma à outra.

E nem estão conversando, como se soubessem que tudo de que precisam é um ao outro.

De repente, todos os passeios com Mackenna, quando eu me recusava a andar de mãos dadas, com medo de sermos vistos, me vêm à mente, e um novo pensamento me desafia. Fico angustiada para descobrir se esse é o motivo que o torna tão determinado a segurar minha mão agora. Enquanto dirige. Quando estávamos no restaurante. Até mesmo depois de transarmos.

A pergunta fica martelando na minha cabeça, cedendo mais ainda as minhas preciosas barreiras, e estou tão despedaçada, que fico fraca para resistir a ele.

Principalmente agora, que seus olhos brilham sob a luz da lua, seu rosto está modelado por todo tipo de sombra interessante, que o faz ficar mais gostoso, deixa seus lábios mais macios e seus cílios, mais longos.

– Não sou ciumento… – ele diz, me estudando intensamente. – Cacete, talvez eu seja ciumento. Sou insanamente ciumento. Como que você sorri para ele, e não para mim?

– Porque somos amigos de foda. Você acha que só você consegue me fazer sorrir.

– Eu a faço sorrir. Que inferno, eu consigo fazer você rir como ninguém mais.

Tento começar a andar, mas ele me vira e me segura pelos ombros, sussurrando um pedido que soa mais como um apelo.

– Remixe uma música comigo.

– O quê?

Ele me puxa para mais perto e sussurra contra o topo da minha cabeça.

– Aceite – ele pede, beijando suavemente o topo da minha orelha. – Remixe uma música comigo – ele repete.

– Você me faz fazer coisas idiotas – resmungo.

– É tudo parte do meu charme, Pink. Por favor, diga que sim – ele insiste, com aquela voz me embalando e me deixando mais calma. E mais, como resistir ao brilho desses olhos de lobo? Amo esses olhos, apesar de eles me assombrarem, me perscrutarem, me incentivarem, me machucarem…

Limpo a garganta, preparando-me para perder o pouco de orgulho que ainda tenho, então tento:

– *Like a virgin*[1]…

Ele ri e acrescenta em seu tom baixo e barítono:

– *Take me over, take me out, give me something, to dream about*[2]…

– *Like a virgin, feel so good inside*.[3]

– *Tastes so good it makes a grown man cry… Sweet Cherry Pie!*[4]

Começo a dar risada, somos tão ridículos! Mackenna me encosta na vitrine de uma loja, intercalando um trecho da letra de "Miss Independent".

– *And she move like a boss… Do what a boss do…*[5]

– *I don't believe a masterpiece, could ever match your face*[6] – sussurro o verso de Kylie Minogue.

– *When I see you, I run out of words to say…*[7]

Deus. Parece que ele está cantando para mim. E… essa é "Beautiful", do Akon?

Estou tão afetada e envolvida pelo momento, a lembrança repentina de quando o perdi, que escolho uma lenta de Fray para cantar.

– *Where were you when everything was falling apart… All my days, spent by the telephone…*[8]

Ele escolhe "Sweet Child O'Mine" dos Guns N'Roses para continuar.

– *I hate to look into those eyes and see an ounce of pain…*[9]

E, de repente, fico emocionadíssima com "Take a bow", de Rihanna.

– *How about a round of applause… standing ovation…*[10]

Ele baixa a voz e passa o anel de prata por meu lábio inferior, igual vi Remy fazendo em Brooke.

– *And you can tell everybody, this is your song…*[11] – ele complementa com Elton John.

– *I'm falling apart, I'm barely breathing…*[12] – canto suavemente "Broken", de Lifehouse.

E então é a vez dele, com a voz baixa e serena:

– *Pretty, pretty, please, if you ever, ever feel like your're nothing, you're fucking perfect to me.*[13]

Aquela música perfeita de Pink em sua voz masculina me faz parar. De repente, não consigo pensar em mais nada, porque me sinto serena e culpada ao mesmo tempo, como se tivesse acabado de expressar sem querer meus sentimentos em músicas e palavras aleatórias, misturando-as com as dele.

Ele está me observando, esperando alguma coisa acontecer.

– Isso aqui. – Com um sorriso sincero, ele olha para o céu, então movimenta o dedo entre mim e ele. – Não tem nada melhor. Nenhuma música. Eu poderia remixar músicas o dia todo e estaria no paraíso.

– Você é infernal, Kenna, nunca vai pôr os pés no paraíso.

– Mais um motivo de que preciso encontrar minha própria versão de paraíso aqui na Terra. – Ele sorri e olha para mim com seu jeito lupino e doce conforme recomeçamos a andar para o carro.

– Então, uma música foi feita para ser única. Que tal um dueto? – ele diz, pensativo, enquanto caminhamos pela calçada. – Todo cantor tem um papel. Todo mundo sabe o que eles estão dizendo. Mas em um remix, você pega duas músicas criadas para serem cantadas isoladamente e as mistura. E, apesar de serem feitas para serem únicas, juntas ficam loucas e não fazem muito sentido, mas, de alguma forma, fazem.

Começo a andar mais rápido que ele.

– Uou, o que houve? – ele pergunta.

– Não consigo fazer isso.

Ele me impede de continuar e me vira.

– Sim, você consegue, Pink. Você *pode* fazer isso.

– Ficar com você de novo está acabando comigo! – digo em tom de lamento.

Ele me encara e me segura pelos ombros. Sou tomada por raiva, frustração e amor – sim, *amor*! –, mas minha voz é fraca e desanimada.

– O que você quer, Mackenna? O que você quer de mim?

Ele contrai a mandíbula e me olha nos olhos, os quais gritam, como se ele estivesse sendo torturado.

– Tive seu coração uma vez, Pink, e não foi o suficiente. Agora tenho seu corpo, mas não é suficiente. – Ele segura meu rosto, obrigando-me a olhar para ele. – Quero sua mente, seus sonhos, suas esperanças, sua maldita alma. Quero tudo.

Acho que acabo de perder uma batalha.

Me sinto… destruída.

Tento me enganar, dizer a mim mesma que o odeio, mas não é verdade. O que sinto por ele é imutável e iminente. Nada do que sinto por ele mudou, apenas comecei a sentir mais coisas. Amá-lo sempre me deixava bem. Fazia-me sentir completa, animada, feliz por estar viva. Depois ele partiu, e eu odiei amar. Isso me destruía, me corroía, me assombrava. Agora, aqui estou, pensando que poderia acabar com tudo enquanto compartilho sua cama. Seus beijos. Aprendendo mais sobre ele e sobre o que está fazendo. Gostando demais de tudo.

Não posso me enganar e culpá-lo pelos meus erros. Não posso me enganar e culpá-lo por não ser capaz de esquecê-lo.

Minha raiva é meu disfarce. Mas agora ele tirou minha máscara.

E eu o amo. Mais do que tudo.

Ainda amo. Sempre amei e sempre vou amar. Amo esse homem – esse deus do rock – tanto quanto um baterista ama a batida. Mas está claro para mim que nunca poderemos ficar juntos, mesmo se acontecesse um milagre, e ele me amasse e fosse verdadeiro comigo. Mesmo assim, não poderia dar certo.

Nunca.

Ele não faz ideia disso, *nenhuma* ideia. Mas eu sei.

– Você não pode ter tudo – sussurro, rezando para que ele não perceba o tremor em minha voz. – Você já pegou tudo. Pegou e agora não tenho mais nada para dar a ninguém.

– Preste atenção – ele diz um pouco autoritário, obrigando-me a olhar para ele, para seu rosto, marcado por uma determinação implacável. – A mulher que estou vendo agora é tudo para mim. *Tudo*. Você também me magoou, Pink. A gente… o que houve entre nós me magoou.

Ele enfia a mão no bolso e eu pisco quando vejo que segura o anel.

O anel de compromisso.

Isso é um anel de compromisso?

O que está prometendo a mim?

Eu.

Meu estômago se contorce quando vejo o familiar anel de ouro branco, o pequeno diamante cravado no centro, como se implorasse por atenção.

– Não – sussurro.

Ele tensiona a mandíbula.

– Pandora, não a deixei porque queria. Eu fui obrigado a isso.

– Não, não foi. Você não precisava ter ido embora!

– Lógico que precisava. Se não acredita em mim, pode perguntar à sua mãe.

– O quê? – Meus olhos ficam embaçados pelas lágrimas. – O que ela tem a ver com isso?

– Ela nunca quis que ficássemos juntos, amor. Tenho certeza de que isso não é novidade para você.

– Isso ainda não justifica você dar a ela mais poder sobre nós do que ela já tinha sobre mim.

– Ela tinha poder sobre meu pai. Podia interferir na condenação dele. – Ele assume uma expressão petrificada, e sua voz se torna mais firme devido à raiva. – Ela me prometeu diminuir a sentença se eu a deixasse. Disse que eu não valia nem um instante que você perdia pensando em mim. Jurei para ela que voltaria por você. Inferno, disse a ela que seria bom para a filha de qualquer mulher,

principalmente a dela. Tudo o que eu estava esperando era meu pai cumprir a pena. Estou planejando voltar para você há anos, Pandora!

– Não! Mackenna, você tem noção do que está dizendo?!

– Estou falando a verdade.

– Preciso falar com minha mãe – digo de repente, com o peito prestes a implodir, tão profunda é a dor que nosso passado está me causando. – Preciso falar com minha mãe. – Corro até a esquina e levanto a mão para chamar um táxi, e Mackenna me segue gritando.

– O que está fazendo?

Quando um táxi freia violentamente, entro e fecho a porta. Meu mundo está girando.

– Por favor, dirija! *Agora*.

O carro sai cantando pneu, deixando Mackenna para trás; vejo que ele balança os braços, e acho que diz algo como:

– Que porra é essa? – Mas não tenho certeza.

Estou perto de descobrir tudo, e digo a mim mesma que vou conseguir. Que, quando voltar para casa, vou desabafar chorando muito e por muito tempo, mesmo se levar meses ou anos para me curar. Mas não posso desabar agora. Não quando ainda preciso saber a verdade.

Minha mãe tem seus defeitos. Ela é muito amarga, isso é verdade. É superprotetora, mas…

Não consigo acreditar que ela teria feito isso conosco.

Que ela nos separaria.

Que exerceria seu poder.

Que me faria passar pela mesma dor de traição que ela sentiu depois de descobrir a verdade sobre o caso de meu pai.

Uma quantidade indeterminada de tempo depois, estou batendo à porta de Lionel. Nem reajo a Olívia, que posso ver à direita na cama com ele.

– Está acabado. O contrato. Acabou. Vou lhe devolver o dinheiro.

– O quê…? – Ele olha para Olívia, destrava a fechadura, para não ficar trancado do lado de fora, e vem para o corredor, usando apenas o roupão de banho do hotel. – O que ele fez?

Sou tomada subitamente por um instinto protetor em relação a ele.

– A culpa não é de Mackenna. É minha, está bem? Então, qualquer acordo que tenha feito com ele… por favor, cumpra. Só preciso ir para casa agora. Você conseguiu algumas cenas. Pergunte a Noah, ele nos filmou nos beijando no avião. E brincando no carro. Ele nos flagrou… olhando um para o outro também,

com certeza. E quando estávamos trancados no closet, provavelmente gravou os sons do que fazíamos lá dentro. Mas, por favor, estou implorando e nem me importo, não posso mais ficar aqui. Tinha uma cláusula no contrato dizendo que, se eu não o cumprisse, cada centavo seria devolvido. E será. Estou fora. Desisto.

– Você não pode desistir!

Era a voz baixa, familiar, dolorida e carregada de raiva de Mackenna. Quando me viro, ele está ali, com os olhos brilhando de raiva, prontos para a batalha. Mas ele parece… confuso. Como se não soubesse o que estava acontecendo. Em um minuto, estávamos remixando músicas, no outro, estou fugindo. Mas como ele poderia me culpar por fugir, quando ele também fugiu? Tudo o que sei é que preciso ir para casa. Preciso impedir que isso continue girando. Preciso conversar com a minha *mãe*.

– Preciso ir para casa – digo a ele com a voz mais determinada que consigo, procurando por um milímetro de piedade em seu rosto.

– Senhorita Stone – Leo tenta falar, mas Kenna o interrompe.

– Se é isso o que ela quer, vou voltar para casa com ela.

– Sério? – pergunto com os olhos arregalados.

– É. Sério.

Uma onda intensa de alívio e gratidão me arrebata. E amor. Um amor impressionantemente intenso e doloroso que me abarca completamente. Passo os braços ao redor do corpo, para tentar conter o tremor violento.

– Obrigada.

– Argh! Foda-se! – Leo explode. – Jones, se você sair daqui para levá-la para casa, nosso acordo está acabado. Você me ouviu! – ele grita às costas de Mackenna, que segue para seu quarto, na direção oposta do meu.

Quando Mackenna responde, sua voz é decidida:

– Que seja.

1 “Como uma virgem…” (Madonna).

2 “Me pegue, me solte, me dê alguma coisa com a qual sonhar…” (“Take Me Over”, Cut Copy).

3 “Como uma virgem, me sinto tão bem por dentro.”

4 “Tem o gosto tão bom que faz um homem chorar… Torta de cereja!” (“Cherry Pie”, Warrant).

5 “E ela se move como uma chefe… Faz o que uma chefe faz…”

6 “Não acredito que obra de arte alguma poderia ser comparada ao seu rosto”.

7 “Quando a vejo, fico sem palavras…”

8 “Onde você estava quando tudo estava desmoronando… Todos os meus dias, gastos ao telefone…”

9 “Odeio olhar naqueles olhos e ver uma fagulha de dor…”

10 “Que tal uma salva de palmas… uma aclamação em pé…”

11 “E você pode contar para todo mundo que esta é a sua canção…”

12 “Estou me despedaçando, mal consigo respirar…

13 “Linda, linda, por favor, se em algum momento sentir que não é nada, você é perfeita demais pra mim.”

dezenove

DEIXE PARA LÁ

MACKENNA

– Se você acha que vou deixá-lo quebrar qualquer acordo que tenha feito com Leo, você está enganado, Mackenna. Vou embora, mas vou fazer isso sozinha.

– Quem disse? – contesto-a, cruzando os braços com as sobrancelhas franzidas enquanto a observo arrumar a mala. Ela coloca a mala na cama. Cara, essa mulher está em missão de arrumar a mala, e arrumar rápido!

– Eu disse! – ela choraminga, então para, me olhando com os mesmos olhos que me matam em sonhos toda noite. – Por favor. Se está preocupado, não fique. Vou ficar *bem*.

– Mas eu não vou.

Ela ri e tira os olhos da mala para me observar enquanto me aproximo. Agora está ruborizando. Adoro isso.

– Kenna!

– Estou falando sério, eu não vou ficar bem.

Porque, verdade seja dita, enquanto ela está arrumando as malas, estou surtando. De verdade. Não quero que ela vá, e com certeza não estou com vontade de deixá-la pegar um voo sem mim.

– Só me prometa que vai ficar aqui – ela pede, apertando algum tipo de lingerie na mão conforme me lança um olhar de repreensão. – Você tem um show, e eu tenho… que ir. Prometa.

Pego a lingerie de suas mãos e a jogo para o lado, apertando suas mãos nas minhas.

– Pandora, não vou deixar sua mãe me impedir de ficar com você de novo – digo a ela severamente.

– Mackenna, isso deve ser um mal-entendido… – Ela para de falar, então fica na ponta dos pés, beija minha boca tão forte, que me deixa sem fôlego. Um beijo lascivo. Como se estivesse desesperada por mais.

Quando ela se vira e continua fazendo a mala, eu a impeço, obrigando-a a me olhar. Por que tudo isso? Está me comendo vivo.

– E se ela negar? Você vai acreditar nela e não em mim?

– Ela não vai negar – ela sussurra, baixando o olhar para minha garganta. – Se for verdade.

Deixo minhas mãos caírem e solto o ar pelo nariz, rindo amargamente. Não vai mentir sobre isso? Sei. Aquela mulher é obcecada por nos manter separados. Sempre por minha causa. Nunca fui bom o bastante para Pandora, e mesmo assim, como o masoquista imbecil que sou, ainda a quero muito.

– É verdade. Não vamos terminar por causa dela, não vou deixar isso acontecer, Pink– aviso com raiva.

– Não estamos terminando, nem voltamos a estar juntos! – ela contra-ataca.

– Então vamos ficar – insisto.

– O quê? – ela arfa.

– Você me ouviu. Vamos voltar oficialmente.

Procuro o anel da minha mãe no bolso da calça. Não me importo que ela o tenha atirado em mim. O fato de ela tê-lo guardado por todos esses anos denuncia o que ela não me diz em palavras.

Eu a vi observando Brooke e Remington. Sei o quanto ela quer – deseja – isso, e eu quero lhe dar. Inferno, passei tanto tempo me matando para me livrar dos horários loucos da banda, dos fãs, dos paparazzi e das câmeras. Não quero mais nada além dessa garota, mas, se não sou bom o suficiente agora, então, caralho, *nunca* serei bom para ela.

– Não podemos voltar – ela sussurra, respirando com dificuldade, depois arranca um fiapo imaginário da camiseta preta que está usando. – Simplesmente não dá para mudar as coisas ou fingir que não… estragamos tudo.

– Verdade. – Passo por ela e vou até a cama, então fecho a mala, para que ela a pare de arrumar por um segundo e se concentre em mim. – Mas, veja, não quero falar sobre o passado neste momento, Pink. Quero falar sobre o futuro.

Ela está prendendo a respiração.

– O show de Nova York é daqui a cinco dias, certo? – pressiono.

– Certo.

– Então vá para casa. Faça o que tem que fazer. Mas volte para mim. – Ela encara o anel que estou segurando e eu olho para aqueles olhos castanho-escuros, tão confusos agora. Já fiz isso antes, só que, há seis anos, ela estava animada para ver o anel.

Isso é um anel de compromisso?

O que está me prometendo com esse anel?

Eu.

Mas agora ela parece indecisa. Triste. Perdida. A tensão em sua mandíbula indica uma frustração profunda. Minha voz se engrossa com a emoção porque não quero vê-la perdida, quero que tenha certeza, de *mim*. Quero que ela encontre o que está procurando, em *mim*.

– Quero que volte, Pink – sussurro com a voz rouca enquanto observo aqueles olhos assustados. – Não porque eles estão pagando-a por isso, mas porque você *quer*.

– Kenna, o que está fazendo?

Coloco a cabeça dela para trás.

– Na minha vida, tive que tomar três decisões importantes.

Ela não consegue respirar.

Nem eu.

Há muito tempo, tive que me abrir para alguém desse jeito. Na verdade, só consigo me lembrar de me abrir assim para uma pessoa em toda a minha vida – e essa pessoa está parada bem na minha frente.

– A primeira vez foi quando a deixei. A segunda foi quando entrei para a banda. E a terceira… – encaro-a profundamente –, a terceira está bem aqui, neste momento.

– Kenna, não é você que tem que tomar essa decisão. Voltar para casa é uma escolha *minha*.

– Você está certa, mas então eu também tenho que tomar uma decisão agora. E eu *escolho* – enfatizo a palavra – não viver mais sem você.

Ela me encara com aqueles olhos que me deixam fora de órbita, mordendo o lábio inferior de um jeito que faz meus dentes doerem.

Há dor em seus olhos.

Droga, sinto dor dentro de mim.

Mas consigo sentir, lá no fundo, que ela sente por mim o mesmo que sinto por ela. Ela só está tentando lutar contra isso.

– Não consigo fazer isso assim tão fácil. Não vou abandonar minha prima, meus amigos, minha vida. Não posso! Você não vale tudo isso. – Ela está balançando a cabeça freneticamente como se eu lhe tivesse proposto a morte, e não apenas a ideia de ficar comigo.

– Você não vai ter que abandonar sua prima, amor… Vou deixar a banda.

– O quê? – Ela está paralisada agora… Esqueceu a mala, a arrumação, e me olha boquiaberta. – Mas a banda faz parte de você.

– Você também. – Aponto para ela de maneira presunçosa, então abaixo a voz. – Na verdade, você é a minha maior parte, e a mais importante.

Ela me olha como se o que acabei de dizer lhe causasse tortura, pura e atroz. Como se a estivesse machucando, realmente a machucando. Mas não posso deixá-la ir desta vez. Não posso me afastar dela pela segunda vez na vida.

– Pink, gosto de compor músicas e cantar, mas quero você mais que isso. Quero uma vida mais sossegada… Quero algo normal. Pela primeira vez na vida, quero algo *normal*.

– Sou algo extremamente oposto a normal, Kenna – ela diz com uma risada amarga.

– Bem, é você que eu quero. Quero lhe dar o que é normal.

– Dirigindo uma moto? Uma Lamborghini? Isso também não é normal – ela diz. Apesar de seus olhos estarem vermelhos e um pouco marejados, ela ainda luta para não deixar as lágrimas caírem.

A frustração começa a dar nós em minhas entranhas. Eu a agarro pelos ombros e a sacudo gentilmente.

– Merda, Pink. Vamos brigar por isso? Hum? – Ergo seu queixo. – Tudo bem, está certo. Eu me rendo. Você não é normal. Eu não sou normal. Mas quero nos proporcionar o nosso tipo de normal, que talvez seja estranho e confuso, mas dá certo para nós.

– Eu… – Ela olha para mim, então fecha os olhos e sussurra: – Você está me tentando da pior forma.

Pego sua mão e ponho o anel na palma, fechando-lhe os dedos em volta do precioso metal, que não tem valor algum comparado a ela, e então a encaro e espero. Meu coração está batendo descompassado em minha caixa torácica. Ela está maravilhosa, a pele branca, os lábios pintados de preto, os olhos parecendo uma piscina na escuridão da noite, os cabelos pretos brilhantes, com aquela mecha pink adorável. Os seios pequenos, a bunda pequena, as pernas e botas compridas…

Gosto de tudo nela.

Quero-a inteira.

– Mas você ainda vai dizer sim? – insisto.

Diga.

Sim.

Amor, diga SIM.

Ela não responde, então baixo a voz para outro tom – aquele que uso para cantar músicas românticas.

– Volte porque você quer, e não porque estão pagando-a por isso. Volte se algum dia você me amou. Se *ainda* pode me amar. Volte para me ver, Pink. Volte para me ouvir cantar no Madison Square Garden.

Seu olhar se suaviza com a emoção, uma emoção que posso sentir em mim.

– Pensei que não gostasse de saber que estou na plateia observando-o cantar…

– Deve ser porque nunca tive uma música a qual quisesse que você me ouvisse cantando – admito, e então a beijo, primeiro na testa, depois no topo da orelha. – Se realmente decidir voltar, avise Lionel. Ele reservará um lugar para você.

– Não sei se é uma boa ideia… – ela se limita a dizer, mas aperta a mão em volta do anel. – Você acha que é só eu aparecer e você cantar para mim, então viveremos felizes para sempre?

– É nisso que estou apostando. – Sorrio para ela tranquilamente, tentado a sacudi-la pelos ombros, implorar e exigir que faça o que estou dizendo. – Caralho, Pink, só diga que vai voltar.

– Só se você me deixar voltar para casa sozinha. A banda precisa de você.

Hesito. Ela parece desesperada para se livrar de mim neste momento. Não tenho certeza se vai voltar. Mas se ela não voltar…

É só ir atrás dela, cara.

– Se eu concordar, você vai voltar? – digo, tentando fazer algum acordo com ela.

– Sim – ela diz, olhando para mim e abrindo a mão, como se pensasse que quero o anel de volta. Fecho seus dedos de novo.

– Fique com isso. Pertenceu à primeira mulher que amei, então faz sentido ficar com a última.

– Kenna! – ela começa em tom de lamento, e, antes que viesse com milhares de desculpas de por que não poderá comparecer ao show, de por que ainda não consegue se abrir, eu saio do quarto, esperando que aquele anel nunca volte para mim.

Como já aconteceu.

vinte

CAIXA DE PANDORA

PANDORA

Geralmente, neste momento da viagem – sentada em uma dura cadeira de plástico no portão de embarque, esperando a chamada para embarcar –, minhas mãos estão suadas, meu coração, acelerado, e meu estômago revirado, e tenho a sensação de que estou prestes a vomitar. Mas agora minha atenção está em outro lugar, meus olhos estão totalmente hipnotizados pelo pequeno diamante…

Não consigo parar de olhar para o pequeno diamante, suspenso nas delicadas hastes, clamando por atenção. Tem um valor inestimável para Mackenna, e sei que nenhum outro diamante no mundo significa mais para ele do que este. Nenhum outro diamante no mundo significa mais para mim do que este – porque era da mãe dele. E ele a amava com todo o seu ser.

Como amo minha mãe também.

Minha mãe…

Penso nela enquanto agarro firmemente o descanso de braço da poltrona no momento em que o avião decola.

Mesmo sob efeito do clonazepam, a adrenalina percorre meu corpo tão rapidamente, que não consigo dormir. O comprimido me faz relaxar um pouco, mas, desta vez, apenas isso. Ainda estou muito agitada, meu cérebro está um turbilhão e meu coração cheio de… sentimentos.

Minha mãe tinha a vida perfeita e um casamento feliz até percebermos que… não era verdade. Ela quer o que é melhor para mim. Ela estava lá no dia 22 de janeiro.

Quando a dor começou.

Quando minha bolsa estourou.

Quando tive o bebê.

E quando… o bebê foi levado para longe de mim, e eu fiquei lá, deitada na maca, mais solitária do que nunca.

Independentemente do quanto minha mãe estava magoada por eu ter ficado grávida, ela não conseguiria suportar me ver passar por um aborto. Ela é… humana. Mas se ela me mantivesse longe de Mackenna…

– Ah, é um anel de noivado? – a mulher sentada ao meu lado pergunta. Ela parece ter a idade da minha mãe, só que muito mais simpática e falante.

Sorrio para ela e, antes de perceber o que fazia, estendo a mão, como uma idiota pronta para subir ao altar.

– É um… anel de compromisso.

Ah, Deus, por que fui pegar aquilo? Ele não sabe o que está fazendo entregando-o para mim de novo. Ele não sabe mais quem eu sou, quem me tornei depois que ele foi embora. Que tivemos uma menina. Poderíamos ter sido uma família. E ainda estou tão obcecada por ele, que coloquei o anel de novo e estou rodando-o no dedo até agora. Olhando para ele, levando-o aos lábios, fechando os olhos e beijando-o, porque senti falta dele como senti falta de Mackenna. Seus olhos, seus sorrisos… De como éramos felizes.

– Ahh, um anel de compromisso – a mulher diz suspirando quando volto a apoiar a mão no colo. – O amor é uma coisa maravilhosa – ela continua, segurando meu braço com um aperto leve e um sorriso secreto.

Sorrio para ela e não falo mais nada. Deus, estou tão tonta. Tonta, animada, esperançosa, e tão aterrorizada quanto fica Magnólia pelos monstros em seu armário. Estou aterrorizada pelos monstros no *meu* armário! Estou com um problema sério ao pensar nessa nova e maravilhosamente assustadora situação em que Mackenna e eu talvez tenhamos uma chance. Nós temos uma chance. Deus, até a palavra "nós" é esquisita! Ele foi embora e me fez sofrer, mas agora me quer de volta. E, apesar de eu agir como se não quisesse – e questionar se posso realmente voltar com ele –, será que algum dia ele me perdeu?

Como é possível parar de pertencer a alguém que nos devastou como ele fez comigo?

Como um primeiro e único amor pode nos varrer como um tornado e não deixar nenhuma marca?

E agora meu corpo está agindo de modo ridículo. Meu coração, meus pulmões, até mesmo meu cérebro. Sinto como se tivesse 17 anos, pronta para fugir com ele, tudo se revirando em minhas entranhas quando me lembro do beijo quente que me deu há apenas algumas horas antes de eu embarcar. *Vejo você em Nova York?*, ele perguntou, me beijando de novo, como se mal conseguisse se conter.

Eu disse que sim, mas isso era verdade?

Ou menti?

Você é uma puta de uma mentirosa, Pandora. Não pode ter um futuro sem contar a ele o que fez, o que aconteceu depois que ele foi embora. Precisa contar a ele. Você culpava Kenna… mas agora vê que não foi culpa dele… Foi tudo culpa sua…

Deus, queria que nossos erros nunca precisassem ver a luz do dia. Como os monstros, eles poderiam permanecer eternamente no armário. Porém, se eu deixar meu monstro sair do armário, ele não vai apenas me assombrar; vai nos assombrar.

***

De volta a Seattle, pego um táxi e vou direto para casa. Meu cérebro trabalha lentamente com as opções, pois o clonazepam diminui a velocidade de meus pensamentos. Bem à minha frente está a oportunidade de um novo começo. Uma segunda chance. Por que não? Qualquer uma com um mínimo de amor-próprio, qualquer uma que amasse Mackenna um terço do que eu amo, se daria outra chance.

Por que não?, uma parte de mim grita.

Eu *sei* por que não, mas não quero saber. Na verdade, estou quase pronta para arrumar as malas e ficar fora um ano inteiro. Quase já me convenci de que podemos continuar exatamente de onde paramos, em uma época que estava pronta para seguir para o pôr do sol com ele. Já estou pensando em como seus olhos vão se acender como a lua, para a qual seu lobo interior uivará quando ele vir que voltei. Quase posso sentir o gosto do desespero em seu beijo quando eu beijá-lo profundamente. Do jeito que faz um homem parar de fazer perguntas e não pensar em mais nada, exceto na mulher em seus braços – a mulher que, com sorte, serei eu –, e podemos continuar de onde paramos. Ele e eu. Apaixonados, tudo de novo.

Já estou animada, deixando a sonhadora em mim ficar deslumbrada com o anel no dedo.

Ela está no escritório, com a porta entreaberta, sentada atrás de uma mesa gigante, que parece ter sido feita para manter uma barreira permanente entre ela e o mundo.

– Pandora – ela diz e sorri ligeiramente para mim. Mas não há emoção. Sua voz nunca tem muita entonação.

Será que eu *falo desse jeito?*

Quase fico arrepiada ao pensar nisso, então aperto os braços com as mãos, e este é o exato instante em que seus olhos – escuros como os meus – se atentam para o anel em meu dedo. Sua expressão é tomada por um medo que nunca vi em seu rosto antes e, pela primeira vez em anos, ouço a voz dela vacilar.

– Ele lhe contou, não contou? – ela sussurra de repente, erguendo os olhos para encontrar os meus. Ela parece aterrorizada.

Estou muito paralisada para responder, muito dominada pelo meu comprimido favorito.

Minha mãe limpa a garganta, mas seus olhos permanecem arregalados e quase ávidos por informação quando ela aponta para o anel de compromisso em meu dedo. Apesar de ela continuar sentada, seu olhar procura pistas em minha expressão, e as evidências me atingem em uníssono:

É verdade.

– Por que está usando esse anel? Achei que tivesse esquecido esse rapaz.

Ainda estou muito confusa, mas a adrenalina em meu organismo age rápido, clareando meu cérebro em um segundo.

– De quem está falando? – pergunto com uma lentidão deliberada, estreitando os olhos.

– Não se faça de boba. *Mackenna Jones*.

– Sim. Eu estava com ele. – Estendo a mão para que ela possa observar o anel. Reparo que faz um esforço gigantesco para manter a expressão composta.

– E ele lhe contou. É claro. Agora que o pai saiu da prisão, por que lhe esconderia a verdade? – Seus olhos encontram os meus. Cuidadosos. Curiosos. Ainda com medo evidente.

– O que acha que ele me contou?

Uma sensação de afogamento intensa me atinge enquanto espero a resposta.

Eu me lembro das atitudes de minha mãe em *flashes*.

Um *flash* de ela me alertando para ficar longe dele.

Um *flash* de ela me dizendo: "Ele vai machucá-la. Ele quer vingança. Ele será igual ao seu pai, pode escrever o que eu digo. Fique longe dele".

Flashes do passado me atacam, principalmente a imagem de quando eu estava sentada, olhando para fora da janela do quarto, e ela se aproximou, parando atrás de mim. Tínhamos acabado de chegar do parque. Sem nem me perguntar o que estava acontecendo, ela sussurrou:

– Será melhor assim.

– Você mandou que ele ficasse longe de mim… – de repente sussurro quando ela não ousa responder. Eu me lembro da raiva de Mackenna e da mágoa

em seus olhos quando me viu de novo, e tudo se encaixa como num quebra-cabeça.

Um quebra-cabeça que me destruiu, e destruiu Kenna.

E foi idealizado e planejado por *minha mãe*.

– O que você fez? Como o obrigou? – Minha dor é tão primitiva, que minha voz é apenas um sussurro.

Eu sei. Mas preciso saber de tudo, preciso ouvir dela. Minha própria mãe.

Ela massageia as têmporas e inspira profundamente. Quando abro a boca para gritar com ela, ela me interrompe.

– O pai dele estava com problemas, metido em uma grande encrenca. Prestes a pegar muitos, muitos anos de cadeia, como você se lembra. Então propus um acordo. Minimizaria a pena do pai dele se ele ficasse longe de você.

– Você fez isso com ele? – sussurro. – Fez isso *comigo*?

– Ele não era bom para você, Pandora! Não tinha nada a lhe oferecer, exceto desilusão. Pensei que fosse o melhor para você, mas, quando vi esse anel no seu dedo, percebi que ele a levaria embora. Eu o mandei ir embora, do contrário, veria o pai passar o resto dos dias na prisão.

– E todos esses anos você me fez acreditar que ele não me queria!

– Ele *pensava* que a queria, mas vocês eram muito jovens para saber o que era bom para vocês. Você acha que teria sido feliz com a vida que muitos roqueiros tolos levam?

– Seis anos, mãe. *Seis!* – eu grito.

Ela olha para mim, tudo nela é árido, sem emoção.

Sem *emoção*.

– Temos uma filha… – sussurro.

Minha mãe quase titubeia. Quase.

– Uma filha que *nunca* poderemos ver. – Meu coração se despedaça quando digo isso em voz alta.

– Pandora – ela diz, esticando-se sobre a mesa como se quisesse pegar minha mão. – Você estava sozinha. Não poderia fazer isso. Você deu a melhor chance àquele bebê.

– Não. A melhor chance *dela* era ficar *comigo*, comigo e com o pai. Mas você deu um jeito de mandá-lo para longe de mim detestando o fato de que eu não tinha coragem nem de dizer na cara dele que havíamos terminado.

Sinto as lágrimas vindo à tona, mas não quero que elas saiam. Não na frente dela. Não a deixaria pegar minhas lágrimas junto com tudo o que já tirou de mim.

Cerro os dentes e seguro as emoções voláteis, ameaçando explodir. Mas, embora não vá soltá-las, me agarro naquela raiva. Minha velha amiga, tão familiar para mim.

– Por que você me odeia? Por que tirar de mim o único amor que tive? *Por que*, mãe?

Ela franze o cenho por um instante.

– Você acha que não a amo só porque não digo isso? Tentei prepará-la para a vida real. Ele era filho de um traficante de drogas condenado. Você queria isso para sua filha? Isso a deixaria feliz?

Não vou chorar na frente dela. Vou chorar sozinha, no meu quarto, mas não na frente dela!

– Eu não sabia que você estava grávida quando esperei por ele embaixo de sua janela. Você acha que eu não sabia que ele entrava escondido em seu quarto? *Por favor*, Pandora. O diabo sabe mais por ser velho do que por ser o próprio diabo. Eu queria protegê-la. Os homens nunca mudam. Eles crescem para ser o que são ensinados a ser, e ele não era bom o suficiente para você.

– Homens crescem para ser o que são ensinados a ser, huh? Do mesmo jeito que você me criou para ser amarga, desconfiada e odiosa? Ele era diferente, mãe. Ele se importava comigo. Tudo o que ele queria era ser bom o bastante para mim, mas nunca sentiu que era, porque nunca tive coragem de assumir que estávamos namorando. Ele pensou que não era bom para mim, e você com certeza tratou de convencê-lo disso.

Ela suspira, melancólica, ao se esticar para apertar meus ombros.

– Não posso desfazer o que está feito. Só espero que me entenda.

Eu me solto de seu toque e dou um passo para trás.

– Eu entendo. Só queria que tivesse me ensinado a perdoar, assim, neste momento, mãe, poderia não só entender, mas perdoá-la. Mas você não me ensinou isso, não é? Ensinou-me a odiar meu pai. A odiar Kenna por ter ido embora, apesar de ter sido você quem o expulsou. Nunca vou me perdoar por ter desistido da minha filha. Todos nós erramos, mãe. E um de seus erros foi você não ter me ensinado a perdoar. Porque agora… não sei como fazer isso.

– Pan? – Ouço uma vozinha, seguida por um ruído da porta se abrindo atrás de mim.

A expressão da minha mãe se suaviza quando ela olha para Magnólia. Posso ver – e vi isso durante os anos – que ela também se culpa por ter desistido do bebê. A forma como, às vezes, olha para Magnólia, como se pensasse na avó que

ela nunca seria. Ela se esforça para dar o melhor a Magnólia, como se isso absolvesse sua culpa. E eu também faço isso – como se isso absolvesse a minha.

– Ei, Mag – digo, engolindo a tristeza ao me ajoelhar com os braços abertos.

Ela bate em mim como uma bola de canhão e me aperta forte quando me dá um beijo molhado na bochecha. Então se afasta e me fala:

– Fiz uma lista, venha ver.

– Ok, vamos lá – digo, fingindo animação.

– Pandora? – A voz de minha mãe nos faz parar na porta. Ela parece mais miserável do que nunca. – Não posso desfazer o que está feito – ela repete em um sussurro.

– Nem eu – sussurro de volta.

– Venha! – Magnólia diz, puxando-me várias vezes.

– Pandora! – minha mãe chama de novo. Paro, fecho os olhos e me viro novamente. Alguma coisa horrorosa está se retorcendo em meu estômago e não há como conter. Sinto o anel na mão que Magnólia está segurando.

Volte porque você quer, e não porque estão pagando-a por isso.

– Sinto muito.

Duas palavrinhas. Palavras importantes, mas que não vão devolver meu homem, meu bebê, minha decisão, meu passado.

– Eu também – digo tristemente, depois abraço Magnólia e a puxo para mais perto, absorvendo sua energia feliz, então ela me arrasta até seu quarto.

– O que é isso? – pergunto quando ela me entrega um papel cheio de palavras em vermelho.

– Coisas que quero fazer quando crescer – ela diz com um sorriso largo. – Você disse para eu fazer uma lista! Está bem comprida. – Ela vira a folha, e vejo mais palavras.

Usar pink no cabelo, como Pandora.

Fazer um bolo com cem velas de pirulito.

Fazer um safari.

Ter uma girafa de estimação (do safari).

Leio todos os seus desejos, sentindo seu entusiasmo infantil, e me lembro de que, certa vez, fui igual a ela. Sonhadora, esperançosa e viva.

– Sabe, eu costumava ter uma dessas – confesso. – Quando eu fazia listas.

– E o que tinha na sua lista?

– Tinha… – A lembrança me arrebata. De repente, eu me *lembro* do que Mackenna e eu fizemos em nossa última viagem e fico chocada.

Seu idiota safado, você se lembra da minha lista estúpida, não é?

– Uma delas dizia: “Andar na garupa de uma moto”. Outra: “Viajar de carro”. E eu também queria beijar um astro do rock…

Não consigo continuar. Impossível. Paro e sorrio enquanto meu coração infla, como se meu peito tivesse acabado de ser enchido com gás hélio.

– Aaahhh!!! É verdade? Você viajou de carro, Pan? Viajou de carro, andou de moto e beijou um astro do rock?

Assinto, me sentindo perigosamente emotiva. E não é isso que Mackenna e Magnólia fazem? Trazem à tona algo de meloso em mim, como ninguém mais consegue? Com um carinho infinito, beijo-a na têmpora.

– Sim, é verdade. Eu me apaixonei por ele. E, antes de ele ser um astro do rock de verdade, era o meu astro do rock.

– Você é o meu astro do rock. – Ela sorri.

– E você é minha Magnífica.

ASTRO DO ROCK À ESPERA

MACKENNA

Estou sendo maquiado. Sentado em uma cadeira estúpida e brincando com o isqueiro enquanto Clarissa, minha maquiadora e cabeleireira, passa delineador sob os meus olhos.

– Vamos de peruca prata com mecha branca hoje, para combinar com seus olhos – ela diz. – Vai ressaltar a jaqueta e a calça de couro preta.

– Não vou usar peruca hoje.

– Hã?

– É, não estou a fim de me caracterizar hoje. – Tiro a peruca da cabeça e passo a mão nos cabelos. Com meus olhos delineados de preto, o prata da íris fica brilhante no espelho. Meu brinco de diamante brilha. Estou a fim de arrasar, mas também sinto que há uma garota por aí me arrasando.

E ainda não sei se ela vem.

Ela desviou o olhar quando disse que voltaria. Um sinal de que estava mentindo.

Mas, cacete, eu não posso pensar nisso agora.

Por fora, ela blefa, sempre foi assim. Mas a conheço intimamente. Sei quando está escondendo alguma coisa. Um coração grande como o oceano.

Um coração que diz *Mackenna Desgraçado Jones*.

– Então, Leo disse que você pediu a ele que entrasse em contato com ela… – Lex, que está sendo maquiado também, diz da cadeira ao meu lado.

– Ela não atende ao telefone. – Acendo o isqueiro e fico observando a chama até apagar, então acendo de novo.

– Acha que ela estará aqui? É meio chato sem ela agora.

– Sim, ela estará – minto. Pelo menos, preciso dizer a mim mesmo que sim, porque, quando eu estiver no palco cantando uma música, quero que ela esteja ouvindo. *Por favor, só venha ao maldito show, Pink, e depois pensamos no que fazer quanto a nós…*

Essa garota bagunçou muito a minha vida. Quando eu tinha certeza absoluta de que me amava, ela me abandonou. Quando eu estava certo de que não queria nada comigo, ela vem ao meu show e arremessa um monte de tomates em mim.

Não sei mesmo o que esperar dela, mas sei que não sou mais um adolescente de 17 anos sem futuro. Sou Mackenna Jones, e vou tê-la se a quiser.

E eu a quero.

Estou inquieto e cansado, minha mente está um turbilhão, mas, mais que tudo, estou desejando o gosto dela. A sensação de tê-la. Preciso levá-la para a cama, onde ela discute menos, e mantê-la atordoada. Atordoada de tantos orgasmos. Preciso tirar suas roupas e sua coragem até que esteja tremendo em meus braços. Até ela se esquecer de me xingar e me zoar porque está ocupada demais gemendo para que eu a foda mais forte.

Não posso negar que ela me proporciona o melhor sexo que já fiz.

Mas não é só porque ela é uma deusa do sexo, porque ela é. Uma Medusa morena, pela qual estou enfeitiçado, e tudo que quero é estar nela. E adoro estar dentro dela porque a amo.

Seu cheiro.

Seu jeito de sorrir, como se não quisesse sorrir, mas não consegue evitar.

Seus beijos, com toda aquela paixão raivosa dentro dela.

A maneira como amolece em meus braços, e, assim que terminamos, volta a ser a cretina que é, provocando meu lado babaca, obrigando-o a derrubar de novo a cretina…

Ela está se entregando fisicamente, mas isso não é mais o bastante para mim. Posso me jogar nela, forçá-la a receber cada centímetro do meu pau. Posso agarrá-la pelos punhos, prendê-la e fazer sua boceta me devorar.

E ainda não será o suficiente.

Penso em tudo acontecendo. Como a cena se concretizará. O que farei com ela. O que ela fará comigo…

– Kenna – ela vai gemer. E não vai ficar mais gostosa do que já está, porque isso não é possível. Ela é perfeita.

E, mesmo assim, ainda vou querer ouvir suas palavras.

Não serei delicado com ela, mas não acho que ela vá querer que eu seja. Vou chupar, lamber, senti-la se contorcendo de desejo, as dobras de seu corpo em volta de mim.

Ela vai tremer quando eu chupar seu seio, e mais ainda quando eu abrir suas pernas. Vai se debater sob mim, rebolando contra meu corpo como ela sempre faz – voluptuosa, faminta, como se fosse se despedaçar se não me tiver dentro

dela. Como se meu pau fosse tudo o que a deixa completa. Seus mamilos vão ficar vermelhos e enrijecidos com meus beijos, então vou dar um descanso a eles e lhe devorar a boca, até ficar vermelha também. E ela, arfando, vai me dizer.

Dizer o que estive desesperado, por anos, para ouvir.

Vou assistir seus lábios formarem as palavras.

Três. Somente três.

Seu rosto adorável, totalmente branco no escuro. Aqueles ombros arredondados, seios roliços, bumbum perfeito e a boceta molhada, gostosa e deliciosa. Tudo isso sendo meu, no momento em que ela diz: "Eu te amo…".

E quando isso acontecer, vou segurá-la. Ela vai erguer a cabeça enquanto a imobilizo, e não haverá jeito de ela não saber quem a está comendo. Suas unhas vão arranhar minhas costas conforme mergulho em seu calor, dizendo de novo para ela que sinto a mesma coisa. Que ela é a mulher certa para mim. Mostrando a ela com minhas mãos, meus lábios, meu corpo, que ela é a mulher certa para mim.

– O que vai fazer se ela vier? – Lex insiste quando estamos nos vestindo. Jogo o isqueiro para o lado e me levanto ao enfiar o braço na jaqueta de couro.

– Estarei esperando.

– E se ela não vier?

– Então vou persegui-la até o fim.

vinte e dois

MINHA AMIGA MELANIE DIZ PARA NÃO ESPERAR PELO PRÍNCIPE ENCANTADO – ELE PODE ESTAR PRESO EM UM SHOW

PANDORA

Então sigo seu conselho.

O voo triplica minha ansiedade, mas estou começando a ficar expert nisso. Assim que embarco, tomo meu clonazepam e me desculpo com o cara sentado ao meu lado, dizendo:

– Se você precisar usar o banheiro, pode passar por cima de mim, porque estarei derrubada.

Ele ri e diz:

– Não será necessário.

A próxima coisa que sei é que estou sendo chacoalhada – de forma um pouco violenta – pela aeromoça, me avisando de que chegamos a Nova York.

Nova York.

Madison Square Garden.

E Mackenna puta-que-pariu-eu-te-amo-seu-filho-da-puta-delicioso Jones.

Pego um táxi no aeroporto, levando minha bagagem gigante comigo. Fiz as malas para ficar uma semana, mas não sei o que vai acontecer. Na verdade, não sei muita coisa, exceto que ele não foi embora. Que *ele* voltou por *mim*.

Os minutos passam rapidamente no caminho para o show. Fico tamborilando nas coxas, mexo impacientemente os dedos e os cabelos e olho incansavelmente pela janela. Mal andamos um metro na última meia hora.

– Ah, meu Deus, esse trânsito… – digo ao taxista, contendo o impulso de sair correndo. É só correr para ele, pegá-lo de volta, conversar com ele. *Confessar tudo, depois de tanto tempo...*

– Está havendo um show… é difícil chegar perto.

– Vou andando daqui – digo ao motorista, entregando-lhe algumas notas e, então, arrependida pelo tamanho da mala, pego minha bagagem e sigo para o Madison Square Garden.

O palco está arrumado e iluminado com uma luz quente. Vejo um dos membros da equipe de turnê e vou correndo até lá.

– Preciso entrar – digo, sem fôlego. Ele me reconhece instantaneamente, sei disso por causa do brilho em seus olhos conforme ele abre o cordão e me conduz para dentro.

– Vá para os bastidores, e cuido disso para você – ele diz, apontando para minha mala.

– Obrigada.

– A apresentação está prestes a começar – ele diz.

Naquele mesmo instante, a música selvagem tocando ao fundo para e as luzes se apagam. Eu corro para a parte de baixo do palco, prendendo a respiração quando ouço um violino tocando no escuro. Minha pele fica petrificada conforme um acorde suave e perturbador começa, e quando as luzes se acendem, meus olhos estão fixos exatamente na pessoa que está iluminada.

Nossa, amo-o tanto que sinto dor no coração.

Ele está de joelhos, um fone de ouvido com microfone curvado ao longo da mandíbula, a cabeça baixa, enquanto o restante da orquestra começa a seguir o tom daquele violino lento e inquietante, e Mackenna começa a cantar.

Dando passos incertos no escuro, me aproximo do palco, mas não perto o suficiente para ser vista, pois ele está no lado oposto, perdido no próprio mundo conforme começa um verso lento e fúnebre.

You flick the candy cotton pink strand in your hair
And I pray to the gods that you'll be there
In my dreams, fantasies, and nightmares
I'm so scared I'll never see you again[1]

Suas palavras seguem o ritmo da música, agora soando esperançosas.

And you can try hiding behind your anger
And I can try running away
But at night as I sleep, you come crashing in on me
And I'm scared, 'cos you're the only girl for me[2]

Um grande clímax instrumental surge na música conforme ele canta, mais alto agora.

You're my girl
You're my girl
Pandora, you're my girl
I can't ignore ya
I've always adored ya
Pandora
I implore ya
You're the only for me
It's written, it's meant to be
You're my girl
You're my girl
Pandora, you're my girl
Sky high, thigh-high leather, in all kinds of weather
Tonight, now, then and forever
Come on over my girl, sink your claws into me
I'm not scared, 'cos you're the one and it's meant to be
You're my girl
You're my girl
Pandora, you're my girl
I can't ignore ya
I've always adored ya
Pandora
I implore ya
You're the only for me
It's written, it's meant to be
You're my girl
You're my girl
Pandora, you're my girl[3]

O restante soa quase improvisado, caótico até, enquanto o som vai avançando para o fim.

I should never have dissed ya
Lied about how much I missed ya
I need your sexy fire in my life
No one else can hold a match
To the candle that's you, you're a catch

You make me mad
You drive me nuts
You fill my heart
And kick my guts
There's nowhere I'd rather be
My vampire queen
Yelling, touching, kissing, fucking
Pandora, you're my girl[4]

A música termina, e é linda a imagem da plateia, silenciosa, segurando milhares de isqueiros que brilham na escuridão. O último verso ecoa no estádio.

Minha traqueia está trancada de tanta emoção, a ponto de ser difícil respirar. É por isso que ele me queria aqui.

Você acha que é só eu aparecer e você cantar para mim, então viveremos felizes para sempre?

É nisso que estou apostando...

Felicidade e amor se abraçam em uma demonstração de amizade em meu estômago. Eu poderia ter 17 anos agora. Estou cronologicamente mais velha e, aparentemente, mais amarga, mas, por dentro, ainda sou a garota dele.

Aquela que pensou que um dia ele voltaria.

Aquela que tinha esperança de que um dia ele perceberia ter sido um erro abandoná-la.

Pensei que ele não me quisesse, mas ele quer. E agora tenho medo de que tudo isso acabe quando ele souber o que fiz...

Minha garganta está seca com as palavras não ditas, meu corpo está pesado e quente. Por um longo momento, sinto que estou flutuando e em transe. Quando vejo que Mackenna procura por mim na multidão, minha reação é instantânea.

Aceno para um dos membros da equipe. Sem dizer nada, ele me deixa entrar, e corro o mais rápido que posso, ouvindo Lex gritar no palco:

– Tudo bem, pessoal, vocês ouviram o homem. – O grito leva o público ao delírio.

Respirando com dificuldade, paro ao lado do palco, e meu homem – meu homem – parece estar tendo dificuldade de se recompor. Ele acabou de desabafar na frente de milhares de pessoas, e posso ver que ainda está procurando por mim na multidão.

Estou ansiosa para que ele me veja. Se tivesse um tomate, atiraria nele. Naquele rosto lindo e famoso que quero beijar.

Dou um passo à frente para entrar no palco, mas Lionel me para.

– Ele está pior do que nunca. Pode me explicar que porra está acontecendo?

– Me deixe passar. Por favor. *Por favor*.

– Você vai beijá-lo? – ele exige, zangado.

– SIM!

Outra música começa a tocar. Fico apreensiva quando vejo todas as milhares de pessoas ali, mas isso só motiva minha determinação.

Todas as luzes estão iluminando Mackenna conforme sua voz sai rasgada nos alto-falantes. Uma dúzia de dançarinas começam a rodeá-lo.

– Leo, *me deixe passar*! – imploro.

Quando Leo me dá espaço, invado o palco. Não me importo no quanto eu não queria estar ali, nada agora vai me impedir de ficar com ele. Nem esse palco, Leo, as luzes, as fãs, minha mãe, o pai dele ou *eu* mesma.

Sinto as câmeras seguindo cada passo meu enquanto sigo em frente, as luzes de repente focalizam em mim conforme cruzo o palco. As pernas de Mackenna estão separadas, seus grossos músculos pulsando e sua bunda apertada nas calças de couro. Ele está olhando para os fãs, completamente concentrados em sua voz, quando chego por trás dele. No momento em que me encosto a ele, sinto-o arrepiar-se, como se tivesse me reconhecido. Um nó quente se forma em minha garganta. Tit e Liv dançam sensualmente em volta dele, passando as mãos na lateral de seu corpo, e quando me veem, afastam-se e continuam dançando um pouco mais distantes.

Quero chorar de gratidão quando percebo que elas não são mais minhas inimigas. Como poderiam ser? Elas estão me deixando ficar no controle.

Deslizo os dedos pelo corpo de Mackenna, lenta e sinuosamente, pressionando meu corpo contra 1,80 metro de pura e rígida masculinidade. Sinto os músculos superiores se contraírem sob a ponta dos dedos, e sinto, mais do que vejo, ele respirar com dificuldade quando passo a mão em seu peito.

Você me reconhece, deus maldito? Reconhece?

Pressionando os lábios em sua pele, mordo seu ombro com os dentes, brincando com ele. Então não consigo mais aguentar e passo a língua, provando-o.

Colocando um braço em volta de minha cintura, ele me puxa para ele e, sem perder o ritmo, continua cantando. Dou a volta nele, sem desfazer o contato de nossos corpos, então fico de frente. Corajosamente, pressiono os lábios em seu peito conforme danço com ele.

Isso mesmo, sou seu. E vou agitar seu mundo da mesma forma que você fez com o meu, Mackenna Jones.

Lentamente, movimento o corpo contra o dele, lambendo seu mamilo marrom enrijecido. Circulo-o. Esfrego o bico duro. Faço-o saber, na frente de todas essas pessoas, que o quero.

Passo as mãos por seus músculos, pensando em como ele é perfeito. Sou sempre tão reservada e contida, mas é ele quem eu quero, quem eu amo, e quero que ele saiba disso. Ele me aperta forte contra seu corpo e me puxa para o lado, passando a mão pelo meu corpo. Isso não estava no script. Nada disso. O jeito como ele aperta minha bunda. O jeito que, em meio àquela letra quente e barulhenta, tenho a sensação inebriante de seus lábios em meu pescoço. Ele me toca a cada momento que consegue. Está no comando das coisas. Da música. Da dança. De mim.

Ele me vira para olhar para o lado oposto a ele, então me puxa de volta e me joga para o lado, fazendo meu cabelo esvoaçar e minha cabeça cair para trás, enquanto estou com as costas arqueadas.

O silêncio paira no estádio.

Tentando respirar, ele me deixa levantar e roça levemente minha testa com a dele. Antes de ele perceber, ansiosamente afasto o microfone de seu queixo e o beijo. Sua boca – tão familiar, tão gostosa e tão desejada – estava esperando pela minha. Ele me beija da maneira mais selvagem que já me beijou, até meus lábios e minha boca – cada célula – estarem queimando como fogo. As luzes ficam mais intensas, e se faz um silêncio enquanto continuamos, inclinando a cabeça para um lado, depois para o outro, nosso beijo só alimentando nosso desejo.

Então me afasto e acaricio sua mandíbula com todos os dedos, e sussurro na sua boca:

– Você é meu. Eu quero você. Amo você. Você é meu.

Os fãs gritam atrás de mim. *Puta merda, me esqueci de que todas aquelas pessoas estavam lá.* Estática, encaro a multidão, curvando os lábios timidamente. Quando me viro de novo, e meus olhos arregalados se encontram com os olhos lupinos dele, quero chorar com toda emoção que vejo ali.

Como dizer para o ser amado o quanto você o ama e o quanto estragou tudo?

Espero uma respiração ou duas, até meu pulso acelerado se acalmar, para colocar um recadinho com o endereço do hotel na mão dele e sussurrar em sua orelha:

– Me encontre neste hotel. Vou deixar uma chave na recepção. Por favor.

Já de costas para ele, com a intenção de sair do palco, ele me puxa pelo pulso e grita:

– Espere.

Então me beija intensamente, encostando a língua na minha, provocando choques em minhas terminações nervosas e raios de energia até meus pés. Ao me soltar, dá um tapa na minha bunda para me deixar ir.

– Então, pessoal. Essa – ele murmura para os fãs, com a voz mais rouca e sexy que já ouvi – é a Pandora.

Meu sorriso até machuca o rosto quando ouço os fãs entrarem em delírio. E mantenho esse sorriso ao reaver minha mala com o membro da equipe e pegar um táxi para o hotel.

***

Estou tão nervosa. Tão animada. Acho que é assim que pacientes com problema cardíaco devem se sentir quando o coração começa a agir "diferente".

Nunca estive tão nervosa e animada na vida.

Mesmo quando saía às escondidas para vê-lo à noite…

Quando ia até a janela para deixá-lo entrar…

Revivia, na cama, meu primeiro beijo com ele…

Depois de ele me salvar dos colegas que me zoavam. Depois de eu ter segurado sua mão do lado de fora do tribunal. Na noite em que o encontrei nas docas, antes mesmo de nos cumprimentarmos, de dizer uma palavra, quando ele se afastou da coluna em que estava apoiado e me alcançou, e de repente eu estava em seus braços e ele nos meus, com os lábios colados, movendo-se rápido e ardentemente, a respiração selvagem e trocando carícias.

– Você veio – ele murmurou, segurando meu rosto e beijando minha têmpora, meu queixo, minha face e meu nariz.

– Sempre – sussurrei de volta, tocando sua mandíbula. Eu amava como suas mãos ficavam enormes em meu rosto, como se ele ainda tivesse que crescer alguns centímetros para ficar proporcional a elas.

Eu o amava como louca na época. Mas aquele nível de loucura não é nada comparado a agora!

Melanie ficaria orgulhosa. Inferno, Brooke ficaria orgulhosa. Até Magnólia ficaria orgulhosa.

Ando de um lado para o outro no quarto do hotel enquanto espero por ele, então vou me olhar no espelho. Merda. *Pareço idiota?* Coloco brincos e troco as

botas por sapatos de salto, então pinto as unhas de rosa, preterindo o roxo-escuro que geralmente uso. Troco a jaqueta de couro por uma blusinha de seda branca. Deus, é tão óbvio que quero agradá-lo. Porque gosto quando ele me chama de "Pink". Quero parecer feminina e delicada, mas…

Ok, tudo bem. Vou deixar parecer óbvio que o quero. Ele me chamou de sua rainha vampira… e quero que ele seja meu rei. Para ele pegar um pedaço do meu coração, me fazer sangrar e me carregar para sua cama real. Para sua caverna. Para onde ele quiser!

Estou andando para lá e para cá, esfregando os braços nus, quando ouço o *clique* na fechadura da porta. Então me viro, me sentindo uma donzela do século 18 prestes a desmaiar.

Porque ele está ali, apaixonante, apaixonadíssimo, bem ali, no meu quarto de hotel.

Meu astro do rock.

Uma onda de emoção varre meu corpo quando ele fecha a porta e apenas fica ali, me olhando com aqueles olhos acinzentados lascivos que querem me comer inteira, centímetro por centímetro. Há caminhos de suor em seu peito. Ele está usando calças jeans brancas com um cinto prateado – parecendo muito com um astro do rock. Seu punho está coberto de pulseiras grossas e o anel de prata em seu polegar brilha sob a luz. Uma tensão visceral me contorce por dentro pelo quanto quero sentir seu anel de prata roçar em mim. No meu queixo, meus lábios, meus mamilos, meu sexo. Deus, sim… Por que em meus lábios quando quero mesmo é sentir aquilo no corpo todo?

– Você veio. – O tom rouco deixa minha pele arrepiada.

Ele dá o primeiro passo em minha direção, mas levanto a mão para impedi-lo de continuar.

– Kenna, não podemos ter um futuro se você não… se não souber realmente quem eu sou. O que eu fiz… quando me deixou.

Ele ri suavemente e passa a mão pelo lindo corte de cabelo de um jeito que me deixa louca.

– Cometi um erro também, Pandora – ele me diz, seus olhos brilhando com arrependimento conforme absorve minha imagem, como se eu fosse algum tipo de visão na qual ele mal consegue acreditar. Ele abre os braços. – Amor, éramos jovens, e está tudo bem, agora somos mais experientes. Não vamos nos machucar mais. Eu não tinha futuro, nada para lhe oferecer. Mesmo assim, não deveria ter ido embora, independentemente do que você dissesse…

– Você! Você tinha *você* para me oferecer, Kenna.

Ele me encara, e eu estendo minha mão para mostrar o anel que ele me deu. Estou usando-o, orgulhosamente, no dedo. E não poderia ficar mais orgulhosa com minhas palavras.

– Eu sei o que minha mãe fez – sussurro tristemente. – Não sabia na época, mas agora sei.

Ele me encara mais intensamente, baixando as sobrancelhas.

– Mackenna – digo, com a voz ficando mais rouca e sombria –, *tudo* que pensa que sabe sobre mim, *tudo* que possivelmente sente, pode se esvair neste momento.

Sou acometida por uma dor lancinante e poderosa conforme pauso para respirar, e ele murmura:

– A forma como me sinto não vai a lugar algum. Não vai mudar. Não vai acabar. Não vai…

– Kenna, sou uma idiota. Sou *uma idiota*...

– Ahh, amor. – Com uma risada cética, ele me impede de continuar. – Pode me xingar do que quiser, mas não vou deixar você ficar aí insultando minha garota desse jeito…

– Eu estava grávida, Kenna.

A notícia cai sobre ele como uma bomba.

Não consigo continuar por um instante, com a ansiedade me tomando de assalto. Olho para ele. Está paralisado.

– Quando você foi embora, eu estava grávida – concluo com esforço.

O choque o mantém imóvel, enquanto a dor silenciosamente me destrói. Essa é a minha caixa. A caixa de coisas ruins que Pandora nunca deveria ter aberto. Aqui está, cada parte rasgando-me a alma, para que a única pessoa que eu quero que me ame e aceite saiba.

– Que porra é essa que você está dizendo, Pandora? – A voz está mais distante. Ele não está acreditando.

Ah, o olhar em seu rosto lindo… Vou me lembrar dele todos os dias até morrer. A mudança da cor de seus olhos em choque, de prateado para cinza. Os traços de seu rosto perfeito congelados em descrença.

Preciso de cada milímetro de coragem para desabafar o resto.

– Tivemos uma menininha.

Ele se mantém longe, o peito não se expande, nem para respirar.

– Ela é um pouco mais nova que Magnólia. Foi adotada. – Mal consigo olhar para ele, observo suas sobrancelhas se levantarem, seus lábios franzirem e sua

mandíbula se apertar. – Eu dei a nossa filha, Kenna – digo a frase mais difícil de dizer na minha vida.

Ele não respirou até agora. Nem se moveu. Nada. Estou com os braços em torno de mim, para evitar que meu corpo se despedace.

– O fato de não conhecê-la me mata… – continuo nesse sussurro infeliz. – Não sei se ela tem os seus olhos ou os meus. Não sei se ela é feliz. Se ela gosta de onde vive… ou não. Mas sei que precisava de você comigo. Precisava que você nos levasse embora. Não queria ser fraca e doá-la, mas não consegui. Minha mãe disse que eu não iria conseguir cuidar dela. E eu estava assustada, me sentia traída, então desisti dela… como pensei que você tivesse desistido de *mim*.

Não consigo olhar para ele. Ele está tão parado, tão imóvel, cerrando os punhos, as mãos brancas…

Sua falta de resposta me aterroriza.

Ele nunca, jamais, vai amá-la de novo, Pandora…

Nunca vai chamá-la de "amor" novamente, ou de "Pink", como se esse fosse seu nome e amenizasse sua escuridão, porque você merece isso…

– Foi por isso que mudei de escola – continuo. Arranho os braços com as unhas pintadas, para cima e para baixo, para cima e para baixo. – E conheci meus novos amigos. Melanie, Brooke e Kyle.

Ele está olhando para mim como se eu tivesse acabado de arrancar seu coração de verdade.

E estou prestes a chorar pela primeira vez em seis anos.

– Eu ia abortar. Não tinha nada a oferecer para ela. – De alguma forma eu sabia, de algum jeito eu sabia que, uma vez que falasse disso com alguém, com ele, as emoções iriam sair de mim, e agora é como se estivesse apertando um tubo de pasta de dente, e não é possível voltar atrás. E, como a pasta de dente, minha confissão está escorrendo de mim sem parar. – Mas eu era menor de idade, então a clínica entrou em contato com minha mãe. Foi assim que ela descobriu que eu estava grávida. E mesmo que minha mãe tenha agido errado em nos separar… usando seu pai contra você… ela não é má. Ela perdeu meu pai e foi consumida pela preocupação de me perder também. Ela queria que eu tivesse o bebê. Disse que havia pais por aí, pais melhores, que poderiam dar a nosso bebê uma chance melhor. Então eu concordei, mas…

Meu estômago dói.

– Mas não sabia que ficaria tão ligada a ela naqueles nove meses. Ela tinha uma parte sua, e eu a amava por isso, mas também doía tê-la dentro de mim porque você foi embora de Seattle sem mim. – Desvio o olhar e então volto para

ele, mantendo os olhos em sua garganta, onde vejo seu pulso latejante e violento. – Assinei um formulário, me comprometendo a não tentar encontrá-la, mas sei que ela está por aí. Nunca saberemos se sofre bullying na escola ou se tem amigos, ou se sabe quem ela é. Nunca saberemos se tem uma boa mãe, porque, independentemente do quanto o casal adotivo pareça bom no formulário, a mulher pode não ser uma boa mãe. Provavelmente é melhor do que *eu* seria, mas ainda… – Ergo os olhos para ele, e acho que a mágoa, a impotência e a dor nos dele refletem a forma como me sinto. – Me pergunto se ela consegue se relacionar bem com os outros. Talvez ela seja mal-humorada, como eu, e as pessoas não a entendam. Ou talvez ela seja agitada, como você. Ou pode ser linda, divertida e ter talento musical, como você.

Não consigo continuar. Quando fico em silêncio, ouço a voz entrecortada de Mackenna.

– Pink – ele diz, então limpa a garganta e balança a cabeça, ficando em silêncio por um longo instante. Permanece com a cabeça baixa enquanto respira, inspirando e expirando, inspirando e expirando. – Sua mãe veio até mim…

– Kenna, eu sei – admito, dando um passo em sua direção. – Eu lhe devo desculpas por isso.

– Não, Pink. Eu lhe devo seis malditos anos. *Eu* lhe devo por não ter estado lá, com você e com *ela*…

– Não, esperei muito tempo para lhe contar, e então você… foi embora. E ficou famoso. Estava realizando seus sonhos, e eu não poderia mais contar. Se você não me queria, eu tinha certeza de que não a queria.

– Amor, eu teria voltado para buscá-la. Eu te amava pra caralho. – Ele me pega nos braços, e então sinto como ele está tremendo, como a revelação acabou com ele. Aperto meus braços ao redor de sua cintura e beijo seu pescoço largo, e tudo o que consigo fazer é beijar de novo, mais uma vez, enquanto ele fica lá me abraçando, sem conter as emoções, que perpassam seu corpo tenso e trêmulo. – Temos uma filha – ele sussurra quase reverentemente em minha orelha.

– Perdemos uma filha – sussurro, abaixando a cabeça, com vergonha.

Ele segura meu queixo e ergue meu rosto para olhar em meus olhos.

– Nós *fizemos* uma filha – ele me corrige.

Há um espinho em minha garganta, mas consigo falar.

– Sim.

De repente, nuvens escurecem seus olhos.

– Minhas garotas *precisavam* de mim… mas eu não estava lá. Eu estava magoado. Um rebelde, indesejado, escrevendo uma música idiota sobre o quanto

detestava seu beijo. – Ele roça meus lábios com aquele anel de prata que desejo tanto, e meu corpo todo se arrepia. – Quando, na verdade, seu beijo era tudo o que eu queria. Mais um beijo seu. Que esses lábios me dissessem que sua dona me amava.

– Não podemos vê-la… Não podemos falar com ela. Você não faz ideia do quanto me arrependo.

– Vamos falar com ela – ele me assegura decidido, ainda passando o anel por meu queixo e pescoço. – Vou encontrar um jeito de falarmos com ela.

O amor inunda meu corpo. Por anos, não ousei ter esperança… mas agora não consigo sentir nada *além* de esperança.

– Você não me odeia? – Hesito por um segundo, mas não consigo impedir minhas mãos de subirem por sua nuca até sua cabeça.

Ele ri amargamente, mordendo o lábio de um jeito incerto por um momento antes de olhar para mim.

– Odiei você, sua mãe, meu pai, ficar longe de você… Odiei tudo o que podia o máximo que consegui, mas estou livre do ódio, Pink. – Ele ainda está mordendo o lábio, seus olhos são uma mistura de arrependimento e, mais do que tudo, aceitação. – Eu te amo – ele sussurra. – Nós erramos. Erramos feio. Puta merda, mas não quero estragar tudo de novo. Você quer?

– Não, Deus, não.

– Então você me ama? E estou falando sério, Pink, do tipo para sempre.

Essa é a milésima vez que ele me pergunta se o amo.

Meu coração treme em meu peito em resposta.

Fecho os olhos, reunindo coragem.

– Vamos, amor. Só três palavras. – Ele acaricia minha orelha com os lábios, quase implorando. – Elas são mágicas. Diga, e então coisas boas começarão a acontecer.

– Eu já lhe disse isso na frente de milhares de pessoas, seu ganancioso – sussurro e rio. Então, completamente séria: – Kenna, nunca disse isso para um homem na vida, exceto meu pai, e veja só o que ele fez conosco.

– Não ter dito ao seu pai que o amava não a teria deixado menos magoada. – Ele percorre a mecha pink no meu cabelo com o indicador e o polegar. – Seu pai cometeu um erro. A diferença é que não teve a chance de consertar, mas nós temos. Vamos, Pink, diga para mim, fale. Nas próximas décadas, você dirá essas palavras para mim, e isso é uma promessa que estou fazendo neste momento. Agora, diga que me ama.

– Lógico que sim!

Sua risada é profunda e deliciosa.

– Você não vai mesmo dizer a palavra mágica que começa com "A"? – ele pergunta. – Depois de tudo o que passamos? Todos esses anos separados, quando poderíamos ter ficado juntos?

A palpitação em meu coração está se espalhando para minhas pernas também.

Amor.

É só uma palavra.

Mas quando é tão real e verdadeiro, sentido profundamente no coração, quando machucou muito e você tem medo de perder de novo, torna-se mais do que apenas uma palavra. Torna-se tudo. *Tudo* que esse homem é para mim.

Silenciosamente, Mackenna de repente inclina-se e enfia os dedos nas alças de minha blusinha, então as desce de meus ombros. Ele beija minha pele nua com os lábios amorosos e delicados, e aquele beijo quebra minhas barreiras como uma bola demolidora. Quando emito um suave gemido de dor, ele levanta a cabeça e seu olhar é um furacão de contrastes, emoldurado por desejo e necessidade.

– Vai ficar tudo bem, Pink, eu juro – ele sussurra. – Ela saberá que a amamos. – Mãos fortes e gentis seguram minha nuca conforme ele me beija na testa. Ficamos ali por um instante, melancolicamente em silêncio, e então ele me dá beijos suaves e ferventes no rosto, mais ferventes e molhados a cada segundo, e quando ele solta um brando rugido de lobo, sei que ele precisa de mim. Ele precisa ficar perto. Sentir nossa conexão. Restabelecê-la. Deus, preciso disso.

– Você precisa de mim como preciso de você? – pergunto a ele baixinho, quase implorando. – Você quer devorar cada centímetro de mim como planejo devorar cada centímetro seu?

Suas palavras estão mais intensas, seu rosto, muito sério.

– Algum dia já a fiz duvidar disso?

Balanço a cabeça e, então, porque preciso dele, porque o quero, porque o *amo*, lentamente tiro a blusinha.

Preciso dele agora mais do que nunca. Preciso saber se ele está aqui para mim e preciso mostrar que estou aqui para ele. Preciso sentir seu amor como se fosse seu perdão…

Algo que minha mãe nunca me ensinou, mas Mackenna vai me ensinar.

Porque, do jeito como me olha agora – aceitando completamente minha personalidade obscura e rósea quando levanta minha mão e olha o anel que tenho no dedo –, sei que ele sente minha aceitação como uma marca também.

Tiro-lhe as roupas e, então, pergunto baixinho:

– O que quer fazer comigo? Sou seu prêmio hoje à noite, e é sempre o vencedor que escolhe. – Assim, fico ali, nua, com um discreto sorriso.

– O que ganhei? – ele pergunta presunçoso, abrindo o cinto.

– Eu.

– É mesmo?

Ele desce as calças. Está tão lindo, que minha boca saliva ao ver aquela pele bronzeada. Tudo aquilo é para mim, para ser devorado como um doce.

Com um sorriso suave, ele levanta a mão e roça os dedos em meus mamilos, sempre tão indiscretos e enrijecidos. Ele coloca os dedos em volta de meu seio e se inclina.

Ele chupa um, fazendo um barulho molhado de sucção, como um bebê faria, então meu outro mamilo recebe a mesma atenção. E minha boceta? Ele começa lentamente a passar os dedos nela. A fricção na umidade de meu sexo faz barulho, denunciando o quanto meu corpo quer sugar aquele dedo mais profundamente.

– Você é tão linda, tão maravilhosa, minha bruxinha rosa perfeita. Vou fazer amor com você hoje. Vou recomeçar com você, a partir de agora. A partir de hoje à noite. Meus planos são lamber sua perna inteira, subir para sua boceta, então chupar bem demorado e gostoso os seus seios. Gosta disso?

– Ah, por favor – gemo, mexendo o corpo conforme escorrego as mãos por seus braços musculosos.

Ele sorri – não, não sorri. É o sorriso safado mais sexy do mundo em seus lábios que me faz querer morder aquela boca obscena e sensual. Começo a morder, e o som que ele emite me deixa louca de desejo.

– Kenna.

Com a mão em concha em um de meus seios, a respiração em meu rosto e os olhos fixos nos meus, ele beija minha têmpora.

– Parece a primeira vez, não é?

Assinto e expiro, mas não é ele me deixando nervosa.

Sou eu.

Quero dizer. Quero que ele saiba. Engulo as palavras que quero – na verdade, *preciso* – dizer, mas ele espera por isso. Como as esperou no passado.

Estou pronta. Estão tão pronta e assustada, mas não importa, porque ele é o cara certo, é o único cara certo para mim. Minhas mãos estão em sua deliciosa pele quente, falando primeiro. Meus lábios roçam seus músculos, falando logo depois.

– Kenna…

Ele geme. Parece que sabe.

– Diga, Pandora. Diga o que sente de verdade.

Meu peito se ergue e se abaixa conforme ele passa o dedo na ponta dos meus seios para enrijecer meus mamilos. Minha respiração fica cada vez mais rápida.

– Se eu disser, prometa que dirá também imediatamente depois – peço.

– Não garanto – ele brinca conforme belisca e puxa meus mamilos, e os movimentos fazem minha boceta se contrair em pequenas ondulações devassas.

– Kenna – gemo, agarrando sua nuca, puxando-o para mim. – Eu te amo.

Eu o beijo, puxando seus lábios com os meus e, de repente, não preciso que ele diga.

Eu preciso dizer… e dizer… e dizer de novo. Dizer até ele me pedir que fique quieta.

Preciso dizer por todas as vezes que não disse.

– Eu te amo. – Escorrego as mãos por seus ombros, subo para a cabeça, preparando a boca para pegar seus lábios novamente. Um arrepio faz tremer seu corpo elegante e poderoso. – Eu te amo – sussurro de maneira sedutora e gentil, passando os dedos por suas costas, descendo para sua bunda, e então acaricio sua ereção.

Ele geme. Deus, amo quando ele geme. A rouquidão em sua voz.

– Sim, Pink, mostre. Mostre para mim que me quer. Diga que me quer. Como você ama me querer.

– Amo o que faz comigo, eu quero você mais que tudo – murmuro, roçando os lábios em sua barba por fazer antes de morder seus lábios de novo.

Sinto-o paralisar quando esfrego o pulso ao longo de sua ereção.

– Argh, amor – ele geme, parecendo estar com dor, mas mesmo assim apertando-se instintivamente contra a minha mão. – Você está me provocando, não é? – Ele coloca uma mão entre minhas pernas e enfia o dedo médio entre os lábios de minha boceta. – Você é uma sedutora doce, gostosa e safada que quer ser tocada assim.

Ele enfia o dedo em mim, e qualquer coisa que eu pudesse responder sai como um gemido. Abro mais as pernas.

– Ah, sim, Mackenna, me dê prazer. Me dê prazer como só você consegue.

Ele aperta os lábios em minha têmpora, então enfia em mim novamente.

– Diga coisas indecentes para mim – ele sussurra. – Me diga o que está pensando. O que você quer.

– Estou pensando que seu pau é bem mais grosso, mais comprido… e… melhor… que seu dedo. Apesar de seu dedo ser bom…

– Bom? – Ele se aprofunda em mim.

– Ah. Sim. Sim, desse jeito… *por favor.*

Seus lábios se apertam mais contra minha têmpora. Ele enfia um segundo dedo em mim, e isso é muito bom – muito *bom* –, conforme morde meu lábio inferior.

– Gosta quando faço isso?

– Gosto – arfo.

Ele geme.

– Pandora?

– Sim?

– Te amo muito, Pink. – Ele observa minha reação com um sorriso sexy, então traz sua boca sexy até a minha. Um mero toque já me destrói. Depois cobre minha boca com a dele. Sinto fogos de artifício explodindo em meu corpo quando ele enfia o dedo em mim de novo, ao mesmo tempo que sua língua penetra minha boca. Sim, por favor. Ele está excitadíssimo.

Ele sabe que vou gozar, porque abre os lábios com uma pressão delicada e coloca sua língua lá dentro, ainda mexendo o dedo dentro de mim.

Viro o rosto e grito.

– Ahh, Kenna… *Kenna*!

Sua boca abafa meus sons e ele enfia dois, três dedos em mim, até eu me sentir tomada, possuída, presa, controlada. Sua boca é muito feroz na minha. Sinto como se ele estivesse devorando minha alma, e quero que devore mais.

Quando as contrações acabam, deito arfando na cama. A luz da lua me ilumina inteira, nada mais me cobre. Não digo nada quando olho para ele, em toda sua gloriosa masculinidade; só mordo o lábio inferior, ansiosa para ser beijada de novo quando seus olhos passeiam pelo meu corpo.

– O que está esperando? – arfo.

– Por que a pressa? – Ele sorri com um ar safado. – Temos a noite toda. – Sua mão começa pelo meu tornozelo, então ele a arrasta com total precisão e uma lentidão dolorosa pela lateral do meu corpo, subindo para meus quadris, deslizando pela minha cintura, minhas costelas, para cobrir um seio enrijecido.

– Você está me deixando louca – digo gemendo.

Ele ignora meu comentário, ainda olhando para mim, e o brilho em seus olhos me diz que está gostando de me deixar louca. Ele abaixa o rosto e beija

meu mamilo. Cobre-o com a boca. Dou um gritinho suave e arqueio as costas, estremecendo de prazer.

– Ah, Deus, por favor… de novo. – Envolvo-o com as pernas e passo os braços ao redor de seu pescoço, tentando respirar.

Ele se afasta, e então se coloca dentro de mim. Estou tremendo no segundo em que ele se encaixa. Ele me segura pelos cabelos e começa a me estocar como louco.

– Você é tão apertada.

– Aaaah!

Dizendo palavras obscenas, ele me vira e começa a investir. Eu respiro forte pela intensidade de nosso ato de amor, nossas respirações, nossas arfadas, seus gemidos.

– Fale, garota linda. Fale de novo para mim. – Meu sexo está voluptuoso e sensível enquanto ele entra e sai, meus músculos se contraem em volta dele mais uma vez. Outro orgasmo está prestes a vir. Mordo o lábio e jogo a cabeça para trás e, quando ele belisca meus mamilos, explodo, sentindo-o tenso e gozando poderosamente. Ele nunca tinha gozado daquele jeito.

– Eu te amo. – Respiro, arfando.

Ele geme.

– Eu também te amo.

Quando estamos quase desmaiados na cama, continuo piscando e olhando para o teto.

Cacete. Não acredito que acabei de dizer isso. Foi tão fácil desta vez. Sem medo. Sem insegurança. Estou apaixonada, e finalmente admito isso!

– Eu te amo – repito, virando-me e me apoiando no cotovelo. Beijo-lhe a mandíbula. – Estou apaixonada por você, seu mala, babaca e idiota, EU TE AMO! – grito.

E começo a rir quando ele se vira para me esmagar e grita:

– Finalmente, essa mulher disse algo de bom senso!

Suspiro e o abraço.

– Kenna… o que vamos fazer?

Ele me abraça enquanto estou deitada luxuriosamente na cama, então levanta minha mão e a leva até a boca, e beija a segunda coisa mais preciosa que ele me deu na vida. O anel de sua mãe.

– Vamos nos casar.

1 Você joga para trás os cabelos com o algodão-doce pink / E rezo aos deuses para que você esteja lá / Em meus sonhos, minhas fantasias e meus pesadelos / E estou com muito medo de não a encontrar de novo.

2 E você pode tentar se esconder atrás da raiva / E eu posso tentar fugir / Mas, quando eu durmo, você vem passar a noite comigo / Eu estou com medo, porque você é a única garota para mim.

3 Você é a minha garota / Você é a minha garota / Pandora, você é a minha garota / Não é possível te esquecer / Eu sempre a amei / Pandora / Eu imploro / Você é única para mim / Está escrito, é o destino / Você é a minha garota / Você é a minha garota / Pandora, você é a minha garota / No paraíso, com couro até as coxas, de todos os jeitos / Hoje, agora, depois e para sempre / Venha, minha garota, crave suas garras em mim / Não estou com medo, porque você é a única e é o nosso destino / Você é a minha garota / Você é a minha garota / Pandora, você é a minha garota / Não é possível te esquecer / Eu sempre a amei / Pandora / Eu imploro / Você é única para mim / Está escrito, é o destino / Você é a minha garota / Você é a minha garota / Pandora, você é a minha garota.

4 Eu jamais deveria tê-la desrespeitado / Mentido sobre o quanto sinto sua falta / Preciso do seu calor sexy em minha vida / Não há absolutamente ninguém / Comparável a você, você me fascina / Você me enlouquece / Você me deixa maluco / Você preenche meu coração / E mexe comigo / Não há outro lugar em que quero estar / Minha rainha vampira / Gritando, tocando, beijando, fodendo / Pandora, você é a minha garota.

vinte e três

FINAIS E COMEÇOS

MACKENNA

Acho que há algo agridoce em um começo, porque quase sempre exige um fim. Meu começo neste momento exige que eu encerre minha participação no Crack Bikini.

Quase seis anos.

O suficiente para ter aprendido, vivido, cantado tudo o que meu coração quis. Inferno, o suficiente para ter percebido que não quero morrer como um astro do rock.

Quero morrer como um homem de família… que costumava cantar.

Disse para Lionel que precisava sair. Disse a ele que precisava fazer meu próprio caminho com a música. Em meu próprio lugar. No meu próprio tempo. Disse a ele que quero ter amigos no bar onde me apresento à noite, criar algumas raízes – em algum lugar.

Não. Não em algum lugar.

Quero criar raízes em Seattle, com a minha garota.

Ela é meu começo, o começo que desejei por seis anos, e que nunca soube que poderia ter até vê-la de novo. Mas dizer adeus ao Crack Bikini não é indolor.

Não posso sair incólume depois das letras que estou gravando.

Pandora está me atormentando. Não para de me perguntar se tenho certeza de que quero deixar a banda. Ela diz:

– Você não tem que abandonar a banda por minha causa.

– Não, Pink, é por mim – garanto a ela.

A verdade é que é por mim e por meu pai. Mas, principalmente, por *nós*.

Estamos no estúdio. O lugar onde os caras e eu gravamos ininterruptamente muitas músicas. Pandora espera do lado de fora, conversando com Lionel, enquanto gravo não apenas a música que prometi a Lionel, mas duas.

Pela janela, consigo vê-la. Há um sorriso em seu rosto. É… isso é raro e precioso. É o que me dá forças para continuar, para gravar essas músicas e

acabar com tudo.

Os caras vão ganhar duas músicas minhas para o novo álbum.

O resto será instrumental, focado nas guitarras. Os rapazes estão animados para remixar as músicas orquestradas com guitarra com uma variedade de músicas populares de cantores diferentes. Provavelmente, será a música perfeita para dançar em uma balada.

– Tem certeza do que está fazendo, cara? – Lex pergunta quando saio para me despedir. Nos cumprimentamos do jeito que fazíamos quando éramos mais novos, e bato nas suas costas.

– Sim, a mesma certeza que o motiva a manter esse dragão horrível no braço.

– Kenna, cara, quando quiser fazer uma música, uma turnê com a gente… – Jax começa.

– Quando vier aqui, vai ser sem avisar, para pegar vocês dois no flagra – brinco, cumprimentando-o também.

Lionel sabia que isso ia acontecer, eu sei, desde que meu pai foi solto e mencionei que queria ficar mais próximo dele. Ter mais tempo com a família que me restou.

– Há algo que eu possa fazer para mudar sua decisão? – Lionel me pergunta.

Vou até Pandora, que está um pouco afastada, nos dando privacidade. Pego-a pela nuca e a puxo para perto.

– Nunca mais conseguirei ficar longe desta mulher.

– Kenna, mas sua música…

– Minha música sempre estará comigo. – Ergo a cabeça dela, seu olhar é obscuro e divertido ao mesmo tempo. – E finalmente vou ouvir aquela música que você prometeu escrever para mim? – pergunto a ela.

Pandora fica ruborizada.

– A primeira não tem mais nada a ver.

– Escreva outra, então. Melhor ainda, gostaria de escrever uma comigo?

vinte e quatro

NOVA VIDA BRILHANTE

PANDORA

Passo por uma provação neste momento. Tensa, estou piscando e encarando as unhas, os pés. Mackenna Jones deixando o Crack Bikini…

O tempo todo estou aqui, observando-o lá dentro do estúdio de gravação, colocando suas emoções para fora nas duas músicas que deixa para trás. As pontadas em meus olhos nunca vão cessar. Enviei mensagens aos meus amigos, avisando-os de que estou voltando para casa e que…

… Vou morar com Mackenna Jones.

Brooke e Melanie quase explodiram meu celular. Enquanto Mackenna gravava, os gêmeos ficaram comigo. Senti que ambos estavam felizes e tristes. Tristes por eles mesmos e felizes por nós.

– Esse cara sempre teve uma queda por você – Lex assegura.

Jax aponta um dedo para o irmão.

– Disse tudo.

Meu sorriso treme um pouco. O que eu poderia falar agora? Dizer adeus é horrível, e essa é a primeira vez na vida que tenho que fazer isso. Não me despedi de Mackenna quando ele foi embora. Nem do meu pai. Nem da minha filha. Essa é minha primeira despedida, e é um saco.

– Eu também. E, caras… – acrescento, com a voz entrecortada quando finalmente admito –, me considerem sua fã número um de agora em diante.

– Owwwn, ela gosta da gente, Jax! – Lex fala antes de ambos me abraçarem. Estamos nos abraçando quando eles começam a apertar minha bunda de brincadeira. Mackenna se aproxima, pronto para arrancá-los de perto de mim.

– Caiam fora, seus imbecis tarados.

É nesse momento que Lex se vira para ele.

– Tem certeza disso, cara…

E conheço Mackenna o bastante para saber que, apesar de ser difícil, ele tem muita certeza do que está fazendo.

epílogo

PANDORA

Seattle é totalmente diferente quando se muda o ponto de vista. Um dia, é um lugar onde você teve o coração partido. Um lugar que parece solitário mesmo com milhares de pessoas dirigindo e andando à sua volta. Um dia é a cidade mais chuvosa e deprimente do mundo. No outro, é o lugar onde você quer viver o resto da vida. Porque é o lugar onde estão sua priminha, seus amigos, seu emprego e seu namorado.

Namorado.

Acabei de suspirar?

Eu. Suspirando.

Sorrindo.

Feliz, esperançosa, capaz de perdoar.

Como tudo isso pôde acontecer no decorrer de apenas alguns meses?

Sei, agora, por experiência própria, que é preciso um segundo para que nos despedacemos. Mas é possível superar tudo, com o tempo e com esforço, só que requer um tempo maior. Ter alguém que me conheça profundamente, meu pior segredo, e ainda me ame, independentemente do que eu tenha feito, dá esperança. Me faz querer ser melhor. Nunca desapontar a mim mesma nem ninguém, nunca mais.

Em tudo isso, há também algo sobre aprender a perdoar…

Tanto os outros quanto a mim mesma.

Eu me sinto diferente agora. Sinto isso a cada manhã em que acordo. A sensação de ansiar pelo dia que chega. A vida não é monótona agora. As pessoas não são monótonas – bem, não podemos generalizar.

Durante nossa primeira semana em Seattle, Kenna e eu encontramos um apartamento perto de onde estamos abrindo um bar de rock.

O idiota quer chamá-lo de Pink, e todos os meus amigos – Mel, Brooke e Kyle – aprovam totalmente a ideia. Estou decorando-o com minha marca

registrada, prata e preto, e agora que somos os proprietários de um futuro estabelecimento, faço decoração durante o dia enquanto Mackenna vai para o estúdio que comprou no mesmo prédio, três andares acima do bar.

Ele tem convidado várias bandas para tocar no Pink durante a semana. E, melhor ainda, como um presente especial, Jax e Lex e Crack Bikini vão tocar na noite de inauguração.

Eles ligam o tempo todo, aqueles bobos. Tentam coagir Kenna a voltar para a banda. Ele ri e brinca com eles, dizendo coisas como "Inferno, não" e "Caiam fora". Ele está trabalhando em um novo álbum chamado *Bones*.[1] Estou louca com as músicas. Elas são modestas, muito diferentes das que ele criava quando fazia parte do Crack Bikini. Inovadoras. Mais primitivas.

À noite, ele me leva para sair, mesmo sob protestos, pois às vezes estou cansada. Ele é noturno – outra característica de lobo.

Nos fins de semana, convidamos Magnólia para vir em casa. Ela ama ficar conosco. Até minha mãe está tentando melhorar, então, mesmo que ela não goste que fiquemos com Mag em alguns fins de semana, ela permite que façamos isso. É seu modo de tentar fazer as pazes com Mackenna.

Ainda me lembro de quando se conheceram – Mag e Kenna.

Minha mãe a deixou aqui. Nós planejamos a visita, então estávamos aguardando Magnólia. Fui buscá-la na recepção do prédio e, quando subimos, assim que abro a porta do apartamento, ali estava Magnólia, com os olhos brilhando de curiosidade e perguntando:

– Pan, Pan, onde ele está?

Ela se enrolou em minhas pernas como um gato, e eu a apertei contra mim. Kenna colocou de lado a guitarra que estava dedilhando e lhe abriu um sorriso, que me lembro de ter achado adoravelmente enternecedor.

Percebi que ela o analisava.

E percebi que ele a analisava.

– Você não vai deixar nossa convidada entrar, Pandora? – ele me perguntou, intrigado.

– Quem é você? – ela perguntou em resposta, franzindo o cenho.

– Quem é *você*? – ele retrucou, erguendo uma sobrancelha e me puxando para dentro para fechar a porta.

– Sou Magdalene – ela disse.

– Magnólia – corrigi, rindo.

Ele sorriu para ela enquanto ela o mapeava.

– Magic Mike, diga olá para o meu namorado, Mackenna – eu disse, empurrando-a gentilmente na direção dele.

– O que isso significa? – ela começou, apontando para a tatuagem no antebraço de Kenna. – Por que está usando pulseiras? Você gosta de garotos, não é?

– Mag! – Eu ri, levando-a para a cozinha. – Venha, vamos fazer uma pizza caseira.

Ao espalhar a muçarela, Mackenna olhou para mim, mais determinado do que nunca.

– Ela é…

– Um pouco mais velha que nossa… hum, sim.

Compartilhamos um momento de tristeza, então ele veio por trás de mim, pegou minha mão e a colocou sobre os cinco símbolos chineses em seu antebraço enquanto sussurrava em minha orelha:

– Significa "Eu vivo por você".

– O quê?

Ele riu e foi ajudar Magnólia a adicionar as fatias de pepperoni.

– Não vou repetir. Eu estava bêbado e só tinha uma coisa na cabeça, uma única coisa.

– Eu?

– É. Não foi a melhor tatuagem para me ajudar a esquecê-la, não é? – ele murmurou.

– Mas você a deixava orgulhosamente à mostra?

– Só porque é verdade.

Um mês antes da premiê do filme, ouvimos que o trailer está ficando famoso por me mostrar cruzando o palco para beijar Mackenna, sussurrando:

– Você é meu. Eu quero você. Amo você. Você é meu.

Surpreendentemente, isso me proporcionou um fã-clube on-line. Tão inesperado! Até interajo com meus fãs às vezes. Contanto que as fãs de Kenna não me linchem na estreia, topo qualquer coisa. Ele me prometeu que ninguém vai tocar em mim.

E acredito nele, porque, infelizmente, estarão muito ocupadas tentando passar pelos seguranças para tocar *nele*.

De qualquer forma, a apenas uma semana da premiê, me vejo ligando para Melanie com a voz mais alegre até então. Estou tão feliz que minha voz até soa diferente.

– Vamos nos *casar*.

– Uhuuul! Ai, meu Deus! Quando? Quando ele a pediu e como foi?

– Bom, já havíamos combinado que iríamos, mas ele me pediu de um jeito especial, se fosse brega, eu teria jogado o anel nele – digo, olhando para o anel, então para o meu homem, que está sentado com os braços cruzados acima da cabeça, com o lençol mal chegando à cintura.

– Se está querendo dizer que o pedido de Gray foi brega quando disse que iríamos nos casar, você está enganada, porque foi o pedido mais especial e isento de cafonice que eu já vi.

– Kenna me pediu na cama, enquanto… *você sabe*… pense em suas fantasias mais vulcânicas…

– Uau, isso *não é* nem um pouco brega. Mas não é algo que se possa contar para os filhos, huh?

– Venha aqui!

– Estarei aí em um segundo.

Então ligo para Brooke e Remy.

– Vocês vão se casar! *Remington*! Adivinha quem vai se casar?

Ele pega o telefone rapidamente.

– Parabéns para vocês dois.

Logo Melanie aparece, com o namorado intimidador ao seu lado.

– Malévola, se casando?! – Ela me abraça com sua mistura comum de alegria e carinho, e ficamos conversando enquanto nossos homens não têm outra escolha a não ser se apresentar.

– Greyson – ouço o noivo de Melanie dizer –, parabéns, cara.

– Mackenna – Kenna estende a mão, cumprimentando-o.

– Deus! Olhe para esse anel, é obsceno! Um anel *realmente* obsceno. Kenna, você escolheu bem! – Melanie diz completamente feliz. – Greyson, já viu alguma coisa mais bonita?

– Nunca – Greyson murmura, e percebo que ele está olhando para Melanie, e não para o anel.

Mackenna logo me chama para me sentar em um dos sofás da sala. Greyson e Melanie ficam no lado oposto. Temos um momento ótimo, contando histórias de como nos conhecemos, e ficamos comemorando. Até Kyle vem com a namorada para brindar conosco.

Mais tarde, os homens começam a conversar sobre seus respectivos trabalhos e eu me vejo pedindo boas ideias para Melanie para uma festa de casamento. Ela não consegue acreditar que realmente sou *eu* fazendo isso.

– Sério, isso é quase assustador, Pan! – ela comenta.

Nós rimos, e Terry, a namorada de Kyle, também. Logo minhas bochechas estão doendo de tanto rir. Durante todo esse tempo, sinto a mão de Kenna se movendo por meu braço nu e ombro – um lembrete gentil de que ele está ao meu lado, apesar de estar conversando com os garotos, e eu, com as garotas.

Continuo tocando-o, apertando-lhe a mão, esfregando sua coxa – para que ele saiba que não me esqueço nem por um segundo com quem estou a partir de agora.

Naquela noite, vou para a cama com meu homem e começo a beijá-lo com toda a paixão que sinto. Mordo sua mandíbula e passo as mãos pelo seu corte de cabelo sexy, ficando o mais perto que posso. Mordo o brinco de diamante e então a orelha, onde meu anel de diamante estava pousado. Ali, sussurro o que tinha medo de dizer. Não disse "Eu te amo" por tantos anos que, agora, não me canso de lhe dizer isso. Não me canso de ouvir. E Kenna não dá sinais de que vai me pedir para ficar quieta. Ele me rola para baixo de seu corpo e assume o controle da situação, com um movimento perfeito e certo, entrando e se aprofundando o máximo que pode.

Um dia depois, é manhã de domingo e estamos ouvindo a *I Heart Radio*, como geralmente fazemos quando acordamos. Então acontece.

– Então, agora vamos ouvir a primeira música do novo álbum de Crack Bikini. Essa é "Lullaby". – E, de repente, ficamos em silêncio. E ali, em seus braços, onde me sinto amada e aceita, quente e segura, desejada e perdoada, fecho os olhos e ouço a batida de seu coração com uma orelha e sua música com a outra.

Young and in love
We thought we were invincible
If you're lonely or sad
Need to feel someone's there
Precious baby let me sing you our lullaby
Let me sing you this lullaby
You may be five or six next year
You may be fifteen in a second
Growing up in a record
Lipstick, girlfriends, boyfriends, first times
It hurts we will never be a part of that

We couldn't give you what you needed

Couldn't keep you by our sides
But, baby girl, we can give you
All our love, right in this one lullaby

Your mom and I
Thought you'd have a better life
We were broken, young, and wild
Our sweet girl, you will never know why
But for this moment here's a lullaby

We'd turn back the clock
I'd man up and stop
Make sure you knew who you were
You were hers and mine
But time, that's something we never recover
Mistakes we make, promises we break
Things we can never get over
So here I stand
Hoping you can understand
It wasn't you; it was us

Nothing wrong with you
Our little baby girl
You were perfect; you still are
So here's your lullaby[2]

– "Lullaby" – a voz no rádio fala. – Já no topo das paradas, enquanto o cantor e sua noiva procuram no mundo todo garotas nascidas no dia 22 de janeiro, há oito anos…

Lágrimas rolam por minha face, silenciosamente, enquanto Mackenna, em silêncio, segura meu rosto.

– O que faremos quando a encontrarmos? – Minha voz quebra o silêncio, eu engulo em seco. – Não podemos tirá-la dos pais adotivos agora. Mas não podemos não tentar fazer parte da vida dela de alguma forma.

– Vamos fazer o que ela quiser que façamos – ele promete para mim, e seus olhos parecem mais lupinos do que nunca.

1 Bones significa “ossos” em inglês (N. do T.).

2 Jovens e apaixonados / Pensávamos que éramos invencíveis / Se você está sozinha ou triste / Precisa sentir que alguém está ali / Preciosa bebê, me deixe cantar sua canção de ninar / Você pode ter cinco ou seis anos ano que vem / Pode ter quinze em um segundo / Vai crescer rapidamente / Batom, amigas, namorados, primeiras vezes / Dói saber que nunca faremos parte disso / Não podíamos lhe dar o que precisava / Não podíamos mantê-la ao nosso lado / Mas, filhinha, podemos lhe dar / Todo o nosso amor, com essa canção de ninar / Sua mãe e eu / Pensamos que você teria uma vida melhor / Éramos pobres, jovens e selvagens / Nossa menininha doce, você nunca vai saber por quê / Mas agora escute esta canção de ninar / Voltaríamos no tempo / Eu teria mais coragem e pararia / Para ter certeza de que você sabe quem é / Você era minha e dela / Mas o tempo é algo que nunca podemos reaver / Cometemos erros, quebramos promessas / E não podemos voltar atrás / Então aqui estou eu / Esperando que entenda / Não era você; éramos nós / Não há nada de errado com você / Nossa menininha / Você era perfeita; ainda é / Então aqui está sua canção de ninar.

SOBRE A AUTORA

Olá! Sou Katy Evans e amo minha família, livros, vida e amor. Sou casada, tenho dois filhos e três cachorros, e passo meu tempo cozinhando, andando, escrevendo, lendo e cuidando da minha família. Obrigada por passar seu tempo comigo e por escolher minha história. Espero que tenha tido um momento maravilhoso com ela, assim como eu. Se quiser deixar uma resenha e ajudar os leitores a encontrarem a série *Real*, eu ficarei muito grata. Se quiser saber mais sobre os livros que estão por vir, me procure na internet. Vou amar receber sua mensagem!

Katy

Website: www.katyevans.net
Facebook: facebook.com/AuthorKatyEvans
Twitter: twitter.com/authorkatyevans
E-mail: authorkatyevans@gmail.com

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®